

Evelyne Dogliani Madureira

**DIFUSÃO LEXICAL E MUDANÇAS SINTÁTICO-SEMÂNTICAS:
OS VERBOS PSICOLÓGICOS**

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG

2000

Evelyne Dogliani Madureira

**DIFUSÃO LEXICAL E MUDANÇAS SINTÁTICO-SEMÂNTICAS:
OS VERBOS PSICOLÓGICOS**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística à Faculdade de Letras da UFMG, sob a orientação do Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira.

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2000

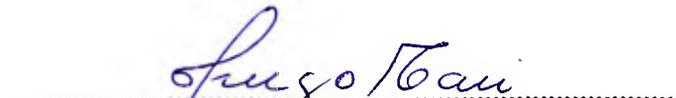
DEFESA DE TESE

Banca Examinadora


.....
Prof.^a. Dra. Maria Cecília Mollica


.....
Prof.^a. Dra. Christina A. Gomes


.....
Prof. Dr. Rodolfo Ilari


.....
Prof. Dr. Hugo Mari


.....
Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira
(orientador)

Belo Horizonte, 25 de Fevereiro de 2000

A Deus, que continua me apontando a estrada maior, enquanto eu tento trilhar as veredas da ciência.

Ao meu pai, Jacques, *in memoriam*: de l'autre côté de la vie, tu comprends (et me fais comprendre) ce que ça veut dire cette histoire d'être quelqu'un...

A minha mãe, Marie, com quem continuo aprendendo: il faut continuer, mais on peut toujours recommencer.

Ao meu marido, Fábio: juntos curtimos e aprendemos a dimensão dialética desse estado psicológico chamado Amor.

Aos meus filhos, cuja luz reorienta nossas vidas: Guilherme, trilhando os caminhos da solidariedade, Gustavo, ensinando a persistência; Liliana, nos conclamando a viver o lado criança.

Aos excluídos do saber: a compreensão do mistério permanecerá nebulosa enquanto houver vozes que se calam.

À Universidade Pública Brasileira: esteio do poder de alguns que hoje a desmantelam.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira, que ilustra o perfil daquele que é verdadeiro mestre: a produtividade do conhecimento e da competência é proporcional à dimensão da humildade e da liberdade de espírito.

Às professoras Vanda de Oliveira Bittencourt e Maria Antonieta Cohen, pelo incentivo dado à pesquisa, por ora do Exame de Qualificação e pelo oferecimento de grande parte do material usado para a pesquisa diacrônica.

Ao Colegiado de Pós-Graduação, que em diferentes épocas expressou solidariedade e compreensão, concedendo-me a prorrogação dos prazos, condição necessária à conclusão desta pesquisa.

Ao Departamento de Letras Vernáculas (Chefia, Professores e Funcionários), que me apoiou em todas as instâncias do percurso: que sua extinção na nova organização administrativa da FALE não seja empecilho ao encontro de novas fórmulas pelas quais eu possa retribuir (agora de forma individual) ao investimento feito em minha qualificação por cada um dos meus companheiros.

A minha colega Maria Auxiliadora da Fonseca Leal, pela solidariedade expressada em todos os momentos dessa jornada.

À professora Márcia Cançado, que despertou minha curiosidade pelos verbos psicológicos.

A todos aqueles que participaram das diferentes etapas desta pesquisa: ao Ramos, que montou o banco de dados; ao Breno, que se responsabilizou pelo cadastramento de dados, pela configuração de relatórios, listas, tabelas e gráficos; à Ana Cristina, que participou de uma fase da coleta de dados; ao Romualdo, que garantiu a manutenção do computador.

Às minhas irmãs, Arlette, Monique e Eliane, que me deram força e apoiaram nas diversas etapas do trabalho.

A todos os meus familiares, pela solidariedade sempre demonstrada.

A Faride, Rosilene, Maria, Marluce, que, em diferentes momentos, me ajudaram e me substituíram nas atividades domésticas.

A Alba, que se responsabilizou pela configuração final do trabalho.

*O que dá prá rir dá prá chorar
Questão só de peso e medida
Problema de hora e lugar
Pois tudo são coisas da vida.*

Canto Chorado. Billy Blanco

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS, FIGURAS, GRÁFICOS, LISTAS DE VERBOS, QUADROS E TABELAS.....	11
RESUMO.....	21
INTRODUÇÃO	22
I Interesse da pesquisa.....	23
II O objeto de análise.....	24
O objeto teórico	24
O objeto lingüístico.....	24
III Objetivo.....	25
IV Hipóteses gerais.....	26
V Hipóteses específicas	27
VI Organização da tese	27
CAPÍTULO 1 - REFERENCIAL TEÓRICO.....	29
Introdução.....	30
1.1 O modelo da difusão lexical.....	30
1.1.1 Um breve histórico	32
1.1.2 Fatores atuantes	41
1.1.3 Controvérsias inerentes ao modelo da difusão lexical.....	44
1.2 A semântica representacional.....	49
1.3 Tentativa de configuração do modelo lingüístico.....	54

1.4	Análise e descrição de alguns modelos de léxico.....	61
	Conclusão.....	68

CAPÍTULO 2 - UMA REVISÃO DAS PROPOSTAS DE ANÁLISE DOS VERBOS

	PSICOLÓGICOS.....	70
	Introdução.....	71
2.1	Resenha.....	72
2.1.1	A análise de Whitaker-Franchi (1989).....	72
2.1.2	A análise de Cançado (1995).....	79
2.2	Reflexões sobre o comportamento dos verbos psicológicos.....	84
2.2.1	Algumas discrepâncias entre as análises.....	90
2.2.1.1	O comportamento idiossincrático dos verbos: ergativização.....	91
2.2.1.2	Variação e precedência histórica nos verbos psicológicos.....	98
2.3	Regras, classes e itens lexicais.....	105
2.3.1	O alcance das regras.....	106
2.3.1.1	O critério de aceitabilidade.....	108
2.3.1.2	O conceito de experienciador.....	110
2.3.1.3	O conceito de verbo psicológico.....	115
2.3.1.4	A configuração das estruturas sintáticas: a passiva adjetiva.....	120
2.3.1.5	A configuração da gramática: componentes estanques.....	125
	Conclusão.....	129

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA DA PESQUISA.....

131

	Introdução.....	132
3.1	A obtenção dos dados.....	132

3.1.1	Análise sincrônica.....	132
3.1.2	Análise diacrônica.....	133
3.2	A organização dos dados.....	136
3.2.1	Variáveis estruturais.....	137
3.2.2	Variáveis não-estruturais.....	142
	Conclusão.....	143
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE SINCRÔNICA.....		145
	Introdução.....	146
4.1	A função sintática do experienciador.....	146
4.2	As classes e suas propriedades sintáticas.....	152
4.2.1	Classe de <i>temer</i>	152
4.2.2	Classe de <i>preocupar</i>	154
4.2.2.1	Análise quantitativa.....	154
4.2.2.2	Análise lexical.....	161
4.2.3	Classe de <i>animar</i>	173
4.2.3.1	Análise quantitativa.....	173
4.2.3.2	Análise lexical.....	179
4.2.4	Classe de <i>acalmar</i>	186
	Conclusão.....	195
CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DIACRÔNICA.....		203
	Introdução.....	204
5.1	O perfil dos verbos psicológicos ao longo do tempo.....	205
5.2	Análise do comportamento sintático de cada classe.....	211

5.2.1	Classe de <i>temer</i>	211
5.2.2	Classe de <i>preocupar</i>	216
5.2.3	Classe de <i>acalmar</i>	227
5.2.4	Classe de <i>animar</i>	232
5.3	Conclusão da análise quantitativa.....	238
5.4	Análise lexical	241
5.4.1	Agrupamento dos itens por padrão sintático	241
5.4.1.1	Verbos de padrão ExpO por século e por classe	242
5.4.1.2	Verbos por padrão ExpS	248
5.4.1.3	Verbos de padrão Misto	251
5.4.2	Conclusão da análise quantitativa de itens lexicais	253
	Conclusão.....	255
CAPÍTULO 6 - ANÁLISE DO PERFIL INDIVIDUAL DOS VERBOS		257
	Introdução	258
6.1	Análise do perfil dos verbos.....	259
6.2	Perfil histórico dos verbos da Classe 2 (<i>Preocupar</i>)	261
6.2.1	Perfil histórico dos verbos da Classe 2 (<i>Preocupar</i>) - período arcaico	262
6.2.1.1	Análise do padrão misto na Classe 2 (<i>Preocupar</i>) (período arcaico).....	265
6.2.1.2	Análise do padrão ExpS na Classe 2 (<i>Preocupar</i>) (período arcaico)	267
6.2.1.3	O processo de causativização em outros tipos de verbos.....	276
6.2.1.4	Verbos de padrão ExpO na Classe 2 (<i>Preocupar</i>).....	278
6.2.2	Perfil histórico dos verbos da Classe 2 (<i>Preocupar</i>) - (séculos 16 e 17).....	279
6.3	Perfil histórico dos verbos da Classe 3 (<i>Acalmar</i>)	284
6.4	Perfil histórico dos verbos da Classe 4 (<i>Animar</i>).....	287

6.4.1	Verbos com perfil ExpS na Classe 4 (<i>Animar</i>) (período arcaico).....	287
6.4.2	Verbos de padrão ExpO na Classe 4 (<i>Animar</i>) (período arcaico).....	288
6.4.3	Verbos de padrão ExpO na Classe 4 (<i>Animar</i>) (século 16 em diante)	292
6.5	Análise da relação entre as propriedades	295
6.6	Uma hipótese alternativa.....	298
6.6.1	Outros traços pertinentes aos verbos psicológicos	298
6.6.2	O estatuto psicológico dos verbos	306
6.6.3	O processo de PSI/DESPSI e o traço de <i>controle</i>	310
	Conclusão.....	324
	 CONCLUSÃO	 333
	 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 340
	 ANEXOS	 349
	Anexo A1 - Classe 1 <i>Temer</i>	350
	Anexo A2 - Classe 2 <i>Preocupar</i>	354
	Anexo A3 - Classe 3 <i>Acalmar</i>	364
	Anexo A4 - Classe 4 <i>Animar</i>	370
	Anexo A5 - Notas adicionais	378

LISTA DE ABREVIATURAS, FIGURAS, GRÁFICOS, LISTAS DE VERBOS, QUADROS E TABELAS

Abreviaturas referentes aos *corpora*

- AD - Autran Dourado (*Ópera dos mortos*)
- AV - Antônio Vieira (*Sermão de Santo Antônio aos peixes*)
- BA - *Lenda de Barlaão e Josafá*
- BO - *Boosco de Leitoso*
- BTLH - Banco de Textos em Lingüística Histórica
- CA - Cartas de Catarina
- CL - Clarice Lispector (*Laços de família*)
- DD - Dom Duarte (*Leal conselheiro*)
- DJ - *Cronica d'El Rei Dom Joham*
- FS - Fernando Sabino (*A mulher do vizinho*)
- GD - Gonçalves Dias (*Leonor de Mendonça*)
- I. - Informante
- JA - Jorge Andrade (*A moratória*)
- JN - Joaquim Nabuco (*Cartas a amigos*)
- LB - Lima Barreto (*Correspondência*)
- LI - *Livro de linhagens do conde D. Pedro*
- MA - Machado de Assis (*Não consulte médico*)
- MC - S. Maria do Céu (*Aves ilustradas em avisos para as religiosas servirem os ofícios em seus mosteiros*)
- ME - *Vida de Santa Maria Egípcia*

- MT - Matias Aires da Silva Eça (*Reflexões sobre a vaidade dos homens*)
- NP - Nuno Marques Pereira (*Do compêndio narrativo do peregrino da América*)
- PR - G. Pires Rabelo (*Dos infortúnios trágicos da constante Florinda; Das novelas exemplares*)
- PV - *A carta de Pero Vaz de Caminha*
- SA - *Vida de Santo Aleixo*
- SL - Serafim S.I.Leite (*Cartas dos primeiros jesuítas no Brasil*)
- SP - *Vida de Santa Pelágia*

Outras abreviaturas

- A - Adjetivo
- ACT - Relação ativa
- AFET - Relação de afetamento
- ana - analítica
- caus. - causativa
- DESPSI - Despsicologização
- DL - Difusão Lexical
- erg. - ergativa
- Exp/EXP - Experienciador
- ExpO - Experienciador objeto
- ExpS - Experienciador sujeito
- FLH - Full listing hypothesis
- LE - Língua escrita

LO	-	Língua oral
N	-	Nome
NG	-	Neogramático
OBJ	-	Objetivo
P	-	Preposição
pas	-	passiva
PB	-	Português brasileiro
pro	-	pronominal
PSI	-	Psicologização
QUAL	-	Relação de qualidade
sin	-	sintética
SN	-	Sintagma nominal
SP	-	Structure preservation
V	-	Verbo

Figuras

Figura 1.1 -	Léxico dinâmico.....	58
Figura 1.2 -	Léxico estático	58

Gráficos

Gráfico 4.1 -	Experienciador por função sintática (734 dados)	147
Gráfico 5.1 -	Volume das classes por século.....	207

Listas de verbos

Lista 4.1 -	Forma analítica de ExpS - Classe 1 (<i>Temer</i>)	154
Lista 4.2 -	LO: Perfil da Classe 2 (<i>Preocupar</i>)	162
Lista 4.3 -	LO: Verbos exclusivamente ergativos - Classe 2 (<i>Preocupar</i>)	163
Lista 4.4 -	LO: verbos exclusivamente causativos - Classe 2 (<i>Preocupar</i>)	163
Lista 4.5 -	LO: verbos de perfil misto - Classe 2 (<i>Preocupar</i>)	163
Lista 4.6 -	LE: verbos por propriedades sintáticas - Classe 2 (<i>Preocupar</i>)	166
Lista 4.7 -	LE: verbos exclusivamente ergativos - Classe 2 (<i>Preocupar</i>)	166
Lista 4.8 -	LE: verbos exclusivamente causativos - Classe 2 (<i>Preocupar</i>)	167
Lista 4.9 -	LE: verbos de perfil misto - Classe 2 (<i>Preocupar</i>)	167
Lista 4.10 -	LO e LE: ergativos absolutos - Classe 2 (<i>Preocupar</i>)	169
Lista 4.11 -	LO: verbos por propriedades sintáticas - Classe 4 (<i>Animar</i>)	180
Lista 4.12 -	LO: verbos exclusivamente ergativos - Classe 4 (<i>Animar</i>)	180
Lista 4.13 -	LO: verbos exclusivamente causativos - Classe 4 (<i>Animar</i>)	181
Lista 4.14 -	LO: verbos de perfil misto - Classe 4 (<i>Animar</i>)	181
Lista 4.15 -	LO: verbos que realizam a propriedade estativa - Classe 4 (<i>Animar</i>) 181	
Lista 4.16 -	LE: verbos por propriedades sintáticas - Classe 4 (<i>Animar</i>)	182
Lista 4.17 -	LE: verbos exclusivamente ergativos - Classe 4 (<i>Animar</i>)	182
Lista 4.18 -	LE: verbos exclusivamente causativos - Classe 4 (<i>Animar</i>)	183
Lista 4.19 -	LE: verbos de perfil misto - Classe 4 (<i>Animar</i>)	183
Lista 4.20 -	LE: verbos que realizaram a estrutura estativa - Classe 4 (<i>Animar</i>)	183
Lista 4.21 -	LE: verbos que realizaram estrutura passiva - Classe 4 (<i>Animar</i>)	183
Lista 4.22 -	LE e LO: verbos exclusivamente ergativos - Classe 4 (<i>Animar</i>)	184
Lista 4.23 -	LE e LO: verbos exclusivamente causativos - Classe 4 (<i>Animar</i>)	185

Lista 4.24 -	LE e LO: verbos de perfil misto - Classe 4 (<i>Animar</i>).....	185
Lista 4.25 -	LO: verbos por propriedades sintáticas - Classe 3 (<i>Acalmar</i>).....	191
Lista 4.26 -	LE: verbos por propriedades sintáticas - Classe 3 (<i>Acalmar</i>)	191
Lista 5.1 -	Verbos por padrão ExpO.....	243
Lista 5.2 -	Verbos por padrão ExpS.....	248
Lista 5.3 -	Verbos por padrão Misto.....	251

Quadros

Quadro 4.1 -	Comparação entre as representações lexicais dos verbos e a função de seus experienciadores	150
Quadro 4.2 -	Comparação entre as classes 2 e 4: hierarquização das propriedades mais favorecidas pela classe 4 (1ª coluna) e classificação das mesmas na classe 2 (2ª coluna).....	178
Quadro 6.1 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 14 - Classe 2	263
Quadro 6.2 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 15 - Classe 2	264
Quadro 6.3 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 16 - Classe 2	280
Quadro 6.4 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 17 - Classe 2	280
Quadro A2.1 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 14 - Classe 2	359
Quadro A2.2 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 15 - Classe 2	360
Quadro A2.3 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 16 - Classe 2	361
Quadro A2.4 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 17 - Classe 2	361
Quadro A2.5 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 18 - Classe 2	362
Quadro A2.6 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 19 - Classe 2	362
Quadro A2.7 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 20 - Classe 2	363
Quadro A2.8 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 20o - Classe 2...	363

Quadro A3.1 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no séc. 14 - Classe 3367
Quadro A3.2 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 15 - Classe 3367
Quadro A3.3 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 16 - Classe 3368
Quadro A3.4 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 17 - Classe 3368
Quadro A3.5 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 18 - Classe 3368
Quadro A3.6 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 19 - Classe 3369
Quadro A3.7 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 20 - Classe 3369
Quadro A3.8 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 20o - Classe 3	...369
Quadro A4.1 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no séc. 14 - Classe 4375
Quadro A4.2 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 15 - Classe 4375
Quadro A4.3 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 16 - Classe 4376
Quadro A4.4 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 17 - Classe 4376
Quadro A4.5 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 18 - Classe 4376
Quadro A4.6 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 19 - Classe 4377
Quadro A4.7 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 20 - Classe 4377
Quadro A4.8 -	Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 20o - Classe 4	...377

Tabelas

Tabela 4.1 -	Experienciador por função sintática: língua oral x língua escrita 147
Tabela 4.2 -	Dados por classe: língua oral x língua escrita 148
Tabela 4.3 -	Experienciador por classe: língua oral x língua escrita 149
Tabela 4.4 -	Formas dos verbos na Classe 1 (<i>Temer</i>) 153
Tabela 4.5 -	Propriedades sintáticas da Classe 1 (<i>Temer</i>) 153
Tabela 4.6 -	Experienciador por forma na Classe 2 (<i>Preocupar</i>) 155

Tabela 4.7 -	Propriedades sintáticas na Classe 2 (<i>Preocupar</i>).....	156
Tabela 4.8 -	LO - Distribuição das propriedades sintáticas (com e sem exclusão de itens) na Classe 2 (<i>Preocupar</i>).....	160
Tabela 4.9 -	LE - Distribuição das propriedades sintáticas (com e sem exclusão de itens) na Classe 2 (<i>Preocupar</i>).....	161
Tabela 4.10 -	Experienciador por forma na Classe 4 (<i>Animar</i>)	174
Tabela 4.11 -	Propriedades sintáticas da Classe 4 (<i>Animar</i>).....	176
Tabela 4.12 -	LO - Distribuição das propriedades sintáticas (com e sem exclusão de itens) na Classe 4 (<i>Animar</i>).....	177
Tabela 4.13 -	LE - Distribuição das propriedades sintáticas (com e sem exclusão de itens) na Classe 4 (<i>Animar</i>).....	177
Tabela 4.14 -	Experienciador por forma na Classe 3 (<i>Acalmar</i>).....	187
Tabela 4.15 -	Propriedades sintáticas na Classe 3 (<i>Acalmar</i>).....	188
Tabela 4.16 -	LE - Distribuição das propriedades sintáticas (com e sem exclusão de itens) na Classe 3 (<i>Acalmar</i>).....	188
Tabela 4.17 -	LO e LE: Formas ExpS analíticas e pronominais versus ExpO sintéticas na Classe 3 (<i>Acalmar</i>).....	192
Tabela 4.18 -	Verbos causativo-pronominais da Classe 3 (<i>Acalmar</i>)	194
Tabela 5.1 -	Experienciador por século (Classes de 1 a 7).....	205
Tabela 5.2 -	Experienciador por século (Classes de 1 a 4).....	206
Tabela 5.3 -	Experienciador por classe por século.....	209
Tabela 5.4 -	Formas por século na Classe 1 (<i>Temer</i>)	211
Tabela 5.5 -	Propriedades sintáticas por século na Classe 1 (<i>Temer</i>)	212
Tabela 5.6 -	Formas por século na Classe 2 (<i>Preocupar</i>).....	217
Tabela 5.7 -	Propriedades sintáticas por século na Classe 2 (<i>Preocupar</i>).....	218

Tabela 5.8 -	Propriedades sintáticas por século (<i>com e sem exclusão de itens exclusão</i>) na Classe 2 (<i>Preocupar</i>)	221
Tabela 5.9 -	Forma por século na Classe 3 (<i>Acalmar</i>)	228
Tabela 5.10 -	Propriedades sintáticas por século na Classe 3 (<i>Acalmar</i>)	229
Tabela 5.11 -	Propriedade sintáticas por século (<i>com e sem exclusão de itens</i>) na Classe 3 (<i>Acalmar</i>)	232
Tabela 5.12 -	Forma por século na Classe 4 (<i>Animar</i>)	233
Tabela 5.13 -	Propriedades sintáticas por século na Classe 4 (<i>Animar</i>)	234
Tabela 5.14 -	Propriedades sintáticas por século (<i>com e sem exclusão de itens</i>) na Classe 4 (<i>Animar</i>)	237
Tabela 5.15 -	Padrão ExpO: distribuição das classes por século	246
Tabela 5.16 -	Padrão ExpO: distribuição em cada classe por século	246
Tabela 5.17 -	Padrão ExpO: distribuição no total das classes (2-4 e 1-4) por século	246
Tabela 5.18 -	Padrão ExpS: distribuição das classes por século	250
Tabela 5.19 -	Padrão ExpS: distribuição em cada classe por século	250
Tabela 5.20 -	Padrão ExpS: distribuição sobre o total das classes (2-4 e 1-4) por século	250
Tabela 5.21 -	Padrão Misto: distribuição das classes por século	253
Tabela 5.22 -	Padrão Misto: distribuição em cada classe por século	253
Tabela 5.23 -	Padrão Misto: distribuição sobre o total das classes (2-4 e 1-4) por século	253
Tabela A1.1 -	Verbos da Classe de <i>Temer</i> do séc. 14	350
Tabela A1.2 -	Verbos da Classe de <i>Temer</i> do séc. 15	350
Tabela A1.3 -	Verbos da Classe de <i>Temer</i> do séc. 16	351

Tabela A1.4 -	Verbos da Classe de <i>Temer</i> do séc. 17.....	351
Tabela A1.5 -	Verbos da Classe de <i>Temer</i> do séc. 18.....	352
Tabela A1.6 -	Verbos da Classe de <i>Temer</i> do séc. 19.....	352
Tabela A1.7 -	Verbos da Classe de <i>Temer</i> do séc. 20.....	353
Tabela A1.8 -	Verbos da Classe de <i>Temer</i> do séc. 20o.....	353
Tabela A2.1 -	Verbos da Classe de <i>Preocupar</i> no séc. 14.....	354
Tabela A2.2 -	Verbos da Classe de <i>Preocupar</i> no séc. 15.....	354
Tabela A2.3 -	Verbos da Classe de <i>Preocupar</i> no séc. 16.....	355
Tabela A2.4 -	Verbos da Classe de <i>Preocupar</i> no séc. 17.....	355
Tabela A2.5 -	Verbos da Classe de <i>Preocupar</i> no séc. 18.....	355
Tabela A2.6 -	Verbos da Classe de <i>Preocupar</i> no séc. 19.....	356
Tabela A2.7 -	Verbos da Classe de <i>Preocupar</i> no séc. 20.....	357
Tabela A2.8 -	Verbos da Classe de <i>Preocupar</i> no séc. 20o.....	358
Tabela A3.1 -	Verbos da Classe de <i>Acalmar</i> no séc. 14.....	364
Tabela A3.2 -	Verbos da Classe de <i>Acalmar</i> no séc. 15.....	364
Tabela A3.3 -	Verbos da Classe de <i>Acalmar</i> no séc. 16.....	364
Tabela A3.4 -	Verbos da Classe de <i>Acalmar</i> no séc. 17.....	365
Tabela A3.5 -	Verbos da Classe de <i>Acalmar</i> no séc. 18.....	365
Tabela A3.6 -	Verbos da Classe de <i>Acalmar</i> no séc. 19.....	365
Tabela A3.7 -	Verbos da Classe de <i>Acalmar</i> no séc. 20.....	366
Tabela A3.8 -	Verbos da Classe de <i>Acalmar</i> no séc. 20o.....	366
Tabela A4.1 -	Verbos da Classe de <i>Animar</i> no séc. 14.....	370
Tabela A4.2 -	Verbos da Classe de <i>Animar</i> no séc. 15.....	370
Tabela A4.3 -	Verbos da Classe de <i>Animar</i> no séc. 16.....	370
Tabela A4.4 -	Verbos da Classe de <i>Animar</i> no séc. 17.....	371

Tabela A4.5 -	Verbos da Classe de <i>Animar</i> no séc. 18	371
Tabela A4.6 -	Verbos da Classe de <i>Animar</i> no séc. 19	372
Tabela A4.7 -	Verbos da Classe de <i>Animar</i> no séc. 20	373
Tabela A4.8 -	Verbos da Classe de <i>Animar</i> no séc. 20o	374

RESUMO

Esta tese pesquisou o alcance do modelo da Difusão Lexical enquanto teoria alternativa à explicação da mudança lingüística, através da análise dos verbos psicológicos. Duas razões determinaram que se elegessem os verbos psicológicos como objeto lingüístico de estudo: a primeira relaciona-se à resistência que as particularidades sintáticas de alguns deles oferecem a qualquer tentativa de sistematização. Decorrente dessa, a segunda razão que determinou o interesse por esses verbos foi o fato de se presumir que as supostas idiossincrasias pudessem ser evidências de um processo de variação/mudança lingüística implementado por difusão lexical. Tal pressuposto configurou a hipótese de que um grupo de verbos exibe um processo de mudança sintática e/ou semântica em curso. Essa hipótese instanciou uma pesquisa que, orientada pelos princípios de análise da Teoria da Variação, contemplasse concomitantemente os pressupostos difusionistas. De tal aparato teórico, decorreram dois objetivos mediatos desta tese, quais sejam, a busca de aprofundamento da reflexão ensejada pelos embates concernentes à autonomia dos componentes da gramática e, relacionado a esse, a tentativa de equacionamento entre análises guiadas por dados intuitivos e aquelas que se pautam por dados empíricos. Para tal fim, buscaram-se dados que ilustrassem o comportamento dos verbos psicológicos desde o período arcaico da língua portuguesa. Tanto na perspectiva sincrônica, quanto na diacrônica, a análise quantitativa distinguiu sistematicamente propriedades e itens. Tal metodologia direcionou a pesquisa para a consideração individual dos itens lexicais, o que culminou numa análise qualitativa da qual o fator item lexical emerge como variável produtiva e, portanto, determinante, na compreensão dos processos de mudança lingüística, bem como na reflexão sobre os fatores relevantes à configuração de um modelo de análise lingüística.

INTRODUÇÃO

I Interesse da pesquisa

A pesquisa de que se constitui esta tese nasceu de um interesse que transcende o âmbito do objeto lingüístico sobre o qual se detém. Especialmente interessada no papel que o léxico desempenha na mudança lingüística e convencida de que o mesmo é relevante em processos fonológicos, empreendi um projeto de pesquisa guiada pela curiosidade de observar a atuação do fator lexical em processos sintáticos. Os verbos psicológicos se consolidaram como campo fértil de resposta a minhas indagações, a partir das primeiras reflexões que desenvolvi acerca dos mesmos. Essas reflexões foram desencadeadas pela análise de Cançado (1995): propondo uma hipótese semântica para aprofundar análises anteriores dos verbos psicológicos, o trabalho de Cançado se me apresentou desde o início como quadro configurador das hipóteses difusionistas. Tendo suas propriedades sintáticas explicadas como reflexos de traços semânticos, os verbos psicológicos se configuraram, então, como interessante objeto cuja análise empírica poderia ser ilustrativa da hipótese geral que me guiava, qual seja: as mudanças lingüísticas se implementam por difusão lexical, por caminhos que podem ser determinados pela atuação do componente semântico. Sem se deixar reduzir a mero instrumento de ilustração da análise teórica, pela sobeja variação que exibem quando observados em seu uso, os verbos psicológicos desencadearam, desde os primeiros momentos da análise sincrônica, questões pungentes que redundaram em ampliação do projeto original. Tais questões me impeliram a uma análise diacrônica mais extensa do que a que havia sido originalmente projetada, como também a um aprofundamento das hipóteses teóricas que me guiavam originalmente. Vale dizer, a respeito dessas últimas, que, dentre as inúmeras satisfações que este trabalho me proporcionou, destaca-se a emergência de instigantes questões que a análise proposta traz em seu bojo.

II O objeto de análise

O objeto teórico

O objeto teórico de análise é o papel desempenhado pelo léxico nos processos de mudança lingüística. Configurado nos pressupostos do modelo da difusão lexical, tal objeto relaciona-se a um outro, qual seja, o do estabelecimento dos fatores que fazem do item lexical uma variável relevante na análise da mudança lingüística. Reflexões inerentes ao conjunto dos fatores delineiam um terceiro objeto de análise: o do estatuto das relações entre propriedades sintáticas e semânticas. A reflexão sobre tais relações decorre de conclusões de análises anteriores (cf. Madureira 1997)¹, que, ressalvado o fato de serem concernentes a fenômenos fonológicos, propiciaram a formulação de hipóteses que defendem o componente semântico como fator interveniente na mudança fonológica.

O objeto lingüístico

A análise do objeto teórico tem por contraponto lingüístico um objeto sintático, os verbos psicológicos. Inseridos no grupo dos verbos experienciais, esses verbos definem-se semanticamente como aqueles que representam estados emocionais e exibem obrigatoriamente um argumento experienciador. Caracterizam-se por evidenciar subclassificações, em diversas línguas, com base em propriedades sintáticas distintas.

No português, o leque de subclasses parece ser maior, quando se consideram determinadas propriedades sintáticas. Tal quadro se configura em Cançado (1995) que,

¹ Em Madureira (1997) proponho que o componente semântico-pragmático interfere em processos de mudança fonológica (vocalização da lateral palatal, no português) e sugiro que essa interferência é intermediada pelo processo de difusão lexical, enquanto princípio explicativo de mudança lingüística atuante em algum momento do processo de variação.

além disso, propõe que se associem distintas classes sintáticas a determinadas classes semânticas, em relação de biunivocidade. No escopo desse trabalho, os verbos psicológicos são também ilustrativos, de acordo com sua autora, da autonomia do componente semântico que, nesse caso, determina as diferentes propriedades sintáticas atribuídas a esses verbos.

De particular interesse (apesar de não lhes ser específica) é a correlação que os verbos psicológicos apresentam entre estruturas ergativas e causativas. Diferentes autores as relacionam a distintos processos. Isto é, para alguns, como Bittencourt (1995), a correlação entre ergativas e causativas decorre de um processo histórico de causativização, que a autora identifica nos verbos do português. Em direção oposta, baseando-se em dados intuitivos, Whitaker-Franchi (1989) analisa tal propriedade nos verbos em foco como decorrência de um processo de ergativização em curso.

Também no âmbito do modelo gerativo expressa-se uma face dessa divergência. Distinguindo os verbos que realizam essa propriedade, isto é, os verbos acusativos dos inacusativos, alguns autores como Burzio (1981, *apud* Whitaker-Franchi) postulam que os primeiros têm seu argumento externo engendrado na posição de objeto do verbo, sendo o mesmo posteriormente alçado para a posição de sujeito, enquanto que os últimos já têm seu sujeito engendrado na posição que o mesmo ocupa na estrutura superficial.

III Objetivo

O objetivo central da pesquisa é o de analisar o comportamento sintático dos verbos psicológicos no português brasileiro, buscando elicitare os fatores que determinam as diversas exceções que os mesmos exibem nas distintas propriedades sintáticas que lhes são atribuídas. O comportamento diferenciado dos mesmos é

explicado como resultado de distintas representações semânticas que se projetam no componente sintático (Cançado, 1995). Tendo em conta que, mesmo nessa análise, alguns dentre esses verbos continuam tendo seus comportamentos idiossincráticos inexplicados, considera-se a possibilidade de que tal quadro seja reflexo de um processo de variação sintática em curso. É mister, portanto, que a presente análise leve em conta o fator item lexical e contemple, a partir desse, as relações entre suas representações semânticas e sintáticas, em qualquer processo de variação detectado. Desse objetivo geral decorrem os seguintes objetivos específicos:

- observar, através de dados empíricos, as reais propriedades dos verbos psicológicos, no uso contemporâneo;
- identificar indícios de variação através da comparação de dados relativos às modalidades escrita e oral;
- comparar as estruturas contemporâneas produtivas com aquelas dos períodos precedentes;
- realizar análises quantitativas dos dados contemporâneos, bem como daqueles de épocas pretéritas;
- realizar análise qualitativa, avaliando as questões teóricas envolvidas nas hipóteses que guiaram a pesquisa.

IV Hipóteses gerais

A análise guia-se pelas seguintes hipóteses:

- a) toda mudança lingüística supõe um estágio de variação determinado por fatores estruturais e não estruturais;
- b) em algum momento do processo da mudança lingüística, o mesmo se atualiza (e

se implementa) através de determinados itens lexicais;

- c) os fatores responsáveis pela atuação dos itens lexicais podem relacionar-se ao significado dos mesmos.

V Hipóteses específicas

As hipóteses que direcionaram tanto a coleta como a classificação e análise dos verbos psicológicos são:

- a) comportamentos idiossincráticos dos verbos psicológicos não explicáveis pelos componentes sintático ou semântico seriam resultado de processo de mudança lingüística em curso;
- b) a implementação de qualquer processo de mudança nos verbos psicológicos será configurada pelo comportamento específico de determinados verbos;
- c) se identificado, o processo de mudança terá sido desencadeado por fatores semânticos, isto é, por mudanças das representações lexicais pertinentes a determinados grupos de verbos.

VI Organização da tese

O primeiro capítulo apresenta o referencial teórico pertinente às hipóteses desta tese ou aos modelos teóricos envolvidos nos trabalhos com os quais se dialogará. O segundo capítulo é dedicado a uma reflexão (intuitiva) sobre o comportamento dos verbos psicológicos, guiada por análises anteriores que os contemplam. No terceiro capítulo é exposta a metodologia da pesquisa. O quarto capítulo constitui-se da análise do uso contemporâneo dos verbos psicológicos. O quinto capítulo analisa o comportamento histórico dos verbos para detectar evidências de mudanças entre as classes. O sexto capítulo considera o perfil histórico individual de grupos de verbos e

relaciona o comportamento individual dos itens ao perfil histórico de cada classe. Finalmente, a conclusão relaciona as hipóteses iniciais às conclusões expostas nos capítulos 5 e 6.

CAPÍTULO 1

REFERENCIAL TEÓRICO

Introdução

Este capítulo pretende delinear a configuração e os problemas concernentes aos modelos teóricos envolvidos na análise. Compõe-se o mesmo de quatro seções.

A primeira trata do modelo da Difusão Lexical: evidências de sua atuação, sua produtividade e fatores atuantes. A segunda seção apresenta a abordagem de uma análise lingüística do ponto de vista da semântica representacional, visto que parte da análise à qual se submetem os verbos psicológicos nesta tese orienta-se por análises desenvolvidas nesse modelo de semântica formal. A terceira seção expõe a tentativa de configuração de um modelo lingüístico de análise centrado no léxico que se coadune às hipóteses propostas no início deste trabalho. Finalmente, a quarta seção analisa essas hipóteses à luz de alguns modelos de descrição do léxico.

1.1 O modelo da difusão lexical

O modelo da Difusão Lexical é abordado nesta tese como modelo alternativo na explicação da mudança lingüística. Nessa acepção, o modelo da Difusão Lexical (doravante DL) se opõe ao modelo Neogramático (doravante NG). Antes de passar às questões envolvidas pela consideração desse modelo, cumpre que se lembrem brevemente as outras acepções a que este rótulo faz jus.

Segundo Nicolai (1996), Difusão Lexical é uma noção bastante ampla, que recobre, pelo menos, cinco acepções diferentes. A primeira corresponde à noção de DL que o modelo tem nesta tese. Enquanto modelo alternativo ao NG, a adoção do modelo da DL é avaliada por Nicolai como posição extremada e, portanto, geradora de polêmicas intermitentes que prefiguram um problema mais amplo do que aquele que fazem crer as ‘gesticulações contextualizadas’ que envolvem o mesmo.

(p.3).¹ Enquanto segunda noção, DL remete a fenômenos como os de lexicalização, cuja configuração interessa tanto aos domínios da Morfologia quanto aos da Semântica. O estudo que relaciona fenômenos culturais, sistemas de significação e sua dinâmica constitui a terceira acepção de DL. Uma quarta noção recobre estudos que visam aos empréstimos e às linguagens especializadas. Pressupõe, como a noção precedente, a articulação do léxico com outros domínios do conhecimento. Finalmente, a última noção remete à DL tomada como pano de fundo da pesquisa genealógica. Diz respeito aos estudos tipológicos cuja consideração visou à superação dos limites enfrentados pela metodologia comparativista clássica.

A explicitação dessas cinco noções delinea claramente que as mesmas não representam mais do que distintos prismas da observação do léxico *apreendido em sua materialidade escritural e fônica*. (p.2-3). Nicolai sublinha que, dentre as cinco, destacam-se a primeira e a última, pelas controvérsias que geraram. Tal nos reconduz à acepção que interessa aos propósitos desta tese. Aliás, como se verá adiante, o estudo da DL como modelo alternativo ao NG destaca fatores cujo alcance vai ao encontro das diferentes acepções de DL que o autor propõe. Acrescente-se, ainda, que é nessa acepção que a DL se constitui em teoria. A esse respeito, Nicolai (p.3) pondera que, enquanto modelo alternativo na explicação da mudança lingüística, a teoria terá gerado controvérsias em relação a problemas que lhe são externos, na verdade. Um resumo da história do modelo se faz necessário para melhor compreender a polêmica que desencadeia.

¹ As próximas seções tratarão desse problema de forma específica.

1.1.1 Um breve histórico

Apontar os itens lexicais como implementadores de variação e mudança lingüística envolve uma questão teórica que pode ser assim resumida: o estudo da mudança lingüística - restrito, em grande parte, ao estudo da mudança sonora - deve a maioria de seus princípios explicativos à lingüística diacrônica, cujo estabelecimento de parentesco entre as línguas evidenciou a atuação de leis norteadoras de todo processo de mudança. Submetidas a reanálises posteriores, essas leis revelaram ter atuação categórica nas diversas línguas, fixando-se no substrato teórico da análise da mudança lingüística, como leis fonéticas. Assim, análises como a de Verner (lei de Verner), legitimando a lei de Grimm, já fixava em 1875 o caráter mecânico dos processos, como princípio explicativo das mudanças fonéticas. Tal teoria configurou o que veio a ser chamado doutrina neogramática, que postulou, portanto, com base na sistematicidade das leis fonéticas, o princípio da mudança lingüística sonora, segundo o qual a mudança lingüística é lexicalmente abrupta e foneticamente gradual.

Ainda que bem fundamentada, a teoria foi alvo de questionamentos imediatos. Isto é, se o estudo histórico dava mostras da atuação das leis fonéticas, o mesmo não se podia dizer do estudo sincrônico. Trabalhando com as línguas vivas, os dialetologistas já sinalizavam à época que fatores como divisão dialetal, empréstimo e analogia eram variáveis bem mais complexas do que pressupunham os neogramáticos, quando os apontavam como as únicas barreiras à mudança sonora regular. Constitui esse momento o que Labov chamará “paradoxo neogramático”: é da pesquisa no campo privilegiado pelos neogramáticos que nascem as críticas à própria doutrina. Assim, os dialetologistas renunciavam uma doutrina oposta ao modelo NG: dando maior relevo à individualidade etimológica (em detrimento da uniformidade fonética), Gilliéron

defenderia que *toda palavra tem a sua própria história*, compreendendo que:

na maioria dos casos pode-se traçar a evolução fonética da palavra acompanhando a evolução dos sons que a constituem, mas em certos casos devemos buscar em certas circunstâncias ao longo da história do vocábulo a explicação para determinadas mudanças de sua pronúncia (Robins, 1979:153).

O trabalho de Gauchat (1905) ilustra o ponto de vista de Gilliéron: sua pesquisa sobre a vocalização de / λ / no dialeto de Charmey identificou um tipo de variação cuja configuração era incompatível com a concepção neogramática de mudança sonora. Isto é, Gauchat observou na população local que, enquanto a geração dos mais velhos pronunciava [λ] e a dos mais jovens, [y], a geração intermediária exibiu as duas pronúncias. Não se poderia explicar tal quadro como resultante de um processo mecânico, noção que é inerente ao estabelecimento das leis fonéticas. Além de fornecer evidências que questionam o modelo NG, o trabalho de Gauchat presta-se, pelas críticas que recebeu (Goidanich, 1926, *apud* Labov, 1981), como ilustração dos argumentos contrários ao modelo da DL.² Adiante-se apenas que Goidanich avalia que, configurado como está, o quadro analisado por Gauchat não ilustra mudança sonora verdadeira, e sim, um mero processo de empréstimo (tomado pela geração intermediária às outras duas (cf. Labov, 1981:273)).

Antes de aprofundar a reflexão relativa a esse tipo de crítica, cumpre que se mencionem mais alguns trabalhos que sugerem a atuação do modelo da DL. Na verdade, trabalhos como o de Gauchat só voltaram a ter destaque nas décadas de 1970 e 1980. Muitos trabalhos que propalavam o modelo da DL foram publicados nesse período, no qual se destaca o nome de William Wang, pelo volume de pesquisas que

² Como se verá adiante (1.1.3), esses argumentos perpassam todo o século apresentando reiteradamente a mesma fundamentação.

coordenou ou editou. Suas pesquisas sustentam que a mudança sonora não é regular, conforme se lê em Chen & Wang (1975: 270):

we hold that words change their pronounciations by discret perceptible increments (i.e. phonetically abrupt) but severally at a time (i. e. lexically gradual).

Frontalmente oposta à concepção neogramática, a constatação de Chen & Wang configurou-se como modelo alternativo de análise da mudança sonora. Despertando polêmica, pela distinta visão de gramática que subjaz aos mesmos, alguns desses trabalhos receberam a atenção de Labov, que explicita em relação aos mesmos (1981:270):

They call this conception Lexical Diffusion. They do not deny that sound change may be regular: in this respect lexical diffusion may predict no less ultimate regularity than the neogrammarian principle.

Destacado enquanto tal por Labov (1981), o modelo emergente prestou-se a uma reanálise da função de duas noções fundamentais para a sustentação da hipótese neogramática: a analogia e o empréstimo. Cumpre lembrar que, como o recurso a esses dois mecanismos é corrente no modelo neogramático (para explicar qualquer falha na regularidade prevista para os processos de mudança sonora), é assumido que traços fonético-fonológicos introduzidos na língua via empréstimo, por exemplo, não se caracterizam como resultantes de um processo de mudança sonora. Dessa assunção implícita no modelo NG decorrem inúmeras críticas a trabalhos difusionistas. Dentre esses, destaca-se o de Cheng & Wang (1972). Tendo servido, dentre outros, como ilustração do modelo da DL por Labov (1981), o mesmo foi alvo de críticas que, por sua vez, deram origem a réplica e a tréplica, como se verá em 1.1.3.

O artigo de Cheng e Wang (1972, reeditado em Wang, 1977) relata a análise da cisão de uma categoria tonal do dialeto chinês de Chaozhou. Isto é, sincronicamente, o

dialeto realiza duas categorias tonais (2b e 3b) que correspondem, diacronicamente, a uma categoria única (tom III) no chinês médio. Segundo os autores, esse processo se implementa por DL, já que não existe nenhum fator estrutural que o justifique, e mostra interferência da variável estilo de fala. A evidência dessa última variável levou Egerod (1976, 1982) a contestar a análise de Cheng & Wang (1977) (cf. 1.1.3).

Dois outros trabalhos - Wang (1969) e Chen & Wang (1975) - destacam fatores relevantes na identificação de DL. O primeiro mostra que os resíduos (itens lexicais não atingidos por um processo de mudança - exceções à regra, na perspectiva NG) podem ser explicados como atuação de dois processos de mudança em curso (nesse caso, mudanças competitivas) que atingem, cada qual, uma parte do léxico. Wang observa que a identificação de mudanças competitivas se submete ao pressuposto de que as mudanças sejam foneticamente abruptas e lexicalmente graduais. Suas reflexões nesse artigo contemplam especificamente um enfoque da mudança lingüística, o de sua implementação. Igualmente considerado na mudança sonora é o prisma da origem (*actuation*). Desse enfoque tratam Chen & Wang (1975:266-278), postulando que os fatores responsáveis pela origem de um processo de mudança sonora são as propriedades fonéticas (concretas, portanto) pertinentes aos fones envolvidos na mudança.³

Observa-se que tanto os fatores tomados como variáveis de análise no prisma da implementação (tipo de resíduo, identificação de outro processo concomitante) quanto os que dizem respeito à origem (propriedades articulatórias e perceptuais)

³ Essa é, na verdade, uma questão de relevância, já que a não evidência de DL na fase inicial de um processo de mudança pode ser indicio de que tal processo é resultante de uma regra da gramática. Uma explicitação dessa questão nos conduz a apreciar uma outra, qual seja, a pressuposição da existência de regras.

refletem a importância que seus autores atribuem à análise de fatos concretos, subcategorizados por traços também concretos. Ou seja, são privilegiadas as análises que consideram a estrutura superficial das línguas. Pode-se dizer que, ao atribuir maior produtividade (na explicação de processos lingüísticos) a esse tipo de análise, os autores defendem a construção de uma teoria de linguagem pautada nos processos reais de comunicação lingüística.

Ainda na mesma década, o trabalho de Janson (1977) é digno de nota, pelas críticas que desencadeará, posteriormente. Analisando o processo de apagamento da consoante alveolar /d /, em final de palavra, no dialeto de Estocolmo, o autor identifica que o processo se restringe a determinados itens, em situação de fala coloquial. Os itens afetados por essa regra (que é opcional) não apresentam qualquer particularidade comum que explicita um contexto fonológico favorecedor da mesma. Tampouco foram detectados quaisquer fatores semânticos ou morfológicos. Na perspectiva diacrônica, Janson identificou que a evolução desse processo configurava-se opostamente ao que fazia crer a observação sincrônica. O processo de apagamento de /d/ não expressava uma mudança em progresso, mas em extinção. A partir de tal constatação, Janson sugere que, em algum momento do passado, o apagamento de /d/ era uma regra categórica da fala coloquial. A reintrodução da consoante no estilo formal refletiu-se gradualmente no estilo de fala informal e processou-se de um contexto para o outro, por difusão lexical.⁴

Também em estudos sobre o inglês encontramos evidências para o modelo difusionista. Um estudo da mudança vocálica no inglês, realizado por Ogura (1987),

⁴ Tal análise implica o nível de consciência do falante em relação ao processo que realiza. Como se verá adiante (cf. Labov (1994)), esse é um dos fatores pertinentes a processos que se implementam por DL (cf. 1.2).

propõe que a evolução do /u longo/ e do /i longo/ do inglês médio realizou-se por DL. O processo que concerne a essas vogais inclui-se na Grande Mudança Vocálica, processo que intitula a mudança vocálica ocorrida entre o período arcaico e o médio. Os processos a que se submeteram as vogais (posteriorização, anteriorização, alçamento, abaixamento) caracterizam-se como reajuste fonético (*low-level*), o que leva a esperar a atuação do princípio neogramático, de acordo com Labov (1981). Ogura relata que os dados analisados não permitem identificar atuação do contexto fonético na mudança. Demonstra, então, que tal mudança se deu por DL.

No âmbito dos estudos das línguas dravídicas, Krishnamurti (1978) identifica DL em processos de mudança como, por exemplo, na regra de ‘deslocamento apical’. A identificação de DL nesse processo relaciona-se também ao estudo dos subagrupamentos lingüísticos. Krishnamurti (1978, 1983) demonstra que novos subgrupos de famílias lingüísticas podem ser apontados mediante a técnica que considera o fator *formas não mudadas* (fator clássico da lingüística histórica) e o cruza ao fator *formas mudadas*. Conclui que o cruzamento dos dois fatores não só refina a análise de línguas geneticamente relacionadas como também ilustra de forma categórica a atuação do princípio da DL.

Pesquisas como as que se relataram até aqui ganharam especial relevo, como já se disse, em Labov (1981). Além de dar destaque ao modelo da DL como princípio alternativo norteador da mudança sonora, Labov propõe uma explicação capaz de conciliar o modelo neogramático e o modelo da difusão lexical. Comparando certos processos de mudança com a pronúncia do *short a* na Filadélfia, que se realiza como tenso, mas apresenta exceção em três palavras, nas quais se realiza como *frouxo*, Labov postula que a variação *tenso - frouxo* corresponde a uma

mudança fonológica abstrata, que opera em níveis hierarquicamente mais altos do que aqueles em que operam regras como as de reajuste fonético. Conclui, assim, que as mudanças abstratas (*high level*) expressam mudanças lexicais, que se espalham (ou não) pelo léxico, sendo, portanto, explicáveis por DL; as de reajuste fonético (*low level*) resultam de regras fonológicas, o que permite que sejam explicitáveis pelo modelo NG.⁵

Se, por um lado, a explicação concilia a postulação dos dois modelos, por outro, instala uma nova polêmica, qual seja, pressupõe que determinados processos não se atualizam através de regras fonético-fonológicas, mas através de itens lexicais cuja realização não é previsível. Essas pressuposições abrem um espaço para especulações mais amplas que trazem em seu bojo o questionamento relativo à postulação de regras, mesmo para aqueles processos tidos como regulares.

Numa postura ainda mais conciliadora, Martinet (1987) irá sugerir que a aplicação do modelo da DL limita-se àqueles casos em que alguns indivíduos de determinado grupo social não tenham sido atingidos por uma mudança regular (no espírito neogramático). Propõe que a expansão da mudança (de um indivíduo para o outro) se faz, necessariamente, por DL. Nessa avaliação, que, propositadamente, ou não, ignora o que Wang e outros difusionistas querem dizer, Martinet destaca o fator *indivíduo*, cuja importância tem sido apontada por trabalhos diversos. Citem-se, entre esses, o de Milroy (1980)⁶ e o de

⁵ Cumpre ressaltar que, como se verá adiante, Labov (1994) mudará seu ponto de vista, defendendo, a todo custo, a perspectiva neogramática.

⁶ De acordo com Milroy (1980), o fato de cada comunidade exibir um padrão de redes sociais que lhe é típico deve ser levado em conta na análise dos fenômenos linguísticos. A localização do falante na rede social permite compreender melhor e até prever o curso de uma mudança na comunidade em questão.

Shen (1990).⁷

O resumo histórico a que se está procedendo limitou-se, até aqui, a relatos de pesquisas sobre mudança sonora em diversas línguas como o chinês, o inglês, o sueco e o francês, escolhidos dentre outros, que ilustram o modelo da DL. Também sobre o português existem trabalhos que ilustram tal modelo, como se verá, a seguir.

Oliveira (1991) resgata o item lexical como elemento controlador da variação no alicamento da vogal média pré-tônica, demonstrando que os contextos estruturais tidos como bloqueadores ou favorecedores de alicamento da vogal pretônica se submetem a ele. Entre os exemplos são citados: *comida* (que se realiza com *u* categórico) e *comício* (que se realiza com *o* categórico).

Bortoni et alii (1992), submetendo a hipótese de Oliveira (1991) à análise que fazem do alicamento da vogal média pretônica, tanto na perspectiva sincrônica (entre falantes de Brasília) quanto na diacrônica (dados do português arcaico e do galego), concluem (p.27):

(...) pudemos identificar alguns grupos de palavras cujo comportamento é infenso a estas explicações de natureza neogramática. (...)

Igualmente (...) na comparação de três estágios desse processo (latim, português arcaico e português contemporâneo do Brasil) é interessante constatar que certos grupos de palavras com e e o pretônicos evoluíram para a realização categórica com vogal alta ou

⁷ Comparando a implementação de um fenômeno linguístico ao espriamento de uma epidemia, Shen procura demonstrar, através da análise da fusão de /ã/ e /a/ no dialeto de Shangai, que os fatores *item lexical*, *falante* e *tempo* se interrelacionam na mudança linguística de tal forma que o perfil da mudança é um, no desencadeamento do processo, e outro bem diverso, na etapa final: se, no início, a adoção da nova pronúncia descreve um longo intervalo de tempo de um falante para o outro e, conseqüentemente, de uma palavra para a outra, na etapa final, ao contrário, à medida que aumenta o número de falantes atingidos, diminui o intervalo de tempo gasto para que um novo item seja alcançado. Apesar de intuitiva, por basear-se num modelo matemático não verificado ainda com dados reais, a proposta de Shen é interessante, pelo que acrescenta o fator *falante* (indivíduo) à análise do modelo da Difusão Lexical. Implica, como tal, que as idiosincrasias da organização social terão papel determinante na expansão da mudança.

média, enquanto outros continuaram sujeitos à variação.

Auler (1992:51) estuda os fatores lexicais envolvidos na pronúncia aspirada do /s/ pós-vocálico, no dialeto do Rio de Janeiro, e constata que *esta variação está localizada em poucos itens, sugerindo a atuação de difusão lexical*, sem, todavia, descartar, *a influência de fatores fonéticos/fonológicos atestados em trabalhos anteriores.*

Madureira (1997) identifica difusão lexical no processo de variação da lateral palatal no português de Belo Horizonte. O comportamento dos itens lexicais permite uma divisão dos mesmos em blocos de acordo com o maior ou menor favorecimento dos itens à vocalização da lateral palatal.

O modelo da DL parece ter sua investigação restrita ao estudo dos processos de variação fonológicos. Mollica (1992:80), ao estender a análise do mesmo para o nível da sintaxe, faz essa constatação e a justifica:

Mas há razões claras para justificar tal tradição. A primeira delas é que o modelo da difusão lexical prevê o afetamento da mudança incidindo em itens lexicais, e a variação ou mudança em outros níveis da língua afeta constituintes, unidades maiores, nem sempre claramente definidos.

No artigo mencionado, Mollica analisa o queísmo e o dequeísmo, anteriormente estudado em Mollica (1989:83), sob o enfoque do modelo da difusão lexical e constata que:

a estrutura dequeísta é considerada como prestigiada, e nada mais coerente do que se pensar que ela venha a acompanhar itens lexicais 'menos comuns', 'mais formais', que substituem termos mais corriqueiros.

Também Leal (1992) aponta evidência de difusão lexical no processo de variação dos complementos preposicionados no sintagma verbal do português.

Análises sobre o chinês também evidenciam DL na mudança sintática. Um desses trabalhos é o de Yue-Hashimoto (1993) que evidencia DL em processo de mudança sintática, no dialeto de Pequim. A pesquisa identifica atuação de mudança competitiva (cf. Wang, 1969) na variação da interrogativa negativa **V not V**, e mostra que a frequência dos itens é uma variável que interfere na análise. Demonstra que tal fator pressupõe obrigatoriamente a implementação do processo por DL.⁸

1.1.2 Fatores atuantes

Todos os trabalhos que analisam o papel do léxico em processos de mudança lingüística buscam explicitar os fatores que determinam a origem ou a implementação de mudanças lingüísticas por determinados itens lexicais. Os fatores apontados são de diferentes ordens, como se verá, a seguir. Destacam-se a frequência dos itens, fatores pragmático-culturais e fatores semânticos.

Labov (1981) aponta a frequência de ocorrência dos itens lexicais como fator de favorecimento, no processo de mudança por difusão lexical. Esse fator tem sido exaustivamente testado, mas, apesar da produtividade demonstrada, oferece sistematicamente algumas restrições. Vários trabalhos dão conta dessas restrições, como se verá, a seguir.

Phillips (1984) descreve a interferência da frequência da seguinte maneira: nas mudanças fisiologicamente motivadas, as palavras mais frequentes são as primeiras atingidas, contrariamente ao que acontece nos processos não fisiologicamente motivados, nos quais são as menos frequentes que incorporam a mudança em primeiro lugar. As conclusões de Phillips fazem eco a trabalhos anteriores: Leslau (1969), em

⁸ Dada sua extensão, esta nota está entre as notas adicionais no Anexo A5.

estudo sobre as línguas da Etiópia, conclui que os primeiros itens a incorporar a mudança são os mais freqüentes (com a ressalva do próprio autor de ter sido a freqüência estabelecida intuitivamente). Por ser restrito a processos fonológicos tais como assimilação, redução (processos fisiologicamente motivados), o trabalho de Leslau apresenta-se como dado comprovador das conclusões a que Phillips chegaria anos depois.

Também a análise de Yue-Hashimoto mostra a atuação desse fator. A autora descreve a atuação dessa variável numa perspectiva bidirecional, como se viu (nota 8), na qual identifica que o embate entre as duas direções do processo (progressão ou extinção) se dá entre os itens mais freqüentes.

Oliveira (1994) observa (a respeito de Viegas, 1987) que as listas de palavras com alçamento categórico da vogal média pretônica arrolam itens lexicais de baixa freqüência como, por exemplo, *aperfeiçoamento*, *destinado*, *reencarnação*. Da mesma forma, entre os itens portadores de pretônicas nunca alçadas, constam alguns de alta freqüência, como : *comício*, *moleza*, *problema*. O autor destaca, então, a importância de se estabelecerem certas restrições ao parâmetro, como a consideração da freqüência relativa do item (contexto de uso).

Dauzat (1950:65) ilustra esse fator, assinalando que a reconstrução da pronúncia da lateral palatal no francês atingiu palavras pouco usadas, aprendidas na escola. Outras muito freqüentes como *genou* (*joelho*) ou técnicas (como *bari~baril*, para um vinhateiro) mantiveram a forma nova (com a pronúncia vocalizada).

Processo semelhante é descrito em Fidelholtz (1975), que assinala que os itens mais propensos a apresentar redução vocálica no inglês são os mais freqüentes. Ressalta, entretanto, que nem todos os itens freqüentes apresentam redução, e que os

menos freqüentes também podem realizar o processo, desde que exibam o traço [familiaridade]. Avaliado como *um artifício para se driblar uma exceção* (Oliveira, 1994:81), esse ponto da análise de Fidelholtz presta-se à reflexão de que o fator freqüência se submete a outros fatores, como os de ordem pragmática, por exemplo.

Madureira (1997) também ilustra a atuação de traços semântico-pragmáticos junto ao fator freqüência, na implementação de processos por difusão lexical. Analisando a vocalização da lateral palatal, no português de Belo Horizonte, concluiu que, apesar de a vocalização da lateral palatal responder a fatores sociais, sendo característica do grupo social mais baixo, o processo é também realizado na fala do grupo social mais alto, onde, além de condicionado lexicalmente, submete-se ao fator freqüência. A atuação desse último aparece condicionada a contexto de fala afetivo. (cf. também Madureira, 1987).

Observando que a análise do fator freqüência relaciona-se, em diversas circunstâncias a fatores pragmáticos, Oliveira (1991) aponta os traços [+Comum], [+Estilo informal], [+Contexto Fonético Natural]⁹ como característicos dos itens afetados em primeiro lugar por uma mudança. Em trabalho posterior, Oliveira (1992:37), substituiu o traço [+Estilo Informal] por um traço lexical [-Elaborado]. Essa nova rotulação obedece à tentativa de configuração de um feixe lexical de traços. Ao propor o rótulo [-Elaborado], Oliveira esclarece:

⁹ De acordo com Oliveira (1992), o contexto fonético natural se caracteriza por incorporar espaços de mudança harmônicos. Um processo se caracteriza como harmônico ou desarmônico em função dos traços peculiares aos sons de acordo com a posição que os mesmos ocupam no sistema de que fazem parte. No português, a posição átona final apresenta vogais [-tensas]. Qualquer mudança, nesse contexto, por outra vogal que seja [-tensa] se caracteriza como harmônica.

com isso podemos remover dos traços inerentes das palavras quaisquer considerações de ordem estilística embora seja evidente que palavras marcadas como [-Elaborado] tendam a ocorrer em contextos informais. (grifos meus).

A proposta caracteriza, todavia, a análise na interface do lingüístico e do pragmático. Essa interação é observável, ainda que não seja explicitada pelo autor, quando Oliveira (1992:37) acrescenta, no texto supracitado: (... *itens lexicais marcados como [-comum], [+Erudito], [+Especializado] e, muito possivelmente, outros mais*) são, de fato, mais resistentes à mudança. O arrolamento de subtraços como [+Erudito] remete forçosamente a fatores culturais, o que obriga a uma atuação interdisciplinar.

Como se verá na próxima seção, a identificação de traços semântico-pragmáticos é reiteradamente usada como contra-argumento à DL por partidários do modelo neogramático.¹⁰

1.1.3 Controvérsias inerentes ao modelo da difusão lexical

As análises resenhadas (1.1.1) e os fatores apontados como responsáveis pela atuação de processo de DL determinam controvérsias que focalizam questões específicas. Tais questões se depreendem tanto nos trabalhos que proclamam a atuação do modelo da DL quanto naqueles que questionam os resultados dos mesmos. Observa-se que, na maior parte do tempo, as discordâncias são resultantes de distintas concepções de gramática e de linguagem.¹¹ Dentre as questões mais recorrentes destaca-se a que trata da possibilidade de conciliar: a) mudança lingüística e empréstimo; b) mudanças sonoras *low-level* e DL; c) princípios de uma Gramática Universal aos

¹⁰ Cumpre lembrar que os fatores pragmáticos mencionados nesta seção vão ao encontro das demais noções de DL propostas por Nicolăi, como se viu em 1.1.

¹¹ Ver, a este respeito, Castilho (1994).

pressupostos do modelo da DL; d) hierarquização de fatores inerentes a modelos mentalistas à hierarquização de variáveis oriundas de modelos empiristas, entre outros fatores.

Inicie-se a explicitação dessas questões, considerando a polêmica gerada pelo artigo de Cheng & Wang (1972), mencionado em 1.1.1. Diferentes pesquisadores tomaram esse artigo (que postula DL na mudança tonal do Chaozhou) como base de seus argumentos desfavoráveis às propostas difusionistas. Egerod (1982), empreendendo uma reanálise da mudança tonal do Chaozhou, caracteriza o processo como decorrência de contato lingüístico, isto é, empréstimo entre duas modalidades (literária e coloquial). Tendo em conta que, sob a ótica do modelo NG, empréstimos dialetais não caracterizam mudança sonora, o autor propõe que o processo de mudança tonal seja analisado em duas etapas: numa primeira, identifica-se a migração de certas palavras do estilo literário (que se caracteriza por um determinado tom) para o estilo formal (que se caracteriza por um tom distinto). Observando que as palavras que emigraram do estilo literário preservaram o tom de origem, o autor conclui que, na segunda etapa, a investigação que concerne à fusão de duas palavras (isto é, exibição de um único tom) poderá ser explicada como contaminação, não caracterizando, portanto, um processo de mudança sonora. Retomando a análise do Chaozhou, Wang & Lien (1993) sustentam que o processo de fusão pode ser analisado como mudança sonora. Acrescentam que a vaguidade do termo contaminação usado por Egerod para definir o processo é um argumento adicional para a manutenção da análise que propõem.

Na mesma linha de raciocínio proposto por Egerod situam-se Mazaudon & Lowe (1993) e Labov (1994). Os primeiros endossam a análise de Egerod, sem ter conhecimento, ainda, da réplica de Wang & Lien (1993). Quanto a Labov, o mesmo

refuta essa última proposta de Wang & Lien argumentando que a mudança tonal envolve um processo de correção lingüística (nas palavras do estilo coloquial) originado do padrão lingüístico veiculado pelas palavras emigradas do estilo literário. Labov ignora que, apesar de identificado como tal por Wang & Lien, o processo de fusão tem reflexos em palavras não afetadas pela mistura dialetal, o que o caracteriza como mudança sonora. De qualquer forma, observa-se que, inserindo a análise do Chaozhou entre as que tratam de fenômenos de contatos lingüísticos, por oposição aos que tratam de mudança lingüística, Labov reafirma uma dicotomia de que Goidanich (1926) fez uso em sua crítica a Gauchat (1905). Trata-se de uma postura questionável em um sociolingüista cuja pesquisa insere-se no campo da enunciação: o uso de noções, hipóteses como essas (pertencentes ao campo do enunciado) sem qualquer questionamento causam, no mínimo, estranheza, já que os argumentos de Labov, nessa questão, são os mesmos dos gerativistas ortodoxos.

Além disso, a menção ao processo de correção lingüística como argumento para refutar existência de processo de mudança sonora parece-me bastante frágil. Esse argumento é extraído de um estudo de Andersen (1973, *apud* Mazaudon & Lowe 1993), que, a partir da análise de dialetos tchecos, conclui que há dois tipos de mudanças, no que concerne à variação estilística: as que desencadeiam esse tipo de variação e as que não o fazem. Para as do primeiro grupo, Andersen propõe o seguinte processo: a) uma mudança sonora regular ocorre entre uma geração e a geração subsequente; b) a restauração da forma antiga ocorre em alguns itens, sob a influência da geração mais velha; c) o duplo reflexo do proto-fonema é adquirido como variação estilística pela terceira geração, que é exposta às variantes correspondentes a cada uma das duas gerações que a antecedem. O autor considera que variantes estilísticas se aplicam por itens lexicais e que tendem a desaparecer, a menos que ocorra hipercorreção. Observa,

então, que o processo que se difunde lexicalmente é a restauração, não a mudança. Essa conclusão de Andersen vai ao encontro de uma das conclusões de Labov (1981, 1994) que relaciona os dois modelos (DL e NG) ao grau de consciência que o falante tem acerca dos processos: os que são conscientes podem se dar por DL (a restauração da forma antiga, em Andersen, por exemplo), os outros, pelo modelo NG. De acordo com Mazaudon & Lowe (1993), a análise de Andersen é adequada para demonstrar que DL ocorre em situações de contato, apenas. A avaliação dos autores antecipa, como se vê, as conclusões que Labov apresentará mais tarde, no que diz respeito à necessária distinção entre mudança, processos de empréstimo, restauração de formas e à relação desses com o modelo da DL.

Também Madureira (1999) ilustra a distinção entre processo de mudança e empréstimo. Ao propor uma reanálise do processo de vocalização da lateral palatal no português, sugiro que a variação atual deve distinguir dois grupos sociais: no grupo social menos favorecido, a variação é reflexo de um processo (em curso) de reconstrução da lateral palatal. Caracterizado como tal e implementando-se por difusão lexical, a configuração do processo serve como argumento propício aos que defendem que o modelo é adequado às situações de empréstimo e restauração de formas. A observação do processo no grupo social mais favorecido desautoriza, entretanto, tal conclusão: apontado como terceiro estágio do processo, o fenômeno nesse grupo se implementa igualmente por DL, sendo favorecido, ao que parece, por contexto de fala afetivo e atribuição de conotação específica. Nesse sentido, a realização do processo nesse último grupo ilustra a relação proposta por Labov (1994:78) entre processos implementados por DL e estatuto *from above*, mas mostra que, ainda que o modelo de DL possa ser associado a situações de contato lingüístico, não se limita às mesmas.

Ao propor que tais distinções são relevantes, os defensores do modelo NG deixam implícitos certos pressupostos de suas análises. Nem todos pontuam esses pressupostos como o fazem Mazaudon & Lowe (1993:12): a) que a perspectiva de análise concerne basicamente à origem (actuation) dos processos; b) que, por não ser a variação estilística identificável para qualquer processo ou para qualquer grupo social, há que se selecionar, no estudo da mudança lingüística, comunidades onde a variação estilística esteja minimizada. Ou seja, mantêm-se os pressupostos inerentes à teoria gerativista: os dados analisados devem ser os de um falante - ouvinte ideal. Isto é, para esse tipo de análise os dados devem ser inventados. Beaugrande (1997:183) aborda essa controvérsia:

(...) invented data whose sole function is to illystrate presumed 'gramatical rules' imply a fictional mono-functionality that seems precise (determinate) only if we stay on the surface; when we go deeper, the data get fuzzy (indeterminate) because crucial constraints have been dispersed.

Reitere-se, finalmente, que as críticas fundamentais aos trabalhos que se orientam pelo modelo da DL desconhecem as hipóteses peculiares ao modelo e as avaliam como base em outro quadro teórico. O diálogo é dificultado, então, se considerarmos que o interesse e as hipóteses são distintas em cada quadro, conforme observa Oliveira (1995:84-85):

Há por detrás de toda essa questão, uma questão maior sobre qual seja o objeto de estudo da lingüística: é a linguagem ou são as gramáticas? Seja lá qual for a resposta dada a esta questão, fato é que se faz e se fala muito mais sobre gramática do que sobre linguagem. (...) precisamos de uma teoria gramatical para podermos explicar o desempenho ou devemos partir dos fatos do desempenho para se construir uma teoria gramatical?

A abordagem do modelo da DL que se faz nesta tese pauta-se pelo pressuposto de que o uso de instrumentos de análise, conceitos e hipóteses de trabalho pertencentes

a quadros teóricos distintos pode ser extremamente produtivo quando visa à construção de uma teoria de linguagem e não apenas à configuração da gramática.¹²

1.2 A semântica representacional

Dedico esta seção ao modelo da semântica representacional, que orienta a análise dos verbos psicológicos de Cançado (1995). Como a pesquisa relatada nos capítulos 4 e 5 desta tese leva em conta a classificação proposta por Cançado, é necessário que se conheçam os pressupostos desse modelo com o qual se dialogará em alguns momentos da análise.

O modelo da semântica representacional postula, antes de mais nada, que a análise do componente lingüístico pressupõe a consideração de um componente conceitual, que deve ser compreendido como uma representação do real. De acordo com Jackendoff (1990) existem várias propriedades da Semântica Conceitual que não fazem muito sentido, se tomadas como propriedades da Realidade, sendo, todavia, produtivas, se tomadas como propriedades da mente.

Na perspectiva de uma semântica conceitual, a gramática inclui três níveis autônomos de estrutura: fonológico, sintático e conceitual. Cada um deles tem seus primitivos e princípios de combinação característicos e sua própria organização em subcomponentes.

A gramática contém também um conjunto de regras de correspondência que interligam os níveis. A correspondência da estrutura fonológica à estrutura sintática é especificada por um desses conjuntos. Esse é, por exemplo, o campo das regras de

¹² Nicolai (1996:9-17) e Wang e Lien (1993:345-360) detêm-se com bastante objetividade nessa questão.

reajuste, tais como cliticização e resegmentação de sentenças. A correspondência entre estruturas sintáticas e conceituais é especificada pelas regras de projeção que determinam a relação entre estruturas sintáticas e significado. Além dessas, um terceiro conjunto de regras liga a estrutura fonológica à conceitual, quando aspectos do sentido são diretamente determinados pela estrutura fonológica sem intervenção da estrutura sintática.

A organização da gramática inclui ainda regras de correspondência entre os níveis lingüísticos e os domínios não lingüísticos. Deve haver, por um lado, um mapeamento da análise acústica propiciada pelo sistema auditivo na estrutura fonológica, mapeamento esse que diz respeito à fonética acústica. Deve haver também um mapeamento da estrutura fonológica nos comandos motores do aparelho vocal, domínio da fonética articulatória. Por outro lado, deve haver um mapeamento entre a estrutura conceitual e outras formas de representação mental que codificam, por exemplo, o *output* da faculdade visual, e o *input* para a formulação da ação.

Finalmente, e, já que a estrutura conceitual é o domínio da representação mental no qual inferências são definidas, a organização da gramática também inclui um componente chamado regras de inferência, que mapeia estruturas conceituais em estruturas conceituais. Jackendoff inclui nesse componente não apenas regras de inferência lógicas mas, também, pragmáticas. Portanto, a estrutura conceitual caracteriza-se como uma interface entre informação lingüística e informação provinda de outras capacidades tais como visão e ação.

Tal como descrita até aqui, a constituição da gramática não explicita um componente lexical. Na visão *standard* do léxico, temos que o item lexical estabelece a correspondência entre fragmentos bem formados de fonologia, sintaxe e estrutura

conceitual; ou seja, ele é parte do componente de regras de correspondência. Da mesma forma, no presente modelo, cada componente da gramática pode ser visto como constituído de duas partes: uma constituída de princípios lexicais, outra de princípios extra-lexicais. Entretanto, o alfabeto básico de primitivos e de princípios de combinação é compartilhado pelos dois subcomponentes.

Como se vê, na concepção de gramática aqui proposta, o estatuto de cada componente difere daquele assumido pela gramática gerativa, de que a capacidade criativa da linguagem é investida na sintaxe, sendo os demais componentes (fonologia e semântica) meramente interpretativos. Na medida em que não havia uma caracterização independente da estrutura conceitual, a semântica só poderia ser derivada da sintaxe através das regras de projeção. Na presente concepção, eles são autônomos, uns relativamente aos outros. A introdução de um componente gerativo, caracterizando a forma conceitual, e, mais especificamente, não sendo a forma conceitual descrita como dependente da linguagem, a relação sintaxe-semântica se caracteriza mais como correspondência do que como derivação.

A correspondência entre os dois componentes sintático e semântico tem sido analisada, em grande parte, através da atribuição de papéis temáticos, tanto no âmbito da sintaxe gerativa quanto no modelo semântico aqui descrito. É evidente que o uso e a produtividade da noção de papéis temáticos variam quando tratados numa e noutra ótica.

No âmbito da semântica representacional, a atribuição de papéis temáticos é relacional, diferentemente de sua postulação no modelo da regência e

vinculação¹³, isto é, os papéis temáticos são definidos a partir de relações semânticas do componente predicativo, sem referência à sintaxe e ao estatuto categorial (N, V, A, P) dos verbos envolvidos. Considerada uma relação semântica entre um verbo e seu argumento (relação predicativa), temos que ambos se caracterizam pelo papel determinado por essa relação: ao papel do verbo dá-se o nome de diátese, ao papel do argumento chama-se papel temático. Essa perspectiva relacional caracteriza os papéis temáticos como derivados, e não como primitivos. É dentro dessa perspectiva teórica que Cançado (1995) analisa os papéis temáticos dos verbos psicológicos, conforme se verá, no capítulo 2.

A atribuição de papéis temáticos e sua relação com a proposta de autonomia do componente semântico obriga a algumas considerações adicionais sobre o modelo de semântica formal proposto por Jackendoff. A hipótese de Jackendoff (1990) baseia-se na reflexão de que a mesma gramática que pressupõe um componente sintático que se organiza por um conjunto de princípios universais deve também pressupor um

¹³ A relação entre o predicado e seus argumentos é determinada, desde a primeira versão do modelo gerativo, pelas restrições de seleção, que atribuíam aos elementos do léxico seus traços específicos, e pelas regras do componente categorial, que expandiam categorias sintagmáticas em categorias lexicais ou em outras categorias sintagmáticas. Revelando-se redundante nesse aspecto, a estrutura da gramática passa por uma modificação que consiste em expressar as subcategorizações no léxico, o que implica um esvaziamento do componente categorial. Assume-se nesse momento a necessidade de se incluir em relações semânticas nos verbetes, conforme já havia sido assinalado por Gruber e Fillmore. De acordo com Jackendoff (1972), as relações gramaticais (sujeito, objeto) são insuficientes para traduzir certas relações semânticas, que nem sempre mantêm com aquelas uma relação biunívoca. É por isso que Jackendoff propõe a inclusão de relações semânticas na gramática, mais precisamente nos verbetes lexicais dos verbos (porque é o verbo da sentença que determinaria essas relações semânticas). Denomina-as relações temáticas, de acordo com a terminologia anteriormente adotada por Stanley e Gruber. Essas noções são incorporadas à gramática na fase de 1981, 1982. Denominadas papéis theta por Chomsky, sofrem algumas modificações tais como o fato de não mais serem propriedades exclusivas dos verbos, ampliando-se como propriedades lexicais de V, N, A e P. São, além disso, usadas para designar os tipos de argumentos que se combinam com dada categoria, mas sem levar em conta o significado de cada tipo de argumento (agente, tema etc.) ou de cada ocupante de posição de argumento. No nível do léxico, o que era dito pelas restrições de seleção é traduzido agora com a noção de papel temático. Apesar de baseadas em Jackendoff, as relações temáticas, conforme postuladas no modelo da regência e vinculação, distinguem-se de sua concepção original no que diz respeito a sua atribuição.

componente conceitual organizado por um conjunto de princípios universais. O autor não denomina esse componente como semântico, já que esse último remete a modelos de línguas naturais, exclusivamente. Denominando-o como componente conceitual pode estendê-lo ao aparato cognitivo dos bebês e das espécies animais, ressaltando sua menor complexidade nesses últimos. A diferença entre os homens e os animais é que os primeiros desenvolveram a capacidade de processar estruturas fonológicas e sintáticas bem como os mapeamentos destas para a estrutura conceitual e para as estruturas periféricas auditivas e motoras. São esses mapeamentos – a linguagem - que permitem a identificação dessa estrutura conceitual (cf. Jackendoff 1990:18).

A estrutura conceitual define-se, portanto, independentemente da linguagem. Essa última se presta a torná-la visível e descritível. É nesse sentido que a mesma pode ser configurada como um componente autônomo. Jackendoff explicita tal estatuto (p.19), quando diz que o modelo que propõe elimina o ‘*syntactocentrism*’ herdado da pressuposição básica do gerativismo, de acordo com a qual a capacidade criativa é investida na sintaxe. Seu modelo de gramática descreve, portanto, três níveis igualmente criativos, que estabelecem entre si relações que se caracterizam mais como correspondência do que como derivação.

Nesse ponto, coloca-se a questão que guiará (no decorrer desta tese) a reflexão sobre a autonomia dos componentes. Se os papéis temáticos têm sua identificação determinada pelas realizações lingüísticas (isto é, sintáticas), ainda que, por seus rótulos, remetam ao plano de evento, qual é a real dimensão de sua autonomia em relação ao componente sintático? Embutida na própria descrição da estrutura conceitual, já que Jackendoff (1990:18) lhe atribui uma face lingüística, essa questão fica à espera de um melhor equacionamento. O entendimento de Fauconnier (1984, 1997, *apud*

Saeed, 1997) de que a língua equivale a uma receita para a construção do sentido vem ao encontro dessa questão. Espera-se que a observação do uso dos verbos psicológicos a que se procede nesta tese permita um aprofundamento da mesma.

1.3 Tentativa de configuração do modelo lingüístico

Em Madureira (1997) relaciono a alteração da forma dos itens lexicais às alterações de sentido. Analisando duas palavras (*velho* - como vocativo, cumprimento e *palha* - como sinônimo de atividade fácil ou sem importância), observo que os adolescentes (principalmente) de Belo Horizonte as pronunciam com vocalização da lateral palatal: “*véiu~véi*” e “*paia*”, respectivamente. Avalio que tal processo pode ser analisado como projeção do componente semântico no fonológico: no caso do item *velho*, não há propriamente inovação de sentido, mas abreviação (morfológica e fonológica) de uma forma antiga de tratamento (*meu velho*). A pronúncia vocalizada que é implementada pela geração jovem pretende distinguir semanticamente “*velho*” de “*véiu~véi*”. O mesmo se pode dizer relativamente ao item *palha*: sua pronúncia vocalizada tem um sentido específico que a distingue da forma palatalizada. Cumpre ainda que se observe que as realizações vocalizadas se realizam em estilo de fala coloquial e contexto de fala afetivo, no que diz respeito ao item *velho*. Daí decorre que tal processo pode ser analisado como projeção do componente pragmático no semântico. Como o fenômeno se identifica em itens lexicais específicos, não precisamos falar, neste momento, de mudança fonológica ou de mudança semântica. Basta referir o fenômeno como de mudança da representação fonológica do item, em seqüência a uma mudança de sua representação semântica. Essa conclusão encadeia a seguinte questão: quando se deve, então, falar de mudança no componente fonológico? Tal pergunta decorre do fato de que, como a mudança dos dois itens em foco ilustra um processo

fonológico mais amplo no português (vocalização da lateral palatal), espera-se que o processo que se identifica nos dois itens se relacione ao mesmo. Com um percurso distinto do de outras línguas românicas, esse processo de vocalização caracteriza por ora, no português, a fala de certos grupos sociais ou regionais¹⁴, nos quais atinge todo o léxico ou, pelo menos, uma parte considerável do mesmo, caracterizando-se como fenômeno fonológico, de fato. Em Madureira (1999), sugiro que diferentes momentos históricos desse processo exibem diferentes configurações que são resultantes de fatores distintos, ora fisiológicos, ora históricos e/ou culturais.

Mas, como não se identifica vocalização na fala desses adolescentes, o fato relatado (acerca dos dois itens *velho* e *palha*) não tem alcance de processo lingüístico, caracterizando-se como lexicalização, apenas. Por outro lado, a forma de encaixamento dessa lexicalização pode ser útil à compreensão de fatores relacionados a origem e implementação de processos de mudança lingüística. Ou seja, o que hoje se apresenta como mero ajuste entre forma e sentido (cf. Oliveira 1995:88) pode, implementando-se, através de outros itens, ou não, guiar a análise de alguns estágios do processo maior que a este se relaciona. A convicção de que processos lingüísticos originam-se ou implementam-se por DL, caracterizando-se, posteriormente, como mudança do sistema (regular, portanto) ou não, obriga a um questionamento da configuração do léxico numa teoria de linguagem.

Estou, portanto, tentando distinguir mudança fonológica de mudança lexical (que, no nosso caso, significa mudança da representação fonológica do item). Em outros casos, a mudança lexical significará uma mudança da representação sintática do item. Além disso, como se viu pela hipótese proposta acima, a mudança da representação

¹⁴ Ver, a esse respeito, Oliveira (1984) e Madureira (1987 e 1999).

fonológica analisa-se como decorrente de uma mudança da representação do item no componente semântico. Isso pressupõe, portanto, que a mudança lexical fonológica é precedida de uma mudança lexical semântica. Como, de acordo com a hipótese apresentada, a mudança referida se dá em contexto de fala afetivo (no caso do item *velho*, especialmente), deve-se pressupor que a mudança lexical semântica é precedida de uma mudança lexical discursiva. Tal hierarquização dos componentes lingüísticos, privilegia o léxico em dois sentidos: pressupõe-no como o centro do modelo lingüístico e o descreve como elemento que se estrutura antes e depois de cada um dos componentes pragmático, semântico e fonológico.

Os indícios de que traços semânticos se tornam visíveis através de mudanças nos itens lexicais (na sua forma fonológica, na sua distribuição sintática) mostram que a correspondência entre os componentes da gramática pressupõe a intermediação de um componente central, qual seja, o léxico. Até certo ponto, a fonologia lexical já aborda o léxico dessa maneira, conforme se verá, adiante. Conferir-lhe, todavia, o estatuto proposto, pressupõe que o léxico seja analisado como um sistema altamente estruturado nos termos de Lord e Zung (1992), como uma estrutura orgânica que lhe permite responder a demandas de falantes reais que devem interpretar um conjunto de mensagens e textos, uma estrutura na qual forma e estrutura interagem. Nessa perspectiva, o item lexical, além de ser visto como a unidade na qual fonemas e morfemas se integram, passa a ser percebido também como a unidade na qual forma e sentido se integram com base num conjunto de categorias semânticas. Uma categoria semântica pode ser definida, de acordo com os autores, como um subgrupo de convergências morfossemânticas que são semanticamente cognatas. A concepção do léxico como o da convergência morfossemântica permite caracterizá-lo, como o ponto de equilíbrio entre preservação e mudança no curso da língua.

Portanto, neste trabalho, o léxico é abordado como componente dinâmico, na medida em que interage com os demais componentes. Isso não implica que ele seja sempre considerado como elemento dinâmico. Sendo dialéticos os movimentos expressados pela língua, pressupõe-se que a interação dos componentes é acompanhada (e propiciada) por uma sucessão de movimentos alternados do dinâmico para o estático, do passivo para o ativo, movimentos esses observáveis em todos os componentes. Isto é, nos casos como o que se relatou acima, o componente dinâmico é o léxico, através dos dois itens *velho* e *palha*. Continuará a sê-lo enquanto o fenômeno se ativer aos dois itens, ou ainda que se configure em outros, motivado por atuação dos componentes semântico ou pragmático. Se, porventura, se estender a todos os itens relevantes, e passar a se atualizar independentemente da atuação de qualquer fator semântico-pragmático, o léxico terá passado gradativamente de uma atuação ativa para uma atuação passiva, delegando ao componente fonológico a atuação posterior. Ilustre-se a atuação do componente fonológico numa situação de empréstimo: entrando para a língua uma palavra portadora da lateral palatal, a mesma poderá ser mantida como tal ou submetida ao processo de vocalização. Nessa última hipótese, observa-se a atuação do componente fonológico que, assimilando o movimento do léxico, terá codificado: $[\lambda] \rightarrow [y]$. Nesse momento, observa-se a atuação de uma regra, dentro do espírito neogramático (de um componente fonológico dinâmico) sobre um item (componente lexical estático).

Portanto, mudança lingüística é entendida aqui como um processo que tem seu desencadeamento na criação de um novo item lexical. Tal não implica que o inverso seja verdadeiro, isto é, a criação de um novo item lexical não implica por si só o desencadeamento de um processo de mudança. Esse último se caracteriza como tal

quando um conjunto significativo de itens (novos) são relacionáveis a outros itens (antigos) através da mudança de um traço (fonológico, sintático etc.) que é comum a eles.

No modelo que se pretende configurar, o léxico é o componente central do modelo lingüístico. Ao redor do mesmo gravitam os demais componentes. A relação entre o componente lexical e os demais se dá em duas direções, conforme se queira referir a mudança lexical ou a mudança lingüística, isto é, mudança em algum dos sistemas. As Figuras 1.1 e 1.2, abaixo, representam o léxico e suas formas de interação com os demais componentes - discursivo, semântico, sintático, morfológico e fonológico (numerados de 1 a 5), caracterizando-se sua atuação como ativa nos processos de mudança lexical (Figura 1.1), e como passiva nos processos de mudança lingüística, isto é, mudança em algum dos sistemas.(Figura 1.2).

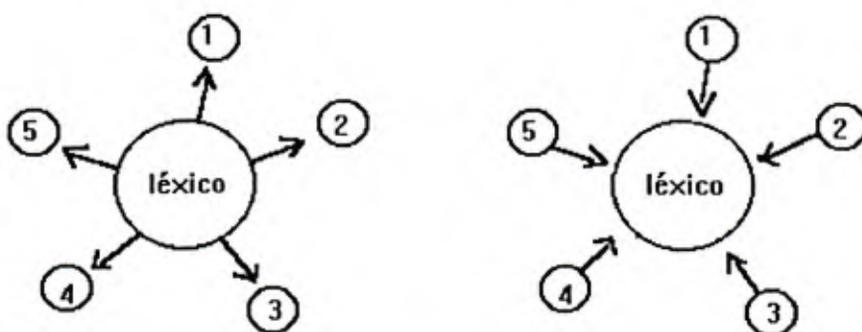


Figura 1.1 - Léxico dinâmico

Figura 1.2 - Léxico estático

O componente discursivo foi apontado na introdução como o componente no qual atuam os fatores desencadeadores de uma mudança lexical. Tal pressuposição coloca esse componente no topo do modelo lingüístico. Como, entretanto, um outro componente - o léxico - é apontado como **centro** do modelo, uma representação geométrica esférica será mais adequada do que uma representação linear. Essa concepção do léxico pressupõe, ainda, que os itens lexicais são unidades complexas constituídas de traços (fonológicos, morfológicos, etc.), que nos foram legados pelos indivíduos que nos acompanham nos primeiros anos de vida. Isto é, unidades de cujo conjunto se podem extrair as informações fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e discursivas que se encontram sistematizadas em componentes individualizados que gravitam ao redor do componente lexical, espelhando, cada qual, o conjunto de seus traços constituintes. Daí decorre que o componente lexical deve ser concebido como uma estrutura que se organiza em camadas que correspondem a cada um dos demais componentes. A hipótese relativa aos itens *velho* e *palha* pressupõe que qualquer presença individual que o falante queira atribuir ao seu discurso será feita através de uma marca qualquer no item lexical. Essa marca se faz em algum dos traços que constituem o item lexical. Esse movimento que atinge o item lexical (em um de seus traços) pode “ecoar” em outro dos traços (morfológico, sintático), ou não, atingindo apenas os traços supra-segmentais. Atingindo outro traço, dá ensejo a um processo lexical que não se reflete no componente lexical: o item muda fonológica ou sintaticamente, apenas. As camadas de que se compõe o componente lexical permanecem inalteradas. O “eco” que se dá entre os traços do item pode se refletir no componente lexical, de uma camada para a outra. Para tanto, é preciso que um número expressivo de itens desenvolva o mesmo processo. Por “número expressivo” quero significar uma quantidade relativa, variável, portanto, conforme indivíduos e

comunidades lingüísticas em análise. Nesse ponto, torna-se evidente que tal modelo de léxico só pode ser concebido em situações reais de desempenho lingüístico.

O esboço de concepção de léxico que estou propondo pode tornar mais concretas as entidades mentais pertinentes à linguagem, já que toma como centro mediador uma entidade também concreta – o léxico. A seu turno, e decorrente dessa, a intuitiva noção de “eco” pode ilustrar, no âmbito dos estudos da cognição, as interrelações entre as entidades mentais relevantes, dando concretude a noções como a de mapeamento de estruturas em outras, como quer, por exemplo, Jackendoff (1990:18) ao tratar da face lingüística da estrutura conceitual.

Cumprе ressaltar, ainda, que o componente discursivo foi apontado como elemento acionador de uma mudança lexical quando se tomou por base um fenômeno de mudança lexical fonológica. Isso não quer dizer que todo processo tenha no componente semântico ou pragmático seu instrumento desencadeador. Quero crer que o componente fonológico (dos itens lexicais ou da gramática que agrupa os traços dos itens e os articula) e seus traços são mais sensíveis a fatores discursivos pela sua própria concretude – a sonoridade. Essa matéria, que preexiste à linguagem humana articulada, que desencadeia respostas distintivas desde a fase do balbucio (Jackendoff, 1993:102), se relaciona diretamente à comunicação, à busca de interação. Nada mais natural que, como tal, a sonoridade de traços fonológicos seja sensível (e sensibilizante) ao plano da enunciação, amoldando-se (e servindo) aos mais diversos objetivos discursivos.¹⁵ Já no que concerne à sintaxe, objeto que nos ocupará daqui por diante, é possível que nem sempre se possam elicitar fatores semânticos ou pragmáticos como molas acionadoras

¹⁵ Esses aspectos têm sua exploração restrita aos domínios da retórica, da estética e da estilística. É possível que os mesmos se possam estender produtivamente à concepção de língua como estrutura, desde que se amplie o conceito modular de estrutura lingüística.

dos processos relacionados a esse componente e a esses traços. Ressalvados os aspectos relativos a presença/ausência de constituintes ou a posição estrutural (isoladamente explorados pela análise do discurso ou em teorias como a da iconicidade, respectivamente), os demais traços sintáticos configuram-se como construções abstratas relacionadas a um sentido. Sua interação com o plano discursivo, quando existe enquanto marca, parece sempre intermediada por outros componentes como o fonológico ou o morfológico.

Semelhante concepção de léxico se encontra em Franchi (1976, 1991), para quem a língua se compõe de três sistemas, (semântico, sintático e discursivo) que são articulados pelo léxico (cf. Castilho, 1994:1). Também Nascimento e Dillinger (1993) *apud* Oliveira (1985) propõem que as categorias tais como N, V, A e P sejam construídas nas expressões lingüísticas, não sendo, portanto categorias primitivas.

A concepção de estruturação do léxico, à qual se dedicou esta seção, deve dialogar com alguns modelos de análise do léxico que têm sido analisados e refinados nas três últimas décadas.

1.4 Análise e descrição de alguns modelos de léxico

Fromkin (1971, 1973, 1980), *apud* Katamba (1994:240), propõe um modelo de como os falantes executam a tarefa de achar e usar palavras quando produzem a fala. Usando evidências extraídas de análises de desvios de fala, o autor propõe cinco estágios na produção da linguagem que ocorrem na seguinte ordem: a) seleção do sentido, b) seleção da estrutura sintática (*outline*), c) seleção das palavras de conteúdo; d) seleção de afixos e palavras funcionais; e) especificação dos segmentos fonéticos. Observe-se que a seleção de sentido ocupa o primeiro lugar, e a fonético-fonológica, o último, estando as duas intermediadas pelo léxico. Tal **Programa Articulatorio**, como

é chamado esse conjunto de cinco estágios, relaciona-se à descrição de acesso ao léxico descrito por Katamba com base em Fromkin (supracitado) e Butterworth (1983, 1989), como sendo processado em dois estágios temporais distintos: o primeiro, chamado **léxico semântico** onde os sentidos são armazenados e o segundo, o **léxico fonológico**, consultado para a pronúncia das palavras acessadas.

A descrição de acesso ao léxico nos obriga a reconsiderar a proposta do programa articulatório: se é verdade que acessamos primeiramente um léxico semântico e, posteriormente, um léxico fonológico, o componente lexical, no que diz respeito a palavras de conteúdo, não pode ser apontado num ponto da hierarquia, apenas. Isto é, quando o programa articulatório prevê a seleção das palavras de conteúdo, no terceiro estágio, a que léxico está ele fazendo alusão? ao semântico, ao fonológico? Parece-me, que, do ponto de vista do léxico, a ordenação não pode ser linear, nem tampouco pode o léxico ser analisado como um componente igual aos demais. A hipótese apresentada no início deste texto tem em comum com o programa articulatório a proeminência do componente semântico, e com a descrição de acesso ao léxico, tem em comum a ligação do léxico com dois componentes. Distancia-se todavia das propostas, quando pressupõe um léxico recorrente.

Na hipótese apresentada neste texto, o léxico é, além de recorrente, um componente funcional, no sentido de que articula os demais componentes, uns em relação aos outros. Essa característica lhe confere um *status* especial em relação aos demais. Tal caracterização não é novidade. Ainda que suas hipóteses sejam diferentes daquelas que se propõem neste trabalho (e até opostas às mesmas) o modelo gerativo foi gradativamente conferindo ao léxico características cuja incorporação a esse componente simplificou a descrição dos demais, principalmente, o sintático: já em

1970, a hipótese lexicalista caracteriza o léxico como o componente no qual a impossibilidade de certas nominalizações é assinalada. Apesar de expressar redundância relativamente ao componente categorial, o léxico apreenderia a relação entre nome e verbo, no caso dos nominais gerundivos, e entre nome e adjetivo, no caso dos nominais derivados, cada um dos nominais tendo, num primeiro momento, uma única entrada no léxico, denominada entrada neutra (cf. Lobato, 1986:277-282). Jackendoff (1975) defenderá a teoria da Entrada Lexical Plena em reação às entradas neutras de Chomsky, sugerindo que a relação entre nomes e verbos e nomes e adjetivos se faça através de uma regra de transformação que relacione os dois, que poderão, dessa forma, constar em separado enquanto entradas lexicais (Villalva, 1986:33). A tentativa de resolução pelo léxico de processos morfossintáticos continuará se expandindo no interior do modelo gerativo de orientação chomskyana. No modelo padrão, o léxico era um conjunto de verbetes lexicais, que continha seus traços contextuais específicos (traços de subcategorização estrita e traços seletivos), entre outras informações. Tornou-se evidente que havia redundância, nesse modelo, entre o léxico e as regras sintagmáticas: as informações sobre subcategorizações estritas eram traduzidas por ambos. Diante da constatação da redundância entre o léxico e o componente categorial para expressão das subcategorizações estritas, nada mais restava senão modificar a teoria nesse aspecto. Concluiu-se que as subcategorizações deveriam ser expressas no léxico, a fim de se especificar, por exemplo, que *querer* pode ser seguido de SN ou de S, mas que *matar* só pode ser seguido de SN. (Lobato, 1986:409).

Ainda entre os gerativistas, as análises de fenômenos fonológicos nos quais interferiam fenômenos morfológicos levaram à consideração do léxico como componente determinante da articulação daqueles. Trata-se da fonologia lexical, que toma o léxico como componente central da gramática. O mesmo contém não apenas

propriedades idiossincráticas de morfemas e palavras, como também regras fonológicas e de formação de palavras. É assumido que regras de formação de palavras da morfologia equiparam-se a regras fonológicas agrupadas em vários níveis. O *output* de cada regra morfológica é ciclicizado através da fonologia, de modo que as regras fonológicas possam se aplicar ao mesmo. Dessa maneira, a fonologia lexical pretende que tanto os processos derivacionais quanto os flexionais realizam-se de acordo com o modelo, através de uma série de níveis interligados. As regras da morfologia e da fonologia que se aplicam ao léxico são, portanto, essencialmente cíclicas, porque elas são previstas para se aplicar primeiramente à raiz; em seguida, aos afixos mais próximos da raiz; para finalmente se aplicar aos mais externos. Com base nessa segmentação das palavras se estabelece que, no primeiro nível, estão os itens não-derivados. As palavras aparecem no léxico com as mesmas propriedades fonológicas, gramaticais e semânticas com as quais se realizam na superfície. As regras do nível 2, contrariamente às do nível 1 (que são idiossincráticas) caracterizam-se por ter poucas exceções e apresentar efeitos fonológicos e propriedades semânticas mais previsíveis. Observa-se, nessa organização, o princípio de ciclicidade estrita, o que significa, por exemplo, que o *output* de uma regra morfológica do nível 1 não pode submeter-se à aplicação de uma regra fonológica do nível 2. Depois que todas as regras desses dois níveis foram aplicadas (regras lexicais), e as palavras inseridas em representações sintáticas, podem-se observar novas modificações fonológicas. Essas serão resultantes da aplicação de regras pós-cíclicas. Essas não são intrinsecamente cíclicas, podendo afetar formas derivadas em um estágio anterior. Outra diferença importante entre os dois tipos de regras é que enquanto as lexicais preservam a estrutura canônica do morfema de uma língua (cf. Structure Preservation (SP), como, por exemplo, em Harris, 1989), as pós-lexicais não precisam sempre fazer isso.

É interessante observar que o tipo de segmentação da palavra proposto pela fonologia lexical para a postulação dos níveis e ciclos das regras comunga com a proposta do programa articulatório o seguinte aspecto: o armazenamento de palavras e prefixos na mente é feito em separado: palavras complexas não são armazenadas como tais. É essa hipótese que Katamba (1994) adota com base em Taft (1979, 1981), rejeitando um modelo alternativo como o de Butterworth (1983). Esse último modelo propõe a Full Listing Hypothesis (FLH), de acordo com a qual palavras familiares submetem-se a um tipo de armazenamento diferente das não-familiares: as primeiras são listadas com os afixos que as compõem, as segundas, com desmontagem das palavras.¹⁶ Uma versão mais fraca da FLH defende que todas as palavras têm uma entrada separada no dicionário, mas que as entradas de palavras complexas relacionadas são ligadas como satélites, formando uma constelação cujo núcleo é uma palavra ou raiz sem afixo algum. Apesar de largamente aceita entre psicolinguistas, essa hipótese é, segundo Katamba, rejeitada por linguistas com base no seguinte argumento: essa forma de armazenamento pressupõe um número de entradas lexicais individuais superior à capacidade de armazenamento do cérebro que, de acordo com Sagan (1985), é de 125 bilhões de entradas. Katamba aponta que a melhor evidência da inadequação da hipótese está no funcionamento das línguas aglutinantes. Hankamer (1989) demonstra que a FLH pressupõe que um falante escolarizado do turco deveria armazenar 200 bilhões de entradas lexicais, o que é impossível, ainda que a função do cérebro fosse unicamente a de armazenar palavras.

Apesar de chocar-se a certas evidências científicas como a que foi aqui

¹⁶ Parece-me que uma ilustração dessa hipótese pode ser proposta levando em conta o fator velocidade da fala que teria a característica de maior aceleração em situações cotidianas, o que pressupõe um processo direto de acesso ao léxico, isto é, sem desmontagem das palavras.

assinalada, a concepção do léxico na FLH incorpora uma noção pragmática - a de familiaridade dos itens, que eu gostaria de destacar aqui, já que a mesma relaciona o léxico e o componente pragmático, conforme se propôs em 1.3. É possível que esse aspecto da FLH seja conciliável com a concepção de léxico que se propôs em 1.3, porque nessa, o léxico é recorrente e, como tal, além de se pressupor que as entradas lexicais ocupam vários níveis (já que o léxico se materializa antes e depois de cada componente), propõe-se, como se viu, que certas entradas lexicais podem, exatamente pelo fato de pertencerem a vários níveis, ser armazenadas sob uma forma (composta, por exemplo), em um nível do léxico mental e, posteriormente, isto é, em outro momento da vida do falante, ser armazenadas em outro nível sob outra forma (raiz de um lado, afixos de outro, por exemplo). O processo inverso pode acontecer: armazenamento da forma isolada de seus afixos e posterior armazenamento da forma composta global. Concebido com a característica de mobilidade de um para o outro dos demais componentes, o armazenamento do léxico poderia incorporar o fator familiaridade e armazenamento de formas compostas da FLH, sem prejuízo das evidências de capacidade de armazenamento do cérebro, já que as entradas lexicais podem não ser todas estáveis na mente do falante.¹⁷

Relativamente aos modelos aqui mencionados, sublinho, por ora, o aspecto mencionado no parágrafo precedente: a observação feita nesse parágrafo evidencia que a concepção do léxico no modelo que proponho exibe também o pressuposto básico da fonologia lexical, no que diz respeito a: a) tomar o léxico como componente central da gramática, b) tomar o léxico como o *output* de cada componente acessado. A hipótese

¹⁷ A análise que proponho para a variação do item *palha* (Madureira, 1997:17-18) ilustra essa forma variável de armazenagem.

que analiso diverge, todavia, do modelo da fonologia lexical quando trata a distribuição do léxico em ciclos estabelecidos através de regras, o que implica processo, seja ele morfológico ou fonológico. De acordo com a hipótese que proponho, a mudança por que passa o item lexical não decorre de um processo. O mesmo poderá se dar, como vimos, *a posteriori*. Não há, portanto, num primeiro momento, mudança fonológica ou semântica; o que há é mudança da representação semântica seguida de mudança da representação fonológica de entradas lexicais. Nenhum processo dos componentes acessados se verifica nesse momento. Os mesmos são acessados enquanto componentes estáticos (conjunto de elementos individualmente considerados). Ou seja, o movimento de um componente (dinâmico) reflete-se no outro (estático). Nesses últimos, não há processo nesse momento, não há regras, portanto. Posteriormente eles podem ser acessados enquanto componentes dinâmicos. Verifica-se aí um processo, que torna visível a aplicação de regras que, quando categóricas, são cegas relativamente ao componente lexical.

Há ainda um outro aspecto do modelo da fonologia lexical que deve ser mencionado. O modelo incorpora o princípio da SP, princípio que deve ser observado quando da aplicação das regras lexicais. Esse princípio diz que as regras lexicais não podem marcar traços que não sejam distintivos nem criar estruturas que não se conformem à estrutura básica da língua. Assim, seqüências de consoantes proibidas podem ser introduzidas pelas regras pós-lexicais, mas não, pelas lexicais. Harris (1989) demonstra que esse princípio questiona algumas análises propostas no modelo da fonologia lexical, inclusive aquela que ele propõe para o tensionamento do *short a*.¹⁸

A solução proposta por Harris evidencia que as regras lexicais e pós-lexicais se

¹⁸ Dada sua extensão, esta nota está entre as notas adicionais no Anexo A5.

aplicam em qualquer ordem. Esse ponto já coloca em questão o léxico como o centro do modelo. Se a alteração da ordem só diz respeito ao processo em análise, então a solução encontrada é *ad hoc*. Por outro lado, do ponto de vista de sua concepção, o modelo da fonologia lexical pode muito bem encampar a explicação de Harris, já que descreve a interação entre os diversos componentes na base de regras, e não há porque não se admitir inversão das mesmas se tal procedimento explica fatos lingüísticos. O problema que se coloca é que tanto a explicação que se relaciona à atuação de dois padrões, como aquela que propõe a inversão da ordem de aplicação das regras nos deixa em dificuldade quanto à explicação do processo do ponto de vista do falante. Ou seja, o modelo é de base neogramática, o que implica que a origem dos processos está nos componentes da gramática. Daí decorre que a atuação do léxico é prevista para uma segunda instância. Como é que isso funciona do ponto de vista do falante? Essa pergunta só é pertinente quando a língua é tomada numa perspectiva distinta daquela que dá origem ao modelo neogramático. O que se está propondo nesta reflexão é que a interação entre fala e componentes da gramática pressupõe um estágio consciente, do ponto de vista do falante, e que apenas os itens lexicais tomados em sua materialidade podem instanciar essa consciência.

Conclusão

Este capítulo pretendeu propiciar uma reflexão sobre as teorias de análise lingüística que se relacionam de forma direta às hipóteses desta tese ou aos trabalhos como os quais se dialoga. Destaca-se, na exposição feita, o modelo da DL cujos pressupostos serviram para intermediar a reflexão acerca de outros modelos. Procedeu-se primeiramente à exposição das linhas gerais da história desse modelo, a partir da qual se puderam depreender alguns fatores inerentes ao mesmo, bem como as polêmicas que

decorrem de seus pressupostos. Postulando o léxico como motor da mudança lingüística, o modelo da DL desencadeia, naturalmente, questões relativas à configuração do léxico. Nesse sentido, procurei explicitar a descrição de um componente lexical, de acordo com características que, de forma intuitiva, atribuo ao léxico. Tal proposta ensejou um diálogo com outros modelos que tratam da configuração desse componente. Uma das seções do capítulo é dedicada a uma breve exposição do modelo da Semântica Representacional. A consideração desse modelo relaciona-se a questões básicas que guiaram a análise. Isto é, a observação dos dados foi guiada, em parte, pela busca de indício de atuação de fatores semânticos e sintáticos em qualquer processo de variação lingüística identificado, o que permitiria enriquecer um pouco mais a reflexão acerca da autonomia dos componentes da gramática. Outra razão que obriga à consideração desse modelo de semântica formal é o diálogo que se estabelecerá com trabalhos que se pautam por esse modelo.

Tendo exposto o referencial teórico que guiou minha observação do comportamento sintático dos verbos psicológicos, passo a uma reflexão sobre os mesmos, no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

UMA REVISÃO DAS PROPOSTAS DE ANÁLISE DOS VERBOS PSICOLÓGICOS

Introdução

Os verbos psicológicos são definidos, na literatura, como aqueles que denotam um estado emocional e têm obrigatoriamente um argumento experienciador. Têm sido tomados como objeto de estudo por pesquisadores diversos, dado o interesse que algumas de suas propriedades despertam. Essas propriedades relacionam-se principalmente à estrutura argumental dos mesmos.

No que concerne à estrutura argumental, observa-se que os verbos psicológicos apresentam o argumento que recebe o papel temático de experienciador, tanto na posição de sujeito quanto na de objeto. Considerados os exemplos abaixo (Cançado, 1995), observamos que o argumento que recebe o papel temático de experienciador é o sujeito sintático em (1) e o objeto sintático, em (2).

(1) *Mário* teme fantasmas.

(2) Fantasmas assustam *Mário*.

Vários trabalhos dedicam-se de forma direta ou indireta aos verbos psicológicos. O fato de um largo grupo dos mesmos exibir a propriedade de ergativização e de causativização os insere nos trabalhos que se dedicam ao estudo dessas propriedades. Dentre esses últimos, no que concerne ao português, podem citar-se o de Whitaker-Franchi (1989) e o de Bittencourt (1995) cujas análises os consideram, dentre outros verbos, na descrição da correlação entre ergativas e causativas, e na descrição da expressão da causatividade, respectivamente. Uma outra razão para se dialogar com essas análises é a orientação teórica das mesmas. Ambas buscam, de diferentes maneiras, como veremos adiante, conciliar propostas que se orientam pela hipótese de engendramento semântico das estruturas às propostas de engendramento sintático das estruturas conforme o modelo gerativo.

Um terceiro trabalho (Cançado, 1995) trata exclusivamente dos verbos psicológicos do português: refina a análise dos papéis temáticos e propõe duas classes adicionais às que a literatura considera em geral, com base na análise das propriedades sintáticas e semânticas.

2.1 Resenha

Resenham-se nesta seção dois trabalhos: o de Whitaker-Franchi e o de Cançado. Serão apreciadas as propostas de Bittencourt nos pontos relacionados à variação e evolução das estruturas.

2.1.1 A análise de Whitaker-Franchi (1989)

Buscando distinguir as construções ergativas das causativas, Whitaker-Franchi (1989) as analisa a partir da rede temática associada aos verbos e, feito isso, relaciona essa análise às hipóteses teóricas do modelo gerativo: rejeita a proposta de Burzio (1981) de que as orações intransitivas se distingam das ergativas pelo fato de que aquelas têm o seu argumento externo engendrado na posição de sujeito, sendo eventualmente movido, para uma posição pós-verbal, enquanto as ergativas têm seu argumento externo engendrado na posição de Objeto Direto, sendo movido para a posição de sujeito. A autora julga que tal proposta não se pode manter, já que, segundo Rothstein (1983), línguas como o Russo, ou o Latim exibem verbos que não atribuem função temática ao sujeito, mantendo todavia a atribuição de caso ao objeto estrutural profundo. Uma explicação sintática não é portanto suficiente, de acordo com a autora, para distinguir as ergativas das causativas. Sugere então que tal distinção se faça no plano da representação semântica, como base em Jackendoff (1972, 1976, 1983, 1987) e Franchi (1975, 1987). Propõe, desde o início, que as construções ergativas nem sempre dependem exclusivamente do verbo da oração, mas da presença/ausência de

determinados tipos de objeto ou adjuntos adverbiais que parecem interferir nas condições de gramaticalidade e aceitabilidade dessas construções (ergativas).

A correlação entre construções causativas e ergativas é vista como uma correlação entre AFET [x] e CAUSE [AFET [x]]. De acordo com a autora *AFET [x] é uma 'abreviatura' de uma expressão metalingüística bem mais complexa que envolve o meta-predicado AFET, que toma como argumentos expressões de estado. AFET representa justamente a mudança de estado* (p.101). AFET <X> representa a relação nuclear e CAUSE <X>, a relação periférica. A correlação expressada acima (AFET [x] e CAUSE [AFET [x]]) exemplifica-se em frases como (3 a e b):

(3) a) O vento abriu a porta.

b) A porta abriu.

A autora observa que são excluídas dessa correlação todas as construções transitivas que instanciem relações semânticas em que, na posição de objeto direto (ou seja, na relação nuclear), esteja uma função diferente de paciente, por exemplo, um objetivo, um resultativo, um valor ou mesmo um locativo.

Por exemplo, uma frase como (4) está excluída dessa correlação porque contém um objetivo (OBJ) conforme (5), o que faz com que a construção ergativa (6) seja agramatical.

(4) Os repórteres noticiaram ontem a morte do presidente.

(5) [ACT (OBJ <x>)] <y> <z>.

(6) * Ontem, a morte do presidente noticiou.

Um grupo de verbos psicológicos se enquadra entre construções transitivas do tipo (4). Esse grupo de verbos psicológicos é aquele em que o objeto direto é claramente

não afetado, determinado por uma relação OBJ como em (7). Esses verbos se constróem com promoção do experienciador à posição de sujeito, como em (8):

(7) [EXP (OBJ <x>)] <y> <z>.

(8) Os sindicalistas odiaram o novo plano.

Nesses verbos, as construções intransitivo-ergativas como em (9) são agramaticais.

(9) O novo plano odiou.

A autora denomina esse grupo como verbos experienciais em sentido estrito. Listam-se nesse grupo: *abominar, aborrecer, agüentar, amar, amargar (uma derrota), apreciar, arrepende, chorar (a morte), gozar, idolatrar, invejar, lamentar, lastimar, odiar, ousar, padecer, prezar, querer, sofrer*. Whitaker-Franchi observa ainda que *aborrecer*, por exemplo, integra a lista tomado em seu sentido arcaico. Não faz maiores considerações a respeito. Voltarei a esse verbo, adiante. Explica que a prova de que a agramaticalidade de (9) depende da rede temática está no fato de que alguns desses verbos podem evidenciar diferentes diáteses e, portanto, diferentes sentidos e, nesse caso, admitir a correlação com uma estrutura ergativa. Comparem-se duas realizações distintas do verbo *amargar*. Em (10) o mesmo é representado por uma estrutura experiencial, não admitindo correlação ergativa.

10) a) O aluno amargou uma segunda reprovação no vestibular.

b) * Uma segunda reprovação no vestibular amargou.

Já em (11a) onde a diátese do verbo expressa uma mudança de qualidade (AFET [QUAL]) a correlação ergativa é possível (11b).

(11) a) O açúcar mascavo amargou o meu café.

b) O café amargou (com esse açúcar mascavo).

Cumpra observar que ao realizar essa diátese, o verbo deixa de ser psicológico. Voltarei adiante a essa observação.

Além disso, deve-se ressaltar que, apesar de não nomeados como psicológicos, quase todos os verbos que a autora relaciona integram a lista da Classe 1 que Cançado (1995) apresenta, conforme se verá adiante. Fazem exceção à lista de Cançado (já que a mesma não analisa esse tipo de verbo) aqueles nos quais o objetivo recebe seu caso via preposição, como em (12):

(12) Eu simpatizo com as idéias de Chomsky.

Um outro verbo que faz exceção à lista de Cançado é o verbo *aborrecer* que integra a lista dos verbos da classe 2 (ver adiante), de acordo com seu sentido contemporâneo, expressando, nesse caso, uma diátese diferente que admite a correlação em pauta.

Entre os verbos transitivos (em que entra a relação AFET) que admitem a correlação entre estruturas ergativas e causativas, Whitaker-Franchi distingue vários grupos, tanto do ponto de vista das estruturas sintáticas como das funções temáticas dos verbos. Incorporam a lista verbos como *amaciar*, *bronzear* ou outros do tipo de *adoecer*, *convalescer* (p.150). Isto é, os verbos apresentam a desinência de 1ª conjugação ou o sufixo incoativo e(s)cer. Em ambos os grupos desses verbos que admitem a correlação como em (13 a e b) estão alguns verbos que podem ser tomados tanto no sentido de afetação física quanto psicológica. Avalio que o sentido de afetação física seja primitivo, representando o psicológico uma extensão do primeiro. Citem-se: *abrandar*, *adoidar*, *afoguesar*, *afrouxar*, *aliviar*, *amalucar*, *amansar*, *agüentar*,

atordoar, debilitar, embasbacar, endoidar, esfriar, moderar, murchar, paralisar, serenar, sossegar, suavizar, endoidecer, enlouquecer, entristecer, envaidecer, esmorecer.

(13) a) O bolo amaciou com esse fermento.

b) Esse fermento amaciou o bolo.

Whitaker-Franchi distingue ainda um subgrupo de verbos que expressam a mesma mudança, lexicalizando, porém, o resultado.¹

Dentre os verbos constantes da lista que a autora apresenta (p.151), apenas *gelar* pode ser tomado em sentido psicológico, mas não apresenta tal correlação quando exhibe o sentido em pauta. Distingue ainda um outro grupo de verbos que indicam mudança de forma, incorporando o modelo como, em (14):

(14) a) Toma cuidado que a estrada vai afunilando perto do túnel.

b) Lá tem um desvio que afunilou a estrada.

Apesar de nenhum dos verbos listados nesse grupo poder ser tomado em sentido psicológico, os mesmos interessam à presente reflexão pela propriedade que exibem: Whitaker-Franchi denomina o processo que caracteriza essa correlação como causativização, justificando a própria ordem na qual apresenta os exemplos em que a forma ergativa precede a causativa.

Acrescenta, ainda, que esse processo, rotulado como causativização (rótulo ao qual voltaremos abaixo), não depende do tipo de derivação lexical em jogo (formação de verbos a partir de adjetivos ou derivação com o sentido incoativo “e(s)cer”) mas da

¹ Não são representados os exemplos da autora, pois os mesmos não ilustram lexicalização, como se pode ver, pelos exemplos que fornece: O Andrezinho, nesta semana, encorpou bastante./ A comida da vovó está encorpando o Andrezinho.

estrutura temática em jogo. Cita, como exemplo, o verbo *inocentar* que, apesar de derivado de adjetivo, não admite a correlação ergativo causativo.

Essa ressalva é importante porque a literatura registra alguns questionamentos relativos à relação entre a morfologia dos verbos e as propriedades sintáticas que exibem. Segundo Arrais (1985), *apud* Bittencourt (1995:186), os lexemas de origem adjetiva denotariam mudança (de estado, condição, situação, etc.), caracterizando-se, pois, como ergativos. Já os derivados do substantivo apresentariam uma acepção causativa intrínseca.

De acordo com Figueira² (1985), *apud* Bittencourt (1995), a simples aposição (prefixal, sufixal ou parassintética) de determinados morfemas a radicais verbais ou nominais não implica uma instauração automática da idéia de causativização. Exemplificando com o adjetivo *podre*, temos que com a adjunção parassintética do prefixo A- e do sufixo -EC(ER) tem-se o verbo *apodrecer* que seleciona, num primeiro momento, argumento interno afetado (ex.: “*A laranja apodreceu*”). Esse verbo pode ter a posição do sujeito preenchida por um Causador (agentivo, ou não) permanecendo o seu argumento interno (*laranja*) na posição de objeto direto (“*A umidade apodreceu a laranja*”). Essa é a posição assumida por Whitaker-Franchi, contrária à de outros autores como Burzio (1981, 1986), de acordo com os quais toda operação derivacional cria um verbo de ação causativa, que pode sofrer decausativação (ou detematização) por perda do elemento causador.

Os verbos psicológicos são considerados enquanto tais por Whitaker-Franchi (p.163) na categoria dos causativos experienciais, que se contrapõem aos estritamente

² A observação de Figueira tem respaldo na forma latina *putrescere* (Cunha, 1986) de *putreo*, com acepção inacusativa.

experienciais, como vimos acima, em que o experienciador se promove à posição de sujeito.

A autora apresenta-os como *uma grande classe de verbos que expressam uma alteração no estado psicológico, atribuindo uma função de experienciador ao objeto direto*. Sua representação semântica é:

CAUSA [(AFET <x>) <y>] <z>

[EXP]

Os verbos listados pela autora (p.163) correspondem à Classe de *preocupare* e *piacere* em Belletti e Rizzi (1988), *apud* Cançado (1995), que apresentam uma configuração inacusativa de duplo objeto com a posição de sujeito não-temática. Para esses autores, aqueles que Whitaker-Franchi lista como experienciais em sentido estrito pertencem à classe de *temere* com uma configuração transitiva simples.

A autora descreve os verbos psicológicos causativos experienciais como aqueles que admitem uma estrutura com sentido ergativo, embora predominem as construções com o pseudo-reflexivo “*se*” em um processo de decausativização, como se pode ver em (15b) e (16b):

(15) a) O cachorro assustou o Andrezinho com seu latido.

b) O Andrezinho se assustou com o latido do cachorro.

(16) a) O médico consolou a família com sua dedicação.

b) A família se consolou com a dedicação do médico.

Whitaker-Franchi observa que essa preferência pela forma pseudo-reflexiva deve estar ligada ao traço categorial animado que é selecionado pela relação EXP e pela relação ACT. A forma ergativa sem qualquer indicação de uma alteração da diátese

acaba por introduzir uma ambigüidade na interpretação, o que não ocorre no processo sintático de decausativização, em que essa alteração fica explícita. Observa ainda que a possibilidade ergativa é variável, tanto regional quanto lexicalmente.

Bittencourt (1995), ao traçar o perfil da expressão da causatividade no português do Brasil, também considera alguns dos verbos arrolados nesse último grupo de Whitaker-Franchi, atribuindo-lhes o estatuto de verbos em processo de causativização. Numa avaliação oposta, Cançado, como se verá adiante, considera, com base em dados intuitivos, que esse grupo de verbos está em processo de ergativização, pelo menos no que concerne à fala mineira. Nesse aspecto, correspondem-se as avaliações intuitivas de Cançado e de Whitaker-Franchi. (cf. 2.2.1.2). Passo agora a uma descrição das propostas de Cançado (1995).

2.1.2 A análise de Cançado (1995)

Considerando que os verbos psicológicos são normalmente divididos, na literatura, em duas classes, uma, representada pelo verbo *temer* (encontrada na literatura como *fear* ou *temere*), que realiza seu experienciador na posição de sujeito, a segunda representada pelo verbo *preocupar* (*preoccupare* ou *frighten*, na literatura), que realiza seu experienciador na posição de objeto, a autora propõe uma subdivisão desse segundo grupo em duas classes adicionais.

Tal proposta tem embasamento, em primeiro lugar, na análise das seguintes propriedades dos verbos: ergatividade, causatividade, inversão dos dois últimos argumentos, passiva adjetiva, passiva sintática, clítico reflexivo, pro arbitrário, causativa encabeçada. Tal análise lhe permite detectar comportamentos sintáticos idiossincráticos em subgrupos de verbos dentro da classe de *preocupar*. A partir de tal constatação, Cançado propõe quatro classes de verbos psicológicos, respectivamente representadas

pelos verbos: 1- *temer*; 2- *preocupar*; 3- *acalmar*; 4- *animar*.

Posteriormente, analisa os papéis temáticos de cada verbo, distinguindo um papel temático do outro a partir de um grupo de acarretamentos (conforme Dowty, 1991) que os caracteriza.³ Através dessa análise, Cançado confirma as quatro classes apontadas pela estruturação sintática dos mesmos. Os grupos de acarretamentos concernentes aos psico-verbos são apresentados como se segue:

- a. – Ter algum papel no desencadeamento do processo;
 - fazê-lo intencionalmente;⁴
 - ser animado;
- b. – ter um papel no desencadeamento do processo ou na manutenção de um estado;
- c. – ser afetado pelo processo;
 - sofrer uma mudança de estado em virtude de um processo;
- d. – estar em um estado psicológico;
- e. – ter o controle de sua própria experiência psicológica.⁵

Esses acarretamentos propiciam o estabelecimento de macrofunções, que

³ A metodologia usada por Cançado constitui-se em um primeiro dado que pode orientar a reflexão acerca da hipótese de autonomia dos componentes. Observe-se que os papéis temáticos são delineados a partir de pré-agrupamentos estabelecidos pelo comportamento sintático.

⁴ Cançado define intencionalidade de acordo com Davidson (1980), para quem “se um evento é uma ação, sob alguma descrição, é uma “ação primitiva” e “intencional”. E um elemento é um agente se, sob alguma descrição, seja direta, seja pela suas conseqüências, ele é responsável intencionalmente por essa ação mesmo quando não o seja pelas suas conseqüências”.

⁵ A atribuição desse traço a alguns verbos tem como evidência empírica a observação (em Cançado, 1995), da estruturação sintática dos mesmos. Isto é, verbos que acarretam o traço controle são passíveis de integrar sentenças às quais se podem agregar construções volitivas. Ex.: um verbo como *aborrecer* pode integrar esse tipo de construção como em *Eu vou parar de me aborrecer*, contrariamente ao verbo *enxergar*: *eu vou parar de enxergar a paisagem*.

permitem caracterizar os papéis temáticos, do ponto de vista das propriedades comuns que os mesmos possuem. Assim, temos que um dos acarretamentos comuns a vários papéis é “ter algum papel no desencadeamento do processo”. Esse acarretamento, comum a vários papéis, caracteriza uma macrofunção chamada CAUSA, que inclui os seguintes papéis temáticos: Agente, Causa, Instrumento. Envolve causações e ações.

Uma outra macrofunção relativa aos processos caracteriza-se pela propriedade de o argumento “ser afetado pelo processo”. Trata-se da macrofunção OBJETO AFETADO e inclui o papel temático Paciente.

A terceira macrofunção é aquela associada aos estados – a ESTATIVA, na qual localiza-se o papel temático Objetivo.

A observação dos acarretamentos e o estabelecimento das macrofunções propiciam as representações lexicais, que Cançado apresenta e justifica, conforme se explicita abaixo.

O verbo *preocupar* (e os de sua classe) acarreta a um de seus argumentos a propriedade de *ter um papel no desencadeamento do processo* mas não acarreta para esse argumento nem intencionalidade, nem iniciativa, nem controle. Então, tem por papel temático o de causa. Ao outro argumento essa classe de verbos acarreta *ser afetado pelo processo em seu estado psicológico*.

O verbo *acalmar* (e os de sua classe) acarreta a um de seus argumentos *ter um papel no desencadeamento do processo, agir intencionalmente, ter controle sobre o processo*. O papel temático que se evidencia é o de agente, numa frase como *A polícia acalma a multidão com seus cassetetes*. Como, entretanto, *acalmar* admite realizações do tipo: *Os cassetetes acalmaram a multidão*, onde o sujeito é realizado por um argumento cujo papel temático é causa (e não, agente), vê-se que *acalmar* não é um

verbo tipicamente agentivo. Sua representação lexical deve, portanto, ser expressa através de uma macrofunção, qual seja a de CAUSA.

Quanto ao papel temático Causa, observa-se que, apesar de comum aos verbos *acalmar* e *preocupar*, as realizações desse papel são distintas com um e outro. Cançado observa que, já que o papel temático é o mesmo, poder-se-ia pensar que as distintas realizações devem ser explicadas no componente sintático. Mas, submetido o papel temático Causa a uma análise que descreva se a causa é direta ou indireta, vê-se que em *preocupar* ela é indireta e, em *acalmar*, ela é direta. Construções sintáticas com os dois verbos evidenciam isso.

(17) a) * A mãe foi preocupada pelo comportamento de Rosa.

b) * O comportamento de Rosa é que possibilitou preocupar a mãe.

18) a) A multidão foi acalmada pela chegada da polícia.

b) A chegada da polícia é que possibilitou acalmar a multidão.

Essa noção de causa direta e indireta pode ser expressada pela propriedade de ter controle ou não ter controle, respectivamente. Assim, o papel temático de *preocupar* é Causa [-controle], e o de *acalmar* é CAUSA [+controle]. Tem-se, portanto, para os verbos:

Preocupar V.[Causa -controle, Exp. afetado]

Acalmar V.[CAUSA +controle, Exp. afetado]

O verbo *animar* (assim como os de sua classe) apresenta, no que diz respeito ao argumento que exerce a função de sujeito, o papel temático de CAUSA, como a classe 3. Mas, diferentemente dessa, na classe 4 o papel CAUSA pode exibir, ou não, a

propriedade de ter controle, dependendo da leitura agentiva ou não que se faça da oração. As frases (19) e (20), abaixo ilustram a leitura agentiva e não agentiva, respectivamente:

(19) Maria animou José com seus argumentos.

(20) Maria animou José com sua beleza.

A classe de *animar* iguala-se às de *preocupar* e *acalmar* por ter seu segundo argumento expressando Experienciador afetado.

Animar V. [CAUSA +/-controle, Exp. Afetado]

Os verbos da classe de *temer*, apesar de tratados na literatura como transitivos normais, apresentam propriedades específicas, (como impossibilidade de ergativização e de causativização) decorrentes de sua diátese. *Temer* não acarreta traços de agentividade a seu argumento externo, quais sejam, intencionalidade, iniciativa no processo. A animacidade decorre do acarretamento de *estar em um determinado estado psicológico*. Nessa classe, o experienciador tem o controle sobre o estado ou processo em que se encontra. Trata-se, pois de um sujeito-experienciador com traços positivos de controle. A diátese dos verbos do tipo *temer* se representa lexicalmente como:

Temer V. [Experienciador+controle; Objetivo]

Recapitulando, são as seguintes as representações lexicais:

Classe 1 – *Temer* V. [Exp.+controle; Objetivo]

Classe 2 – *Preocupar* V. [Causa -controle; Exp. afetado]

Classe 3 – *Acalmar* V. [CAUSA +controle; Exp. afetado]

Classe 4 – *Animar* V. [CAUSA +/-controle Exp. afetado]

A autora relaciona os papéis temáticos evidenciados à realização/não realização das propriedades sintáticas (cf. também Cançado 1996:108-110), propondo:

- a) a classe 1 não aceita ergativização e causativização (contrariamente às outras classes) porque o papel temático de Objeto não é compatível com o traço de objeto afetado. Whitaker-Franchi mostrou que o argumento interno deve ter esse traço para aceitar as referidas propriedades.
- b) a classe 2 não aceita a passiva sintática e orações causativas encabeçadas (contrariamente às três outras classes) porque a realização de tais propriedades requer que os argumentos localizados na posição de sujeito tenham o traço [+controle], o que não ocorre na classe 2, que tampouco realiza o pro arbitrário como sujeito, o que parece estar relacionado ao traço semântico [+animado].

2.2 Reflexões sobre o comportamento dos verbos psicológicos

A seção precedente propiciou uma visão sucinta do comportamento dos verbos psicológicos nas diferentes propriedades sintáticas que exibem. Viu-se que diferentes configurações de representações lexicais e de hierarquias temáticas respondem por diferentes agrupamentos dos verbos psicológicos que podem ser relacionados entre si por um conjunto de propriedades semânticas e sintáticas que se correspondem. Os subagrupamentos que Cançado (1995) propõe refinam as análises anteriores que se dispõem a mostrar a correspondência entre os componentes sintático e semântico. Esse refinamento dos papéis temáticos vem ao encontro da hipótese que guia esta tese: a de que traços semânticos dos itens lexicais podem ser responsáveis por alteração das propriedades sintáticas desses itens.

Deve-se observar, contudo, que a projeção da hierarquia temática, conforme

proposta por Cançado, não recobre todas as propriedades dos verbos psicológicos. Uma dessas propriedades é a de promoção argumental, para os quais Cançado propõe uma leitura específica da hierarquia. Trata-se de uma solução *ad hoc*, conforme observa a própria autora (comunicação pessoal)⁶, que alerta também para o fato de que uma leitura específica da hierarquia para os casos de promoção argumental deixa ainda sem explicação o comportamento de uma das classes - a de *preocupar* - cujos verbos parecem expressar uma nova diátese ao realizar a estrutura de promoção argumental. Isto é, os verbos dessa classe exibem a diátese [causa -controle; Exp. afetado] numa estrutura como *Rosa preocupa a mãe*, mas parecem alterar o traço de controle do experienciador em estruturas com promoção argumental do tipo *A mãe preocupa-se com Rosa*, nas quais o argumento sujeito parece evidenciar um traço positivo de controle. O indício dessa mudança de traço está no fato de a estrutura variante admitir a agregação de construções volitivas, conforme ilustrado abaixo, onde (21) analisa-se como contendo [experienciador + controle], por admitir a transformação com *eu vou parar de*, diferentemente de (22), na qual a agregação de *eu vou parar de* torna-a uma estrutura não-aceitável.

(21) Eu me preocupo/Eu vou parar de me preocupar.

(22) Maria preocupa a mãe/*Maria vai parar de preocupar a mãe.

O que se sugere, nesse ponto da análise, é que os verbos da classe de *preocupar* podem estar expressando um processo de variação sintática, implementada por itens lexicais, já que essa variação limita-se a uma classe de verbos. Acrescente-se que o fator responsável pela atuação dos itens lexicais (os verbos), pode ser apontado no

⁶ Estudo Especial, UFMG, 1997.

componente semântico, já que a estrutura sintática parece associada à mudança de um traço semântico (o de controle). Cumpre observar, além disso, que a estrutura *A mãe preocupa-se com a arrogância de Rosa* parece mais freqüente do que *Rosa preocupa a mãe com sua arrogância*. Aliada essa observação ao fato de as classes 3 e 4 (*acalmar e animar*) exibirem uma única diátese (tanto nas construções com promoção argumental como nas demais), na qual o traço de controle é positivo em *acalmar* e variável em *animar*, pode-se supor o seguinte: é possível que o processo de atribuição do traço de controle à causa se tenha iniciado através do processo sintático de promoção argumental nos verbos daquelas classes atualizando-se atualmente nas classe do verbo *preocupar*, sendo, nesse caso, a estrutura *A mãe preocupa-se com a arrogância de Rosa*, a mais recente.

Em outras palavras, a hipótese que se levanta é a de que o processo sintático de ergativização nos psico-verbos representa uma mudança sintática em curso, que se atualiza em um grupo de verbos. Uma hipótese possível, entre outras, é que o grupo de origem seja o de verbos da classe 3, a de *acalmar*, que apresenta na posição de sujeito o papel temático [CAUSA +controle], já que na classe 4 (*animar*), o traço de controle é variável conforme a leitura agentiva, ou não, que se faça do argumento externo. Essa mudança estaria se espalhando para outros verbos, por difusão lexical, originando as diferentes classes.

Outra hipótese é a de se propor a origem do processo na classe que mais se distingue das demais (a de *temer*) cujo argumento sujeito apresenta uma diátese única, que exhibe um Experienciador [+controle], na posição de sujeito, tendo a mudança se implementado através dos outros verbos, na medida em que fatores pragmáticos permitem a atribuição de traços de agentividade (controle) a argumentos que

anteriormente só admitiam traços de objeto afetado.

Essas hipóteses são intuitivas, no sentido de que se baseiam na comparação das representações lexicais das classes, contrastadas às suas propriedades sintáticas, especificamente aquelas que envolvem algum tipo de promoção argumental, nas quais existe flutuação inter-classe, como se verá adiante. Exemplificando: as classes de *temer*, *acalmar* e *animar* igualam-se quanto a admitirem estruturas com clítico reflexivo, como se vê nas frases seguintes: *José se teme*; *José se acalma*; *José se anima*, contrariamente à classe de *preocupar* que é apontada como não aceitando o clítico como argumento: **José preocupa-se*. Cançado (1995) considera que essa propriedade não é propriamente distintiva das classes, no português (apesar de sê-lo no italiano), já que no interior da classe 1 (de *temer*) existe flutuação da mesma. Entretanto, como observamos acima que também a classe de *preocupar* pode exibir essa flutuação, e já que as hipóteses apresentadas submetem a realização dessa propriedade a outra – a de promoção argumental – expressada nos processos de ergativização, não seria interessante desconsiderá-la.

A verificação dessas hipóteses norteou a análise (cap. 4, 5 e 6), levando em conta os seguintes fatos:

- a) não há consenso quanto à boa formação (ou não) dos dados. Exemplo disso, está na classe apontada como variável (a de *preocupar*), que inclui verbos cuja realização com clítico reflexivo me parecem aceitáveis, contrariamente à avaliação de Cançado (1995). Ex: *A prima se agitou*, *a moça se acanha*, *o fiscal se embananou*. Uma resposta objetiva quanto ao uso dessas frases se faz necessária já que, se confirmado o uso, esses verbos estarão evidenciando variação dentro da própria classe, ou classificação em outra.

- b) as listas de verbos exibem itens eruditos (e, portanto, pouco freqüentes) ao lado de outros comuns (e, portanto, possivelmente mais freqüentes). Seja qual for o traço que possamos atribuir a esses diferentes itens, é importante que eles sejam diferenciados pois, como se viu em 1.1.2, itens marcados como [+erudito/especializado] são mais resistentes à mudança fonológica. O mesmo pode se aplicar à mudança sintática, de acordo com Mollica (1992, cf. 1.1.1). Poderíamos acrescentar que também a mudança semântica (no nosso caso, mudança de papéis temáticos) pode ser afetada por traços pragmáticos desse tipo, razão pela qual devemos levá-los em conta. Por exemplo, a lista dos verbos da classe de *preocupar* – classe 2 – (que é a classe em foco, por enquanto) inclui verbos do tipo *enfastiar*, *enfaturar*, *entediar*, ao lado de outros como *baratinar*, *aporrinhar*, *pirar*. Se essa classe evidenciar variação, é possível que fatores pragmáticos do tipo contexto de enunciação (características socio-culturais dos interlocutores envolvidos, por exemplo) revelem algum tipo de atuação.
- c) à hipótese de que a ergativização nos verbos da classe 2 representa uma variação sintática que se origina na mudança de papéis temáticos (o que por si só implica uma pesquisa histórica) sobrepõe-se outra, a de que essa variação sintática representa uma das etapas de mudança sintática por difusão lexical dos verbos psicológicos, originada no passado a partir do processo de promoção argumental. As hipóteses apresentadas acima apontam para direções contrárias: uma prevê que a mudança ter-se-ia originado na classe do verbo *acalmar* (classe 3), já que a mesma congrega dois traços comuns às demais classes: o papel temático de [causa], que divide com as classes 2 e 4 e o traço [+controle] que divide com as classes 1 e 4. A outra hipótese prevê que a classe desencadeadora tenha sido a do verbo *temer* (classe 1) em função de sua atual representação lexical –

[experienciador +controle] – na posição de sujeito. Isto é, os verbos em processo de mudança (classe 2) estariam em processo de variação rumo à classe de *acalmar* com origem na de *temer* (primeira hipótese) ou vice-versa (segunda hipótese). Isto é, sua classificação em uma classe nova, diferente de 1 (*temer*) e 3 (*acalmar*) os caracteriza como subgrupo de uma dessas duas classes, em processo de mudança. Nessa hipótese estariam provavelmente incluídos os verbos da classe 4, cuja classificação em uma classe distinta de 2 poderia se justificar pelo estágio diferente no qual os mesmos se encontrariam. A primeira hipótese configura uma mudança incipiente, se assim podemos dizer, com características que lhe são peculiares, presentes de forma assistemática em todas as classes. A segunda caracteriza uma mudança antiga e nos deixa a questão relativa à diferenciação de traços que exhibe em relação às demais classes: todas parecem igualmente distantes dela.

Convém acrescentar ainda que a segunda hipótese pode parecer mais provável, já que a atribuição do papel Causa aos argumentos da classe 2 não se faz sem algum questionamento, segundo informa a professora Márcia Cançado. Isto é, a literatura apresenta análises que atribuem ao papel Causa o de experienciador (em estruturas com promoção argumental). Temos aqui, portanto um problema adicional: o da representação lexical dessa classe.⁷

⁷ Uma evidência de que a mudança seria na direção de *temer* se apresenta num verbo da classe de *temer*: no português arcaico, a forma adjetival *temeroso* é interpretável como experienciador ou causativo. Outra evidência aparece no uso do verbo *temer* em construção pronominal: *E porque se temeu que os enmiigos lhi fizessem mal...fez o sinal da cruz.* (Mattos e Silva, 1989:740). Por outro lado, uma informação fornecida pela professora Vanda Bittencourt nos dá indícios de que a direção seja a oposta: além de não haver indícios de que o comportamento de *temer* seja como o da forma adjetival, seus dados de língua oral exibem uma estrutura como a que segue: *Que pai é este que teme o filho como tanto xingo e ameaça?*, na qual o primeiro argumento de *temer* exhibe o papel de causa e não, a de experienciador, como seria de se esperar. Nesse caso, o caminho seria na direção de *acalmar*.

Conforme esboçadas, as hipóteses concernentes aos verbos psicológicos vão ao encontro das hipóteses gerais propostas na introdução deste trabalho: uma alteração da estrutura semântica (mudança de acarretamento → mudança de papel temático) atinge uma categoria lexical (grupo de verbos que não acarretavam traço de agentividade, e que, em algumas circunstâncias atuais, parecem fazê-lo), provocando variação (uma nova estrutura sintática). Esse processo ilustra os modelos relacionados acima: variação por itens lexicais (modelo DL) acionada por fator semântico (semântica representacional).

Essas hipóteses encontram fundamentação em trabalhos anteriores. Além daqueles já citados, vale ressaltar Mattos e Silva (1992) cujos dados apresentam evidência de que a mudança que resultou na oposição de *ser/estar* em estruturas atributivas se iniciou, no período arcaico do português, com a especialização de *estar* para expressão de atributos transitórios, continuando a crescer nos locativos e avançando nos descritivos. Esse processo se dá no espaço de 50 anos (séc. XIV-XV). Um século depois *ser* praticamente não mais ocorre nos locativos e nos descritivos.

Além das reflexões específicas propiciadas pelo trabalho de Cançado, observam-se outros pontos de confronto entre os trabalhos resenhados. Novas hipóteses serão estabelecidas a partir da reflexão que se propõe a seguir.

2.2.1 Algumas discrepâncias entre as análises

Qualquer tipo de agrupamento proposto nos trabalhos resenhados evidencia comportamentos idiossincráticos de alguns verbos. Tal fato aponta que é desejável que cada realização verbal seja apreciada individualmente; mais ainda, seja observada em seu uso.

Vou tentar destacar dentre os fatos resenhados aqueles que parecem dignos de

consideração, seja pela heterogeneidade observável do comportamento dos verbos, seja pela discrepância das hipóteses propostas pelos diferentes autores. Devo ainda sublinhar que o fato central que será retomado aqui é o da correlação entre ergativas e causativas, pois é a análise dessa correlação que evidencia dois fatos sobre os quais vou me deter nessa reflexão. Esses dois fatos dizem respeito: a) ao comportamento idiossincrático dos verbos (relacionado a diferentes propostas de análise); b) à precedência histórica de uma das estruturas (ergativa ou causativa).

2.2.1.1 O comportamento idiossincrático dos verbos: ergativização

Viu-se, tanto em Whitaker-Franchi quanto em Cançado, que os verbos agrupados sob uma mesma representação lexical exibem comportamentos diferenciados no que diz respeito à aceitação da propriedade de ergativização. Em Whitaker-Franchi, a variação restringe-se à aceitação/não aceitação da estrutura ergativa sem o pronome pseudo-reflexivo *se*.

A autora menciona (p.164) que, dentre os verbos causativo-experienciais (psicológicos, na abordagem desta tese), alguns aceitam a ergativização sem o pronome pseudo-reflexivo. Exemplifica com os verbos *assustar*, *animar*, *confundir*, *desesperar*, *apavorar*. Aponta que outros, do mesmo grupo resistem: *conformar*, *conscientizar*, *magoar*. Sublinhando o fato de que essas realizações ilustram a língua falada em sua região (modalidade coloquial), a autora relata que o comportamento desses mesmos verbos é diferente no sul do Brasil, onde a leitura mais provável é sempre a causativa.

Retomando os exemplos da autora, devemos admitir que, apesar de agrupados em uma mesma classe, os verbos causativos experienciais que admitem a estrutura ergativa sem o pronome formam um subgrupo com essa propriedade sintática específica, sem que se tenha, para a mesma, uma representação lexical específica. Na

perspectiva de Whitaker-Franchi, o comportamento desse grupo deve ser explicado pela sintaxe. Na perspectiva que guia o presente trabalho, levantam-se as seguintes questões:

- trata-se de um subgrupo de verbos em variação?
- por se tratar de um subgrupo de verbos, a variação pode ser descrita em termos de Difusão Lexical? (e não por regras?)
- se, de fato, houver variação, qual é a direção da mesma?
- se for explicável por Difusão Lexical, que traços fazem desse itens elementos expostos à mudança?

Passo agora a relatar o comportamento idiossincrático dos verbos em Cançado (1995). O fato de essa autora trabalhar com listas de verbos permite uma análise mais consistente. Devo lembrar que os verbos rotulados por Whitaker-Franchi como causativos experienciais são aqueles subdivididos em três classes na pesquisa de Cançado: classes 2, 3 e 4 (*preocupar, acalmar e animar*, respectivamente).

Pela análise intuitiva que Cançado apresenta nos anexos, os comportamentos idiossincráticos com relação à propriedade de ergativização são detectáveis nessas três classes. Vou restringir a presente reflexão ao comportamento dos verbos da classe 2. Cançado avalia que nessa classe apenas 1 (um) dos 130 verbos submetidos à análise intuitiva, não aceita a estrutura ergativa com pseudo-reflexivo. Trata-se do verbo *descansar*, que Cançado avalia como realização duvidosa, em (23), (minha numeração):

(23) ? o governo se descansou com o fim das greves.

Fazendo também uma análise intuitiva, considero que outros verbos dessa classe são duvidosos nesse tipo de estrutura (apesar de aceitos, ou, no máximo, considerados duvidosos por Cançado). Os exemplos de (24) a (31) (minha numeração) têm assinalada a avaliação da autora. (Cançado assinala com (?)) as realizações

duvidosas, com (*), as não aceitáveis e deixa sem marcação as realizações aceitáveis:

- (24) O amigo se amargava com a inveja de Paula.
- (25) Maria se enlouqueceu com aqueles ciúmes.
- (26) O povo se estremeceu com a remarcação dos preços.
- (27) *O eleitor se nauseava com os discursos do deputado.
- (28) ?O povo se paralisou com as medidas do presidente.
- (29) O público se pasmava com as acrobacias do aviador.
- (30) Maria se pirava com as brincadeiras de João.
- (31) ?Tônico se tonteava com as conversas de Pedro.

Deve-se observar, paralelamente, que, de acordo com a avaliação de Cançado, esses mesmos verbos não apresentam homogeneidade na construção ergativa propriamente dita (isto é, sem o pseudo-reflexivo). Quando os mesmos aceitam a construção ergativa, Cançado os avalia como:

Gramaticais: *amargar, enlouquecer, estremecer, pasmar, pirar.*

- (32) Maria enlouquecia com aqueles ciúmes.

Duvidosos: *paralisar, tontear*

- (33) ?Tônico tonteava com as conversas de Pedro.

Não aceitáveis: *nausear*

- (34) *O eleitor nauseava com os discursos do deputado.

Minha avaliação dos verbos listados acima coincide com a de Cançado. Por serem intuitivas, essas análises podem ter pouco interesse. Mas parece-me importante

observar que os verbos supracitados expressam fenômenos físicos. Alguns deles, como *pasmar* e *pirar* podem restringir-se a expressar uma mudança de estado psicológico em seu uso contemporâneo, mas, na origem, expressam fenômeno físico: *pasmar*: do latim - *pasmus* < *spasmus*, ‘espasmo’; *pirar*: ‘perder contato com a realidade em consequência do uso excessivo de drogas’.

Também esse detalhe pode revelar-se irrelevante se considerarmos que outros verbos que integram a classe de *preocupar* expressam fenômenos físicos e, nem por isso, têm suas realizações ergativas (com pseudo-reflexivos) impedidas: Ex.: *abalar*, *agitar*, *enojar*, *iluminar*, entre outros. Portanto, esse traço (expressar fenômeno físico) não parece ser decisivo, mas convém destacá-lo, por ora. É possível que a atuação desse traço esteja relacionada a outra variável como, por exemplo, período de entrada para a língua. Cumpre-nos, por enquanto, atentar para esses fatos de modo que estes possam orientar a análise de dados reais que se fará posteriormente.

A observação dessa mesma propriedade sintática entre os verbos das Classes 3 e 4 (*acalmar* e *animar*, respectivamente) mostra que a heterogeneidade entre os verbos se repete. Apesar de assinalar a propriedade ergativa para a classe 3, a autora relaciona na mesma o verbo *conquistar*, para o qual assinala a impossibilidade de qualquer tipo de construção ergativa (com ou sem pronome), e os verbos *ludibriar* e *tirarizar*, cujas realizações ergativas com o clítico são apontadas como duvidosas. Quanto aos demais verbos, a maioria admite apenas a ergativa com o clítico. Destacam-se os verbos *abrandar*, *acalmar*, *apaziguar*, *reabilitar*, *tranqüilizar* e *vergar*, para os quais a autora assinala dúvida quanto à possibilidade de ergativa sem o clítico. Citem-se ainda os verbos *serenar* e *suavizar* que, de acordo com sua avaliação, admitem os dois tipos de ergativas. Constata-se, portanto, que tais propriedades distinguem a classe 1 das classes

2, 3, e 4, no que concerne à propriedade de ergativização. Não são, entretanto, características constantes de todos os verbos das classes 2 e 3.

Quanto à classe 4, não me detenho em seus verbos, já que aos mesmos são atribuídas duas diáteses (a da classe 2 e a da classe 3) de acordo com o tipo de argumento que acompanha o verbo. Vale dizer, contudo, que também nessa classe, independentemente da qualidade dos argumentos, a maioria dos verbos admite a propriedade ergativa com o clítico pseudo-reflexivo (o verbo *cativar* é exceção), mas não a ergativa sem o pronome.

Restam ainda dois fatos que devem ser observados. O primeiro diz respeito à classificação do pronome como reflexivo ou pseudo-reflexivo; o segundo considera a listagem de itens morfológicamente relacionados em classes distintas. Com relação à classificação do clítico, deve-se dizer que a mesma é sempre intuitiva, sejam os dados intuitivos ou reais. Tome-se, como exemplo, o verbo *sossegar* (classe 4): Cançado admite que, nesse verbo, o pronome é usado tanto para realizar a propriedade de ergativização com em *O filho sossegou-se com as histórias do pai*, como para expressar a reflexivização em *O pai sossegou-se*. Por outro lado, diante de um verbo como *mortificar*, a única leitura considerada aceitável é a ergativa. Tal avaliação me parece duvidosa. No que concerne aos verbos da classe 2, Cançado lhes atribui exclusivamente a leitura ergativa, julgamento tampouco imune a controvérsias quando se consideram verbos como *machucar* ou *contentar*. Sabendo-se que a função do *se* é controvertida em exemplos que datam do português arcaico, considero que, mesmo com dados reais, a identificação das propriedades que concernem ao pronome *se* é bastante complexa, trate-se de reflexivização ou de ergativização. Cite-se, a título de exemplo, o uso pronominal do verbo *recear* (que, apesar de raro, tem ocorrências registradas em língua

literária do século XIX) cuja inclusão na classe 1 nos assegura que o pronome não expressa nem ergativização, nem reflexivização. Expressando, de acordo com gramáticos tradicionais, um maior envolvimento do sujeito no processo descrito pelo verbo, o pronome tem aí mera função expletiva, como se pode ver no exemplo, a seguir: *Sem se rezear que os acobardados o delatassem.* (Camilo, Dem. do ouro, I, 188, *apud* Fernandes, 1947). A possibilidade de realização expletiva torna mais complexa a análise do pronome *se*.

No que respeita a verbos morfologicamente relacionados, causa surpresa a classificação dos mesmos em classes distintas. Enquanto a listagem apresenta pares como *contentar/descontentar* numa mesma classe, (classe 2), outros como *agradar/desagradar*; *animar/desanimar*; *consolar/desconsolar*; *oprimir/desoprimir*; *tranqüilizar/intranqüilizar* classificam-se em classes distintas: o primeiro do par, na classe 4, o segundo, na classe 2. Apenas o último par faz exceção a essa classificação: *tranquilizar* está na classe 3 e *intranquilizar* na classe 4. Ainda que em alguns casos, esse quadro possa vir a ser interpretado como um lapso da análise, é curioso que Cançado lhes atribua distintas propriedades, numa avaliação que parece conformar-se à realidade do uso, principalmente no caso de *animar/desanimar*. Questões pragmáticas poderiam explicar esses comportamentos distintos de pares morfologicamente relacionados se a análise do uso confirmar essa distinção. Poder-se-ia, ainda, pensar que a questão morfológica é interveniente. Mas essa hipótese parece dever ser descartada já que as listas exibem também pares desse tipo listados na mesma classe, (classe 4) como: *iludir/desiludir*; *inibir/desinibir*; *encorajar/desencorajar*; *estimular/desestimular*.

Observado o comportamento dos verbos conforme as avaliações de Cançado e as minhas, conclui-se que esses fatos, se acrescentados aos de Whitaker-Franchi,

fortalecem a necessidade de se considerarem determinadas evidências seguidas de questões que lhes são específicas:

- a) a propriedade de ergativização é atribuída às classes 2, 3 e 4. Mas nem todos os verbos que integram essas classes as aceitam;
- b) há uma pressuposição explícita (ver Cançado p.135) de que o pronome pseudo-reflexivo funciona como indício do processo de alçamento do experienciador à posição de sujeito;
- c) com base em b deve-se pressupor que realizações ergativas com o pseudo reflexivo (doravante ergativas pronominais) são mais aceitáveis do que as ergativas sem o pronome (doravante ergativas simples), ou que, pelo menos, quando a ergativa simples for aceitável, sua correspondente pronominal também o será;
- d) viu-se que a pressuposição apresentada em c não se realiza pelas análises intuitivas até aqui propostas (ver exemplos (24) a (34)), já que há casos de ergativas pronominais que não têm aceitação de suas correspondentes simples, como também o caso inverso, isto é, ergativas simples que não têm aceitação de sua correspondente pronominal. O primeiro caso, como se verá na próxima seção, parece ser explicável sob a ótica de um processo de variação lingüística, de acordo com o qual a ergativa pronominal estaria sendo substituída pela ergativa simples, num processo que atinge gradativamente o léxico. Mais intrigante é o segundo caso, no qual a não aceitabilidade da ergativa pronominal nos obriga a pensar, pela ótica de análise do primeiro, que o processo está tão avançado nesses verbos que a memória do pronome enquanto indício desse processo de ergativização se perdeu, tornando inaceitáveis na língua contemporânea suas ergativas

pronominais. Uma avaliação intuitiva baseada na comparação dos dados arrolados pelos autores resenhados não nos dá indícios dessa hipótese: tanto verbos antigos na língua (como, por exemplo, *enlouquecer*), quanto verbos recentes (como, por exemplo, *pirar*) têm esse comportamento.⁸

Se não temos indícios dessa hipótese devemos considerar a seguinte questão: esses verbos (que não aceitam a ergativa pronominal) submetem-se, de fato, ao processo de ergativização? Ou trata-se de inacusativos que se submetem, no português contemporâneo, ao processo de causativização? A próxima seção nos permitirá refletir com mais profundidade sobre esse tipo de verbo.

2.2.1.2 Variação e precedência histórica nos verbos psicológicos

Apesar de não realizarem uma pesquisa de campo, tanto Cançado quanto Whitaker-Franchi avaliam de forma implícita que há um processo em curso nos verbos psicológicos e que se trata de variação. Pressupõem ainda (também implicitamente) que uma propriedade (causativa) precede historicamente a outra (ergativa).

Whitaker-Franchi considera que o comportamento idiossincrático de alguns verbos causativos experienciais (no que concerne à propriedade de ergativização) não é geral no país. De acordo com a autora, realizações como (35) são aceitáveis em São Paulo, mas não no sul do Brasil, onde os falantes privilegiam para as mesmas a leitura causativa.

(35) A criança assustou com o latido do cão.

A autora avalia implicitamente que realizações como (35) são sensíveis a estilo

⁸ Devo ressaltar que, de acordo com Cançado, apenas o verbo *descansar* (classe 2) ilustra esse fenômeno.

de fala, quando reporta que as mesmas são extraídas da modalidade coloquial de sua região.

Cançado (p.169) considera o comportamento idiossincrático desses tipo de verbo como ilustrativo de uma variação em curso:

(...) no Português do Brasil a ergativização sem o clítico se vem se estendendo mesmo aos psico-verbos que mais resistem a esse processo, particularmente no dialeto mineiro. Trata-se de uma mudança em desenvolvimento que iguala esses verbos a outros (como quebrar) (...) (grifos meus).

Os trechos grifados referem-se de forma inequívoca a mudança lingüística. Portanto, além da pressuposição de variação, a análise de Cançado sugere uma direção da forma ergativa pronominal para a ergativa simples, no que se encaixa na primeira hipótese sugerida em d na seção precedente. Considero que essa avaliação de Cançado pressupõe também a precedência cronológica da estrutura causativa sobre sua correspondente ergativa. Essa consideração se pauta principalmente pela análise de Whitaker-Franchi sobre o clítico pseudo-reflexivo *se*, cuja função seria a de mero vestígio do processo de promoção argumental, análise que Cançado endossa.

Portanto a hipótese implícita na análise dessas propriedades nos verbos psicológicos é a de que a estrutura causativa seja primitiva em relação a sua correspondente ergativa. Essa pressuposição é adequada, vale lembrar, às propostas de engendramento das estruturas ergativas no modelo gerativo. De acordo com Burzio (1981) *apud* Whitaker-Franchi, os verbos intransitivos se distinguem em duas classes: os intransitivos propriamente ditos e os ergativos: os primeiros têm seu argumento singular engendrado na posição de sujeito, os últimos têm seu argumento engendrado na

posição de objeto direto.⁹ Podemos considerar que se o modelo considerasse a geração dessas estruturas em direção oposta, é possível que o olhar sobre os dados (ainda que intuitivos) fosse diferente.

Nesse sentido, é importante assinalar que, apesar de relatar exemplos de variação, como vimos em (35), Whitaker-Franchi (1989:120-121) não reconhece essa pressuposição implícita quando analisa os exemplos de verbos psicológicos. Pelo contrário, a autora ressalta que os termos “causativização” e “decausativização” estão sendo usados para distinguir uma relação principalmente estabelecida no léxico e um processo sintático peculiar ao português, ambos relacionados a certas propriedades da representação semântica e que *esses termos descritivos não devem ser tomados, como sugerem, como implicando qualquer precedência histórica de uma forma sobre a outra.*

Mas a autora deixa pressupor essa precedência quando diz:

(...) há casos mais óbvios de um processo de transitivização em curso ou em extensão no português como o emprego excepcional de “doer”, “suar”, em exemplos já vistos, como:

i – Essa escova...dói a cabeça

ii – A bicicleta soa (sua) você. (grifos meus)

Um fator parece interferir nessas avaliações subjetivas: a familiaridade dos itens. As propriedades sintáticas de itens familiares são tão óbvias para o falante nativo que ele não tem dúvida em tratar as realizações divergentes das que conhece como impróprias, inaceitáveis. Quando esse falante nativo é um lingüista que trabalha com dados intuitivos, essas formas divergentes são imediatamente catalogadas como muito antigas ou muito recentes, de acordo com a observação não sistemática que esse

⁹ Ruwet (1972:182) já assinala a possibilidade de se considerar a estrutura ergativa como primitiva e, curiosamente, desconsidera essa possibilidade justificando-se no fato de ninguém até então tê-lo feito. É verdade que o autor avalia que a opção de engendramento das ergativas a partir das causativas terá certamente sido guiada por fatores semânticos.

lingüista faz dos dados. Como se viu na citação de Whitaker-Franchi, acima, a autora não teve dúvida alguma em afirmar que o verbo *doer* está em processo de transitivização: acrescentou a seu conhecimento de falante nativo a observação de estruturas novas que o verbo *doer* integra na língua contemporânea. Parece-me que nesse exemplo é possível concordar-se com sua avaliação, sem que seja necessário, para tanto, que se esteja de posse de análises diacrônicas refinadas pela metodologia variacionista. Mas nem sempre é assim que as coisas se resolvem. Viu-se, na seção precedente, que certos verbos psicológicos admitem contemporaneamente tanto estruturas ergativas simples quanto pronominais. Se estamos familiarizados com ambas não temos tanta segurança para pressupor uma delas como historicamente primitiva, como por exemplo em (36 a e b):

(36) a) Maria acalma João com um chá.

b) João se acalma.

c) João acalma.

Considerando (36 b, c), que argumentos temos para avaliar 36b como historicamente primitiva em relação a (36c), se nosso conhecimento se restringe ao uso contemporâneo do verbo *acalmar*? Um dado complementar ilustra a dificuldade inerente a essa questão: Bittencourt (1995:193) menciona que:

o uso causativo sancionado para os verbos ergativos (em sua grande parte)¹⁰ vem invadindo outros territórios semânticos como o dos itens que indicam fenômenos da natureza (...)

Denominando tais realizações “licenciamentos” ou “neologismos causativos”, Bittencourt acrescenta outros exemplos de causativização de verbos epistêmicos,

¹⁰ Não se compreende o uso do termo ergativo, nesse contexto, já que o mesmo pressupõe uma estrutura causativa que lhe corresponda.

sensitivos e de acepção direcional, dentre os quais figuram os verbos psicológicos *orgulhar* e *apaixonar*, ambos da classe 2 (em Cançado). E propõe dois exemplos coletados (p.193), que reproduzo com minha numeração:

(37) *Orgulhei* o meu país por onde andei (...).

(38) Este é o jeito de ser e de viver da cantora que está *apaixonando* o Brasil.

Opostamente, observamos que, em Cançado (1995:187-224), esta é a estrutura básica (dos dois verbos), não submetida a julgamento de aceitabilidade, sobre a qual se estabeleceu a representação lexical da classe. São os seguintes os exemplos da autora (minha numeração):

(39) A moça apaixonou o rapaz com seu sorriso.

O rapaz se apaixonou com o sorriso da moça.

O rapaz apaixonou com o sorriso da moça.

(40) O discípulo orgulhava o mestre com sua dedicação.

O mestre se orgulhava com a dedicação do discípulo.

* O mestre orgulhava com a dedicação do discípulo.

Fica, portanto, evidente que a análise intuitiva¹¹ não nos permite rotular convenientemente os processos como de causativização ou de ergativização.¹²

Veja-se como as análises até aqui consideradas sinalizam a necessidade de

¹¹ Na verdade, a análise de Bittencourt é feita a partir de dados reais; mas é intuitiva quando considera os itens lexicais, individualmente.

¹² Observe-se, a título de curiosidade, que, coincidência ou não, as avaliações das autoras parecem refletir o olhar pessoal de cada uma em relação aos dados: Cançado analisa a de ergativização (entre outras), Bittencourt, a causativização. Fica, portanto, patente a necessidade de uma análise do uso desse tipo de verbos, embasada em dados reais de diferentes períodos, onde se observem os itens lexicais individualmente.

observação diacrônica dos itens. Retorne-se às listagens de Cançado. A lista de verbos da classe 2 (*preocupar*) exhibe verbos surgidos em diferentes períodos da língua. Destaca-se, nessa classe, o verbo *aborrecer*: esse verbo (também citado por Whitaker-Franchi, que alerta para o fato de analisá-lo em seu sentido arcaico) realiza, de acordo com informações de dicionários etimológicos, uma estrutura ergativa sem variante causativa, o que, então, obriga a questionar o rótulo de ergativo, naturalmente. Evidencia nessas realizações uma rede temática e estrutura sintática correspondente aos verbos que Cançado agrupa na classe 1 (de *temer*), que são, como se viu, inergativos.

Ao lado do verbo *aborrecer* que ilustra de forma categórica uma mudança de classe, integra a lista o verbo *grilar* (item novo na língua, em seu sentido psicológico) que tem suas realizações ergativas (pronominais ou sintéticas) julgadas como aceitáveis, avaliação que endosso. Em (41) reporto os exemplos de Cançado, com minha numeração.

(41) A mãe grilou o garoto com sua fuga.

(42) a) O garoto se grilou com a fuga da mãe.

b) O garoto grilou com a fuga da mãe.

O comportamento de um verbo como *aborrecer* evidencia uma alteração de diátese (e de sentido, naturalmente). Associando-se essa observação a uma outra que concerne ao comportamento idiossincrático de vários verbos dessa classe, podemos supor que a classe 2 (à qual o verbo *aborrecer* pertence, no uso contemporâneo) seja uma classe de “passagem” dos verbos que estão deixando uma diátese x (classe 1, no caso de *aborrecer*, em 43) para uma diátese y (classe 2, em 44), onde (44b) representa uma estrutura mais recente do que (44a):

(43) a) Eu aborreço (=ter horror) meu motorista

b) * Meu motorista (se) aborrece

(44) a) Eu aborreço (=causar horror) meu motorista

b) Meu motorista (se) aborrece

Por outro lado, a observação de um verbo como *grilar*, que se restringe, no sentido relevante, à fala coloquial, como gíria (cf. Ferreira, 1975), deve ser analisado como de uso contemporâneo, exclusivamente (e o é, de fato; cf. Cunha, 1986, que assinala seu surgimento no séc. XX). Consideradas as realizações (41) e (42), observa-se que as mesmas não permitem inferir-se o mesmo que em (43) e (44): a impressão que se tem é a de que o verbo *grilar* já entrou para a língua portando em sua representação lexical as duas propriedades (causativa e ergativa). Há de se convir que isso é possível, do ponto de vista do sistema. Do ponto de vista do falante, essa análise é mais polêmica pois obriga a pressupor dois tipos de origem: uma fundamentada nos traços semântico-pragmáticos que compõem o item (*o grilo grila*), o que propicia uma extensão de sentido (grilando, o grilo incomoda e nos deixa inseguros, pois é difícil localizá-lo: o seu grilar nos confunde). Se for essa a origem do verbo *grilar* no seu sentido psicológico, cabe questionar por que esse verbo já exhibe a estrutura ergativa simples enquanto outros com maior tempo de existência e parecendo ter a mesma origem só se realizam na ergativa pronominal, onde o clítico seria claramente indício do processo de promoção argumental. Essa questão leva à outra face de sua origem, enquanto item que se estrutura argumentalmente, isto é, que se encaixa no sistema.¹³ Entrando para o sistema como verbo causativo, o verbo há de se submeter às mesmas propriedades que

¹³ A noção de encaixamento diz respeito à atuação de processos linguísticos no desencadeamento de outros. (cf. Tarallo, 1990:113-114).

os demais verbos que ali estão.

Portanto tentar compreender o engendramento das estruturas sintáticas, observando-se exclusivamente ou o sistema sintático ou a representação semântica dos verbos, é ignorar o movimento dialético desse processo. Reconhecê-lo como tal, por outro lado, pressupõe, como se viu acima, tomar o item lexical como centro da análise.

As questões relativas ao papel do léxico convergem para esse ponto em que se reflete sobre processos e encaixamentos, o que cria o espaço da polêmica entre difusionistas e neogramáticos. Para observar o comportamento do léxico, considere-se o alcance das regras propostas na análise dos verbos psicológicos.

2.3 Regras, classes e itens lexicais

O modelo de léxico proposto em 1.3 relaciona mudança lexical a mudança sistêmica, hierarquizando-as, isto é, a segunda é sempre precedida da primeira, que pode, por sua vez, ocorrer sem desencadear a segunda. Outra hipótese relacionada a esta é a de que os componentes semântico e pragmático (também hierarquicamente ordenados) estariam sistematicamente atuando (na qualidade de desencadeadores) nos demais componentes da gramática, através do componente lexical.

Os trabalhos focalizados neste capítulo foram selecionados, entre outros que tratam do mesmo objeto lingüístico, em função da linha teórica que os guia, que, como se viu, propõe que as estruturas sintáticas sejam resultantes das projeções do componente semântico. Nesse aspecto, vão ao encontro das propostas dos modelos teóricos que guiam as presentes reflexões, mas distanciam-se das hipóteses desta tese no que concerne à análise da relação entre os componentes envolvidos: se aqui o foco é o componente lexical, considerado como conjunto de individualidades a ser

sistematizado, ali o foco são os componentes relacionáveis por regras conforme a concepção chomskyana. Distinguem-se dessa concepção quando sugerem que o componente gerativo seja o semântico mas igualam-se ao propor projeções de um componente no outro, através de regras: o estabelecimento de hierarquias temáticas, tanto em Cançado quanto em Whitaker-Franchi, não tem outro objetivo senão o de subagrupar verbos passíveis de realizar estruturas sintáticas geradas por regras estabelecidas no componente semântico. Nesse contexto, dialogam, portanto, regras sintáticas e semânticas. Cumpre que se analise agora o alcance dessas regras.

2.3.1 O alcance das regras

Cançado apresenta uma primeira versão da hierarquia temática e observa (p.136) que o processo de ergativização traz um problema para a hierarquia apresentada (cf. 2.2). Isto é, Cançado mostra que (45b) exhibe uma alternância de Causa e Objeto Afetado que não é explicável pela hierarquia temática, que privilegia o primeiro papel na posição de sujeito:

(45) a) A chegada da mãe acalmou Maria.

b) Maria acalmou com a chegada da mãe.

A solução da autora é a de propor uma leitura especial da hierarquia para os casos de ergativização. Essa leitura especial faria parte da própria regra de ergativização. Trata-se, portanto, de uma solução de base sintática, o que a torna, de acordo com a própria autora (comunicação pessoal)¹⁴ uma solução *ad hoc*, no plano semântico. Associando esse fato ao comportamento heterogêneo dos verbos em relação à propriedade de ergativização, sugiro que a observação do uso individual dos verbos

¹⁴ Estudo Especial, UFMG, 1997.

pode elucidar os caminhos e, quiçá, os fatores responsáveis pela aceitação dessa propriedade em análise. Tal procedimento pode permitir refinamentos às propriedades lexicais.

Um outro fator destaca e motiva a observação da propriedade de ergativização bem como a dos itens lexicais (verbos): na classe 2, como se viu (2.2), o argumento sujeito caracteriza-se por apresentar um traço de controle negativo, contrariamente às classes 3 (*acalmar*) e 4 (*animar*). Cançado observa que os argumentos sujeitos dos verbos dessa classe parecem evidenciar um traço positivo de controle quando submetidos à regra de ergativização, conforme se vê em (46):

(46) a) Rosa preocupa a mãe.

b) A mãe (se) preocupa.

Segundo Cançado, o sujeito exibe o traço de controle positivo, quando a estrutura admite a agregação de construções volitivas. Assim teríamos um traço de controle positivo em (46b) mas não em (46a), já que essa última contrariamente a 46b) não aceita a agregação de construção volitiva, com se vê em (47):

(47) a) *Rosa vai parar de preocupar a mãe.

b) A mãe vai parar de (se) preocupar com Rosa.

Se, de fato, a avaliação de Cançado quanto à agramaticalidade de (47a) estiver correta, ter-se-á mais um fator a analisar (traço de controle dos verbos da classe 2) relacionado, talvez, à correlação entre ergativas e causativas.

A discrepância entre alguns traços de regras relativas ao componente semântico e o comportamento de alguns itens lexicais obriga a algumas reflexões adicionais sobre o critério de aceitabilidade, os conceitos de experienciador e de verbo psicológico, a configuração das estruturas sintáticas e a autonomia dos componentes da gramática.

Uma reflexão sobre os mesmos, bem como um cotejo de seu uso nos trabalhos aqui focalizados pode elucidar outros fatores atuantes no comportamento dos diferentes itens lexicais.

2.3.1.1 O critério de aceitabilidade

O critério de aceitabilidade pressupõe uma análise (tanto interna quanto externa) dos agrupamentos de verbos, no que considerarei principalmente Cançado (1995), pelo detalhamento que os anexos de sua tese permitem. Denomino análise interna às considerações que farei observando exceções lexicais consideradas enquanto tais pela própria autora. Por análise externa, refiro-me às condições em que se estabelecem os julgamentos de aceitabilidade.

Viu-se que, apesar de agrupados por propriedades sintáticas e semânticas que se correspondem, alguns verbos de cada uma das classes propostas por Cançado (1995) resistem, na avaliação da própria autora, a determinadas estruturas sintáticas sem que se possa atribuir-lhes, em princípio, uma representação lexical específica que justifique tal comportamento. A análise intuitiva de cada verbo apresentada por Cançado (1995: 187-224) demonstra que a grande maioria dos verbos das classes 2, 3 e 4 não admite a ergativa sem o pronome pseudo-reflexivo. As seções precedentes mostraram que, no que concerne à ergativa sem o clítico, a aceitação das estruturas parece submeter-se a variação regional. Além desse fator, pode-se pensar em outros, tais como estilo de fala e contexto lingüístico do verbo. A avaliação proposta por Cançado acerca da aceitabilidade dessa propriedade sintática, bem como de outras, pode ser alvo de discordância, conforme prevê a própria autora. Não me parece, entretanto, muito produtivo deter-se, nesse momento, sobre avaliações intuitivas tomando por base outras avaliações intuitivas, já que, como se viu, a observação de dados empíricos poderá

orientar melhor a análise dos dados intuitivos. No que concerne, todavia, à propriedade de ergativização com o clítico pseudo-reflexivo, há alguns problemas nos grupos de verbos listados em cada classe, que podem ser considerados numa análise meramente intuitiva como a que se faz neste momento. Cançado atribui essa propriedade às classes 2, 3, e 4. Uma observação interna a cada classe mostra, entretanto, que nem todos os verbos a aceitam. Por exemplo, na classe 2, como já foi citado, apresenta-se o verbo *descansar*; na classe 3, os verbos *conquistar*, *ludibriar* e *tirarizar*; na classe 4, os verbos *ameaçar* e *cativar*. Assim, uma análise interna das classes de verbos mostra que nem todos os verbos descritos por uma mesma representação lexical correspondem de forma homogênea a um mesmo grupo de regras sintáticas. Não se pode pensar que os mesmos configurem uma nova classe, já que partilham com os outros verbos da classe visada uma mesma representação lexical, pelo menos no que respeita aos traços semânticos aqui considerados. É possível pensar-se, em relação aos mesmos, que se trata de verbos cujas propriedades sintáticas estão ainda em processo de fixação. Ou ainda, que os mesmos sejam portadores de determinados traços pragmático-semânticos ainda não devidamente explicitados. Tanto a primeira possibilidade como a segunda obrigam à consideração da hipótese de difusão lexical, seja ela relativa a processo semântico ou sintático. A observação desses verbos e a reflexão sobre as razões que impedem a realização dessa propriedade pelos mesmos remetem a uma outra consideração: a da identificação do experienciador, sobre a qual se refletirá adiante.

A suposição de que processos linguísticos se dão por DL nos conduz à análise externa: o fato de existirem exceções a uma regra não é novidade. Sabe-se, entretanto, que a perspectiva neogramática se firmou na medida de sua capacidade de explicar as exceções. Como os trabalhos aqui resenhados se guiam subjacente ou explicitamente pelo modelo neogramático, os mesmos nos conclamam a buscar as explicações. Isto é,

ou se encontram novos traços semânticos que justificam a não realização de certas propriedades sintáticas em subgrupos de verbos (e aí se cria uma nova classe para os mesmos) ou se reduz o número de propriedades sintáticas de fato partilhadas pelo grupo total de verbos. Há uma terceira possibilidade que é a que se considera nesta tese. Admitem-se as propriedades sintáticas e semânticas tais como estabelecidas por Cançado (não há porque, em princípio, questionar dois conjuntos de propriedades tão minuciosamente analisados e bem amarrados), e considera-se o fato de que certos itens lexicais, e não outros, determinam processos que podem exigir séculos para se tornar sistêmicos. É evidente que essa decisão implica um questionamento, isto é, continua-se, nessa perspectiva, com a seguinte pergunta: que traços particulares têm os itens que desenvolvem determinados processos? Tal reflexão pressupõe que se considerem os outros fatores mencionados no início desta seção. A observação dos verbos supramencionados e a reflexão sobre as razões que impedem a realização da propriedade de ergativização pelos mesmos remetem a uma outra consideração: a da identificação do experienciador.

2.3.1.2 O conceito de experienciador

Explicado como aquele que está em determinado estado psicológico (cf. cap. 2, introdução), o experienciador nem sempre se identifica facilmente. Observem-se, primeiramente, os verbos citados na seção precedente, como, por exemplo, *ameaçar*. Quando alguém ameaça, quem está em estado psicológico de ameaça? Só o paciente? E o agente, o que sente? Um se sente ameaçado (sente ameaça) mas o outro se sente ameaçador. No caso do verbo *ameaçar*, seu comportamento de exceção à propriedade de ergativização iguala-o (nesse aspecto) aos verbos da classe de *temer*, que, como se viu, não admitem tal propriedade. Considere-se, a título de reflexão, e, como se sugeriu acima, que o sujeito do verbo *ameaçar* tem, tanto quanto o seu objeto sintático, a

possibilidade de representar semanticamente a instância da experienciação, numa perspectiva de locação, como quer Jackendoff (1990). Trata-se de uma experienciação mútua (entre sujeito e objeto, numa perspectiva, e entre agente e paciente, na perspectiva relevante), do que decorre que traços concernentes ao experienciador genericamente considerado são, nesse caso, neutros quando tomados como parâmetro de avaliação de propriedades sintáticas. Isto é, não se pode, nessa perspectiva, dizer que a ergativização é um processo que ocorre quando o experienciador é um objeto afetado. Pressupõe-se, no mínimo, que se diga aqui que nos casos em que a experienciação é atribuível aos dois argumentos (interno e externo, isto é, agente e paciente) a ergativização não ocorrerá. Observe-se que os verbos supracitados ilustram essa perspectiva bilateral da experienciação. Dois problemas se configuram na reflexão que se propõe aqui. O primeiro relaciona-se ao componente pragmático; o segundo, ao componente sintático.

Quanto ao primeiro, pode-se dizer que uma forma de identificação do experienciador em alguns verbos (os psicológicos, sobretudo) submete-se a uma observação do real. Isto é, considerada a situação real de uma pessoa batendo em outra e representada linguisticamente por uma estrutura sintática como (48), em que João é o agente e Pedro o paciente, admite-se, sem problemas, parece-me, que ambos experienciam algum tipo de sensação, que, no caso, descreve uma escala que vai do físico ao psicológico, e cuja pontuação variará de acordo com o contexto da ação descrita e dos personagens envolvidos.

(48) João bate em Pedro com uma bengala.

Isto é, por mais variadas que sejam as perspectivas envolvidas no plano real do evento narrado, dois tipos de experienciação são identificáveis: Pedro sente dor

(perspectiva física) e João sente algum tipo de emoção, raiva; prazer (perspectiva psicológica). Nada impede que se acrescente a perspectiva psicológica ao paciente: Pedro sente revolta, vergonha por estar apanhando. João sente cansaço, dor pelo esforço físico que está fazendo. Assim, mesmo que, nos termos de Whitaker-Franchi e de Cançado, seja dito que a ergativização só é possível quando o argumento interno tem o traço de objeto afetado, observa-se que, na situação descrita, tanto o argumento interno quanto o externo (paciente e agente) podem ser considerados experienciadores afetados. Com os verbos *conquistar*, *ludibriar*, *tirarizar*, *ameaçar*, *cativar* a situação é mais ou menos a mesma descrita.

Observe-se que o mesmo se dá com os verbos da classe 1, ainda que a dimensão plurivalente da experiencição seja mais palpável em determinados verbos e, portanto, variável de um para o outro. Comparem-se os verbos *amar* e *rejeitar*. Considerado o primeiro pode-se perguntar: qual é o estado psicológico veiculado por esse verbo? É o estado psicológico de amor. Considerada a frase (49), pergunta-se: quem está em estado psicológico de amor? A resposta é João, naturalmente.

(49) João ama Maria.

No caso do verbo *rejeitar*, a resposta à mesma pergunta não é tão pacífica. Observada a frase (50), pode-se identificar um estado psicológico de rejeição tanto em João quanto em Maria.

(50) João rejeita Maria.

É evidente que tal avaliação é variável de acordo com a circunstância do evento: Maria estará em estado psicológico de rejeição se e somente se, tiver percepção

do sentimento de João.¹⁵

Deve-se, por isso, considerar que o ponto de vista da participação efetiva e consciente no evento instaura, por si mesmo, uma ampliação do conceito de experiencição. O próprio verbo *amar* admite uma perspectiva bilateral numa situação em que Maria identifica, é conhecedora do sentimento de João. De qualquer forma, vale ressaltar que cada verbo parece portar em sua representação um traço que sinaliza a possibilidade subjacente de realizar, ou não, a experiencição bilateral: a realização /não realização de estruturas estativas com operadores, como *ter*, parece demonstrar isso. Isto é, verbos como *amar*, em realizações como *João sente amor*, *João tem amor*, parecem menos ambíguos do que verbos como *rejeitar*, em *João sente rejeição*, *João tem rejeição*. A ambiguidade dessas últimas relaciona-se à possibilidade de os verbos instaurarem, ou não, uma perspectiva bilateral da experiencição.

Uma constatação pode refutar a produtividade da presente reflexão: tanto nos verbos citados das classes 3 e 4 quanto nos da classe 1, um experienciador parece sempre estável: o que exerce a função de objeto direto, no caso dos verbos como *conquistar e ameaçar*, das classes 3 e 4, respectivamente, e o que exerce a função de sujeito sintático nos verbos da classe 1, como *amar e rejeitar*. É possível que tal estabilidade seja responsável pela identificação desses argumentos como experienciadores, em detrimento do outro argumento cujo estatuto de experienciador é relativo, tornando-se opaco enquanto tal. Uma conclusão possível seria, então, a de se considerar, para efeito de representação lexical, o experienciador que é mais genérico,

¹⁵ A argumentação restringe-se evidentemente ao plano físico e psicológico. Não se consideram aqui outros planos incompatíveis com a ciência ocidental contemporânea, como o religioso, energético, intuitivo, nos quais, mesmo à distância e independentemente do fator consciência, os elementos envolvidos no evento (seja como alvo ou agente) são afetados. Sob a ótica desses últimos, a noção de experienciador é mais polêmica, ainda.

mais estável, o que é bastante plausível. É certamente esse o critério que guia as representações propostas pelos autores até aqui resenhados. Considere-se, entretanto, o verbo *enganar* (no sentido de *ludibriar*), listado por Cançado entre os verbos da classe 3. Sua representação lexical prevê, como para os demais verbos dessa classe, o experienciador na posição de objeto direto. Considerado um evento representado pela frase (51), diremos que Maria é o experienciador.

(51) João engana Maria com suas histórias.

Se propusermos a mesma pergunta feita acima para outros verbos (Quem está em estado psicológico de engano?) diremos que é *Maria*, de acordo com a representação lexical desse verbo. Observe-se, entretanto, que para se poder afirmar que *Maria* vivencia um estado psicológico de engano é preciso também poder afirmar que ela conhece o fato na perspectiva de *João*, o que, do ponto de vista da estruturação da ação no plano real, é impossível: *João* só pode enganar *Maria* se ela não tiver consciência da sua intenção. O estado psicológico de engano no evento descrito em (51) é, na verdade, o de *João*, que seria morfologicamente representado pelo vocábulo derivado *enganação*. Em momento posterior ao evento descrito, *Maria* pode estar num estado psicológico de engano. Observe-se que se *Maria* tiver consciência das intenções de *João* e estiver, portanto, num estado psicológico de engano, então a representação lingüística do evento será outra, qual seja (52):

(52) João tenta enganar Maria.

Portanto a inclusão de um verbo como *enganar* na classe 3 se faz mediante uma situação específica que não se conforma a nenhuma das perspectivas do evento até aqui consideradas. Isto é, viu-se acima que determinadas mudanças da noção de experienciador só são aceitáveis com argumentações extraídas do plano do evento e,

portanto, concluiu-se que as representações lexicais básicas teriam sido estabelecidas com base no que é genérico e estável, isto é, nas informações que não requeiram o recurso de situações específicas do plano do evento. No caso do verbo *enganar*, dentre outros, observa-se que sua representação lexical básica só pode ser justificada através de uma situação específica do evento, como se viu, o que, aliás, acaba por questionar o estatuto psicológico do verbo. Caso contrário, deve-se admitir que o experienciador é João. A solução, nesse caso, seria criar uma nova classe que abrigue verbos desse tipo. Considerem-se, além desse, os verbos *embrulhar*, *ludibriar*, *tapear*, *honrar*, que também parecem evidenciar um experienciador não-prototípico.

As considerações sobre a amplitude do conceito de experienciador como uma entidade não discreta (como na ótica de Dowty, 1991) levam a outra questão: a de que tal estatuto do experienciador de alguns verbos psicológicos pode ser determinado por um estatuto idêntico (entidade não discreta) do conceito de verbo psicológico. Isto é, o que se discutiu até aqui nos permite propor que a noção de experienciador seja uma noção difusa, cuja caracterização pode ser mais produtiva numa escala de prototipicidade. Trata-se do mesmo ponto de vista proposto por Dowty (1991) e adotado por Cançado quando propõe a substituição da noção de papel temático pelas macro-funções, como se viu em 2.1.2. É possível que tal característica se revele fator atuante na aceitação/não aceitação de determinadas propriedades por alguns verbos dentro de cada classe. Assim, a reflexão sobre o estatuto do experienciador deixa transparecer uma variação em outra noção envolvida na presente reflexão, a de verbo psicológico.

2.3.1.3 O conceito de verbo psicológico

O conceito de verbo psicológico parece recobrir uma gama de conceitos diversos que se relacionam sem, no entanto, se identificar.

Whitaker-Franchi denomina estritamente experienciais os verbos que Cançado classifica na classe 1 (*temer*) e causativos experienciais, os verbos que Cançado classifica nas classes 2, 3 e 4.

Farrell (1995) refere-se a verbos de emoção, distinguindo-os dos de cognição, dos de percepção etc. Ilustra os de emoção através dos verbos *love (amar)*, *hate (odiar)*, *fear (temer)*. Sua ilustração faz pressupor que os verbos de emoção restringem-se àqueles que Whitaker-Franchi denomina experienciais em sentido estrito, e que Cançado lista na classe 1 (*temer*).¹⁶

Também Clédat (1900), *apud* Ruwet (1972:187), ao propor o plano da locação, cita os verbos de emoção e os ilustra com verbos da classe de *temer*.

le sujet qui éprouve une émotion, n'en est pas l'agent véritable mais le lieu. Aimer, admirer redouter, etc. ne sont pas, à vrai dire, des actions.

Parece, pois, que quando se fala de verbos psicológicos, os primeiros que acodem à memória são os da classe de *temer*. Essa constatação vem ao encontro da percepção que tive ao lidar com os mesmos: alguns sempre pareciam “mais psicológicos” do que outros.

Considerando-se a noção de verbo psicológico no enfoque de prototipicidade, é possível propor a hipótese de que os verbos da classe de *temer* sejam os que têm o maior número de traços compatíveis com essa noção. Os das demais classes seriam menos prototípicos em relação à classe de *temer* e classificáveis numa hierarquia que se estabelecerá com base nos cruzamentos de fatores sintáticos e semânticos. Essa

¹⁶ A distinção entre processos endocêntricos e exocêntricos (Beaugrande, 1997:196) permite propor que os verbos da classe de *temer* relacionam-se aos primeiros na subcategoria da volição, enquanto os das demais classes relacionam-se aos processos exocêntricos, na subcategoria da disposição ou do desenvolvimento.

hipótese cria mais um traço responsável pelas diferentes classes identificadas por Cançado e pode, ainda, explicar as exceções observáveis em cada classe. É possível, além disso, que o estatuto da experiencição proposto na seção precedente esteja relacionado ao caráter mais ou menos psicológico do verbo, numa relação de causa e efeito. Uma observação do uso dos verbos permitirá que se explore mais profundamente essa hipótese. Citem-se, por ora, alguns verbos cuja análise pode ilustrar a amplitude relativa ao conceito de verbo psicológico. As classes 2, 3 e 4 abrigam verbos cujo sentido cobre uma escala que vai do plano físico ao psicológico, o que pode ser observado em verbos como *abrandar, acalmar, torturar, vergar* (classe 3); *abalar, agitar, amargar, atordoar, enervar, irritar, tontear* (classe 2); *relaxar, saciar, sufocar* (classe 4), entre outros. É possível que o sentido do verbo determine sua realização de determinadas propriedades. Assim, é também possível que a frequência de uso num ou noutro plano (físico ou psicológico) determine o grau de prototipicidade na escala do estatuto psicológico, donde decorre, talvez, o grau de aceitabilidade das distintas propriedades sintáticas. Considere-se o verbo *honrar*.

Cançado o classifica entre os verbos da classe 3 a partir da frase (53) (minha numeração).

(53) Jove honrou Castelo com uma homenagem (enaltecer).

Ressalte-se, em primeiro lugar, que o verbo *honrar* é passível de atribuição de dois sentidos, que se relacionam:

- a) *venerar, reverenciar, tratar com respeito* (Fernandes, 1947); *respeitar, dignificar* (Cunha, 1986);
- b) *conferir honra* (Cunha, 1986 e Fernandes, 1947); *celebrar honrosamente: celebrar a memória como elogio, louvor, monumento* (Morais, *apud* Fernandes, 1947).

Ilustrando um caso de homonímia¹⁷, o verbo *honrar* admite classificação em duas classes distintas, conforme seu sentido seja o de a, que o classifica na classe 1, com os verbos *reverenciar*, *respeitar*, constantes da lista de Cançado, ou o de b, que o classifica na classe 3, conforme o fez a autora. Considere-se, além disso, que o sentido proposto em a o exhibe em seu sentido psicológico, mas não o de b, de forma absoluta: não se pode afirmar que *prestar uma homenagem* represente um estado psicológico, mas não se pode, por outro lado, negar que tal evento implique um estado psicológico qualquer. O que se deve sublinhar aqui é o fato de a autora lhe atribuir o sentido de a (*enaltecer*) numa estrutura em que o verbo é compatível com o sentido expresso em b (*conferir honra, através de uma homenagem*). Esse fato parece comprometer a análise, já que as estruturas que Cançado submete a julgamentos de aceitabilidade são incompatíveis com o sentido proposto. Concordo com quase todos os julgamentos de aceitabilidade apresentados, mas devo reiterar o fato de que os mesmos só condizem com o sentido a (*conferir honra*). Apresento restrições, apenas, à análise da propriedade que Cançado rotula como passiva adjetiva na frase (54).

(54) Castelo ficou honrado com Jove.

Devo, em primeiro lugar, expressar estranheza quanto à estruturação de 54, cujo conteúdo esperado, de acordo com (53) é o de (55).

(55) Castelo ficou honrado com a homenagem de Jove.

Tal expectativa tem por base os dados intuitivos que a autora apresenta para outros verbos da mesma classe. Observe-se (56 a e b):

¹⁷ Deve ser observado que esse verbo, como outros, admite mais de uma análise. Dependendo do enfoque da observação, podem ilustrar casos de polissemia.

(56) a) O jogador ludibriava os parceiros com seus truques sujos.

b)* Os parceiros ficavam ludibriados com os truques do jogador.

Por concordar com o julgamento de aceitabilidade de Cançado, expresso na frase 56b, insisto em considerar que, no caso do verbo *honrar*, a frase (55) é a que deve ser tomada como base de análise. O que se observa, então, é que, no caso de (55), tal estruturação lhe garante um julgamento de aceitabilidade positivo. Essa constatação traz um problema para a análise proposta nos termos de Cançado já que, enquanto verbo da classe 3, *honrar* não deveria aceitar a passiva adjetiva. O mesmo problema se repete com outros verbos da classe 3, onde o fator determinante é a estruturação das frases: a grande maioria dos verbos da classe 3, que Cançado lista nos anexos, tem a propriedade de passiva adjetiva analisada com bases numa estrutura abreviada, como em (54). Observando-se o comportamento dos verbos em estrutura como (55), verifica-se que os mesmos admitem a passiva adjetiva. Citem-se, além de *honrar*, os verbos *conquistar*, *convencer*, *humilhar*, *reconfortar*. Outros verbos da classe 3 como *supliciar*, *tapear* parecem não admitir a passiva adjetiva seja em estrutura abreviada ou completa. São, coincidentemente, verbos cujo estatuto psicológico parece mais prototípico do que verbos como *honrar*.

Recapitulando, observou-se que os verbos cujo estatuto psicológico é relativo exibem também um experienciador relativo. A configuração de cada verbo em relação a essas variáveis parece ter um papel no comportamento sintático desses verbos. Nesse raciocínio, deve ser ressaltado o fato de que a propriedade passiva adjetiva é de extrema relevância ao lado da de ergativização, na análise de Cançado. Essa última já foi tratada nesta tese, por ser apreciada nos dois outros trabalhos citados (Whitaker-Franchi e Bittencourt). Quanto à passiva adjetiva, cumpre que se reflita sobre a mesma, não

apenas pelas características próprias que parecem se relacionar ao estatuto psicológico do verbo, como também pela configuração variável que apresenta nos dados de Cançado. Também sua denominação desperta interesse: o termo passiva remete a processo verbal, o termo adjetiva a processo nominal. Tal observação nos leva a considerar o próximo fator anunciado no início dessa seção: a configuração das estruturas sintáticas.

2.3.1.4 A configuração das estruturas sintáticas: a passiva adjetiva

O termo passiva pressupõe um processo verbal o que impede uma leitura desse tipo de estrutura como de mini-oração, nos termos do modelo gerativo. Trata-se de um rótulo ambíguo, cuja correspondência com a forma nominal dos verbos não é simétrica, pelo menos nos dados arrolados por Cançado: ora a estrutura passiva adjetiva é apresentada com o auxiliar *ficar* + participípio passado, ora com *ficar* + adjetivo. Alguns verbos não têm uma forma adjetival que lhes corresponda. É com base nesse tipo de estrutura que se desencadeia a antiga polêmica acerca do estatuto nominal ou verbal dos participípios passados. Outros, entretanto, tendo sua origem em adjetivos, distinguem formalmente o caráter verbal ou nominal das propriedades que exibem.

A observação dos dados de Cançado mostra que, em alguns casos, a forma adjetival foi usada; em outros, a mesma foi preterida em relação ao participípio passado. Observe-se o que foi feito para cada classe. Na classe 1, apenas um verbo relaciona-se morfologicamente, enquanto vocábulo derivado, a um adjetivo: trata-se do verbo *hostilizar*, analisado conforme reproduzo em (57), com minha numeração.

(57) a) A patroa *hostilizava* a empregada por seu jeito arrogante.

b) A empregada *ficou* *hostilizada* pela patroa.

Na classe 2 (para a qual se aponta a aceitação da passiva adjetiva), um verbo

como *afligir* (que exibe uma forma adjetival e outra de participio passado propriamente dito), teve consideras as duas formas, conforme em (58):

(58) a) Paula afligiu seu marido com suas suspeitas.

b) O marido de Paula ficou aflito (afligido) com as suspeitas de Paula.

No caso dos verbos da classe 3, que, com a classe 1, não admitem a passiva adjetiva, existem alguns que apresentam a forma primitiva adjetival, como *abrandar* (*brando*), *acalmar* (*calmo*). Mas Cançado desconsidera a forma adjetiva ao estruturar a passiva adjetiva dos mesmos. Opostamente, ao analisar os verbos da classe 2 (*tontear* (*tonto*)), (*orgulhar* (*orgulhoso* (?)))¹⁸, (*contentar* (*contente*)) e da classe 4 (*alegrar* (*alegre*)) que, de acordo com sua análise, admitem a passiva adjetiva, a autora considera a forma adjetival dos verbos derivados. Comparem-se os seus dados, que reproduzo com minha numeração:

Classe 3

(59) a) A moça abrandou o tenente com seu jeito meigo.

b)* O tenente ficou abrandado com a moça.

(60) a) A polícia acalma a multidão com suas ameaças.

b)* A multidão ficou acalmada com a polícia.

Classe 2

(61) a) Pedro tonteava Tonico com suas conversas.

b) Tonico ficava tonto com as conversas de Pedro.

¹⁸ A forma adjetival *orgulhoso* não é um participio passado nem é base (em termos gerativos) do verbo *orgulhar*. Não se explica o uso da mesma em lugar de *orgulhado*.

(62) a) O discípulo orgulhava o mestre com sua dedicação.

b) O mestre ficou orgulhoso com a dedicação do discípulo.

(63) a) O patrão contentou Mauro com a promoção.

b) Mauro ficou contente/contentado com a promoção.

Classe 4

(64) a) Paulo alegrou os convidados com uma banda de música.

b) ? Os convidados ficaram alegres com a banda de música.

Observadas as estruturas de (59) a (64), conclui-se que seus verbos constituem-se em exceções dentro das classes a que pertencem, no que concerne à propriedade passiva adjetiva. No caso dos da classe 3, o fato de os mesmos se relacionarem a uma forma adjetival permite estruturá-los na passiva adjetiva, diferentemente dos outros verbos da classe, que só exibem a forma nominal de particípio passado.

No que respeita aos verbos da classe 2 é o inverso que acontece. Diferentemente da maioria dos verbos da classes, os verbos ilustrados não são aceitáveis quando a passiva adjetiva é formada com o particípio passado, tanto que para os mesmos a autora escolheu a forma adjetiva. O mesmo pode se dizer para o verbo *alegrar* da classe 4.

A análise da propriedade passiva adjetiva poderia, então, levar a duas conclusões:

- a) trata-se de uma propriedade que não distingue propriamente as classes umas das outras;
- b) trata-se de uma propriedade que distingue umas classes das outras, mas que permite comportamentos idiossincráticos de alguns verbos.

É evidente que, observado o volume de verbos que se distinguem com base nessa propriedade, a conclusão b é obrigatória. Observe-se, além disso, que essa propriedade é relacionável à estrutura estativa (mini-orção), e que, também nessa última, o comportamento dos verbos supracitados se repete, isto é, aqueles que se relacionam a uma forma adjetival exibem a estrutura de mini-orção com a forma adjetival, o que não impede que aqueles que só apresentam a forma nominal de particípio passado também realizem a estrutura de mini-orção. Vejam-se as frases (65) a (67) que ilustram alguns dos verbos analisados:¹⁹

(65) Os convidados são alegres.

(66) Mauro é contente.

(67) Tonico é tonto.

Tais orações são relacionáveis às passivas adjetivas (*ficar alegre/contente/tonto*). Ressalte-se o fato de que a gramática tradicional atribui a mesma análise aos dois tipos de estrutura: com o verbos (operadores) *ser* ou *ficar*, as estruturas têm seu predicado classificado como nominal, tendo seus adjetivos e/ou particípios passados classificados como predicativos. O que se constata, então, é que, no plano sintático, a passiva adjetiva se relaciona, por um lado, com a passiva propriamente dita (sintática, nos termos de Cançado), por outro, com orações estativas. Além disso, e consideradas as diversas classes de verbos psicológicos, percebe-se que o agrupamento dos verbos reflete a distribuição complementar das propriedades: só passiva adjetiva (classe 2), só passiva sintática (classes 1 e 3). Paralelamente, um último grupo admite as duas (classe 4). Observado o fato de que, em cada classe, alguns verbos apresentam exceções a essas

¹⁹ Um verbo da classe 2 faz exceção ao que foi reportado aqui: o verbo *chatear* não admite a passiva adjetiva com a forma adjetival que lhe dá origem.

propriedades que lhe são atribuídas, é possível cogitar que outra propriedade possa ser apontada como parâmetro de avaliação dos verbos psicológicos. Tratar-se-ia de uma propriedade mais genérica, no sentido de que a mesma teria condições de dialogar tanto com traços semânticos difusos, como se observou acima, como com propriedades sintáticas também difusas. Nesse sentido, tal propriedade se sobreporia a outras, estabelecendo-se, também, por seu próprio estatuto de intermediadora, em uma escala de prototipicidade. Tal hipótese permite pressupor que a interação proposta no plano nocional pode ter sua contraparte no plano sintático. Isto é, a realização de uma propriedade pode determinar a realização/não realização de outra.

Devo observar ainda que, nessa hipótese, a análise dos participios passados/adjetivos como mini-oração vai ao encontro de Nascimento e Kato (1995), que propõem tratar propriedades como as de passivização como um epifenômeno ao lado de outros, como as construções de alçamento, a alternância verbos inergativos/inacusativos, a alternância orações acusativas/inacusativas com os chamados verbos de troca de estado. Opostamente, entretanto, às propostas desta tese, propõem que se considere a construção dos itens lexicais e das relações temáticas também como um epifenômeno resultante da computação sintática. Pressupõem a substituição do Princípio de Projeção por um mero mecanismo de inserção de entradas lexicais constituídas basicamente por primitivos de natureza predicativa, fornecidos pelo componente cognitivo, material sobre que trabalhariam as Categorias Funcionais, construídas em sua forma e função por relações e elementos aprioristicamente definidos pela Gramática Universal (GU). Ao sugerir que as categorias funcionais não mais trabalhariam sobre relações temáticas projetadas, mas sobre entradas lexicais diretamente inseridas, sugerem a consideração de unidades lexicais conforme a proposta desta tese, mas opostamente nos dois seguintes aspectos: a) as entradas lexicais se

constituem de primitivos de natureza predicativa: os trabalhos resenhados neste capítulo mostram (ainda que em outra linha teórica) que a substituição da noção de papéis temáticos tomados com primitivos (como em Gruber, 1965 e Fillmore, 1968) pela noção de papéis-tipo que se estabelecem como feixe de traços (e permite estabelecer categorias prototípicas, conforme propostas desta tese) é mais produtiva, permitindo relacionar melhor papéis temáticos e sintaxe; b) a relação continua sendo entre primitivos de natureza predicativa e estrutura profunda, quando as propostas da semântica representacional relacionam papéis temáticos e estrutura superficial. Igualmente às propostas da semântica representacional, o modelo de léxico sugerido em 1.3 pressupõe entradas lexicais constituídas de papéis-tipo, hierarquizados em relação às propriedades sintáticas superficiais (o processo é consciente, do ponto de vista do falante, sendo, portanto, a relação, visível), de acordo com seu grau de prototipicidade. Como nesse modelo o léxico é o componente central, o diálogo com os demais restringe-se a esses aspectos. A consideração do léxico como componente central do modelo lingüístico nos leva à consideração do último conceito anunciado no início dessa seção: o conceito de componentes estanques.

2.3.1.5 A configuração da gramática: componentes estanques

O grau de consciência do falante acerca do conteúdo semântico dos itens é resultado de uma operação complexa em que o conjunto de traços estabelecidos pelo componente conceitual (nos termos de Jackendoff, 1990) se organiza em um papel tipo (conforme Dowty, na análise de Cançado) cuja configuração resulta de uma filtragem desses traços pelo componente sintático (processo subjacente mas não explicitado em Jackendoff). É nesse aspecto que a relação entre os componentes é dialética: ao mesmo tempo que fatores pragmáticos podem ciclicamente (noção temporal) reelaborar a

diátese dos verbos, essa reelaboração está sempre sendo filtrada pelo sistema que torna visíveis essas diáteses (ilustre-se o processo com o verbo *grilar*: cf. 2.1.2). Isto é, pode-se observar que, tanto na perspectiva da sintaxe gerativa quanto na da semântica autônoma, a configuração dos sistemas tem um ponto em comum: ambos os modelos organizam as estruturas concernentes aos mesmos como se a formalização dessas estruturas fosse realmente autônoma. Costuma-se pressupor que o que se está vendo é puro e não influenciado pelo nível descartado da análise. Isto é, noções semânticas sejam elas tratadas enquanto unidades complexas (como em Dowty, 1991 e Cançado, 1995) ou discretas (como em Gruber e Fillmore) são diretamente relacionadas ao plano do evento quando, na verdade, são noções cuja interpretação pelo falante é filtrada pelas estruturas lingüísticas (sintáticas) que veiculam essas noções. Ainda que de forma implícita, Jackendoff (1990:16) pressupõe essa interação quando configura o componente conceitual e o de regras de inferência. Cumpre lembrar que a estrutura conceitual é o domínio da representação mental que se caracteriza como a interface entre a informação lingüística e a informação provinda de outras capacidades, tais como visão e ação. O que se quer acrescentar na perspectiva que guia a presente análise é que assim como a estrutura conceitual é interfacial, também a informação lingüística o é, no sentido de que condensa traços que exibem, de um lado, a representação lingüística (semântica) do evento, como também traços que vão se agregando a essas representações de acordo com as estruturas sintáticas que carregam as representações. Exemplifique-se com as macro-funções propostas por Cançado: viu-se que um verbo como *animar* tem o papel de seu argumento externo classificado como CAUSA porque esse verbo realiza tanto estruturas em que se identifica um agente, como em *João anima Maria com suas histórias*, como estruturas em que se identifica um instrumento, como em *As histórias de João animam Maria*; ou ainda, uma causa, em outros contextos.

Observando-se que as duas estruturas não se distinguem no plano do evento (no qual o que se vê é *João* contando histórias para *Maria*, que vai gradativamente se alegrando, por exemplo), fica evidente que o papel do verbo, isto é, sua diátese, submete-se, enquanto representação:

- a) ao plano do evento, em que se identifica João, como agente, e Maria, como experienciador afetado;
- b) ao plano da informação lingüística (sintática), em que se identifica não só um agente na posição de sujeito (*João*), mas também um instrumento (as histórias de João) ou um experienciador afetado (*Maria*).²⁰

Tanto é assim que, quando testado em relação a determinadas estruturas, o falante exemplifica, num primeiro momento, fazendo uso daquela com a qual está mais familiarizado, e propõe, em relação a esse verbo, tanto uma estrutura como *Maria anima com as histórias de João* como *João anima Maria com suas histórias*, ou ainda *As histórias de João animam Maria*.

Lembrem-se também os exemplos de Whitaker-Franchi, relativos a verbos como *assustar*: como os falantes do Sul não estão familiarizados com estruturas como *João assustou* (= *João se assustou*), os mesmos só produzem, para a primeira, uma leitura causativa, ainda que a representação do evento seja a mesma na estrutura conceitual (face não lingüística) dos falantes de regiões geográficas distintas. Se a representação não lingüística é a mesma, deve-se concluir que os falantes se distinguem

²⁰ Essa última possibilidade não é contemplada, na verdade, pela representação lexical. Conforme Cançado demonstra na análise da projeção da hierarquia temática, é necessária uma leitura específica da hierarquia para as realizações com o experienciador na posição de sujeito sintático. Conforme se viu em 2.2, a proposta de uma leitura específica caracteriza-se como solução *ad hoc*. A meu ver, esse procedimento põe em questão a própria configuração da hierarquia temática e sua projeção. Voltarei a essa questão no cap. 6.

no que diz respeito à face lingüística de sua estrutura conceitual. Assim, no caso do verbo *assustar*, deve-se admitir que os papéis temáticos de seus argumentos são diferentes para os distintos grupos de falantes. Diante desta constatação delinea-se uma estrutura conceitual cuja face lingüística é complexa: já que não se pode propor que a representação do evento seja distinta para falantes distintos, mas pode-se propor que a representação lingüística o seja, deve-se admitir que essa última se estabelece em dois planos: um semântico, em que se representa lingüisticamente o evento, onde *João* é o agente e *Maria* o objeto afetado; outro semântico-sintático, onde, por força do uso/não uso de determinadas estruturas sintáticas, o foco desloca-se de *João* (agente) para *Maria* (objeto afetado), ou para o instrumento, numa frase como *O grito de João assusta Maria*. Levando-se mais longe essa reflexão, e radicalizando o processo que aqui se ilustra com o verbo *assustar*, pode-se propor que se o verbo *assustar* for se fixando em estruturas ergativas sem o clítico, e substituído por outro (como *amedrontar*, por exemplo) em estruturas causativas, decorrido um certo tempo, esse verbo (*assustar*) não mais será processado (pela mente do falante) na observação de uma cena em que X assusta Y. São, portanto, produtivas para a linguagem as representações conceituais que se fazem no plano sintático- semântico. Assim, só se pode dialogar com a representação do plano do evento.

Só faz sentido, portanto, em uma análise, falar de componentes estanques quando se fala de propriedades genéricas. Mas quando se considera a produtividade de certas propriedades, isto é, de certas regras, observa-se que alguns itens são cegos para algumas e não para outras. Esta cegueira parcial é resultante do diálogo que se estabelece entre as representações semânticas lingüísticas com as representações semânticas não lingüísticas. Observando-se que esse diálogo só pode ser instanciado por itens lexicais, delinea-se uma configuração do modelo de linguagem conforme o que

foi proposto em 1.3, onde o léxico é o elemento de contato entre os vários componentes. Ressalte-se que Franchi (1976, 1990) propõe (numa perspectiva que tende mais para o modelo neogramático) que todos os componentes sejam articulados pelo léxico. Propõem-se aqui duas alterações no modelo que lhe serve de base de análise: a postulação do léxico como elemento articulador dos demais componentes pressupõe a complexização da estrutura conceitual, bem como a substituição dos conjuntos de regras sintáticas e dos conjuntos de regras semânticas pelo item lexical tomado enquanto *locus* da convergência das representações conceituais lingüísticas e extralingüísticas.

Conclusão

Viu-se, em Cançado (1995), que a propriedade de ergativização é a que mais oferece exceções dentro das três subclasses propostas, especialmente na classe 2. Por essa razão, foram consultados trabalhos que apreciam a correlação entre ergativas e causativas, como o de Whitaker-Franchi (1989), e o processo de causativização, como o de Bittencourt (1995). Em todos, como se viu, a correlação entre ergativas e causativas exhibe algum comportamento lexical idiossincrático. Observando-se o fato de que nas três autoras, o comportamento lexical idiossincrático é apontado como variável regionalmente, e/ou em desenvolvimento, cabe avaliar se há, de fato, variação e, se houver, identificar as características da mesma e sua direção. A partir dessa observação se encadeiam as perguntas que proponho abaixo:

- (a) O conjunto dos verbos psicológicos considerados causativos em seu uso contemporâneo constitui-se integralmente de verbos historicamente causativos?
- (b) Levando em conta a variação que se evidencia entre eles (alguns não aceitam estrutura ergativa alguma, outros só aceitam a pronominal e, outros mais, só a ergativa sintética), a mesma pode estar relacionada a distintas propriedades

- primitivas (verbos primitivamente causativos ou inacusativos, ou inergativos)?
- (c) Se b tiver uma resposta afirmativa, o comportamento de cada grupo de verbos poderá ser sistematizado por regras que levem em conta essa variável (propriedade primitiva)?
- (d) Se também c tiver uma resposta afirmativa, como conciliar essa regra às regras que o falante domina (já que a informação histórica é irrelevante para o falante)?
- (e) Por não ser possível a conciliação questionada em d: os itens lexicais carregam traços (portanto visíveis para o falantes) relacionados a suas propriedades primitivas?
- (f) De que critérios dispomos para analisar o clítico *se* como marca de decausativização se este pronome acompanha também verbos que não realizam a correlação ergativo-causativo (como, por exemplo, certos verbos da classe de *temer*, em outros períodos da língua)?
- (g) Todas as propriedades sintáticas passíveis de realização pelos verbos psicológicos são quantitativamente equilibradas no uso dos mesmos? Isto é, que propriedades exibem, na realidade, os verbos psicológicos?
- (h) Existe a possibilidade de se postular alguma(s) das propriedades sintáticas desses verbos como potencialmente desencadeadora(s) da realização das outras propriedades sintáticas?
- (i) A realização de determinadas propriedades sintáticas está relacionada ao estatuto psicológico do verbo?
- (j) O ponto de inserção do experienciador numa escala de prototipicidade determina a realização de determinadas propriedades sintáticas?

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA DA PESQUISA

Introdução

A exposição do quadro teórico e a reflexão sobre o comportamento dos verbos psicológicos já anteciparam, de certa forma, as linhas gerais da metodologia da pesquisa a que se procedeu. Neste capítulo explicitam-se as informações que concernem à obtenção dos dados, o que será feito na primeira seção. A segunda seção explica a organização e classificação dos dados bem como a seleção das variáveis estruturais e não estruturais de análise.

3.1 A obtenção dos dados

3.1.1 Análise sincrônica

A busca e organização dos dados dessa etapa orientou-se pela metodologia variacionista, conforme exposta em Labov (1976). Para tanto, buscaram-se dados ilustrativos das duas modalidades lingüísticas: língua oral (doravante LO) e língua escrita (doravante LE).

Os dados de LO têm origem variada. Os mesmos foram obtidos da seguinte maneira:

a- Levantamento dos verbos psicológicos, constantes das entrevistas publicadas pelo projeto NURC. Foi consultado o material referente a:

- 1- São Paulo (vol. 1: conversa entre dois informantes; vol. 3: informante e documentador) perfazendo um total de 11 horas gravadas, com 17 informantes;
- 2- Salvador (informante e documentador), 5 horas e 36m. gravados, com 8 informantes.

b- Levantamento dos verbos psicológicos constantes das entrevistas realizadas por mim entre 1984 e 1985, para fins de pesquisa (dissertação de mestrado). O

material consultado corresponde a 13 horas de entrevistas com 8 informantes (informante e documentador).

Os dados de LE foram extraídos dos seguintes textos¹:

- a. crônica - SABINO, Fernando. *A mulher do vizinho*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962. (FS)
- b. teatro - ANDRADE, Jorge. *A Moratória*. 5. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1976. (JA)
- c. romance - DOURADO, Autran. *Ópera dos Mortos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. p.1-160. (AD)
- d. conto - LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. (CL)

Deve-se ressaltar que, devido à hipótese de variação em curso, procedeu-se a um recorte dos dados desde a etapa da coleta: tanto os dados de LO como os LE datam-se entre 1960 e 1985.

3.1.2 Análise diacrônica

As hipóteses subjacentes a trabalhos anteriores (cf. cap. 2) permitiam prever que indícios de uma variação sintática dos verbos psicológicos seria detectável na análise dos dados contemporâneos. A partir dessa previsão, concebia-se um enfoque diacrônico subsequente (para confirmação dos indícios) que contemplasse o primeiro período da fase contemporânea² do português, isto é, dados do século XVIII e XIX. Mas, na primeira fase da pesquisa, quando se procedeu a uma análise não sistemática dos dados do século XX, ficou patente que os indícios de variação não seriam discerníveis pelos dados desse século, já que o comportamento dos verbos não parecia

¹ As referências estão acompanhadas das abreviaturas (entre parênteses, no fim da citação) através das quais se identificam os dados ilustrativos dos *corpora*.

² A respeito da periodização da língua, conforme mencionada neste texto, ver Bittencourt (1995:33,36).

distinguir-se entre as duas modalidades lingüísticas. Procedeu-se, então, a uma observação (também não sistemática) de dados do século XIX que, por sua vez, tampouco exibiam os indícios de um processo de mudança. O mesmo tipo de observação foi feito em relação ao período arcaico, onde se encontraram alguns indícios de diferentes configurações sintáticas dos verbos. As constatações dessa primeira etapa da análise guiaram a reorganização da pesquisa. Decidiu-se que seriam coletados dados de cada século desde o período arcaico, para que se pudesse seguir o percurso das quatro classes de verbos psicológicos e, até mesmo, de alguns deles, se necessário. Essa primeira etapa da análise redefiniu também um outro objetivo do projeto original. De início, projetou-se a coleta de dados históricos de uma das classes de verbos, exclusivamente (classe 2), já que a hipótese de variação era orientada pelo comportamento dos verbos dessa classe. Como, entretanto, as análises realizadas nessa etapa levaram a um questionamento acerca da configuração das outras classes, concluiu-se que os dados relativos a outros períodos da língua deveriam contemplar todos os verbos psicológicos que ocorressem, inclusive os mono-argumentais e os que introduzem seu argumento interno via preposição. Para tanto, foram consultados os seguintes textos:

Século XIV

MATTOSO, J. (Ed.). *Portugaliae Monumenta Historica*; a saeculo octavo post quintumdecimum iussu academiae scientiarum olisiponensis edita. Livro de linhagens do conde D. Pedro. Lisboa: Academia das Ciências, 1980. Volume II/1. p.204-222, 295-299, 393-396. (Banco de textos (FALE/UFMG) para pesquisa em Lingüística Histórica que será, doravante citado como BTLH) (LI).

MATTOSO, José. *Narrativa dos livros de linhagens*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983. p.127-142. (BTLH) (LI).

NUNES, J. J. (Ed.). Vida de Santa Maria Egípcia. (Revista Lusitana, vol XX, 1917). In: FERREIRA, M. E. T. (Org.). *Poesia e prosa medievais*. Biblioteca Ulisseia de autores portugueses, s.d. (ME).

_____. Vida de Santa Pelágia (Revista Lusitana, vol. X, 1907) In: FERREIRA M. E. T. (Org.). *Poesia e prosa medievais*. Biblioteca Ulisseia de autores portugueses, s.d. (SP).

PEREIRA, E. (Ed.). Vida de Santo Aleixo (Revista Lusitana, vol.I, 1887). In: FERREIRA M. E. T. (Org.). *Poesia e prosa medievais*. Biblioteca Ulisseia de autores portugueses, s.d. (SA).

ABREU, G. de V. & VIANA, A. R. G. Lenda de Barlaão e Josafá (História e Memória da Academia Real da Ciências, Tomo VII, Parte II, Memória I). In: FERREIRA M. E. T. (Org.). *Poesia e prosa medievais*. Biblioteca Ulisseia de autores portugueses, s.d. (BA).

Século XV

ENTWISTLE, W. (Ed.). *Cronica d'el Rei Dom Joham* (de Fernão Lopes). [s.l.]: [s.n.], 1945. p.01-23. (BTLH) (DJ).

D. DUARTE. *Leal conselheiro*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982 (DD).

MAGNE A. *Boosco De Leitoso*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1950 (BO).

Século XVI

CORTESÃO, Jaime. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1943. p.135-187. (BTLH) (PV).

LEITE, Serafim S. I. *Cartas dos primeiros jesuítas no Brasil I*. São Paulo: [s.n.], 1954. p.89-97, 109-132, 171-174, 219-223, 290-294. (BTLH) (SL).

Século XVII

PIRES RABELO, G. “Dos infortúnios trágicos da constante Florinda” e “Das novelas exemplares”. In: FERREIRA, J. P. (Ed.). *Novelistas e contistas portugueses dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1981. p.113-118, 119-143. (BTLH) (PR).

CARTAS DE CATARINA (BTLH) (CA).³

VIEIRA, A. *Sermão de Santo Antônio aos peixes*. Lisboa: Imprensa Portuguesa, 1961. (AV).

³ A edição crítica desse texto está em preparo (professora Maria Antonieta Cohen).

Século XVIII

PEREIRA, Nuno Marques. “Do compêndio narrativo do peregrino da América”. In: FERREIRA, J.P. (Ed.) *Novelistas e contistas portugueses dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1981. p.305-315.(BTLH) (NP).

MARIA DO CÉU, S. “Aves ilustradas em avisos para as religiosas servirem os ofícios dos seus mosteiros”. In: FERREIRA, J. P. (Ed.). *Novelistas e contistas portugueses dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1981. p.365-389, 394-397. (BTLH) (MC).

EÇA, M. A. da Silva. *Reflexões sobre a vaidade dos homens (ou Discursos Morais sobre os efeitos da Vaidade. – oferecidos a El-Rei Nosso Senhor D. José I)*. São Paulo: Martins Fontes, 1952 (MT).

Século XIX

ASSIS, M. Não consultes médico. In: MOISÉS, M. (Org.). *Crônicas – Crítica – Poesia – Teatro*. São Paulo: Cultrix, 1964 (MA).

DIAS, G. Leonor de Mendonça. In COUTINHO A. (Org.). *Poesia completa e prosa escolhida*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959 (GD).

NABUCO. J. *Cartas a amigos*. São Paulo: Instituto Progresso, 1949. 1° vol. (JN).

Século XX (1ª. década)⁴

BARRETO, L. *Correspondência* (Tomo 1). São Paulo: Brasiliense, 1956 (LB).

3.2 A organização dos dados

Num primeiro momento, foram levantadas todas as ocorrências de verbos psicológicos. Os dados foram submetidos a uma primeira classificação por origem (LO e LE). Fora também divididos segundo a classe a que pertencem, de acordo com os critérios de Cançado (1995). Finalmente, foram agrupados pela função sintática exercida pelo experienciador (sujeito x objeto) nas estruturas nas quais os verbos ocorreram.

Uma primeira observação (não sistemática) de um subconjunto de dados

⁴ Os dados relativos a essa obra foram codificados como 20a, mas não integram a análise quantitativa. Os mesmos foram considerados na análise qualitativa.

mostrou um número elevado de ocorrências com o experienciador na posição de sujeito, principalmente na classe 2. Esperava-se, na verdade, que essa classe (bem como as classes 3 e 4) privilegiassem a posição de objeto para o experienciador. Além disso, os dados mostraram formas variáveis na realização dos diversos verbos. Isto é, formas como *preocupar*, *animar*, e *acalmar* competem com formas como *ter preocupação*, *ter ânimo*, *ter calma*, respectivamente. Esse tipo de observação levou à suposição de que as diferentes formas dos verbos poderiam ser resultantes de mudanças de traços semânticos, o de controle, mais especificamente. A averiguação dessa hipótese (que será explicitada nos capítulos de análise) motivou a consideração de novas variáveis, de modo que se obtivesse uma classificação minuciosa dos dados. Grande parte dos procedimentos empreendidos são praticamente intuitivos, já que não se dispõe de outro trabalho que tenha tratado os dados nessa perspectiva. O único critério objetivo usado foi o comportamento dos dados e a observação assistemática das evidências que os mesmos apresentavam. Exponho, a seguir, todas as variáveis que pareceram ter interferência no processo de variação dos verbos psicológicos.

3.2.1 Variáveis estruturais

Os verbos foram codificados de acordo com:

a- Número da classe

classe de <i>temer</i>	1
classe de <i>preocupar</i>	2
classe de <i>acalmar</i>	3
classe de <i>animar</i>	4
argumento interno via prep.(transitivos ind.).....	5
mono argumentais.....(intransitivos).....	6

A consideração da variável classe justifica-se em Cançado (1995), cuja pesquisa defende (cf. cap. 2) a hipótese de que no português os verbos psicológicos dividem-se em quatro classes e não em duas, conforme anuncia a literatura no que concerne a outras línguas. Como a hipótese da pesquisa atual prevê que essa distribuição em classes adicionais no português seja reflexo de um processo de variação sintática que espelha uma mudança ou variação semântica, era importante que se considerasse a divisão dos verbos em classes.

Os critérios adotados para a classificação foram basicamente os mesmos adotados por Cançado (1995), tendo sido privilegiados os que dizem respeito à realização da passiva sintática e da passiva adjetiva. São resultantes dessa classificação os verbos das classes de 1 a 4. Foram tratados numa classe adicional os verbos que se ligam ao argumento interno via preposição (transitivos indiretos, na gramática tradicional), pelo fato de os mesmos não terem sido considerados em Cançado (1995).

A 6ª. classe, dos mono-argumentais (intransitivos, na terminologia tradicional), compõe-se de verbos não considerados em pesquisas que tratam de verbos psicológicos: os mesmos apresentam um único argumento experienciador, o que impossibilitaria sua comparação com os demais verbos. A incorporação dessa classe à presente análise decorreu da previsão de necessidade de futuras comparações entre os verbos das diversas classes.

b- Número do verbo - número atribuído pela ordem de entrada no banco de dados.

Uma vez atribuído um número à primeira ocorrência de um verbo, o mesmo foi repetido para todas as formas desse verbo. Ex: as formas *preocupar*, *preocupar-se*, *estar preocupado*, *ter preocupação*, etc. receberam o mesmo número de verbo.

Essa variável foi considerada em função da hipótese que prevê que mudanças de traços semânticos (como o de controle, por exemplo) poderiam ir gradativamente se tornando visíveis através de mudanças da forma dos verbos. Nesse sentido, a observação da frequência de uso dessas formas variáveis comparadas entre si poderia evidenciar uma mudança em curso, quando associada a uma pesquisa diacrônica.

c- Forma do verbo:

forma simples.....	a	morrer de + subs.....	p
pronominal.....	b	passar + subs.....	q
estar + part. pass.....	c	pedir (desculpas).....	r
ficar + part. pass.....	d	perder+ subs.....	s
ser + part. pass.....	e	impor/manter	
ter + subst. corres-		(o respeito).....	t
pondente ao pred.....	f	sentir + subs.....	u
achar + adjetivo.....	g	sentir-se +adj.....	v
deixar + adjetivo.....	h	ser (uma decepção).....	x
tomar + subst.....	j		
dar + subst.....	k		
estar com + subst.....	l		
fazer/meter + subst.....	m		
ficar em + subst.....	n		
ficar com + subst.....	o		

Essa classificação visava atender às variáveis cuja análise é necessária para a verificação da hipótese citada em b, acima.

Deve ser observado que as formas aqui rotuladas como pronominais abarcam tanto os verbos reflexivos quanto os pseudo-reflexivos. A distinção entre os dois tipos não se estabelece sem alguma polêmica. O critério usado para classificá-los foi o de submeter a forma verbal ao seguinte teste: acrescentar à forma verbal o pronome oblíquo preposicionado seguido de *mesmo* e testar a aceitabilidade da forma. Quando a mesma se revelou semanticamente aceitável com o acréscimo, foi considerada reflexiva, sendo atribuído ao pronome a função de objeto direto. No caso contrário, o pronome foi classificado como pseudo-reflexivo. Ex.: *Não quero que você se sacrifique. Sacrificar-se a si mesmo* é semanticamente aceitável; trata-se de um verbo reflexivo. *Não me incomodo de ajudar. Incomodar-se a si mesmo* é semanticamente inaceitável; trata-se, então, de um verbo pseudo-reflexivo. Como se disse, acima, em alguns verbos a análise não é pacífica: é possível que algumas dessas classificações precisem ser revistas.

d- Possibilidade de variação de qualquer das formas de (a a z) com a forma simples a ou com a pronominal b: quando a forma realizada pelo verbo (ver c, acima) apresentava possibilidade de variação com a forma simples (a) ou com a forma pronominal (b), essa possibilidade foi assinalada atribuindo-se à ocorrência em análise as letras a ou b, respectivamente. Quando não foi identificada possibilidade de variação foi atribuída a letra n à ocorrência em análise.

Essa variável foi considerada para se evitar que formas compostas (do tipo *ter preocupação*), que podem se realizar com a forma simples em determinados contextos, fossem contadas com as formas compostas que não admitem variação. A mistura de tais ocorrências comprometeria a averiguação da hipótese apresentada em b. Por outro lado deve-se observar que essa possibilidade de variação é também alvo de controvérsia. Por exemplo, a forma *eu divirto* em substituição a *eu me divirto* é freqüente na fala de

determinados grupos sociais. Atribuí-la como forma variável, entretanto, é difícil, como vimos acima, já que alguns grupos sociais rejeitam essa forma sem o pronome.

e- Função sintática exercida pelo experienciador:

função de sujeito..... a

função de objeto..... b

Como vimos nas representações lexicais dos verbos (cap. 2), uma única classe privilegia o experienciador na função sintática de sujeito. A consideração dessa variável teve, portanto, o objetivo de observar o comportamento dos verbos quanto à função exercida pelo experienciador em cada uma das classes.

f- Bi-argumentais sem preposição:

complemento presente..... 1

complemento ausente..... 2

sem complemento..... 3

A inclusão dessa variável seria desnecessária se o *corpus* atual se restringisse ao tipo de verbos analisados por Cançado (1995), isto é os transitivos diretos, que foram propositalmente distinguidos dos indiretos pelo fato de esses últimos envolverem uma rede temática diferente daqueles. Como, entretanto, o presente trabalho não se propõe a avaliar a rede temática dos verbos e sua hierarquia, mas a observar se existem novos acarretamentos tornados visíveis por construções sintáticas em processo de variação, pareceu importante incluir também os verbos transitivos indiretos. Sua inclusão em alguma das classes atuais, já dissemos, dependerá da análise dos dados.

g- Bi-argumentais com preposição

complemento presente..... 4

complemento ausente.....	5
sem complemento.....	6
complementação indireta s/ prep.....	7
agente da passiva.....	8

A inclusão dessa variável foi motivada não só pela inclusão dos verbos transitivos indiretos, como também pela consideração das formas nominais dos verbos. O parâmetro complementação indireta sem preposição diz respeito às orações objetivas indiretas, cujo conectivo não foi precedido de preposição - uso freqüente na língua não-padrão

3.2.2 Variáveis não-estruturais

É no sentido lato que se usou até o momento, no presente texto, o termo variação. Aliás, a própria hipótese de variação nas estruturas sintáticas integradas pelos verbos psicológicos é absolutamente intuitiva. Pensar, portanto, em variação social é menos uma hipótese do que uma contingência do modelo que orienta uma parte da pesquisa, qual seja, a Teoria da Variação. Ainda assim poderíamos, de antemão, citar algumas razões que justificariam de *per si* a consideração de algumas das variáveis, especificamente, a do informante e a da modalidade lingüística.

A primeira razão para a consideração da variável *informante* é descartar, de imediato, a possibilidade de ter a análise tendenciada por qualquer comportamento lingüístico idiossincrático. Ligadas a essa variável, temos as variáveis sociais (sexo, faixa etária e escolaridade) e a geográfica, cuja produtividade será demonstrada a partir do momento em que a análise delinear um processo de variação lingüística, de fato.

Quanto à variável *modalidade* (LO e LE), sua consideração justifica-se pela hipótese de variação no tempo: a expectativa é de que as estruturas sintáticas que

correspondem às representações lexicais básicas de cada classe, em Cançado (1995), sejam mais frequentes na modalidade escrita. A análise dessa variável orientará a pesquisa diacrônica posterior.

Deve-se ainda acrescentar, no que diz respeito à língua escrita, que, ciente de que diferentes textos evidenciam diferentes modalidades lingüísticas, no que concerne a maior ou menor conformação à língua culta, procurei diversificar os tipos de textos consultados. Para tanto selecionaram-se dados de romance, crônica, teatro e conto, na expectativa de que, se houvesse variação temporal, a mesma já estaria refletida na linguagem teatral, em primeiro lugar, seguida da linguagem das crônicas e, talvez, ausente no romance e no conto. Deve-se adiantar, todavia, que, como apenas um texto de cada tipo foi consultado, a inclusão dessa variável não é prevista na análise demonstrativa. Quando muito, os resultados obtidos servirão ora para corroborar os resultados atinentes a LO, ora para guiar, na qualidade de indício, se for o caso, a pesquisa diacrônica.

Foram essas, portanto, as variáveis não estruturais consideradas. As sentenças ilustrativas dos dados de língua oral serão acompanhadas da informação relativa ao número (de 1 a 40) do informante (I.), apenas. Ex: (I.12) significa informante 12.

Os dados foram, portanto, cadastrados de acordo com 9 (nove) variáveis. O banco de dados utilizado é o Microsoft Access, versão 97.

Conclusão

Neste capítulo, apresentaram-se os principais fatores que foram considerados na pesquisa. Foi explicada a consideração de diferentes modalidades lingüísticas bem como a coleta de dados de diferentes períodos históricos. Na seqüência, listaram-se as

fontes, por século. Foram explicitadas e justificadas as variáveis estruturais e não estruturais consideradas na análise. Quaisquer novas questões metodológicas evidenciadas pela análise serão expostas oportunamente. Tendo estabelecido o quadro metodológico geral da pesquisa, passo à análise dos dados contemporâneos (séc. XX, exclusivamente), no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE SINCRÔNICA

Introdução

A análise apresentada no presente capítulo considera um total de 734 dados obtidos conforme fontes e metodologia descritas no capítulo 3. Desses, 406 são de LO, 328 de LE.

Viu-se no capítulo 2 que a literatura considera dois grupos distintos de verbos psicológicos, de acordo com a função sintática (de sujeito ou de objeto) de seus experienciadores. Mesmo em Cançado (1995), que apresenta duas classes adicionais, dois grandes grupos continuam se distinguindo (o grupo que apresenta o experienciador na função sintática de sujeito (classe de *temer*) e o grupo que apresenta o experienciador na posição sintática de objeto (classes de *preocupar* (2), *acalmar*(3) e *animar*(4)). Iniciei, pois, a análise do uso desses verbos pelo comportamento sintático de seus experienciadores.

4.1 A função sintática do experienciador

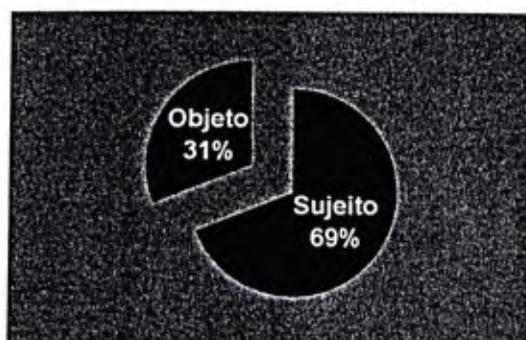
A importância da função sintática do experienciador relaciona-se ao estudo das propriedades de ergativização e de causativização que, apesar de não-exclusivas dos verbos psicológicos, desencadeiam um largo espaço de reflexão pela heterogeneidade (tanto intra quanto interclasse) das realizações dos verbos das classes 3 e 4. Dentre essas reflexões, destacou-se, no capítulo 2, aquela que considera a precedência histórica de uma forma (ergativa) sobre a outra (causativa) ou vice-versa. Tal destaque se evidenciou na própria resenha apresentada: para um autor, como se viu, a forma ergativa de um verbo era apresentada como inovação; para outro, a estrutura causativa era considerada a mais recente. Refletir sobre esses verbos (principalmente os da classe 2 cujos exemplos desconstruídos ganham maior relevo quando se lhes acrescentam

problemas de ajuste entre hierarquia temática e estrutura ergativa (cf. 2.2)) pressupõe uma observação do seu uso pautada pela metodologia da Teoria da Variação e complementada pelos princípios do modelo da Difusão Lexical.

Para tanto, inicia-se a análise pela apresentação do quadro geral dos experienciadores dos verbos psicológicos no conjunto dos dados coletados na língua contemporânea (LE e LO).

Uma observação do uso contemporâneo dos verbos psicológicos evidencia uma preferência pelo experienciador na função de sujeito, conforme mostra o gráfico 4.1, no qual se observa que 68,8% (em média) das ocorrências dos verbos psicológicos apresentam o experienciador na posição de sujeito.

Gráfico 4.1 - Experienciador por função sintática (734 dados)¹



A distinção entre LO e LE não afeta o resultado, como se vê na Tabela 4.1

Tabela 4.1 - Experienciador por função sintática: língua oral x língua escrita

Experienciador	Língua Oral		Língua Escrita	
	Dados	%	Dados	%
Sujeito	291	71,67	214	65,24
Objeto	115	28,33	114	34,76
Total=	406	100	328	100

¹ O conjunto inicial era de 870 dados, já que se consideraram na coleta também os verbos que se ligam a seus argumentos via preposição, bem como os mono-argumentais. Estes não são integrados à presente análise quantitativa porque, neste momento, busca-se uma comparação de suas propriedades com as representações lexicais propostas por Cançado (1995), que contemplam as classes de 1 a 4. Ainda assim, os mesmos poderão ser considerados na análise qualitativa.

Uma primeira constatação é a de que, por esse resultado ainda global (sem distinção das classes), não se tem evidência alguma de variação no uso dos verbos psicológicos no português atual. Uma variação qualquer seria detectável no uso desses verbos em língua oral. Se o português estiver tendendo à causativização, de acordo com Bittencourt (1995), como pôde ser visto em 2.2.1.2, os verbos psicológicos tomados em conjunto não dão mostras ainda desse processo pelas evidências de seu uso contemporâneo. Pelo contrário, os indícios vão ao encontro das pressuposições de Whittaker Franchi (1989) e de Cançado (1995), que avaliam (intuitivamente) estar em crescimento o processo de ergativização nos verbos psicológicos, no que tange às construções com pseudo-reflexivo. (2.2.1.2).

Se for levado em conta que apenas uma das classes de Cançado exhibe em sua representação semântica o experienciador em posição obrigatória de sujeito, pode-se deduzir pela Tabela 4.1 que as demais classes também tendem a apresentar seu experienciador nessa posição.

A observação da Tabela 4.1 leva também à suposição de que esse resultado se deva meramente ao predomínio de uma das classes nos dados coletados, no caso, a classe 1. A Tabela 4.2 descarta de imediato essa suposição. A classe 1, que poderia ser responsável por esses resultados representa apenas 18,62% do total dos dados de LE e 17,78% dos dados de LO.

Tabela 4.2 - Dados por classe: língua oral x língua escrita

Séc. Classe	Oral		Escrita	
	Dados	%	Dados	%
1	85	17,78	73	18,62
2	175	36,61	99	25,26
3	32	6,69	36	9,18
4	116	24,27	120	30,61
Outros	70	14,64	64	16,33
Total=	478	100	392	100

Como se sabe agora que o resultado exibido pela Tabela 4.1 (maioria de experienciador na posição sintática de sujeito) não é tendenciado pelo predomínio da classe de *temer*, resta observar, primeiramente, como se comportam os verbos de cada classe no que diz respeito à função sintática de seus experienciadores. Os resultados estão apresentados na Tabela 4.3:

Tabela 4.3 - Experienciador por classe: língua oral x língua escrita²

Século		Oral			Escrita		
Clas.	Exp.	Dados	%	Porc. da Classe	Dados	%	Porc. da Classe
1	Sujeito	83	100	20,44	73	100	22,26
	Objeto	--			--		
Total =		83			73		
2	Sujeito	144	82,29	43,10	79	79,80	30,18
	Objeto	31	17,71		20	20,20	
Total =		175			99		
3	Sujeito	8	25,00	7,88	10	27,78	10,98
	Objeto	24	75,00		26	72,22	
Total =		32			36		
4	Sujeito	56	48,28	28,57	52	43,33	36,59
	Objeto	60	51,72		68	56,67	
Total =		116			120		
Sub-Total =		406			328		
Outros	Sujeito	67	95,71		58	90,63	
	Objeto	3	4,29		6	9,38	
Total =		70			64		
Total =		476			392		

A Tabela 4.3 mostra que a classe 2 favorece grandemente a realização do experienciador na posição de sujeito. A classe 3 (*acalmar*) mostra uma preferência inequívoca pelo objeto; a classe 4 (*animar*) equilibra os dois tipos de realização.

Quanto ao último grupo, cujas ocorrências não serão consideradas na análise quantitativa, é preciso observar que o predomínio do experienciador sujeito relaciona-se à diátese dos mesmos: um dos subgrupos é o dos verbos inacusativos, o outro é o dos

² Dois dados referentes a *Ser passiva* com experienciador *Sujeito Profundo* foram excluídos da Classe 1.

verbos que introduzem o argumento interno via preposição. Incluem-se, ainda, nesse grupo, como se viu no cap. 3, alguns verbos que não foram classificados em classe alguma devido a dúvidas que a diátese dos mesmos provocava.

Compare-se, agora, a média dos resultados da Tabela 4.1 às representações lexicais das classes mais visadas (as bi-argumentais, isto é, as classes de 1 a 4) para as quais se dispõe das representações lexicais, conforme estabelecidas por Cançado e reproduzidas no Quadro 4.1.

Quadro 4.1 - Comparação entre as representações lexicais dos verbos e a função de seus experienciadores

Representações lexicais		Dados analisados
Temer	{Exp, Objetivo}	Exp. Suj. – 100%
Preocupar	{Causa, Exp.}	Exp. Suj. – 81,52%
Acalmar	{CAUSA, Exp.}	Exp. Suj. – 27,36%
Animar	{CAUSA, Exp.}	Exp. Suj. – 47,36%

O Quadro 4.1 evidencia um comportamento heterogêneo entre as classes. Isto é, nem todas as classes exibem a maioria de seus experienciadores na função sintática prevista pela representação lexical básica. Como se vê, os verbos da classe de *temer* e de *acalmar* comportam-se como prevê sua representação lexical: os da primeira exibem a totalidade de seus experienciadores na função sintática de sujeito, os da segunda, a maior parte de seus experienciadores na posição de objeto. Diferentemente dessas duas classes, as de *preocupar* e *animar* revelam um uso de seus verbos quase oposto àquele previsto por suas representações lexicais: os verbos da classe de *preocupar* privilegiam a posição de sujeito para seus experienciadores, ao invés da de objeto, os da classe de *animar* dividem seus experienciadores entre as duas funções sintáticas.

Lembrando que diferentes propriedades sintáticas são exibidas pelos verbos dessas classes e que as mesmas são explicadas por Cançado como projeções dessas

representações através de uma hierarquia temática, como se viu (2.1.2), pode-se pressupor que o comportamento de cada classe esteja refletindo a preferência de cada uma por uma de suas propriedades sintáticas. Essa observação leva em conta que a característica de algumas das propriedades sintáticas dos verbos é exatamente a de permutar a posição do experienciador. Cumpre observar agora o comportamento interno de cada classe.

Antes de passar à análise interna de cada classe, é preciso lembrar que, no decorrer das reflexões apresentadas no capítulo 2, algumas variáveis foram apontadas como possivelmente intervenientes nos processos internos a cada classe. Citem-se, por ora, a variável forma do verbo e a variável item lexical. Uma observação não sistemática dos verbos de cada classe mostrou que nem todos realizam as propriedades sintáticas pressupostas para os mesmos. Além disso, observou-se que, muitas vezes, certos verbos que parecem não admitir a propriedade de ergativização realizam seu experienciador na posição de sujeito através de formas analíticas que são equivalentes a realizações ergativas (*Ele é preocupado com as pessoas/Ele (se) preocupa com as pessoas*). Diante dessa observação, registraram-se todas as formas em que o verbo ocorreu, distinguindo-as: sintética (*preocupar*); analíticas (*ser preocupado, ter preocupação*) pronominais (*preocupar-se*).

Deve ser lembrado, ainda, que algumas realizações analíticas de ExpS foram distinguidas por se constituírem em propriedades sintáticas específicas ou por serem formas tomadas como alvo da análise em trabalhos anteriores. No primeiro caso, estão as estruturas passivas, que nas classes 2, 3 e 4 realizam o experienciador na posição de sujeito (*Maria foi acalmada por João*). O segundo caso é o das estruturas com o operador *ficar* (*João ficou preocupado*), que recebe em Cançado (1995) uma análise

específica: passiva adjetiva. (cf. 2.3.1.4). Assim, a análise de cada uma das classes em foco considerará uma tabela das formas pelas quais o experienciador se realizou na posição de sujeito ou de objeto. Desse tipo de tabela constará, ainda, a representatividade de cada forma dentro da classe a que pertence o verbo. Pretende-se com tal análise verificar a hipótese de que determinadas formas sejam precedentes e, portanto, desencadeadoras (ou posteriores, e portanto, indiciais) de certas propriedades sintáticas. Esse primeiro tipo de tabela será seguido de outro no qual as formas são agrupadas e quantificadas, de acordo com as diferentes propriedades sintáticas que realizam.

4.2 As classes e suas propriedades sintáticas

4.2.1 Classe de *temer*

As ocorrências dos verbos da classe 1 representam 18,62% do total dos dados de língua escrita e 17,78% dos de língua oral.

Considerem-se, inicialmente, as propriedades sintáticas mais freqüentes da classe de *temer*. Tanto a Tabela 4.3 quanto o Quadro 4.1 já mostraram que, sejam quais forem, essas propriedades realizam o experienciador na posição de sujeito. Os dados de língua oral, bem como os de língua escrita, mostram que a totalidade dos verbos dessa classe realiza a estrutura tomada como base da representação lexical. Nessas realizações, 86%, em média, se estruturam na forma sintética do verbo. Os 14% restantes se dividem entre a forma pronominal e as formas analíticas, conforme o conteúdo da Tabela 4.4.

Tabela 4.4 - Formas dos verbos na Classe 1 (*Temer*)³

Século	Oral		Escrita	
	Dados	%	Dados	%
Forma				
Simples	71	85,54	64	87,67
Pron.	3	3,61	3	4,11
Ter + sub.	6	7,23	5	6,85
Dar + sub.	—		1	1,37
Ficar com + sub.	1	1,20	—	
Impor/manter + sub.	2	2,41	—	
Total =	83		73	

Cumpra observar que, na classe de *temer* 87,67% dos verbos de LE e 85,54% dos verbos de LO se realizam na estrutura tomada como base de análise na representação lexical (forma simples, na Tabela 4.4). Por essa tabela, deve-se concluir que propriedades como a de passivização sintática, pela qual, entre outras, esta classe se distingue da classe 2, não são freqüentes, seja em língua oral seja em língua escrita. As demais formas exibidas pela Tabela 4.4 representam formas analíticas que não mudam os papéis temáticos dos argumentos; todas realizam o experienciador na posição de sujeito.

Observem-se as propriedades realizadas pelos verbos da classe de *temer* (Tabela 4.5).

Tabela 4.5 - Propriedades sintáticas da Classe 1 (*Temer*)

Forma	Oral		Escrita	
	Dados	%	Dados	%
ExpS sintética	71	83,53	64	87,67
ExpS pronominal	3	3,53	3	4,11
ExpS analítica	9	10,59	6	8,22
Mini-orção com <i>Ficar</i>	--		--	
Ser passiva	2	2,35	--	
Total =	85	100	73	100

³ 2 dados foram excluídos dessa tabela referentes a *Ser passiva* que apresentaram experienciador *Sujeito profundo* em LO.

Destaquem-se os verbos que realizam essas formas analíticas que mantêm o experienciador na posição de sujeito (Lista 4.1):

Lista 4.1 - Forma analítica de ExpS - Classe 1 (*temer*)

LO	LE
Exp S	Exp S
Analítica	Analítica
invejar	receptar
odiar	respeitar
receptar	reverenciar
respeitar	
venerar	

4.2.2 Classe de *preocupar*

4.2.2.1 Análise quantitativa

Essa classe representa 36,61% dos verbos psicológicos de língua oral coletados e 25,26% dos de língua escrita. É a segunda maior classe dos dados de língua escrita e a primeira dentre os de língua oral.

Num comportamento oposto ao da classe 1 (*temer*), os verbos da classe 2 (*preocupar*) privilegiam, como mostrou o Quadro 4.1, o experienciador na posição de sujeito, contrariamente ao que prevê sua representação lexical. De acordo com Cançado (1995), duas das propriedades sintáticas descritas para essa classe trazem o experienciador na posição de sujeito: uma delas é a passiva adjetiva com o operador *ficar*+adjetivo/particípio passado, que, como se viu (2.3.1.4), pode ter sua forma nominal analisada como predicativo; a outra é a de ergativização.

Espera-se, portanto, que a maior parte das realizações dos verbos dessa classe ilustre uma dessas propriedades. Observe-se, em primeiro lugar, a tabela geral das formas nas quais esses verbos se realizam (Tabela 4.6).

Tabela 4.6 - Experienciador por forma na Classe 2 (Preocupar)

Século		Oral			Escrita		
Forma	Exp.	Dados	%	Porc. Forma	Dados	%	Porc. Forma
Simples	Sujeito	12	29,27	23,43	7	29,17	24,24
	Objeto	29	70,73		17	70,83	
	Total=	41			24		
Pron.	Sujeito	32	100,00	18,29	26	100,00	26,26
	Objeto	0	0,00		0	0,00	
	Total=	32			26		
Estar + pp	Sujeito	22	100,00	12,57	19	100,00	19,19
	Objeto	0	0,00		0	0,00	
	Total=	22			19		
Ficar + pp	Sujeito	37	100,00	21,14	12	100,00	12,12
	Objeto	0	0,00		0	0,00	
	Total=	37			12		
Ser + pp	Sujeito	7	100,00	4,00	1	100,00	1,01
	Objeto	0	0,00		0	0,00	
	Total=	7			1		
Ter + sub.	Sujeito	18	100,00	10,29	8	100,00	8,08
	Objeto	0	0,00		0	0,00	
	Total=	18			8		
Deixar + adj.	Sujeito	--			0	0,00	1,01
	Objeto	--			1	100,00	
	Total=				1		
Dar + sub.	Sujeito	0	0,00	0,57	0	0,00	2,02
	Objeto	1	100,00		2	100,00	
	Total=	1			2		
Estar com + sub.	Sujeito	1	100,00	0,57	--		
	Objeto	0	0,00		--		
	Total=	1					
Fazer/meter + sub.	Sujeito	0	0,00	0,57	--		
	Objeto	1	100,00		--		
	Total=	1					
Ficar em + sub.	Sujeito	2	100,00	1,14	--		
	Objeto	0	0,00		--		
	Total=	2					
Ficar com + sub.	Sujeito	2	100,00	1,14	--		
	Objeto	0	0,00		--		
	Total=	2					
Morrer de + sub.	Sujeito	--			1	100,00	1,01
	Objeto	--			0	0,00	
	Total=				1		
Perder + sub.	Sujeito	2	100,00	1,14	4	100,00	4,04
	Objeto	0	0,00		0	0,00	
	Total=	2			4		
Sentir + sub.	Sujeito	1	100,00	0,57	--		
	Objeto	0	0,00		--		
	Total=	1					
Sentir-se + adj.	Sujeito	1	100,00	0,57	--		
	Objeto	0	0,00		--		
	Total=	1					
Ser + adj.	Sujeito	6	100,00	3,43	--		
	Objeto	0	0,00		--		
	Total=	6					
Estar + adj.	Sujeito	--			1	100,00	1,01
	Objeto	--			0	0,00	
	Total=				1		
Ser passiva	Sujeito	1	100,00	0,57	--		
	Objeto	0	0,00		--		
	Total=	1					
Total =		175			99		

A Tabela 4.6 mostra que a classe de *preocupar* favorece o uso de formas analíticas cuja grande maioria está a serviço do experienciador na função sintática de sujeito. Apenas 1/4, em média, (24,24% - língua escrita; 23,43% - língua oral) dos verbos desta classe se realizam na forma sintética (simples), sem que, todavia, o total de suas realizações se conforme exatamente a sua representação lexical. A Tabela 4.7, a seguir, mostra que apenas 6,86% (língua oral) e 7,07% (língua escrita) das ocorrências realizam a forma sintética com o experienciador na posição de sujeito.

Tabela 4.7 - Propriedades sintáticas na Classe 2 (*Preocupar*)

Forma	Oral		Escrita	
	Dados	%	Dados	%
ExpS sintética	12	6,86	7	7,07
ExpS pronominal	32	18,29	26	26,26
ExpS analítica	62	35,43	34	34,34
Mini-oração com <i>Ficar</i>	37	21,14	12	12,12
Ser passiva	1	0,57	--	--
ExpO sintética	29	16,57	17	17,17
ExpO pronominal	--	--	--	--
ExpO analítica	2	1,14	3	3,03
Total =	175	100	99	100

O percentual das ergativas sintéticas não é muito expressivo, como se pode ver. Na verdade, a forma simples privilegia o experienciador na posição de objeto. Tal resultado vem ao encontro da avaliação de Whitaker-Franchi quanto à leitura ambígua que alguns verbos podem ter. A autora reporta que entre os falantes do sul do Brasil, frases com esse tipo de estrutura têm uma leitura causativa, exclusivamente (cf. 2.2.1.2). Observando-se os dados da presente pesquisa pode-se dizer que, de fato, mesmo para falantes como os de Belo Horizonte ou de São Paulo (origem de parte dos dados de língua oral da presente pesquisa), a forma sintética é mais usada para a propriedade de causativização. Nesse sentido, a ocorrência de formas ergativas realizadas com o verbo na forma simples serão possivelmente fonte de ambigüidade.

Por outro lado, deve-se observar que a representatividade da forma simples nos verbos da classe 2 é baixa: apenas 23,43% (língua oral) e 24,24% (língua escrita) dos verbos se realizam nessa forma. Isto é, se, por um lado, a classe de *preocupar* privilegia a estrutura causativa através da forma sintética, por outro, observa-se, a forma sintética tem uso limitado. Ou seja, esta classe privilegia formas analíticas e, dentre essas, aquelas que trazem o experienciador para a posição de sujeito. Esse quadro permite análises distintas que pressupõem duas direções opostas do percurso desses verbos:

- a) os verbos da classe de *preocupar* estão trazendo o seu experienciador para a posição de sujeito, num comportamento que estaria refletindo a preferência do falante para relatar o evento na perspectiva do experienciador, alçando-o, para tanto, para a posição de sujeito;
- b) os verbos da classe de *preocupar* refletem preferência pela forma analítica que foca o experienciador na posição de sujeito, e exibem um processo de causativização através da forma sintética dos predicadores.

Assim, o uso restrito das formas sintéticas tanto pode ilustrar uma mudança em progresso, quanto um processo em extinção. Não se tem evidência de nenhum dos dois processos, já que os dados de língua oral e língua escrita se equilibram na distribuição das diferentes propriedades. Sabe-se, de acordo com Labov (1976), que quanto mais um fenômeno é recente, mais o mesmo é característica de língua oral, e de uma dada classe social (a classe trabalhadora, média, na sociedade norte-americana e a classe trabalhadora baixa na sociedade brasileira, de acordo com Oliveira (1983)).

Como não se tem evidência de nenhuma dessas duas direções, pode-se pensar, ainda, que se trata de um comportamento típico da classe 2, que distingue forma e função através de realizações distintas, reservando a forma sintética para poucas

situações em que se quer narrar o evento na perspectiva da causa e não do experienciador. O que se constata, de toda maneira, é que a perspectiva do experienciador é privilegiada, isto é, destaca-se, por ocupar a posição de tópico (termo aqui usado na acepção de Pontes, 1986). A análise diacrônica poderá dizer se as ergativas sintéticas nessa classe são inovação.

Deve-se ainda observar que os percentuais considerados, até agora, dizem respeito a ocorrências e, não, a verbos individuais. Cabe, então, a pergunta: todos os verbos privilegiam igualmente as formas analíticas em detrimento da forma simples? Ou esses percentuais refletem o comportamento de um grupo específico de verbos? Antes de se responder a essas questões, observe-se a representatividade das demais formas, bem como a distribuição das mesmas pelas diferentes propriedades sintáticas realizadas pelos verbos desta classe.

A forma pronominal representa 18,29% e 26,26% dos dados de LO e de LE, respectivamente, o que significa que mais de 50% das realizações dos verbos desta classe se fazem por formas analíticas que trazem o experienciador na posição de sujeito. Digna de nota, ainda, é uma realização classificada como passiva, estrutura não esperada nessa classe. A análise da mesma (conforme se ilustra em (1)) é polêmica: tem um conteúdo estativo, mas uma estruturação passiva:

(1) Sou um indivíduo muito angustiado pelo fator TEMPO. (I.39)

De qualquer forma, deve-se sublinhar o fato de que, de acordo com Cançado, essa classe não admite estrutura passiva. A hipótese de que a classe 2 seja uma classe que abriga verbos que estão mudando de diátese permite pensar que a realização da passiva pelo verbo *angustiar* seja um indício de mudança de diátese desse verbo. De qualquer forma, a comparação desse verbo com outros e a observação do percurso

histórico dos verbos se faz necessária.

Como se viu acima, a propriedade de ergativização é ilustrada pela forma simples (experienciador sujeito) e pela forma pronominal, entre outras. Viu-se, no capítulo 2, que nos verbos desta classe o clítico *se* só se realiza como pseudo-reflexivo. Portanto, nessa classe, todas as realizações pronominais tiveram seu sujeito sintático alinhado com o experienciador (cf., a esse respeito, 3.2.1 c).

Interessa, agora, observar o espaço ocupado pelas propriedades de ergativização e de mini-oração (i.e. estativas) entre os experienciadores sujeito da classe de *preocupar*. Deve ser observado que quase todas as formas com experienciador sujeito estão agrupadas na propriedade ergativa analítica. Excetuam-se as passivas e as estativas com *ficar*.

Vê-se que as construções ergativas sintéticas ocorrem, representando, todavia, o grupo de percentual mais baixo, entre as ergativas. As ergativas pronominais apresentam um percentual expressivo de ocorrências, bem como as estativas com o operador *ficar*. Há que se destacar ainda a predominância das formas ergativas analíticas, conforme anunciado acima. Observados os verbos da classe 2 que realizaram exclusivamente uma propriedade, destaca-se a ergativa analítica, tanto nos dados de língua escrita como nos de língua oral. Observem-se, em primeiro lugar, os dados de LO.

Em LO, a estrutura ergativa analítica destaca-se das demais, conforme foi visto na Tabela 4.7. Poder-se-ia supor que tal resultado estivesse refletindo o favorecimento de um grupo específico de verbos. A observação das listas que serão apresentadas abaixo (4.2.2.2), mostra que o grupo de verbos que realizaram exclusivamente essa propriedade é o maior, quando se compara esse conjunto ao daqueles que realizam

exclusivamente ergativas sintéticas ou pronominais ou aos grupos dos que realizam uma das duas modalidades causativas. Portanto, o grupo em questão compõe-se de 11 verbos. Somados esses verbos a outros, nos quais a estrutura ergativa analítica co-ocorre com outra(s) propriedade(s), o conjunto dos mesmos perfaz um total de 24 verbos, ou seja, 48% do total dos verbos da classe. Destacam-se, nessa lista, alguns verbos cujo volume de realizações ergativas analíticas poderia ser apontado como responsável pelo favorecimento dessa propriedade nos verbos da classe 2. São verbos cujas realizações os destacam da média de ocorrência geral (3,43). Cumpre que se observem os resultados com a exclusão desses verbos que podem estar tendenciando os mesmos. Foram excluídos aqueles cujo número total de ocorrências fosse superior ao dobro da média, conforme se explicita abaixo:

Média: 3,43

Verbos excluídos: apaixonar (7), chocar (13), endoidar (7),
interessar (14), preocupar (28), realizar (7)

As Tabelas 4.8 e 4.9 repetem, na primeira coluna, os percentuais da Tabela 4.7. Na segunda coluna, estão apresentados os percentuais de cada propriedade com exclusão dos dois verbos visados.

Tabela 4.8 - LO - Distribuição das propriedades sintáticas (com e sem exclusão de itens) na Classe 2 (*Preocupar*)

Propriedades	S/ exclusão		C/ exclusão	
	Dados	%	Dados	%
ExpS Sintética	12	6,86	8	8,08
ExpS Pronominal	32	18,29	13	13,13
ExpS Analítica	62	35,43	30	30,30
Mini-oração com Ficar	37	21,14	26	26,26
Ser passiva	1	0,57	1	1,01
ExpO Sintética	29	16,57	19	19,19
ExpO Pronominal	--	--	--	--
ExpO Analítica	2	1,14	2	2,02
Total =	175	100	99	100

Língua escrita

Média: 3,00

Verbos excluídos: aborrecer (7), espantar (10), exaltar (8), preocupar (15)

Tabela 4.9 - LE - Distribuição das propriedades sintáticas (com e sem exclusão de itens) na Classe 2 (*Preocupar*)

Forma	S/ exclusão		C/ exclusão	
	Dados	%	Dados	%
ExpS sintética	7	7,07	7	11,86
ExpS pronominal	26	26,26	6	10,17
ExpS analítica	34	34,34	23	38,98
Mini-oração com <i>Ficar</i>	12	12,12	8	13,56
Ser passiva	--	--	--	--
ExpO sintética	17	17,17	12	20,34
ExpO pronominal	--	--	--	--
ExpO analítica	3	3,03	3	5,08
Total =	99	100	59	100

A exclusão dos verbos diminui os percentuais de ergativas analíticas e aproxima os resultados quantitativos dessa propriedade dos percentuais da estrutura de mini-oração. Apesar disso, observa-se que, mesmo com a exclusão dos verbos, a escala de favorecimento estabelecida pelos percentuais das propriedades não muda: a estrutura ergativa analítica continua sendo a de maior percentual, seguida da estativa com *ficar*.

Outro fato digno de destaque diz respeito aos verbos *preocupar* e *interessar*: registram ocorrência nas três modalidades de ergativas e na estrutura causativa sintética, apesar de o maior número de suas realizações estar concentrado na estrutura ergativa analítica.

4.2.2.2 Análise lexical

Língua oral

A observação das listas de verbos com realizações em língua oral permite agrupar os mesmos em três grandes grupos: os que realizam só um tipo de propriedade

(ergativos ou causativos) e os que realizaram as duas propriedades: os de perfil misto.

Lista 4.2 - LO: Perfil da Classe 2 (*Preocupar*)

ExpS Sintética	ExpS Pronominal	ExpS Analítica	ExpO Sintética	20o ExpO Pronominal	ExpO Analítica	Estativa Ficar	Passiva
apavorar	aborrecer	alucinar	aporrinhar		enraivecer	acomodar	angustiar
desgastar	apaixonar	apaixonar	atrapalhar		frustrar	afligir	
enfezar	decepcionar	apavorar	chocar			agitar	
enjoar	desgastar	bitolar	desgostar			chatear	
enlouquecer	empolgar	chatear	desorientar			chocar	
espantar	envergonhar	chocar	encantar			danar	
interessar	frustrar	deprimir	enojar			decepcionar	
preocupar	interessar	desesperar	grilar			deprimir	
	irritar	desorientar	impressionar			desapontar	
	orgulhar	encantar	interessar			desesperar	
	preocupar	endoidar	prender			emocionar	
	realizar	enfadar	preocupar			encantar	
	revoltar	enjoar	revoltar			encucar	
		enraivecer	tocar			endoidar	
		envergonhar				enervar	
		frustrar				enfastiar	
		grilar				enlouquecer	
		horrorizar				exaltar	
		impacientar				grilar	
		impressionar				impressionar	
		interessar				maravilhar	
		preocupar				preocupar	
		realizar				revoltar	

As Listas 4.3, 4.4 e 4.5, a seguir, apresentam o agrupamento dos verbos da Lista 4.2, de acordo com as propriedades que realizaram, quais sejam, exclusivamente ergativa ou causativa, (perfil ergativo ou causativo, respectivamente) ou, simultaneamente ergativa e causativa (perfil misto).

Lista 4.3 - LO: Verbos exclusivamente ergativos - Classe 2 (*Preocupar*)

LO ExpS	
1	aborrecer erg. pro
2	alucinar erg. ana
3	apaixonar erg. pro e ana
4	angustiar erg. ana
5	apavorar erg. sin e ana
6	bitolar erg. ana
7	chatear erg. ana
8	decepcionar erg. pro
9	deprimir erg. ana
10	desesperar erg. ana
11	desgastar erg. sin e pro
12	endoidar erg. ana
13	enfadar erg. ana
14	enfezar erg. sin
15	enjoar erg. sin e ana
16	enlouquecer erg. sin
17	envergonhar erg. pro e ana
18	espantar erg. sin
19	horrorizar erg. ana
20	impacientar erg. ana
21	irritar erg. pro
22	orgulhar erg. pro
23	realizar erg. pro e ana

Lista 4.4 - LO: verbos exclusivamente causativos - Classe 2 (*Preocupar*)

LO ExpO	
1	aporrinhar caus. sin
2	atrapalhar caus. sin
3	desgostar caus. sin
4	prender caus. sin

Lista 4.5 - LO: verbos de perfil misto - Classe 2 (*Preocupar*)

LO Mistos	
1	chocar erg. ana e caus. sin
2	desorientar erg. ana e caus. sin
3	encantar erg. ana e caus. sin
4	enraivecer erg. ana e caus. sin
5	frustrar erg. pro, ana e caus. sin
6	grilar erg. ana e caus. sin
7	impressionar erg. ana e caus. sin
8	interessar erg. sin, pro, ana e caus. sin
9	preocupar erg. sin, pro, ana e caus. sin
10	revoltar erg. pro e caus. sin

Observadas as listas, podemos fazer as seguintes considerações:

ERGATIVOS - tais como estabelecidas, as listas não podem configurar ainda um perfil de cada verbo com relação aos ergativos. Pressupõe-se, em 2.2.1.1, que se o clítico for marca de decausativização, períodos remotos da língua deverão exibir estruturas causativas. Portanto, em relação aos verbos exclusivamente ergativos, em língua oral, deverá ser observado, nos dados de língua escrita, se os mesmos privilegiam estruturas causativas, o que poderá ser indício de processo de decausativização. Pressupõe-se ainda que as formas analíticas seriam um primeiro estágio para o processo de ergativização. Deverá, portanto, ser observado se os verbos que apresentam essas construções analíticas ergativas em língua oral relacionam-se a estruturas causativas em língua escrita. Neste momento da análise, o perfil histórico do verbo pode ser observado pelos dados de língua escrita, exclusivamente, tendo-se em conta a característica conservadora que caracteriza essa modalidade lingüística.

CAUSATIVOS - A exigüidade da lista dos causativos permite observar que, de fato, a classe 2 congrega verbos que privilegiam as formas ergativas.

MISTOS - Com relação aos verbos de perfil misto, pode-se pensar que os mesmos representam a classe mais adiantada em um dos processos (ergativização ou causativização). Os dados de língua escrita poderão permitir uma avaliação mais consistente. Deve-se, ainda, observar que, do ponto de vista dos dados, apenas os verbos que integram o grupo dos mistos podem, a rigor, ser chamados ergativos, no sentido em que o termo é adotado neste trabalho (cf. capítulo 2). Isto é, apenas esses verbos realizam estruturas que fazem jus a tal rótulo, já que paralelamente às mesmas, os verbos realizam outras estruturas que são causativas. O verbo *preocupar*, abaixo, ilustra o que se acabou de dizer.

(2) (...) deixa os meninos nessa parte (um poço); num precisa nem de preocupar com eles. (I.33)

(3) (...) eu não me preocupo muito com a média. (I.13)

(4) Só uma coisa me preocupa. p.53 (JA)

Só se pode dizer, na verdade, que (2) e (3) realizam ergativização, a partir do momento em que se constata a realização de (4). Entretanto, como se viu, não foi esse o critério adotado na classificação das propriedades dos verbos, na presente análise: todas as realizações de ExpS (excetuadas a passiva e estativa com *ficar*) foram consideradas ergativas com base no pressuposto intuitivo de que, ainda que não realizem estrutura de ExpO ou de ExpS nos dados coletados, os verbos dessa classe são passíveis de realização de um ou outro tipo de estrutura.

Língua escrita

Os dados de LE também privilegiam a estrutura ergativa analítica. Dos 31 verbos que realizaram estruturas ergativas ou causativas, 7 (22,58%) só o fizeram na ergativa analítica. Somados a outros que realizaram outra(s) propriedades(s) além dessa, obtêm-se 12 verbos. A Tabela 4.7 já havia mostrado que o número de ergativas analíticas em LE equilibra-se ao de ergativas de LO e é o dobro das ocorrências de causativas sintéticas. Considerados os verbos, entretanto, observa-se que o número desses é equilibrado nas duas propriedades: 7 verbos realizam só causativa sintética. Somados aos que realizam outra propriedade além desta, os verbos que apresentam estrutura causativa sintética perfazem um total de 11 itens.

Os dados de LE evidenciam, como os de LO, o verbo *preocupar* com um total de 14 realizações. Ainda que inferior aos dados de LO, esse volume de ocorrências está bem acima da média dos outros verbos. *Preocupar* é responsável por 16,09% das

ocorrências que estão sendo contempladas. Além disso, com relação à estrutura ergativa analítica, o volume de ocorrências desse verbo é compatível com a média dos demais. Nenhum verbo pode, então, estar tendenciando esses resultados.

Observados os verbos, temos a seguinte lista:

Lista 4.6 - LE: verbos por propriedades sintáticas - Classe 2 (*Preocupar*)

20

ExpS Sintética	ExpS Pronominal	ExpS Analítica	ExpO Sintética	ExpO Pronominal	ExpO Analítica	Estativa Ficar
desesperar	aborrecer	aborrecer	amolar		desgostar	aborrecer
desgostar	contentar	apaixonar	apavorar		enervar	apavorar
desorientar	desesperar	atrapalhar	cacetear		vexar	desapontar
endoidar	espantar	desconsolar	comover			endoidar
enjoar	exaltar	desorientar	decepcionar			enlouquecer
enlouquecer	inquietar	enjoar	desorientar			entristecer
	irritar	enlouquecer	engrandecer			espantar
	preocupar	envergonhar	enlevar			preocupar
	revoltar	espantar	envergonhar			
		impacientar	espantar			
		impressionar	preocupar			
		interessar				
		irritar				
		orgulhar				
		preocupar				

Lista 4.7 - LE: verbos exclusivamente ergativos - Classe 2 (*Preocupar*)

LE ExpS

1	aborrecer	erg. pro e ana
2	apaixonar	erg. ana
3	atrapalhar	erg. ana
4	contentar	erg. pro
5	desconsolar	erg. ana
6	desesperar	erg. sin e pro
7	endoidar	erg. sin
8	enjoar	erg. sin e ana
9	enlouquecer	erg. sin e ana
10	exaltar	erg. pro
11	impacientar	erg. ana
12	impressionar	erg. ana
13	inquietar	erg. pro
14	interessar	erg. ana
15	irritar	erg. pro e ana
16	orgulhar	erg. ana
17	revoltar	erg. pro

Lista 4.8 - LE: verbos exclusivamente causativos - Classe 2 (*Preocupar*)

LE ExpO		
1	amolar	caus. sin
2	apavorar	caus. sin
3	cacctear	caus. sin
4	comover	caus. sin
5	decepcionar	caus. sin
6	enervar	caus. ana
7	engrandecer	caus. sin
8	enlevar	caus. sin

Lista 4.9 - LE: verbos de perfil misto - Classe 2 (*Preocupar*)

LE Mistos		
1	desgostar	erg. sin e caus. ana
2	desorientar	erg. sin, ana e caus. sin
3	envergonhar	erg. ana e caus. sin
4	espantar	erg. ana e caus. sin
5	preocupar	erg. pro, ana e caus. sin

As listas mostram que a distribuição dos verbos é equivalente nas duas modalidades lingüísticas, com o seguinte perfil na modalidade escrita:

ERGATIVOS – o maior número de verbos lista-se na construção ergativa. Os verbos dessa lista realizam os três tipos de ergativas

CAUSATIVOS – dentre esses, a forma sintética é privilegiada. Apenas o verbo *enervar* realiza estrutura analítica.

MISTOS – é o menor grupo. Os verbos constantes dessa lista apresentam variação de forma na estrutura ergativa, isto é realizam-na tanto na forma sintética (*desgostar, desorientar*), como na forma analítica (*desorientar, envergonhar, espantar, preocupar*) ou, ainda, na forma pronominal (*preocupar*). Quanto à estrutura causativa, os verbos constantes dessa última lista mostram um comportamento semelhante aos das outras listas: a estrutura causativa se realiza mais freqüentemente na forma sintética. Na lista dos mistos, apenas o verbo *desgostar* é exceção.

A análise leva em conta, a todo momento, que as diferentes realizações podem ser resultado de mero acaso. Assim, evidências de realização exclusiva em uma ou outra estrutura poderão ser avaliadas como resultado de lacunas da coleta (fato inerente a pesquisas desse tipo). Ainda assim, tais evidências deverão ser consideradas já que, acumulando-se, permitirão que se esboce um perfil adequado a uma posterior análise qualitativa. Uma das maneiras de se avaliar a interferência do fator acaso é, nesse momento da análise, comparar o comportamento dos verbos nas duas modalidades lingüísticas. Viu-se que a análise quantitativa não distingue o comportamento dos dados de LO e LE. Cumpre observar se a análise lexical poderá fazê-lo.

A comparação dos dados se faz mediante duas hipóteses distintas: a) os verbos estão em processo de ergativização; b) os verbos estão em processo de causativização. Na primeira hipótese, espera-se que verbos que apresentam construção ergativa em LO realizem estrutura causativa em LE. Tal hipótese pressupõe, além disso, que o processo seja recente, já que, de acordo com Labov (1976), um dos fatores que caracteriza um processo como recente (mudança em progresso) é sua ocorrência em língua oral. Isto é, se o processo for remoto, os dados de LO e de LE não se distinguirão. De acordo com a segunda hipótese (causativização), espera-se que as ergativas de LE apareçam como causativas em LO, desde que, também, nesse caso, o processo seja recente.

No que concerne a essa hipótese, pode-se observar que as listas de ergativos de LO e de LE registram alguns verbos comuns, quais sejam, os da Lista 4.10.

Lista 4.10 - LO e LE: ergativos absolutos - Classe 2 (*Preocupar*)

Verbos ergativos nas duas modalidades

		LO	LE
1	aborrecer	erg. pro	erg. pro e ana
2	apaixonar	erg. pro e ana	erg. ana
3	desesperar	erg. ana	erg. sin e erg. pro
4	endoidadar	erg. ana	erg. sin
5	enjoar	erg. sin e ana	erg. sin e ana
6	enlouquecer	erg. sin	erg. sin e ana
7	impacientar	erg. ana	erg. ana
8	irritar	erg. pro	erg. pro e ana
9	orgulhar	erg. ana	erg. ana

O fato de esses verbos realizarem exclusivamente construções ergativas tanto em LO quanto em LE sugere que os mesmos se submeteram a esse processo em período remoto, já que LE os registra nessa estrutura e os mesmos se mantêm como tais em LO. Dentre esses, dois (*enjoar* e *enlouquecer*) realizam estrutura ergativa sintética, o que faz pensar que:

- a) esses verbos desenvolveram ergativização em período remoto;
- b) esses verbos sempre foram usados nessa forma, jamais realizaram estrutura causativa. São, pois, historicamente inacusativos; seu uso causativo contemporâneo, se ocorrente, caracterizará um processo de causativização. A análise diacrônica poderá elucidar a direção do processo.

Ainda sob a hipótese de ergativização, observa-se que todos os verbos que realizaram estrutura ergativa sintética em LE reaparecem como ergativos (não necessariamente na forma sintética) em LO. São os da Lista 4.10. O inverso não acontece. Isto é, alguns verbos (*apavorar*, *desgastar*, *enfessar*, *espantar*) realizam ergativa sintética em LO, mas em LE os mesmos apresentam um perfil causativo (*apavorar*) ou misto (*espantar*). Esse fato permite pressupor que a direção do processo é rumo à ergativização, o que se evidencia pela realização dos mesmos como ergativos

em LO e causativos ou mistos em LE.

Outro espaço para se tentar depreender a direção do processo é a observação do comportamento dos causativos. Entre esses, entretanto, não houve repetição de verbos de uma modalidade para a outra. O que se pode observar entre os mesmos é que alguns se repetiram, exibindo, entretanto, uma propriedade distinta. Assim observa-se que, dentre os causativos de LE, alguns aparecem em LO como ergativos (*apavorar*, *decepcionar*) ou na estrutura estativa com *ficar* (*enervar*). Também esse fato caracteriza-se como indicio de ergativização em curso.

Viu-se, acima, que a hipótese de causativização deve ser considerada para o subgrupo de verbos que realizam exclusivamente construções ergativas, tanto em LE quanto em LO. Dois outros verbos vêm se acrescentar a esse subgrupo: os verbos *atrapalhar* e *desgostar* só realizam estrutura causativa em LO e exibem, em LE, estruturas ergativas. Analisando-se o comportamento desses verbos à luz dos fatores que caracterizam a mudança em progresso, dever-se-á dizer que o processo que exibem, então, é o de causativização. Ainda que, nesse momento, nada se possa adiantar (aguarda-se a análise diacrônica), os dois verbos em questão devem ser distinguidos quanto a sua origem. A hipótese de causativização faz sentido para *desgostar*, mas não para *atrapalhar*. Com relação a esse último, cuja origem parece ser causativa, de fato, deve-se considerar, neste momento, outra hipótese proposta no cap. 2: a de que os verbos que entraram para a língua quando o sistema sintático já incorporava ergativização e/ou causativização podem exibir as duas propriedades sintáticas simultaneamente. Seria esse o caso do verbo *atrapalhar*. Os verbos relacionáveis nesse processo não distinguiriam, portanto, os dois tipos de construção em LO e LE. A ocorrência de um tipo de estrutura diferente em uma e outra modalidade lingüística deve ser interpretada, por enquanto, como resultante de lacunas da coleta. Tais verbos serão

reconsiderados na análise diacrônica.

A análise das duas hipóteses requer que se observem, ainda, as construções pronominais. Observada a hipótese de que o clítico seja marca de decausativização, pode-se pressupor que a presença de construções com o clítico em verbos como *aborrecer, irritar, apaixonar, desesperar* seja um indício de estatuto causativo desses verbos, que estariam se submetendo a um processo de ergativização. Contrariamente, verbos que realizaram exclusivamente estruturas sintéticas e analíticas como, por exemplo, *enlouquecer, enjoar, endoidar, impacientar, orgulhar*, admitem, pela ausência de realizações pronominais, que se lhes atribua origem como inacusativos

As mesmas reflexões podem ser feitas acerca de outros verbos como *desgastar, realizar, contentar, exaltar, inquietar* e *desconsolar* cujas realizações pronominais podem ser indícios de estatuto anterior causativo. Esses verbos podem, portanto, estar ilustrando com os outros mencionados acima, um processo de ergativização, de fato. Dentre esses, aqueles que realizam a estrutura ergativa sintética estariam exibindo um estágio mais avançado do processo, pressuposição implícita nos trabalhos de Whitaker-Franchi e Cançado.

Finalmente, entre os verbos que realizaram um perfil misto nas duas modalidades, apontam-se *preocupar* e *desorientar*. O fato de exibirem um perfil misto nas duas modalidades permite que se lhes atribua o estatuto de ergativos prototípicos, através dos seguintes fatores: ocorrência mista em LE, realização de ergativa sintética em LE (*desorientar*). Deve-se salientar, ainda, um outro aspecto relacionado à exibição de perfil misto. Independentemente do fato de se repetirem nos dados de LO, os verbos que exibem perfil misto em LE caracterizam-se, por si só, como ergativos prototípicos, principalmente quando realizam a ergativa sintética como, por exemplo, o verbo

desgostar.

As considerações precedentes relacionam-se a trabalhos anteriores em que se avalia o encaixamento lingüístico (nos termos de Weinreich, Labov e Herzog, 1968), numa perspectiva que busca conciliar a abordagem sociolingüística (laboviana) à teoria de princípios e parâmetros (chomskyana). Refiro-me a trabalhos como os de Nicolau (1997). Nesse trabalho, a autora toma como método de pesquisa e reflexão o diálogo entre os dois modelos recém mencionados, tomando por base a aplicação dos mesmos em Tarallo (1993) e Ramos (1992). Segundo Ramos, *só haveria MUDANÇA quando um conjunto de formas cessasse de ocorrer*. Nicolau (1997:38) considera, com base em Roberts (1990), que

mudança paramétrica é a etapa na qual se dá a culminância de um processo que inclui mais duas outras: passos - quando certas construções, apesar de admitidas pela gramática, tornam-se raras; reanálise diacrônica - quando tais construções, embora ainda não eliminadas da gramática, são usadas numa frequência radicalmente reduzida.

A variação observável entre os dados de LO e de LE pode estar ilustrando uma das fases previstas em Roberts (1990), mas, como se vê, apenas a análise diacrônica poderá validar os diferentes indícios que se identificam.

As reflexões apresentadas, até o momento, guiam-se pelos pressupostos da teoria variacionista aos quais se acrescentaram os do modelo da Difusão Lexical. Há que se considerar, entretanto, que a realização de ergativas e causativas pode ser analisada também como recurso sintático pelo qual diferentes perspectivas do discurso se instanciam. Assim, é possível pensar que a ocorrência de causativas sintéticas em língua escrita não esteja refletindo um perfil histórico causativo mas, apenas, uma perspectiva causativa que o estatuto mais formal dessa modalidade privilegia. Isto é, observado o fato de que as regras que norteiam a redação de trabalhos científicos, por

exemplo, desaconselham entre outras coisas, o uso da primeira pessoa, num recurso cuja consequência é o caráter opaco do agente, pode-se pressupor que a modalidade escrita tenderia a focalizar a causa realizando-a na posição de sujeito, em detrimento do experienciador, que se estruturaria, nesse caso, na posição de objeto. Os exemplos que podem ilustrar essa hipótese (frases como *Eu me preocupo com João/João me preocupa*) destacam uma outra opção: a de que a realização de ergativas e causativas seja apenas um recurso que distingue forma e função; isto é, determinados sentidos são veiculados por uma forma, outros, por outra. Nesse último caso, pode-se cogitar que há uma alteração no valor de verdade de cada uma e, se for assim, estar-se-ia lidando com dois diferentes itens lexicais, isto é, dois verbos *preocupar*, no exemplo dado. A observação ulterior de certos enunciados permitirá que se volte a essa questão.

Ainda na mesma perspectiva, as ocorrências de verbos como *desorientar*, *preocupar* (cujas construções ergativas só registram a formas analítica ou pronominal, diferentemente das causativas, que só realizam a forma sintética) remetem ao que foi dito acima: o uso da forma sintética se especializa na instanciação da perspectiva causativa; a forma analítica, na perspectiva ergativa.

Quanto aos outros traços (como o de estatuto psicológico), os mesmos só serão considerados depois de caracterizado o perfil dos verbos, pela análise diacrônica.

Passo à análise da classe de *animar*.

4.2.3 Classe de *animar*

4.2.3.1 Análise quantitativa

Essa classe representa 24,27% dos dados de língua oral e 30,61% dos de língua escrita. Cumpre lembrar que seus experienciadores se distribuem de forma equilibrada (Tabela 4.3) nas funções de sujeito e objeto: 48,28% x 51,72%, respectivamente, em LO

e 43,33% x 56,67%, respectivamente, em LE. A Tabela 4.10 distingue as formas que favorecem essas funções sintáticas.

Tabela 4.10 - Experienciador por forma na Classe 4 (*Animar*)

Século		Oral			Escrita		
Forma	Exp.	Dados	%	Porc. Forma	Dados	%	Porc. Forma
Simples	Sujeito	6	12,00	43,10	1	2,04	40,83
	Objeto	44	88,00		48	97,96	
	Total=	50			49		
Pronominal	Sujeito	4	26,67	12,93	9	34,62	21,67
	Objeto	11	73,33		17	65,38	
	Total=	15			26		
Estar + pp	Sujeito	5	100,00	4,31	12	100,00	10,00
	Objeto	0	0,00		0	0,00	
	Total=	5			12		
Ficar + pp	Sujeito	7	100,00	6,03	3	100,00	2,50
	Objeto	0	0,00		0	0,00	
	Total=	7			3		
Ser + pp	Sujeito	1	100,00	0,86	1	100,00	0,83
	Objeto	0	0,00		0	0,00	
	Total=	1			1		
Ter + sub.	Sujeito	22	100,00	18,97	24	100,00	20,00
	Objeto	0	0,00		0	0,00	
	Total=	22			24		
Deixar + adj.	Sujeito	0	0,00	0,86	--		
	Objeto	1	100,00		--		
	Total=	1					
Dar + sub.	Sujeito	0	0,00	0,86	0	0,00	0,83
	Objeto	1	100,00		1	100,00	
	Total=	1			1		
Estar com + sub.	Sujeito	1	100,00	0,86	1	100,00	0,83
	Objeto	0	0,00		0	0,00	
	Total=	1			1		
Fazer/meter + sub.	Sujeito	0	0,00	2,59	0	0,00	0,83
	Objeto	3	100,00		1	100,00	
	Total=	3			1		
Ficar com + sub.	Sujeito	4	100,00	3,45	--		
	Objeto	0	0,00		--		
	Total=	4					
Morrer de + sub.	Sujeito	5	100,00	4,31	--		
	Objeto	0	0,00		--		
	Total=	5					
Passar + sub.	Sujeito	1	100,00	0,86	0	0,00	0,83
	Objeto	0	0,00		1	100,00	
	Total=	1			1		
Ser passiva	Sujeito	--			1	100,00	0,83
	Objeto	--			0	0,00	
	Total=				1		
Total =		116			120		

Uma primeira evidência a se assinalar na Tabela 4.10 é o seu percentual de forma simples: 43,10% em LO e 40,83% em LE. Esses percentuais representam quase o dobro dos percentuais da forma simples na classe 2 (23,43% e 24,24%, em LO e LE, respectivamente). A segunda forma favorecida é a forma pronominal (12,93% em LO e 21,67% em LE). Nessa forma, os percentuais da classe 4 são ligeiramente inferiores aos da classe 2 (18,29% e 26,26%, e, LO e LE, respectivamente). Tais percentuais já mostram que o volume de estruturas sintéticas equivale ou é superior ao de analíticas (43,93% e 36,67%, em LO e LE, respectivamente), o que evidencia um quadro oposto ao da classe 2, onde as formas analíticas representam 57,71% das realizações de LO e 49,49% das de LE. Dentre essas, há que se destacar a forma *ficar* + pp, analisada como propriedade distinta das demais cujos percentuais são também inferiores na classe 4, onde os mesmos representam 6,03% dos dados de LO e 2,50% dos de LE (contra 21,14% (LO) e 12,12% (LE), na classe 2). Um aspecto relativo a essa forma iguala as duas classes de verbos: ambas a realizam em maior volume nas ocorrências de LE.

Observa-se ainda que, na classe de *animar*, a forma simples favorece o experienciador na posição de objeto, como na classe 2 e (como se verá adiante) na classe 3. Mas, do ponto de vista dos percentuais de experienciadores sujeito, tanto na forma simples quanto na pronominal, essa classe se situa entre a 2 e a 3: apresenta experienciadores sujeito nas formas simples e pronominal em número inferior à classe de *preocupar* e superior à de *acalmar* (ressalvando-se que, como se verá, a classe 3 não apresenta experienciadores sujeito na forma simples).

Conforme configurado, o quadro das formas realizadas pelos verbos da classe 4 permite prever uma preferência dessa classe pela estrutura causativa. Observem-se as propriedades realizadas (Tabela 4.11):

Tabela 4.11 - Propriedades sintáticas da Classe 4 (*Animar*)

Forma	Oral		Escrita	
	Dados	%	Dados	%
ExpS sintética	6	5,17	1	0,83
ExpS pronominal	4	3,45	9	7,50
ExpS analítica	39	33,62	38	31,67
Mini-oração com Ficar	7	6,03	3	2,50
Ser passiva	--		1	0,83
ExpO sintética	44	37,93	48	40,00
ExpO pronominal	11	9,48	17	14,17
ExpO analítica	5	4,31	3	2,50
Total =	116	100	120	100

Os dados quantitativos de cada propriedade destacam, tanto em LO como em LE, a causativa sintética (37,93% e 40,00%, respectivamente) e a ergativa analítica (33,62% e 31,67%, respectivamente). Comparados aos da classe 2, esses resultados mostram pontos de contato e de divergência entre essa última e os da classe de *animar*. Antes de mais nada, deve-se observar, todavia, como foi feito para a classe 2, que algum verbo pode estar tendenciando os resultados que dizem respeito à propriedade ergativa analítica. Isto é, tendo-se em conta as ocorrências de cada verbo, observa-se que a distribuição e número de ocorrências de cada verbo pelas propriedades é razoavelmente equilibrada. No que concerne à propriedade ergativa analítica, observa-se que a mesma tem um alto percentual de realizações, contrastado a um número não expressivo de verbos. Na verdade, esse percentual de favorecimento parece estar refletindo as realizações de um verbo específico (*amedrontar*), cuja maioria de realizações ocorre com estrutura ergativa analítica (26 das 39 ocorrências de língua oral e 18 das 38 de língua escrita). Observe-se, abaixo, a média de ocorrências:

Média: 3,2

Verbos excluídos: *amedrontar* (29)

Veja-se como ficam os resultados da Tabela 4.11, com a exclusão desse verbo.

Tabela 4.12 - LO - Distribuição das propriedades sintáticas (com e sem exclusão de itens) na Classe 4 (*Animar*)

Propriedade	S/ exclusão		C/ exclusão	
	Dados	%	Dados	%
ExpS Sintética	6	5,17	6	6,90
ExpS Pronominal	4	3,45	4	4,60
ExpS Analítica	39	33,62	13	14,94
Mini-oração com Ficar	7	6,03	7	8,05
Ser passiva	--	--	--	--
ExpO Sintética	44	37,93	44	50,57
ExpO Pronominal	11	9,48	11	12,64
ExpO Analítica	5	4,31	2	2,30
Total =	116	100	87	100

O mesmo se dá nos dados de LE, em que, como se pode ver abaixo, é maior o número de verbos com ocorrência acima do dobro da média.

Média: 3,2

Verbos excluídos: amedrontar (20), distrair (10), divertir (7), incomodar (8)

Tabela 4.13 - LE - Distribuição das propriedades sintáticas (com e sem exclusão de itens) na Classe 4 (*Animar*)

Propriedade	S/ exclusão		C/ exclusão	
	Dados	%	Dados	%
ExpS Sintética	1	0,83	1	1,33
ExpS Pronominal	9	7,50	6	8,00
ExpS Analítica	38	31,67	17	22,67
Mini-oração com Ficar	3	2,50	3	4,00
Ser passiva	1	0,83	1	1,33
ExpO Sintética	48	40,00	40	53,33
ExpO Pronominal	17	14,17	6	8,00
ExpO Analítica	3	2,50	1	1,33
Total =	120	100	75	100

A comparação dos dados das duas tabelas mostra que a remoção dos verbos altera drasticamente o perfil das realizações ergativas analíticas, que cai de 33,62% para 14,94%, em língua oral, e de 31,67% para 22,67%, em língua escrita. Tais resultados aumentam a diferença entre realizações causativas sintéticas e ergativas analíticas, que praticamente se igualavam nos resultados da Tabela 4.11. Nessa última tabela, ao contrário, o percentual de causativas sintéticas aumenta em 2 pontos em língua oral e

em 7 pontos nos dados de língua escrita. Tais resultados mostram que praticamente a metade das ocorrências dos verbos da classe 4 se realiza através da propriedade causativa. Assim, os resultados quantitativos, que num primeiro momento igualavam as classes 2 e 4, no que concerne ao favorecimento da propriedade ergativa analítica, mudam radicalmente. Na classe de *preocupar*, 35,43% das realizações da classe são de ergativas analíticas, em língua oral e 34,34% em língua escrita. Observe-se a hierarquização das propriedades mediante as realizações das mesmas em uma e outra classe. O quadro abaixo compara o lugar ocupado pelas propriedades na classe 4 àquele ocupado pelas mesmas propriedades na classe 2.

Quadro 4.2 - Comparação entre as classes 2 e 4 : hierarquização das propriedades mais favorecidas pela classe 4 (1ª coluna) e classificação das mesmas na classe 2 (2ª coluna)

Classe 4	Classe 2
1º: causativa sintética (em LO e LE)	3º lugar (LO e LE)
2º: ergativa analítica (em LO e LE)	1º lugar (em LO e LE)
3º : causativa pronominal (em LO e LE)	não realiza essa propriedade
4º :estativa com <i>ficar</i> (em LO)	2º lugar (em LO)
	4º lugar (em LE)
ergativa pronominal (em LE)	2º lugar (em LE)
	4º lugar (em LO)

O Quadro 4.2 permite algumas reflexões adicionais. Desconsiderando (provisoriamente) as propriedades relativas à forma pronominal cuja avaliação é complexa (cf. 2.2 e 3.2.1), observa-se que apenas uma propriedade distingue os dados de LO e de LE das classes 2 e 4, a propriedade estativa com *ficar*. Isto é, as duas classes apresentam um comportamento coeso entre LO e LE nas demais propriedades que exibem, exceto na estativa.

A distribuição dos dados relativos à propriedade *ficar* + adj./pp. pode sinalizar uma direção da mesma: trata-se de uma propriedade de ocorrência expressiva nos dados da classe 2, tanto que figura em LE, no quarto lugar, com 12,12% de ocorrências. Em

LO, (ainda na classe 2) ocupa o segundo lugar com 21,14% de ocorrências. Tal distribuição permite pressupor que seu uso, desenvolvendo-se em LO, se estende gradativamente para LE, onde ocupa, como se viu, o quarto lugar. Opostamente, na classe 4, essa propriedade não aparece, em LE, entre aquelas que ocupam os quatro primeiros lugares: na verdade seu percentual de ocorrência (2,50%) a classifica em quinto lugar, com a propriedade causativa analítica. Em LO, entretanto, é mais expressiva (6,03%), tanto que ocupa o quarto lugar, nas realizações orais dessa classe. Assim, observado o lugar que a mesma ocupa na hierarquia de favorecimento das duas classes, pode-se pressupor que essa propriedade é relativamente nova para a maioria dos verbos psicológicos, caracterizando um grupo de verbos, os da classe 2, já que entre esses já apresenta um número de ocorrências razoável em LE. O quadro de distribuição da classe 4 sugere que um novo grupo de verbos está aderindo à mesma. Três verbos realizam estrutura com *ficar* em LO: *alegrar*, *assustar* e *contrariar*. Em LE, *ameaçar*, *atarantar* e *magoar*. Está-se destacando a estrutura estativa com *ficar* já que a mesma aparece na classe 2, relacionada, na maioria das vezes, a verbos exclusivamente ergativos ou mistos, o que permite pensar que seu uso é favorecido por verbos que tendem a realizar com mais frequência a propriedade de ergativização. Aliás, vários verbos da classe 2 realizaram exclusivamente essa estrutura, o que parece caracterizá-la como estrutura típica da classe. Seu baixo favorecimento na classe 4, que se caracteriza como classe de verbos preferencialmente causativos, constitui-se em indício adicional de sua relação com a propriedade de ergativização. Veja-se, agora, a análise lexical.

4.2.3.2 Análise lexical

Língua oral

Os verbos que apresentam exclusivamente um tipo de propriedade em língua

oral estão listados de acordo com as mesmas (Lista 4.11).

Lista 4.11 - LO: verbos por propriedades sintáticas - Classe 4 (*Animar*)

20o

ExpS Sintética	ExpS Pronominal	ExpS Analítica	ExpO Sintética	ExpO Pronominal	ExpO Analítica	Estativa Ficar
desanimar	assustar	amedrontar	agradar	divertir	amedrontar	alegrar
distrair	distrair	animar	ameaçar	sujeitar	animar	assustar
divertir	humilhar	assustar	animar		contrariar	desanimar
relaxar		desiludir	assustar			
		desvalorizar	atiçar			
		encorajar	avacalhar			
		entusiasmar	desvalorizar			
		marcar	distrair			
		satisfazer	esnobar			
		sufocar	estimular			
			estragar			
			humilhar			
			iludir			
			incomodar			
			influenciar			
			machucar			
			motivar			
			ofender			
			perturbar			
			prejudicar			
			satisfazer			
			seduzir			
			tolher			
			valorizar			

As ocorrências dos verbos da classe de *animar* podem ser agrupadas, a seguir de acordo com a propriedade exclusiva que tenham exibido: propriedade ergativa ou causativa, estativa com ficar, passiva e, por último, os verbos de perfil misto.

Lista 4.12 - LO: verbos exclusivamente ergativos - Classe 4 (*Animar*)

	LO ExpS
1 contrariar	erg. ana
2 desanimar	erg. sin e ficar +pp.
3 desiludir	erg. ana
4 encorajar	erg. ana
5 entusiasmar	erg. ana
6 marcar	erg. ana
7 relaxar	erg. ana
8 sufocar	erg. ana

Lista 4.13 - LO: verbos exclusivamente causativos - Classe 4 (*Animar*)

LO ExpO

1	agradar	caus. sin
2	ameaçar	caus. sin
3	atiçar	caus. sin
4	avacalhar	caus. sin
5	esnobar	caus. sin
6	estimular	caus. sin
7	estragar	caus. sin
8	iludir	caus. sin
9	incomodar	caus. sin
10	influenciar	caus. sin
11	machucar	caus. sin
12	motivar	caus. sin
13	ofender	caus. sin
14	perturbar	caus. sin
15	prejudicar	caus. sin
16	seduzir	caus. sin
17	sujeitar	caus. sin
18	tolher	caus. sin
19	valorizar	caus. sin

Lista 4.14 - LO: verbos de perfil misto - Classe 4 (*Animar*)

LO Mistos

1	amedrontar	erg. ana e caus ana
2	animar	erg. ana e caus. sin e ana
3	assustar	erg. pro ana e caus. sin e ficar+pp
4	desvalorizar	erg. ana e caus. sin
5	distrair	erg. sin e caus pro
6	humilhar	erg. pro e caus. sin
7	satisfazer	erg. ana e caus. sin

Lista 4.15 - LO: verbos que realizam a propriedade estativa - Classe 4 (*Animar*)

Estativa

1	alegrar
---	---------

Vê-se, portanto, que dos 35 verbos listados 20 realizam exclusivamente estruturas causativas, 8 realizam estruturas ergativas e outros mais ilustram as duas propriedades. É um perfil oposto ao verbos da classe de *preocupar*. A distribuição desses últimos configura, como se viu na seção precedente, uma classe de verbos de realização ergativa, principalmente nos dados de LO. A classe 4 configura uma classe de realizações preferencialmente causativas.

Observe-se, agora, se os dados de LE mudam o perfil dessa classe.

Língua escrita

Lista 4.16 - LE: verbos por propriedades sintáticas - Classe 4 (*Animar*)

20

ExpS Sintética	ExpS Pronominal	ExpS Analítica	ExpO Sintética	ExpO Pronominal	ExpO Analítica	Estativa Ficar	Passiva
desanimar	assustar incomodar perturbar rejubilar surpreender	ameaçar amedrontar animar assustar aterrorizar consolar desanimar distrair divertir encorajar fascinar humilhar surpreender	abandonar abençoar agradar ameaçar amesquinhar amofinar animar assustar atemorizar consolar contrariar desanimar desiludir distrair dominar ferir humilhar importunar incomodar influenciar magoar ofender oprimir perturbar seduzir sufocar surpreender	alegrar animar atormentar distrair divertir envolver iludir	amedrontar assustar	ameaçar atarantar magoar	abandonar

As próximas listas contêm os verbos que realizaram exclusivamente estruturas ergativas ou causativas (4.17 e 4.18, respectivamente), os de perfil misto (4.19), e os verbos que realizaram exclusivamente estruturas estativas (4.20)

Lista 4.17 - LE: verbos exclusivamente ergativos - Classe 4 (*Animar*)

LE ExpS

- 1 aterrorizar erg ana
- 2 encorajar erg. ana
- 3 fascinar erg. ana
- 4 rejubilar erg. ana

Lista 4.18 - LE: verbos exclusivamente causativos - Classe 4 (*Animar*)

LE ExpO

1	abandonar	caus. sin
2	abençoar	caus. sin
3	agradar	caus. sin
4	alegrar	caus. pro
5	amesquinhar	caus. sin
6	amofinar	caus. sin
7	atemorizar	caus. sin
8	atormentar	caus. pro
9	contrariar	caus. sin
10	desiludir	caus. sin
11	dominar	caus. sin
12	ferir	caus. sin
13	iludir	caus. pro
14	importunar	caus. sin
15	influenciar	caus. sin
16	magoar	caus. sin
17	ofender	caus. sin
18	oprimir	caus. sin
19	seduzir	caus. sin
20	sufocar	caus. sin

Lista 4.19 - LE: verbos de perfil misto - Classe 4 (*Animar*)

LE Mistos

1	ameaçar	erg. ana e caus. sin
2	amedrontar	erg. ana e caus. ana
3	animar	erg. ana e caus. sin e pro
4	assustar	erg. pro ana e caus. sin e ana
5	consolar	erg. ana e caus. sin
6	desanimar	erg. sin ana e caus. sin
7	distrair	erg. ana e caus. sin e pro
8	divertir	erg. ana e caus. pro
9	humilhar	erg. ana e caus. sin
10	incomodar	erg. pro e caus. sin
11	perturbar	erg. pro e caus. sint.
12	surpreender	erg. pro ana e caus. sin

Lista 4.20 - LE: verbos que realizaram a estrutura estativa - Classe 4 (*Animar*)

Estativa

1	atarantar
---	-----------

Lista 4.21 - LE: verbos que realizaram estrutura passiva - Classe 4 (*Animar*)

Passiva

1	abandonar
---	-----------

Observa-se, pelas listas 4.17, 4.18, e 4.19, que a distribuição dos verbos pelas propriedades relevantes concentra um maior número dos mesmos em estruturas causativas (20/37). Deve-se, ainda, observar que os verbos que realizam estruturas ergativas (tanto os da Lista 4.17, como os da Lista 4.19) privilegiam as ergativas analíticas (em detrimento da forma sintética e pronominal) A estrutura ergativa sintética é restrita (exibida por um verbo, apenas: *desanimar*), como também a pronominal, cujas realizações se restringem a dois itens (*rejubilar* e *assustar*). Assim, a distribuição dos verbos da classe 4 evidencia, em língua escrita, uma especialização de forma e sentido: a forma analítica caracteriza as estruturas que focalizam o experienciador na posição de sujeito, isto é, as estruturas até o momento classificadas como ergativas; as formas sintéticas especializam-se na expressão da causatividade. Apenas dois verbos expressam a causatividade em realizações analíticas: *amedrontar* e *assustar*. Deve-se observar, aliás, que *amedrontar* só se realiza em formas analíticas, sejam elas ergativas ou causativas, apesar de privilegiar as primeiras (18 ocorrências de ergativas analíticas contra 2 de causativas analíticas). Essa diferença se amplia quando se comparam suas ocorrências em LO: (26 ocorrências de ergativas analíticas contra 3 causativas analíticas).

Observe-se, agora, que outras considerações podem ser feitas pela comparação das duas modalidades.

Lista 4.22 - LE e LO: verbos exclusivamente ergativos - Classe 4 (*Animar*)

Verbos ExpS que realizam LE e LO			
		LO	LE
1	encorajar	erg. ana	erg. ana

Como se vê, apenas um verbo caracteriza-se como ergativo, em função de ocorrência semelhante nas duas modalidades lingüísticas. Nota-se que o mesmo

(*encorajar*) só ocorre na forma analítica, como o verbo *amedrontar*. A observação não sistemática desse verbo confirma seu uso preferencial na forma analítica, seja ergativa ou causativa. De qualquer maneira, a exigüidade da lista mostra que, de fato, os verbos da classe 4 exibem um número menor de verbos ergativos, quando comparados aos da classe 2.

Lista 4.23 - LE e LO: verbos exclusivamente causativos - Classe 4 (*Animar*)

Verbos ExpO que realizam LE e LO		
	LO	LE
1 agradar	caus. sin	caus. sin
2 iludir	caus. sin	caus. pro
3 influenciar	caus. sin	caus. sin
4 ofender	caus. sin	caus. sin
5 seduzir	caus. sin	caus. sin

A coesão desses verbos manifesta-se não apenas na propriedade que comungam como também na sistematicidade da forma pela qual realizam a estrutura causativa: a forma é sempre a causativa sintética exceto para o verbo *iludir* que realiza a forma pronominal em LE.

Listem-se, agora, os verbos mistos nas duas modalidades (Lista 4.24).

Lista 4.24 - LE e LO: verbos de perfil misto - Classe 4 (*Animar*)

Verbos Mistos que realizam LE e LO		
	LO	LE
1 amedrontar	erg. ana e caus. ana	erg. ana e caus. ana
2 animar	erg. ana e caus. sin	erg. pro e ana e caus. sin e pro
3 assustar	erg. pro e ana e caus. sin	erg. pro e ana e caus. sin
4 distrair	erg. sin e pro e caus. sin	erg. ana e caus. e sin e pro
5 divertir	erg. sin e caus. pro	erg. ana e caus. pro
6 humilhar	erg. pro e caus. sin	erg. ana e caus. sin

Destaca-se que a ocorrência simultânea de verbos com perfil misto em LO e LE é mais expressiva na classe 4 do que na classe 2. O maior volume de verbos de perfil misto na classe 4 pode ser associado ao estágio do processo de

ergativização/causativização no qual se encontram esses verbos. Grande parte do comportamento dos verbos dessa classe os caracteriza como preferencialmente causativos. Nesse sentido, os de perfil misto seriam aqueles cujo estágio de mudança de diátese é mais incipiente em relação aos absolutamente causativos ou ergativos. Dentro desse raciocínio, é de se esperar que os verbos de perfil misto sejam mais numerosos nessa classe do que na classe 2, cujo processo de ergativização/causativização estaria mais adiantado.

Esse último subgrupo faz jus, ainda, a uma observação sobre dois de seus verbos: *distrair* e *divertir*: ambos realizam a estrutura ergativa sintética. Tendo em conta que a realização ergativa sintética não é previsível em avaliações intuitivas (Cançado a avalia como realização duvidosa, no que concerne a esses dois verbos), pode-se pressupor que a ergativização pela forma sintética é recente na língua, pelo menos nesses dois verbos para os quais se dispõe de exemplos. A distribuição dos mesmos nas modalidades oral e escrita reflete essa hipótese: os mesmos não realizam ergativa sintética em língua escrita. Tal constatação permite manter a hipótese de que, mesmo nos casos em que os falantes admitem o perfil misto, a comparação dos dados de língua oral e escrita ressalta essa última modalidade como o *locus* de identificação de indícios do perfil cronológico das estruturas. Tal hipótese será reavaliada, no próximo capítulo, quando se buscará traçar o perfil histórico dos verbos com ocorrências repetidas em mais de um século.

4.2.4 Classe de *acalmar*

Essa classe representa 6,69% dos dados coletados em língua oral e 9,18% dos de língua escrita. A distribuição de seus verbos por forma é demonstrada na Tabela 4.14.

Tabela 4.14 - Experienciador por forma na Classe 3 (*Acalmar*)

Século		Oral			Escrita		
Forma	Exp.	Dados	%	Porc. da Forma	Dados	%	Porc. da Forma
Simples	Sujeito	0	0,00	68,75	0	0,00	36,11
	Objeto	22	100,00		13	100,00	
	Total=	22			13		
Pron.	Sujeito	0	0,00	6,25	2	13,33	41,67
	Objeto	2	100,00		13	86,67	
	Total=	2			15		
Estar + pp	Sujeito	1	100,00	3,13	1	100,00	2,78
	Objeto	0	0,00		0	0,00	
	Total=	1			1		
Ficar + pp	Sujeito	3	100,00	9,38	2	100,00	5,56
	Objeto	0	0,00		0	0,00	
	Total=	3			2		
Ter + sub.	Sujeito	2	100,00	6,25	5	100,00	13,89
	Objeto	0	0,00		0	0,00	
	Total=	2			5		
Ser passiva	Sujeito	2	100,00	6,25	--		
	Objeto	0	0,00		--		
	Total=	2					
Total =		32			36		

Pode-se observar que essa classe é reduzida em todos os aspectos: é a menor das classes analisadas, é a que evidencia um número mais restrito de formas, no que se diferencia radicalmente da classe 2. Quanto ao comportamento de seus experienciadores, podemos observar que os mesmos têm a maior parte de suas ocorrências conforme a descrição lexical de seus verbos. Tal aspecto aproxima o comportamento da classe 3 do da classe 1.

Quanto às propriedades sintáticas vê-se, na Tabela 4.14, que a de ergativização simples não se realiza nessa classe, restringindo-se a um baixo percentual na forma pronominal (língua escrita, exclusivamente). As realizações do experienciador sujeito estão, portanto, praticamente restritas às formas analíticas, como se pode observar na Tabela 4.15.

Tabela 4.15 - Propriedades sintáticas na Classe 3 (*Acalmar*)

Forma	Oral		Escrita	
	Dados	%	Dados	%
ExpS sintética	--	--	--	--
ExpS pronominal	--	--	2	5,56
ExpS analítica	3	9,38	6	16,67
Mini-oração com Ficar	3	9,38	2	5,56
Ser passiva	2	6,25	--	--
ExpO sintética	22	68,75	13	36,11
ExpO pronominal	2	6,25	13	36,11
ExpO analítica	--	--	--	--
Total =	32	100	36	100

Como nas demais classes, excluíram-se os verbos cujo número de ocorrências foi superior à média. Na classe 3, houve apenas uma exclusão nos dados de LE.

Média: 2,8

Verbos excluídos: *acalmar* (18)

Tabela 4.16 - LE - Distribuição das propriedades sintáticas (com e sem exclusão de itens) na Classe 3 (*Acalmar*)

Forma	S/ exclusão		C/ exclusão	
	Dados	%	Dados	%
ExpS sintética	--	--	--	--
ExpS pronominal	2	5,56	2	11,11
ExpS analítica	6	16,67	1	5,56
Mini-oração com Ficar	2	5,56	1	5,56
Ser passiva	--	--	--	--
ExpO sintética	13	36,11	12	66,67
ExpO pronominal	13	36,11	2	11,11
ExpO analítica	--	--	--	--
Total =	36	100	18	100

Uma segunda observação sobre a Tabela 4.15 diz respeito às realizações de estativas com o operador *ficar*. Cançado avalia que tal estrutura não é admitida pelos verbos da classe de *acalmar*. Considerei em 2.3.1.4 que tal propriedade pode ser admitida para alguns dos verbos listados nessa classe, desde que o verbo *ficar* se faça acompanhar da forma adjetival, e não da de particípio passado. Viu-se que verbos como *acalmar* e *abrandar* admitem realização estativa desde que estruturados com a forma

adjetival que lhes corresponde. Essa evidência, como se viu, conduz a um questionamento acerca do estatuto das estativas enquanto propriedade distintiva das classes propostas por Cançado. A Tabela 4.15 mostra, de fato, que verbos da classe de *acalmar* realizam estruturas estativas (i.e. estruturas com o operador *ficar* ou outro equivalente, como, por exemplo, *manter*). Os verbos responsáveis pelas realizações apontadas são *acalmar*, *amansar* e *tranqüilizar*, nas seguintes ocorrências:

(5) LO - Ele ficou muito...assim ... manso. (I.37)

(6) LE - Mais uma razão para nos mantermos calmas. p.183 (JA)

(7) LE - Pode ficar tranqüila que é cerveja mesmo, não tem mulher
nisso, não. p.151 (FS)

Cumpra ainda observar que o estatuto psicológico desses verbos não é prototípico (2.3.1.3): tais verbos se prestam também à descrição de fenômenos físicos, tanto em orações causativas (*amansar um animal*, *acalmar a voz*, *tranqüilizar o ambiente*) quanto estativas (*um animal calmo/manso/tranqüilo*).

Observa-se que o comportamento desses verbos os aproxima dos da classe 2, considerada a descrição que Cançado atribui à mesma: aceitação da passiva adjetiva. Essa evidência conduz a outra constatação: a passiva sintática desses três verbos não apresenta o mesmo grau de aceitabilidade de outros verbos da classe 3, como *conquistar*, por exemplo. É nesse sentido que esses verbos apresentam um comportamento que os aproxima daqueles da classe 2. Assim como os verbos da classe 2 parecem pouco aceitáveis em estrutura passiva, também esses verbos da classes 3 parecem pouco aceitáveis quando estruturados na passiva. Essa observação leva a uma ponderação acerca da propriedade de passivização: essa propriedade mostra, nas classes analisadas até agora, uma produtividade muito baixa, comparada a outras como a de

ergativização, por exemplo. Entretanto a mesma é alinhada com outras quando se trata de analisar as propriedades de cada classe. É importante observar-se, nesse aspecto, que o julgamento intuitivo de aceitabilidade é tributário da familiaridade e da frequência das estruturas em análise. É importante, então, que as classes sejam distinguidas, num primeiro momento, por aquelas propriedades que são mais usuais. Além disso, parece que a propriedade de passivização, se considerada na análise, poderá ser um fator de subclassificação dos verbos das classes 2, 3 e 4, já que, como se viu, a classe 2 registrou uma ocorrência da mesma.

A classe de *acalmar* não oferece maior interesse para a análise, no momento, já que o comportamento de seus experienciadores, além de ser homogêneo, não apresenta as realizações ergativas simples ou pronominais (as duas únicas ocorrências são do verbo *regalar*) que estão no foco da presente análise. Caracteriza-se, enquanto tal, como uma classe de verbos de uso preferencialmente causativo. A ausência de realizações dos verbos em estruturas ergativas (propriedade considerada inerente à classe por Cançado) sugere que é mais por essa propriedade de ergativização do que pela passiva adjetiva (estativa de mini-orção), que essa classe se distingue da de *preocupar*. De qualquer forma apenas uma observação diacrônica permitirá maiores comparações entre os diversos verbos. Listem-se os verbos da classe 3, de acordo com as propriedades que realizaram.

Lista 4.25 - LO: verbos por propriedades sintáticas - Classe 3 (*Acalmar*)

ExpS Sintética	ExpS Pronominal	ExpS Analítica	ExpO Sintética	20o ExpO Pronominal	ExpO Analítica	Estativa	Passiva
		acarinhar privilegiar tranquilizar	atingir bajular cativar cercear cobrar enganar enrolar esmagar gozar I maltratar obsequiar pisar provocar reprimir	libertar preservar		amansar tranquilizar	agredir massacrar

Lista 4.26 - LE: verbos por propriedades sintáticas - Classe 3 (*Acalmar*)

ExpS Sintética	ExpS Pronominal	ExpS Analítica	ExpO Sintética	20 ExpO Pronominal	ExpO Analítica	Estativa	Passiva
	regalar	acalmar tranquilizar	acalmar amansar apequenar atingir conquistar enganar honrar libertar provocar tranquilizar	acalmar conter rebaixar		acalmar tranquilizar	

A lista de verbos confirma o perfil causativo da classe. Isto é, a maior parte dos verbos realiza a estrutura causativa sintética. Além disso, observa-se que, além de reduzidos, os verbos que realizam a estrutura ergativa analítica, em LE são os mesmos que realizam a estativa com *ficar*. São os verbos *acalmar* e *tranquilizar*. Nos dados de LO, o verbo *tranquilizar* também realiza essas mesmas propriedades. Seu comportamento em LE é compatível com dois outros verbos da classe 2, os verbos *interessar* e *preocupar*, que realizam tanto estruturas ergativas quanto causativas. A coincidência de realizações ergativas e estativas na classe de *preocupar* chama menos a

atenção devido ao grande volume de verbos tanto nas ergativas analíticas quanto nas estativas. Na classe 3, entretanto, a coincidência se torna mais visível: os dois verbos que realizam ergativas analíticas em LE realizam também a estrutura estativa. São os verbos *acalmar* e *tranqüilizar*. Esse último apresenta o mesmo perfil em LO, exceção feita ao fato de que em LO o referido verbo não realiza estrutura causativa. Assim, vai ganhando mais sustentação a hipótese de que a propriedade de ergativização relaciona-se à estativa num processo cujo caminho é de mão dupla: a realização de ergativização pressupõe realização de estativa com *ficar*, e vice-versa. A análise de um número maior de ocorrências (na análise diacrônica) poderá permitir, se confirmada essa relação, que se reflita sobre os papéis temáticos associados a essa propriedade.⁴

Como se levantou a hipótese de que formas analíticas seriam um dos passos no processo de ergativização, será interessante listar os verbos que realizam essas formas analíticas na classe de *acalmar*. Veja-se a Tabela 4.17, abaixo.

Tabela 4.17 - LO e LE: Formas ExpS analíticas e pronominais versus ExpO sintéticas na Classe 3 (*Acalmar*)

Verbo	ExpS Pronominal		ExpS Analítica		ExpO Sintética	
	Oral	Escrita	Oral	Escrita	Oral	Escrita
	<i>acalmar</i>	--	--	--	6	--
<i>acarinhar</i>	--	--	1	--	--	--
<i>amansar</i>	--	--	1	--	--	1
<i>privilegiar</i>	--	--	1	--	--	--
<i>regalar</i>	--	2	--	--	--	--
<i>tranqüilizar</i>	--	--	3	2	--	2

A Tabela 4.17 mostra que apenas o verbo *regalar* teve sua realização

⁴ Fazendo uso de avaliação intuitiva, percebe-se que, considerado um verbo como *humilhar* (classificado na classe 4, nesta pesquisa), o mesmo parece aceitável em estrutura estativa (Ele ficou humilhado), mas não admite ergativa sintética ou pronominal (*Ele humilhou/humilhou-se). A realização pronominal só admite leitura causativa. Por outro lado, deve ser observado que Cançado atribui aceitabilidade à forma ergativa pronominal desse verbo, considerando duvidosa a realização causativa pronominal.

pronominal analisada como ergativa. É preciso recordar que a ocorrência dessa propriedade deve ser avaliada com cuidado, conforme já foi observado no capítulo 3: a classificação das formas pronominais em ergativas ou causativas submete-se a uma apreciação do pesquisador, cuja análise se pauta pelas propriedades que ele julga conhecer dos verbos em análise. Assim, exceto quando o contexto do verbo deixou claro que o pronome estava sendo usado reflexivamente (o que é raro), a maioria das ocorrências recebeu uma análise intuitiva que, como se viu, submete-se à diátese que o pesquisador atribui ao verbo. Isso faz com que o favorecimento de uma dada classe ou de um dado verbo pela estrutura ergativa pronominal tenha sua importância diminuída, enquanto variável de análise, já que é uma propriedade que se estabelece sobre uma forma ambígua. Por exemplo, os verbos da classe 2 são intuitivamente avaliados por Cançado como não aceitando a propriedade de reflexivização, análise que endosso. Tal análise tem por resultado que todas as realizações pronominais dessa classe tiveram o papel de experienciador atribuído ao sujeito. No caso dos verbos da classe que se está analisando (classe 3), bem como naqueles da de *animar* (classe 4), viu-se que alguns verbos dessa classe admitem tanto a realização com o pronome reflexivo como a realização com o pronome pseudo-reflexivo. Portanto, cada ocorrência foi analisada e classificada intuitivamente, com base no critério de observação da diátese do verbo e, raramente, por falta de condições, com base no contexto. Assim, acaba-se fazendo uma análise tautológica. Parece necessário, então, que se encontre outra variável cuja ocorrência seja transparente, e que sirva como parâmetro aferidor da propriedade exibida pela forma pronominal. No caso dos verbos da classe 3 observa-se que a quase total ausência de ergativas pronominais está associada a outra evidência: é muito baixo o percentual de ergativas analíticas, propriedade cuja identificação não se sujeita a nenhuma análise subjetiva.

Como decorrência da análise que se acabou de comentar, a Tabela 4.18 mostra a forma pronominal a serviço da propriedade de causativização.

Tabela 4.18 - Verbos causativo-pronominais da Classe 3 (*Acalmar*)

Verbos	ExpO Pronominal	
	Oral	Escrita
acalmar	--	11
conter	--	1
libertar	1	--
preservar	1	--
rebaixar	--	1

A Tabela 4.18 permite, ainda, a seguinte observação: seja qual for a propriedade atribuída à forma pronominal, os verbos da classe 3 restringem esse tipo de ocorrência. O verbo que registra o maior número de ocorrências é *acalmar*. Deve-se sublinhar que a maior parte dessas ocorrências é de um único autor: Jorge Andrade. Essas ocorrências referem-se à forma *acalme-se* - (8) e (9), abaixo - (na qual o pronome foi analisado como objeto direto). Esse verbo ilustra o que foi dito acima: em (8) e (9), o contexto permitiu que se propusesse a análise do pronome como objeto direto.

(8) Acalme-se, Quim. p.126 (JA)

(9) Mamãe, acalme-se. p.129 (JA)

Sabe-se, por outro lado, que esse verbo admite um leitura ergativa em frases como (10).

(10) João deu um chá a Maria para acalmá-la. Maria tomou o chá e acalmou-se.

Em (10), o pronome *se* não é argumento, caracterizando a estrutura como ergativa.

Concluo a análise dos verbos da classe de *acalmar* com uma observação

adicional: o comportamento dos verbos desta classe pode estar confirmando, por ora, a avaliação intuitiva que propus no capítulo 2 (cf. 2.2.1.1), questionando a propriedade de ergativização para um grande número dos verbos listados por Cançado. O uso preferencialmente causativo associado à ausência de estruturas de promoção argumental do experienciador são os dados que sustentam essa conclusão provisória.

Conclusão

Uma primeira observação dos verbos psicológicos no seu uso contemporâneo mostra que as variadas propriedades sintáticas que os mesmos podem realizar parecem ter sua ocorrência controlada mais por traços inerentes a determinados verbos do que por características comuns que um mesmo grupo de verbos parece evidenciar. Aliás, com relação às características comuns, é importante notar que na própria descrição dos verbos psicológicos apresentada no capítulo 2, os comportamentos idiossincráticos de verbos de cada classe já haviam sido assinalados.

A comparação entre as classes, através dos resultados globais de cada uma, mostrou o tipo de estrutura favorecido pelas mesmas. Viu-se que a classes de *temer* e a de *acalmar* apresentam a quase totalidade de suas ocorrências de acordo com a representação lexical proposta para cada uma delas. Num comportamento contrário a essas duas classes, a de *preocupar* apresenta uma alta frequência de uso de formas analíticas que, juntando-se às realizações ergativas (simples e pronominais), configuram uma classe com o experienciador na posição de sujeito, contrariamente ao que prevê a representação lexical básica dessa classe. A classe de *animar*, dividindo suas realizações entre formas sintéticas e analíticas, apresenta um comportamento parecido ao da classe de *preocupar* no que concerne ao volume de formas analíticas (que, como na de *preocupar*, privilegiam o sujeito) e semelhante ao de *acalmar* no que concerne ao uso

da forma sintética que instancia predominantemente a relação causativa. É verdade que também na classe de *preocupar* a forma sintética privilegia a estrutura causativa. Nessa classe, entretanto, o número de ergativas simples é ligeiramente superior ao da classe de *animar*. Associado esse fato ao número superior de suas realizações ergativas pronominais, é possível delinear um quadro de uso dos verbos dessas classes em que ambas estejam em processo de desenvolvimento de estruturas ergativas com a de *preocupar* à frente, através de alguns verbos. Considerado o alto número de formas analíticas de experienciador sujeito, tanto na classe de *preocupar* como na de *animar*, pode-se pressupor que essas formas são um primeiro passo na construção da forma ergativa. Os números na ergativa simples não distinguem as duas classes, no que concerne à análise quantitativa, mas a diferença se torna visível quando se comparam as listas de itens que realizam a propriedade ergativa: o número desses verbos é maior na classe 2 do que na classe 4. Quanto às estruturas analíticas e pronominais, viu-se que a questão relativa ao estatuto das mesmas (enquanto indício de processo de ergativização) deverá ser avaliada na análise diacrônica, já que, como se observou, os comportamentos dos verbos são altamente idiossincráticos. Aliás, esse comportamento idiossincrático nos leva a uma outra conclusão depreensível da observação dos dados. Como foi visto na análise dos verbos da classe de *preocupar*, o comportamento de alguns verbos como, por exemplo, *enlouquecer* sugere que a forma ergativa simples dos mesmos não seria o estágio final de um processo de ergativização mas o ponto de partida de um processo de causativização.

A análise sincrônica permitiu a configuração das propriedades sintáticas reais de cada classe. Quando me refiro a propriedades sintáticas reais, considero aquelas cuja realização é atestada pelo uso e cuja frequência pode ser aferida através da comparação do volume de ocorrência das propriedades entre si. Tal aspecto é importante porque a

presente análise dialoga com trabalhos cujas conclusões se baseiam em dados intuitivos. Por serem intuitivos, esses trabalhos contemplam, para a classificação dos verbos, tanto propriedades sintáticas extremamente usuais como propriedades sintáticas de uso extremamente restrito. As restrições são de várias ordens. Considere-se, por exemplo, o fator estilístico: esse fator determina realizações que se dão em distribuição complementar no que concerne a duas das propriedades analisadas por Cançado: a passiva sintática e a de **pro** arbitrário (termos da autora). Sabe-se que ambas são usadas quando não se quer focalizar o agente ou quando o mesmo é desconhecido. Mas as duas se distinguem quanto ao estilo de fala em que são produzidas: a primeira caracteriza discursos mais formais e, por conseqüência, pode ser mais freqüente em língua escrita; a segunda relaciona-se a discursos menos formais, sendo, portanto, característica provável de certos estilos de fala de língua oral. Ambas são apontadas (em Cançado) como características de três classes (1, 3 e 4) mas não da classe 2. Os exemplos dados pela autora para ilustrar essas estruturas (ver os anexos de sua tese) são todos questionáveis. A explicação para o desencontro dos julgamentos de aceitabilidade em relação a essas propriedades pode ser devido ao uso restrito que as mesmas têm na língua. A presente análise sincrônica mostra que, de fato, essas estruturas são pouco produtivas. Associado esse quadro de uso das propriedades em foco à ocorrência de uma delas (passiva sintática, na classe 2) deve-se questionar o estatuto das mesmas enquanto propriedades distinguíveis das diferentes classes dos verbos psicológicos.

Retomo, agora, as questões esboçadas na conclusão do capítulo 2, de modo a permitir que se observem as respostas que a análise sincrônica pode dar às mesmas.

- a. **O conjunto dos verbos psicológicos considerados causativos em seu uso contemporâneo constitui-se integralmente de verbos historicamente causativos?**

Essa é, naturalmente, uma questão à qual apenas o próximo capítulo (análise diacrônica) pode tentar dar um resposta. Viu-se, porém, que o comportamento contemporâneo de alguns verbos da classe 2, como *enlouquecer*, *desesperar*, *endoidar*, *enjoar*, dão indícios de uma diátese sempre ergativa. Associada essa evidência à pressuposição de que verbos como esse se submetem a um processo de causativização, é possível manter-se a hipótese de que estruturas contemporâneas ergativas e causativas são exibidas por verbos de distintas origens, no que concerne à propriedade de causativização.

- b. Levando em conta a variação que se evidencia entre eles (alguns não aceitam estrutura ergativa alguma, outros só aceitam a pronominal e outros mais, só a ergativa sintética), a mesma pode estar relacionada a distintas propriedades primitivas (verbos primitivamente causativos ou inacusativos, ou inergativos)?**

Também a essa questão só se poderá tentar fornecer uma resposta no próximo capítulo. Mas é importante atentar para um trecho da mesma, no que concerne à realização de algumas propriedades. A comparação das classes 2, 3, e 4 permitiu destacar o fato de que as classes que mais realizam estruturas ergativas são as que mais realizam estativas. Essa relação foi observada, inclusive, no comportamento dos verbos analisados individualmente, como é o caso dos verbos *acalmar* e *tranqüilizar*, na classe 3.

- c. Se b tiver uma resposta afirmativa, o comportamento de cada grupo de verbos poderá ser sistematizado por regras que levem em conta essa variável (propriedade primitiva)?**

A análise diacrônica mostrará a propriedade primitiva de alguns verbos.

Portanto apenas no próximo capítulo se poderá tratar desta questão.

- d. Se também c tiver uma resposta afirmativa, como conciliar essa regra às regras que o falante domina (já que a informação histórica é irrelevante para o falante)?**

A análise sincrônica mostra uma relação entre ergativas e estativas, onde uma pressupõe a outra. Por ora, as informações relativas ao uso são insuficientes para depreender que regras o falante domina para admitir tais propriedades para alguns verbos, e não para outros. Mantêm-se, portanto, a possibilidade de realização estativa como parâmetro para avaliação da possibilidade de realização de estrutura ergativa.

- e. Por não ser possível a conciliação questionada em d: os itens lexicais carregam traços (portanto visíveis para o falantes) relacionados a suas propriedades primitivas?**

A ocorrência de propriedades não esperadas pelos verbos de algumas classes permitiu observar alguns traços desses verbos: a ocorrência de estativas na classe 3 foi relacionada ao estatuto psicológico não prototípico dos verbos envolvidos. Também dentre os verbos da classe 2 que realizaram estruturas ergativas distinguem-se os verbos *enlouquecer*, *endoidar* e *enjoar*, que se estruturaram como ergativos (forma sintética) e são também passíveis de representar fenômenos exclusivamente físicos. Ao lado desses, lista-se o verbo *desesperar*, cujo estatuto parece ser o de verbo psicológico prototípico. A representação de fenômeno físico só é atribuível ao verbo que lhe serve de base no processo derivacional que lhe dá origem: o verbo *esperar*. Essa questão será retomada adiante.

- f. De que critérios dispomos para analisar o clítico *se* como marca de decausativização, se este pronome acompanha também verbos que não**

realizam a correlação ergativo-causativo?

O comportamento contemporâneo de verbos como *preocupar* sugere que os verbos que realizam a forma ergativa pronominal são verbos que apresentam uma diátese primitiva causativa. Por outro lado, a observação de verbos da classe 2 como *enlouquecer*, *enjoar*, que realizam a forma sintética, e não a pronominal (e não parecem aceitáveis na forma pronominal por uma análise intuitiva) dá origem à hipótese de que a estrutura ergativa sintética dos mesmos é indicio de uma diátese primitiva inacusativa. Enquanto tais, esses verbos estariam se submetendo ao processo inverso – o de causativização.

- g. Todas as propriedades sintáticas passíveis de realização pelos verbos psicológicos são quantitativamente equilibradas no uso dos mesmos? Isto é, que propriedades exibem, na realidade, os verbos psicológicos?**

Viu-se, pela análise das classes 2, 3 e 4, que são as propriedades de ergativização e de causativização sintéticas e analíticas, principalmente (em detrimento da pronominal), as mais freqüentes entre os verbos psicológicos. Acrescenta-se a essa a propriedade estativa, que, como se viu, parece caracterizar-se como propriedade relacionada à de ergativização pronominal ou sintética. É possível que essas propriedades sejam distintivas dos diversos tipos de verbos psicológicos. A análise diacrônica poderá confirmar o estatuto distintivo dessas propriedades e, se for o caso, equacionar a relação dessas propriedades com as menos freqüentes como a de passivização e pro-arbitrário, consideradas em Cançado (1995).

- h. Existe a possibilidade de se postular alguma(s) das propriedades sintáticas desses verbos como potencialmente desencadeadora(s) da realização das outras propriedades sintáticas?**

A resposta dada à questão d sinaliza a propriedade estativa como tal.

- i. A realização de determinadas propriedades sintáticas está relacionada ao estatuto psicológico do verbo?**

Também esta questão já foi contemplada (ver questão e).

- j. O ponto de inserção do experienciador numa escala de prototipicidade determina a realização de determinadas propriedades sintáticas?**

De acordo com Oliveira (comunicação pessoal), a reflexão sobre o estatuto do experienciador causa estranheza já que, obviamente, coloca em cheque uma noção importantíssima na caracterização da diátese dos verbos em estudo. Tendo em conta, entretanto, os verbos que se incluem na classe 3, pode-se refletir um pouco mais sobre essa noção. Observando-se a lista dos verbos dessa classe, viu-se que apenas um número reduzido dos mesmos realizou as propriedades ergativa e estativa. Propondo-se uma análise intuitiva a todos os verbos constantes da lista da classe 3, observa-se o seguinte: um grupo dos mesmos admite a leitura proposta em (i), (ii) e (iii), para o verbo *acalmar*:

(i) *acalmar* X é agir de forma tal que X fique calmo.

(ii) o que se objetiva, em primeira instância, em (i) é que “X fique calmo”.

(iii) X fica calmo = X *acalma-se*.

Os verbos que admitem essa leitura são, além de *acalmar*, os verbos *amansar*, *tranqüilizar*, que (como se viu) realizaram a estrutura estativa e admitem (intuitivamente) realização ergativa (sintética ou pronominal). Constam ainda da lista dos verbos da classe 3 outros que, apesar de não terem realizado estrutura ergativa ou

estativa, as admitem (análise intuitiva). Trata-se dos verbos *cativar* e *apequenar*. Observe-se que esses verbos admitem a leitura proposta em (i) – (iii). Diferentemente, outros verbos constantes da classe 3 parecem não admitir, numa análise intuitiva, estrutura ergativa (pronominal ou sintética). Trata-se de verbos como *atingir*, *bajular*, *cercear*, *costrar*, *enrolar*, *conquistar*, *provocar*. Comparando-se esse último ao verbo *acalmar*, para o qual foi proposta a leitura (i) – (iii), observa-se que o mesmo não admite:

(iv) *provocar X* é agir de tal forma que **X fique provocado* (*provocar X* é agir de tal forma que *X reaja* (i.e. que *X responda, se retire etc.*)).

(v) então, o que se objetiva, em primeira instância, em (i) não é que **X fique provocado*. O que se objetiva, em primeira instância em (i) é que *X reaja*.

Observe-se que tal perspectiva metalingüística recupera-se no plano lingüístico, através da não aceitabilidade que caracteriza as estruturas de ii, que se repetem em (vi):

(vi) **X fica provocado = *X provoca-se*.

No próximo capítulo se reavaliarão essas questões, com base no perfil histórico das classes.

CAPÍTULO 5

ANÁLISE DIACRÔNICA

Introdução

A presente análise considera um total de 2.306 dados. Desses, 1.908 correspondem ao total das ocorrências das classes de 1 a 4, cujas realizações serão foco da análise quantitativa do presente capítulo. Os 398 dados restantes correspondem ao subconjunto dos verbos inacusativos, dos bi-argumentais que introduzem seu argumento interno via preposição e dos verbos que não receberam classificação devido a dúvidas quanto a sua diátese. Esses últimos são, em geral, verbos com uso limitado a períodos pretéritos da língua. Nenhuma ocorrência dos verbos pertencentes a esse subconjunto integra a análise quantitativa, já que as propriedades exibidas pelos mesmos não apresentam sistematicamente correspondência com as dos verbos listados nas classes de 1 a 4, conforme já havia sido assinalado por Cançado, que chama a atenção, também, para o fato de que os mesmos exibem distintas redes temáticas.

É preciso também explicar que, num primeiro momento, contemplou-se a possibilidade de se observar apenas o perfil diacrônico dos verbos que tivessem exibido um comportamento idiossincrático, seja na análise intuitiva de Cançado, seja na análise sincrônica feita nesta tese. Ao lado desses, tencionava-se, também, observar o perfil da classe 2, como um todo, já que essa classe exibe algum tipo de comportamento que não se conforma à hierarquia temática. Como, entretanto, a análise sincrônica forneceu indícios de que os comportamentos idiossincráticos eram mais numerosos do que fazia supor a análise meramente intuitiva, decidiu-se que a coleta deveria contemplar todas as classes. O raciocínio que guiou essa decisão foi o seguinte: de nada serviria o relato de uso de uma só classe ou de alguns verbos de cada classe, já que qualquer característica (do perfil histórico dos mesmos) que pudesse explicar alguma idiossincrasia seria resultante de uma análise interna à classe ou ao verbo. Como a análise histórica

pressupõe um diálogo com propriedades sintáticas e representações lexicais estabelecidas com base no uso contemporâneo (análise externa), fazia-se necessário ter uma descrição das propriedades sintáticas dos verbos em cada período visado, de forma a se poder responder se o comportamento idiossincrático atual se repete em outros períodos da língua.

Outra razão, relacionada à precedente, determinou que a coleta contemplasse todas as classes: uma das hipóteses (cf. 2.2 e 4.2.3.1, especialmente o Quadro 4.2) consideradas atribui às classes 2 e 4 o estatuto de classes de passagem de verbos que estejam em processo de mudança de sua diátese. A verificação dessa hipótese pressupunha que se continuasse lidando com as quatro classes.

5.1 O perfil dos verbos psicológicos ao longo do tempo

Uma análise do comportamento diacrônico dessas classes poderá propiciar um refinamento da análise sincrônica. Considere-se, primeiramente a distribuição dos experienciadores das classes em cada século.

A Tabela 5.1¹ mostra a distribuição do experienciador no universo total dos dados; a Tabela 5.2 exhibe-o no subconjunto formado pelas classes de 1 a 4.

Tabela 5.1 - Experienciador por século (Classes de 1 a 7)

Séc.	20o		20		19		18		17		16		15		14	
Exp.	Dados	%														
Suj.	358	75,21	272	69,39	223	66,97	119	61,66	152	80,00	77	72,64	278	66,99	144	71,64
Obj.	118	24,79	120	30,61	110	33,03	74	38,34	38	20,00	29	27,36	137	33,01	57	28,36
Tot=	476	100	392	100	333	100	193	100	190	100	106	100	415	100	201	100

¹ Nas tabelas deste capítulo, os dados sincrônicos são retomados e codificados como séc.20 (os de LE) e como séc. 20o (os de LO).

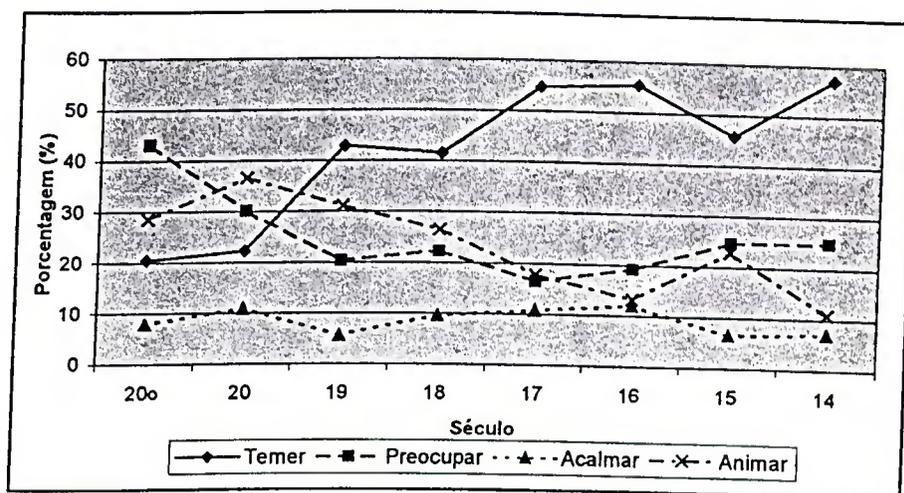
Tabela 5.2 - Experienciador por século (Classes de 1 a 4)

Séc.	20o		20		19		18		17		16		15		14	
Exp.	Dados	%														
Suj.	291	71,67	214	65,24	186	66,43	96	57,83	122	77,71	64	77,11	245	73,80	121	77,56
Obj.	115	28,33	114	34,76	94	33,57	70	42,17	35	22,29	19	22,89	87	26,20	35	22,44
Tot=	406	100	328	100	280	100	166	100	157	100	83	100	332	100	156	100

Ambas as tabelas mostram que o experienciador na posição de sujeito é privilegiado, em todos os períodos históricos considerados. A comparação dos dados das duas tabelas chama a atenção para um aspecto interessante: esperava-se que o percentual dos experienciadores sujeito da Tabela 5.1 fosse superior ao da Tabela 5.2, já que, na primeira, 3 (três), das 7 (sete) classes, constituem-se de verbos que só realizam o experienciador na posição de sujeito, ao passo que das quatro classes representadas na Tabela 5.2, apenas 1 (uma) – a de *temer* – realiza o experienciador na posição de sujeito sintático, de acordo com sua representação lexical. A compatibilidade de resultados das duas tabelas confirma o que a análise sincrônica já havia sinalizado: mesmo nas classes que admitem o experienciador na posição de objeto sintático, o percentual de experienciador sujeito é considerável. De posse desse perfil histórico (global) dos verbos psicológicos, interessa, agora, observar mais detidamente o comportamento do experienciador nos dados da Tabela 5.2, já que a mesma exhibe os resultados das quatro classes que são o foco da análise.

A Tabela 5.1 mostra o favorecimento do experienciador sujeito em todos os séculos. Destacam-se os séculos 17 e 18, o primeiro, acima da média geral de experienciadores sujeito; o segundo, abaixo. Deve-se, antes de mais nada, considerar a possibilidade de a classe de *temer* estar tendenciando esses resultados. O Gráfico 5.1 mostra o perfil da representatividade de cada classe ao longo dos séculos.

Gráfico 5.1 - Volume das classes por século



O Gráfico 5.1 mostra um aumento do volume de verbos da classe de *temer* no século 17 e uma diminuição desses verbos no século 18. O aumento de experienciadores sujeito no século 17 e seu decréscimo no séc. 18 podem, portanto, estar associados à classe de *temer*.

Cumpra observar, além disso, que a classe de *temer* predomina sobre as demais (no que concerne ao volume de dados) até o século 19, quando decresce a ponto de cair do primeiro para o terceiro lugar, aproximando-se da classe 3 (*acalmar*), que exibe um comportamento estável: trata-se de uma classe numericamente reduzida desde o período arcaico. Os números relativos à classe 1 são claros no seguinte ponto: o predomínio da classe de *temer* nos séculos destacados não decorre do volume de verbos coletados em cada período, mas do número de ocorrências de alguns deles. (cf. Anexo A1). A esse respeito, devem-se considerar os seguintes fatos: os dados relativos ao período arcaico foram coletados, como se viu em 3.1, em textos de fundo religioso e moral, o que favorece a ocorrência de verbos como *invejar*, *amar*, *odiar*, da classe de *temer*. Tal fato pode explicar, portanto, o maior volume de ocorrências dessa classe nesse período.

Entretanto, como se verá adiante, o predomínio da classe de *temer* em outros períodos da língua ocorre também em textos de cunho histórico, por exemplo. Tal quadro sugere que o uso de determinados verbos caracteriza determinadas épocas em detrimento de outras, em função de valores culturais e históricos dos falantes de cada época.²

Sabe-se, por outro lado, que o favorecimento do experienciador sujeito pode não depender do volume de dados da classe de *temer*, como vimos na análise dos dados contemporâneos. Considerado esse dado e o objetivo da presente análise, que é o de investigar a hipótese de mudança sintática dos verbos das classes de *preocupar* e *animar*, começarei por observar a função dos experienciadores em cada classe por século. A primeira parte dessa análise conduzirá a uma resposta acerca da interferência da classe de *temer* nos dois períodos destacados pela Tabela 5.2. A segunda verificará as propriedades mais freqüentes do experienciador em cada classe. Observe-se, pois, o comportamento sintático dos experienciadores da classe de *temer* comparado ao das outras classes (Tabela 5.3):

² Cite-se, a título de exemplo, o verbo *adorar*, cujo uso é mais freqüente nos dados contemporâneos (que não têm cunho religioso ou moral) do que nos dados do período arcaico, extraídos em grande parte de textos de cunho moralístico. A explicação para essa aparente inversão de freqüência está no uso do verbo em cada período: nos séculos 14 e 15 o verbo tinha seu uso restrito à relação do homem com Deus. Hoje, apesar de ainda se falar em *adoração a Deus*, *adora-se tudo*: um sorvete, um programa, uma pessoa, o que, se por um lado, aumentou a freqüência do verbo, por outro, diluiu-lhe parte do sentido específico. Em caminho inverso se situa o verbo *amar* cuja freqüência decai do período arcaico para o moderno, por razões da relação intensão/extensão do campo semântico que recobre. Excetuado seu uso expressivo em enunciados como *Eu amo estar aqui* (normalmente realizado como *eu gosto de estar aqui*), o verbo *amar* divide suas ocorrências entre *amar a Deus* (âmbito religioso) e *amar um homem/uma mulher* (âmbito do acasalamento). Observe-se que nesse último domínio a oposição *amar/gostar* é causa de polêmica: um homem/uma mulher querem *ser amados (e não, gostados)* pelo seu par.

Tabela 5.3 - Experienciador por classe por século

Século		19		18		17		16		15		14	
Clas.	Exp.	Dados	%										
1	Sujeito	120	100	69	100	86	100	46	100	152	100	89	100
	Objeto	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
2	Sujeito	35	61,40	21	56,76	21	80,77	12	75,00	66	80,49	22	56,41
	Objeto	22	38,60	16	43,24	5	19,23	4	25,00	16	19,51	17	43,59
3	Sujeito	4	25,00	2	12,50	5	29,41	1	10,00	6	27,27	2	18,18
	Objeto	12	75,00	14	87,50	12	70,59	9	90,00	16	72,73	9	81,82
4	Sujeito	27	31,03	4	9,09	10	35,71	5	45,45	21	27,63	8	47,06
	Objeto	60	68,97	40	90,91	18	64,29	6	54,55	55	72,37	9	52,94
Total=		280		166		157		83		332		156	

A Tabela 5.3 mostra um comportamento razoavelmente equilibrado de cada classe, de um século para o outro: isto é, cada uma das classes repete, em cada período observado, o mesmo tipo de favorecimento. Considerando-se as classe 2, 3, e 4, observa-se:

classe 2 – favorece sempre as realizações de Experienciador Sujeito (ExpS) com percentuais que distanciam bastante essas realizações das de Experienciador Objeto (ExpO). O distanciamento dos percentuais só diminui nos séculos 14 e 18 e 19, onde as realizações de ExpO apresentam a média de ocorrência de 41,81% contra a média de 21,24% nos demais séculos. O aumento de ExpO nos séculos 18 e 19 pode estar ilustrando o processo de causativização a que se submetem os verbos do português brasileiro, no século 19, de acordo com Bittencourt (1995). Para o favorecimento do século 14 não se tem, entretanto uma explicação equivalente. O mesmo será reavaliado, adiante.

classe 3 – apresenta-se como a classe francamente favorecedora das realizações de

ExpO, em qualquer dos períodos considerados. A oscilação entre os percentuais de ExpO nunca é superior a 20%, sendo que os menores percentuais de realização de ExpO estão na marca dos 70%.

classe 4 – essa classe apresenta o mesmo tipo de oscilação observado na classe 2, porém, às avessas. Enquanto a classe 2 apresenta um favorecimento dos ExpS, a classe 4 mantém um favorecimento dos ExpO. Assim, o comportamento da classe 4 aproxima-a, por um lado, da classe 3, pelo favorecimento que a mesma exibe em relação às construções com ExpO e, por outro, da classe 2, pela menor distância que apresenta entre seus percentuais de ExpO e de ExpS. Os únicos períodos que quebram essa razoável uniformidade (sem, todavia, inverter o favorecimento apontado) são o século 15 e o século 18. No que concerne ao primeiro, não se dispõe, por ora, de qualquer explicação que justifique o aumento de ExpO, das ocorrências da classe 4, nesse período. No que diz respeito ao século 18, pode-se pressupor que a classe 4, igualmente à classe 2, estaria ilustrando um acirramento do processo de causativização ocorrido entre esse século e o século 19.

Conclui-se, assim, que o comportamento das classes se repete ao longo do tempo, o que, de certa forma, permite pensar que traços semânticos são razoavelmente estáveis, e que as classes estabelecidas contemporaneamente, com base em traços sintático – semânticos, são reconhecíveis como tais, em períodos pretéritos da língua. Tal constatação requer, evidentemente, que se analise mais detalhadamente o comportamento dos verbos em cada classe, já que, como se viu nos capítulos 2 e 4, os rótulos ExpS e ExpO abrigam um conjunto de propriedades sintáticas que se distinguem. Cumpre saber, a partir deste momento, se as propriedades exibidas pelos

verbos de cada classe são as mesmas ao longo do tempo. A extensão da análise obriga a que se considere o conjunto dos verbos de cada classe, em separado. Além disso, como se viu no cap. 4, diferentes formas verbais podem responder por uma única propriedade sintática e vice-versa. Por isso, a apresentação dos resultados de cada século seguirá a seguinte estrutura: a) tabela das formas; b) tabela das propriedades sintáticas. Inicie-se pela classe de *temer*.

5.2 Análise do comportamento sintático de cada classe

5.2.1 Classe de *temer*

Ainda que essa classe se caracterize por ter exclusivamente realizações ExpS, será interessante observar a variação de formas analíticas e sintéticas que a mesma exhibe, para que se possa, em momento posterior, relacionar tal variação a contexto de enunciação, momento histórico ou a outra variável evidenciada pela análise. Observe-se a Tabela 5.4:

Tabela 5.4 - Formas por século na Classe 1 (*Temer*)

Século	20o	20	19	18	17	16	15	14
Forma	%	%	%	%	%	%	%	%
Simplex	85,54	87,67	93,33	82,61	83,72	80,43	80,26	74,16
Pron.	3,61	4,11	4,17	2,90	--	--	1,32	10,11
Estar + pp	--	--	--	--	--	--	--	1,12
Ficar + pp	--	--	--	--	--	2,17	--	--
Ser + pp	--	--	0,83	--	1,16	--	--	3,37
Ter + sub.	7,23	6,85	0,83	8,70	12,79	10,87	13,82	3,37
Tomar + adj.	--	--	--	1,45	--	--	--	--
Dar + sub.	--	1,37	--	1,45	1,16	2,17	1,32	2,25
Estar com + sub.	--	--	0,83	--	--	--	--	--
Fazer/meter + sub.	--	--	--	1,45	1,16	--	0,66	--
Ficar com + sub.	1,20	--	--	--	--	--	1,97	--
Impor/manter + sub.	2,41	--	--	--	--	--	--	--
Ser + adj.	--	--	--	1,45	--	--	--	--
Haver + sub.	--	--	--	--	--	--	--	1,12
Filhar + sub.	--	--	--	--	--	--	0,66	2,25
Haver por + adj.	--	--	--	--	--	--	--	2,25
Mostrar + sub.	--	--	--	--	--	2,17	--	--
Estar em + sub.	--	--	--	--	--	2,17	--	--
Total=	83	73	120	69	86	46	152	89

A Tabela 5.4 mostra que o comportamento homogêneo da classe de *temer*, observado nos dados do século 20, no que concerne a sua representação lexical e uso, se repete em todos os períodos anteriores. A forma analítica parece privilegiada no período arcaico. O agrupamento das formas por propriedades sintáticas (Tabela 5.5) permitirá uma avaliação mais objetiva desse favorecimento. Nessa tabela, bem como nas demais deste capítulo, as propriedades sintáticas que aparecem dizem respeito à função sintática (de sujeito (S) ou objeto (O)) do experienciador (Exp). A essa classificação se acrescentou a forma (sintética, analítica ou pronominal) na qual o verbo se realizou.

Tabela 5.5 - Propriedades sintáticas por século na Classe 1 (*Temer*)

Século	20o	20	19	18	17	16	15	14
Propriedade	%	%	%	%	%	%	%	%
ExpS sintética	85,54	87,67	93,33	82,61	83,72	80,43	80,26	74,16
ExpS pronominal	3,61	4,11	4,17	2,90	--	--	1,32	10,11
ExpS analítica	10,84	8,22	2,50	14,49	16,28	17,39	18,42	15,73
Mini-oração com <i>Ficar</i>	--	--	--	--	--	2,17	--	--
Total =	83	73	120	69	86	46	152	89

A Tabela 5.5 permite observar que o favorecimento da função de sujeito para o experienciador, em todos os períodos, não se faz exclusivamente através da forma simples (sintética). Do século 14 ao 18, o percentual das formas analíticas é expressivo, oscilando entre 15 e 19%, caindo abruptamente para 2,5%, no século 19 e voltando a crescer, a partir do século 20. O período de decréscimo das formas analíticas coincide com o período (já mencionado anteriormente) em que aumentam as causativizações. Como, em princípio, esse processo não diz respeito aos verbos classificados na classe de *temer*, é possível que o decréscimo de analíticas nesse período seja mera coincidência. É interessante, todavia, anotar o fato, já que é possível que o aumento de causativizações se relacione ao aumento de formas sintéticas (ou vice versa). Se isso for um fato (o que só poderá ser investigado na análise das classes 2, 3 e 4), a explicação para a redução de

formas analíticas da classe de *temer*, nesse período (séc. 19), seria a de que esses verbos se espelharam no comportamento dos verbos das classes vizinhas. Portanto, voltar-se-á, adiante, a esse ponto.

O comportamento dos verbos da classe de *temer*, no século 14, permite manter a hipótese de que as formas analíticas representam um estágio para as formas sintéticas (causativa ou ergativa), e que o uso das formas pronominais é um estágio subsequente a este. Esse quadro é óbvio, porque obrigatório, para os verbos formados por derivação desubstantival (Rocha, 1998). Mas ver-se-á abaixo que o uso de formas analíticas não responde apenas por características do léxico mas, também, por papéis temáticos inerentes a determinadas formas e não a outras.

Ainda no que concerne à Tabela 5.5, os percentuais podem parecer irrisórios num quadro de avaliação que considere o sistema como um todo (hipótese sintática) ou classes de verbos agrupados por representações lexicais (hipótese semântica). Se se observar, entretanto, o comportamento dos verbos, tomados em sua individualidade, esse percurso (da forma analítica para a sintética) se torna mais transparente.

Observe-se, primeiramente, a representatividade de cada forma por século (Tabela 5.4). O razoável equilíbrio da distribuição da forma simples em cada período visado se contrapõe ao decréscimo da forma analítica quando caminhamos do séc. 14 para o séc. 20. É possível, como se viu anteriormente, que esses resultados sejam determinados não pela classe como um todo, mas por determinados verbos.

O próximo passo é, portanto, observar que verbos são responsáveis pelas distintas propriedades exibidas pela Tabela 5.4. Esses dados estão relacionados nas tabelas do Anexo A1. A distribuição das propriedades sintáticas pelos verbos da classe de *temer* permite observar que nem todos os verbos são igualmente responsáveis pelas

diversas formas: alguns privilegiam certas formas em detrimento de outras. Dois verbos destacam-se: *odiar* e *invejar*. Suas realizações no período arcaico restringem-se a formas analíticas. Na verdade, os dados coletados só ilustram a forma sintética de *odiar*, no século 20. Cunha (1986) assinala o surgimento do verbo no século 16, o que confirma o uso apontado pelos dados em análise no período arcaico. Quanto ao verbo *invejar*, também todo o período arcaico o apresenta nas formas analíticas; a primeira ocorrência na forma sintética registra-se no século 19. Cunha o assinala no século 15. Mas, diferentemente de *odiar*, esse verbo já existia no latim: *in-video*, *-vidi*, *-visum*, *-videre*. Entretanto, no que concerne ao uso do verbo no português, também Cunha data a forma nominal anteriormente (séc. 13) à verbal (séc. 15). Também no francês, o verbo *envier* (invejar) é apresentado (Robert, 1979) como derivação de *envie* (inveja). A rigor, a hipótese de precedência de uma forma sobre a outra pode se manter. Por outro lado, outro fator deve ser levado em conta, tendo em vista a existência da forma verbal no latim: o uso atual dos dois verbos em análise apresenta (avaliação não sistemática associada às evidências dos *corpora*) realizações tanto nas formas analíticas quanto na sintética. Cumpre refletir sobre as distintas propriedades dessas formas: *odiar* e *ter ódio* são, em princípio, variantes, se nos pautarmos pela definições de dicionários, de acordo com os quais *odiar* é *ter ódio* a alguém, a alguma coisa. *Odiar*, implica, em princípio, um argumento com o papel de objetivo, conforme atesta a representação lexical da classe a que pertence. O mesmo não se dá com a forma analítica *ter ódio*, cuja diátese não recobre obrigatoriamente as noções de agente e paciente. Isto é, a forma analítica parece admitir, mais do que a sintética, estrutura inacusativa. Observe-se: das 10 ocorrências de *odiar*, 8 se realizam na forma analítica e, dessas, 3 três são inacusativas:

- (1) séc. 16 - Os que estavam em ódio se reconciliarão como muito amor. p.291 (SL)
- (2) séc. 18 - (...) logo que vimos ao mundo, começamos a ter ódio ou amor, tristeza ou alegria. p.46 (MT)
- (3) séc. 20o - (...) muitas pessoas ficam com ódio por causa da depressão. (I.34)

É verdade que também a forma sintética pode ocorrer em estrutura inacusativa como em (4) abaixo.

- (4) séc. 20 - Prá sempre tinha de odiar. p.30 (AD)

Se se levar em conta que a frase acima ilustra uma das duas ocorrências do verbo *odiar* na forma sintética, poder-se-á julgar que essa forma é produtiva em estruturas inacusativas. Entretanto, há de se convir (observação não-sistemática) que esse tipo de estrutura não é o mais freqüente. Tanto é assim, que a leitura de (4) é ambígua, para um falante do português contemporâneo, cuja reação é a de procurar o objeto direto.

Que o uso de formas analíticas preceda ou não o de formas sintéticas, o fato de as duas formas se realizarem na língua contemporânea deve ser investigado mais de perto.³

³ Na verdade o que se quer saber é que diferença existe, no plano da enunciação, entre *odiar* e *ter ódio*. Compreendida essa distinção (se houver) a questão da precedência histórica de uma forma sobre a outra poderá ser esclarecida. Deve-se observar, antes de mais nada, que a forma analítica (*ter ódio/inveja/amor*) parece veicular a idéia de estabilidade, perenidade, ao contrário da forma sintética. Avaliando-se as duas formas pelo traço de controle (Cançado, 1995), pode-se dizer que, apesar de ser aceito por ambas (ambas aceitam a agregação de construções volitivas, o que é um indício desse traço de controle), a forma sintética parece mais prototípica em relação a esse traço do que sua correspondente analítica. Tal observação não é de grande relevância no que concerne à classe de *temer*. Pode sê-lo em relação aos verbos da classe 2 que, como se viu no capítulo precedente, realizam na língua contemporânea média de 34,88% de suas ocorrências nas formas analíticas de sujeito e são verbos a cujas realizações causativas Cançado atribui o traço de controle negativo.

A questão da precedência histórica de uma forma (analítica) sobre a outra (sintética) encontra um espaço mais adequado de reflexão entre os verbos da classe 2 (*preocupar*).

5.2.2 Classe de *preocupar*

As tabelas abaixo apresentam respectivamente: a representatividade de cada forma por século (Tabela 5.6) e a demonstração das propriedades sintáticas realizadas pelas diferentes formas agrupadas pela função dos experienciadores (Tabela 5.7). Nas duas tabelas, se excluíram os experienciadores cujas funções tenham sido classificadas como de sujeito ou objeto profundo (cf. cap. 3).

Tabela 5.6 - Formas por século na Classe 2 (*Preocupar*)

Século	20o	20	19	18	17	16	15	14
Forma	%	%	%	%	%	%	%	%
Simplex	23,43	24,24	45,61	54,05	26,92	12,50	23,17	38,46
Pron.	18,29	26,26	35,09	29,73	53,85	31,25	13,41	7,69
Estar + pp	12,57	19,19	7,02	2,70	3,85	6,25	3,66	--
Ficar + pp	21,14	12,12	3,51	--	--	25,00	9,76	--
Ser + pp	4,00	1,01	--	--	--	--	2,44	2,56
Ter + sub.	10,29	8,08	--	8,11	3,85	12,50	23,17	23,08
Deixar + adj.	--	1,01	--	--	--	--	--	--
Dar + sub.	0,57	2,02	--	--	--	6,25	3,66	--
Estar com + sub.	0,57	--	--	--	--	--	--	--
Fazer/meter + sub.	0,57	--	--	--	--	6,25	--	7,69
Ficar em + sub.	1,14	--	--	--	--	--	1,22	--
Ficar com + sub.	1,14	--	--	--	--	--	--	--
Morrer de + sub.	--	1,01	--	--	--	--	--	--
Perder + sub.	1,14	4,04	--	--	--	--	--	--
Sentir + sub.	0,57	--	--	--	--	--	4,88	--
Sentir-se + adj.	0,57	--	--	--	--	--	--	--
Ser em + sub.	--	--	--	--	--	--	--	2,564
Ser + adj.	3,43	--	--	2,70	7,69	--	4,88	5,13
Filhar + sub.	--	--	--	--	--	--	6,10	7,692
Meter em + sub.	--	--	--	--	--	--	--	2,564
Pôr + sub.	--	--	--	2,70	--	--	1,22	--
Tornar-se + pp	--	--	--	--	3,846	--	--	--
Ficar + adj.	--	--	5,263	--	--	--	1,22	2,564
Causar + sub.	--	--	1,754	--	--	--	--	--
Estar + adj.	--	1,01	1,754	--	--	--	--	--
Ser passiva	0,57	--	--	--	--	--	1,22	--
Total=	175	99	57	37	26	16	82	39

As formas elencadas na Tabela 5.6 já permitem prever que a distribuição entre a soma das diversas formas analíticas e as formas simples e pronominal é equilibrada. Os diferentes períodos históricos parecem não alterar muito essa relação. O agrupamento das diferentes formas, por propriedades sintáticas mais específicas, permite uma melhor visualização do comportamento dos verbos da classe de *preocupar*. A Tabela 5.7 apresenta esses resultados.

Tabela 5.7 - Propriedades sintáticas por século na Classe 2 (*Preocupar*)

Forma	20o	20	19	18	17	16	15	14
	%	%	%	%	%	%	%	%
ExpS sintética	6,86	7,07	8,77	13,51	7,69	–	8,54	5,13
ExpS pronominal	18,29	26,26	35,09	29,73	53,85	31,25	13,41	7,69
ExpS analítica	35,43	34,34	8,77	13,51	19,23	18,75	46,34	41,03
Mini-oração com <i>Ficar</i>	21,14	12,12	8,77	–	–	25,00	10,98	2,56
Ser Passiva	0,57	–	–	–	–	–	1,22	–
ExpO sintética	16,57	17,17	36,84	40,54	19,23	12,50	14,63	33,33
ExpO pronominal	–	–	–	–	–	–	–	–
ExpO analítica	1,14	3,03	1,75	2,70	–	12,50	4,88	10,26
Total =	175	99	57	37	26	16	82	39

Iniciando a análise da Tabela 5.7 pelos percentuais mais regulares, deve-se destacar, primeiramente, a predominância das realizações de ExpS (forma analítica) em quase todos os séculos. Excetuam-se os séculos 18 e 19, onde os maiores percentuais registram-se nas realizações de ExpO que, observe-se, não se registram na forma analítica, e sim na forma sintética. Relacionam-se, portanto, do ponto de vista dos maiores percentuais em cada século, a função sintática de ExpS e a forma analítica, de um lado, e a forma sintática de ExpO e forma sintética, por outro.

Em relação ao período que apresenta o crescimento das formas de ExpO, é interessante observar que o mesmo coincide, em parte, com o período apontado por Bittencourt (1995) como aquele em que se acelera o processo de causativização no português brasileiro, característica que Bittencourt avalia como podendo ser mais uma das características de uma gramática do português brasileiro (PB), de acordo com Tarallo (1993). Cumpre ressaltar que a distinção que essa autora identifica entre as

várias formas de causativização (analíticas, semi-analíticas, e sintéticas) não é ilustrada pelos verbos psicológicos. Isto é, a expressão da causatividade nos verbos psicológicos se faz através da forma sintética ou através do uso de um operador que se associa a uma forma nominal cognata do verbo como, por exemplo, *causar preocupação*, *dar preocupação*.⁴ Características específicas dos verbos psicológicos, que serão observadas na análise lexical, poderão explicar as razões da ausência desse tipo de estrutura nos verbos psicológicos.

Comentaram-se, até o momento, os resultados quantitativos que mostraram alguma sistematicidade ao longo dos períodos históricos observados. Deve-se, por outro lado, observar que alguns números da Tabela 5.7 causam estranheza. Se, por um lado, o favorecimento constante de realizações analíticas, repetido em todos os períodos históricos, obriga a descartar, provisoriamente, a hipótese de mudança sintática desses verbos, por outro, a sistematicidade do favorecimento impele a que se busque outra explicação para o mesmo. Se o processo não se explica por mudança sintática, é possível que a explicação esteja em traços semânticos ainda não devidamente explicitados. A essa hipótese se associa outra: a de que traços semânticos não detectáveis pela observação das propriedades gerais da classe, tomada como um todo, possam ser identificados na observação individual dos verbos. Os percentuais que causam estranheza são, por exemplo:

- o súbito favorecimento de ExpS **pro** no século 17,
- o aumento de ExpS sintéticas nos séculos 18 e 15,
- o ponto mais acentuado de decréscimo de ExpS analítica no século 19, seguido

⁴ Vê-se que os termos analítica e semi-analítica usados por Bittencourt não correspondem ao termo analítica usado nesta tese. Nessa autora, o termo recobre estruturas do tipo *fazer preocupar*.

de evolução abrupta desse tipo de estrutura nos séculos 20 e 20o.

A rigor, o último desses percentuais pode ser relacionado ao processo de causativização, que se acelera nesse período. Quanto aos demais, não se dispõe, neste momento, de nenhuma outra explicação relacionada a processos ocorridos no português que justifiquem esse quadro de realizações. A busca de explicações pode ser orientada por fatores inerentes ao modelo da DL: isto é, deve-se considerar a possibilidade de que determinados itens lexicais sejam responsáveis pelo volume de determinadas estruturas que, nesse caso, não seriam características da classe como um todo, mas de determinados verbos. Cumpre, portanto, que se excluam os itens cujo número de ocorrências seja superior à média do grupo. Decidiu-se, nesse ponto da análise, excluir dos dados de cada século aquele(s) verbo(s) cujo número de ocorrências fosse equivalente ao dobro da média encontrada por século. Fixou-se essa quantidade porque as médias não são altas; se fossem excluídos verbos com um ponto acima do dobro da média, o número de dados de cada século ficaria demasiadamente reduzido. Citam-se, a seguir, a média de ocorrência de cada século, bem como os verbos excluídos com base no critério adotado. Em seguida, apresentam-se os novos dados quantitativos, por século (Tabela 5.8).

Século 14

Média: 2,6

Verbos excluídos: desamparar (10), enojar (7)

Século 15

Média: 3,7

Verbos excluídos: deleitar (7), contentar(10), enojar(8), entristecer(12), espantar(9)

Século 16

Média: 1,7

Verbos excluídos: espantar (5)

Século 17

Média: 1,8

Verbos excluídos: afeiçoar (4), contentar (4)

Século 18

Média: 1,76

Verbos excluídos: afligir (4), enfadar (4)

Século 19

Média: 1,7

Verbos excluídos: compadecer (5), aborrecer (5), admirar 1 (5)

Século 20

Média: 3,00

Verbos excluídos: aborrecer (7), espantar (10), exaltar (8), preocupar (15)

Século 20o

Média: 3,43

Verbos excluídos: apaixonar (7), chocar (13), endoidar (7)

interessar (14), preocupar (28), realizar (7)

Tabela 5.8 - Propriedades sintáticas por século (com e sem exclusão de itens exclusão) na Classe 2 (Preocupar)

Forma	20o	20	19	18	17	16	15	14
	%	%	%	%	%	%	%	%
ExpS sintética	8,08	11,86	7,14	17,24	11,11	–	16,67	9,09
ExpS pronominal	13,13	10,17	30,95	20,69	50,00	18,18	11,11	4,55
ExpS analítica	30,30	38,98	9,52	13,79	16,67	18,18	47,22	68,18
Mini-oração com <i>Ficar</i>	26,26	13,56	11,90	–	–	27,27	2,78	4,55
Ser Passiva	1,01	–	–	–	–	–	2,78	–
ExpO sintética	19,19	20,34	38,10	44,83	22,22	18,18	16,67	9,09
ExpO pronominal	–	–	–	–	–	–	–	–
ExpO analítica	2,02	5,08	2,38	3,45	–	18,18	2,78	4,55
Total =	99	59	42	29	18	11	36	22

Como se vê, a exclusão dos verbos com ocorrência acima da média (Tabela

5.8) não altera substancialmente os resultados quantitativos no que concerne àqueles que foram destacados anteriormente. Acirram-se algumas diferenças sem que se altere, todavia, a relação entre as propriedades. Isto é, o favorecimento das estruturas de ExpO sintéticas aparece ligeiramente mais elevado na Tabela 5.8 mas permanece localizado nos séculos 18 e 19. Nos demais séculos, a predominância continua sendo das estruturas analíticas de ExpS. Quanto às demais propriedades, observa-se:

- os percentuais das estruturas sintéticas de ExpS dos séculos 15 e 18 acentuam-se mais ainda na Tabela 5.8. No século 15, o percentual dessas estruturas dobra, equiparando-as às ocorrências sintéticas de ExpO. O mesmo fenômeno passa a ser observável no século 14: equiparam-se as estruturas sintéticas de ExpS e de ExpO, sendo observável um crescimento das mesmas, do séc. 14 para o séc. 15. A distribuição dessas estruturas nos séc. 14 e 15 sugere que a classe 2 começa a exibir a propriedade de ergativização entre os séculos 14 e 15. Os percentuais dos séculos subsequentes não confirmam, entretanto, essa tendência.
- o aumento de estruturas sintéticas de ExpO progride, de fato, entre os séculos 14 e 16, mas decai no século 17 e, excetuado o séc. 18, mantém essa direção até o séc. 20. Um outro indício de que há um processo de ergativização em curso seria o crescimento das estruturas pronominais de ExpS. Também nessas estruturas o perfil é bastante irregular na linha do tempo. A única variável que se mantém estável em todos os séculos é o conjunto das realizações de ExpS: somadas as ocorrências de ExpS (sintéticas, pronominais, analíticas e de mini-oração), as mesmas perfazem um total sempre superior ao da soma das ocorrências de ExpO. O período em que as ocorrências de ExpS e de ExpO mais se aproximam é o século 18, no qual as realizações de ExpO crescem, conforme já foi comentado acima.

Considerando-se, ainda, a estabilidade dessa última variável, pode-se dizer que os verbos da classe 2 não exibem um processo de variação e/ou mudança lingüística que seja detectável pela análise quantitativa. Repitam-se aqui as hipóteses originadas das reflexões feitas no capítulo 2 e nas conclusões da análise sincrônica. Cançado (1995) conclui que a atribuição do um traço de controle negativo aos argumentos localizados na posição de sujeito é o que explica a não-aceitação da estrutura 'passiva' bem como da 'causativa encabeçada' pelos verbos dessa classe. Exibindo apenas a passiva adjetiva, a classe 2 se distingue da classe 3, de acordo com a autora (cuja avaliação é a de que os verbos da classe 3 só realizam a passiva sintática), como também da classe 4, que aceita tanto as propriedades da classe 3 quanto as da classe 2. Apesar das discordâncias a que alguns julgamentos intuitivos de aceitabilidade (expressados em Cançado) dão ensejo (cf. 2.2)), de um modo geral os verbos agrupados por Cançado em cada uma das três classes (2, 3 e 4) parecem razoavelmente coesos quanto a aceitação/não aceitação de passiva sintática. Ressalte-se, aliás, que os julgamentos de aceitabilidade dessa propriedade foram determinantes para a classificação dos novos verbos constantes da presente pesquisa. Considerar-se-á que qualquer julgamento de aceitabilidade que focalize estruturas pouco frequentes na língua são altamente questionáveis (ver, a esse respeito, 3.2.1). Ainda assim, tal propriedade parece, de fato, distinguir os verbos da classe 2 dos das classes 3 e 4, apesar da observação de algumas idiossincrasias (cf. 2.2.1.1). Os dados quantitativos das Tabelas 5.7 e 5.8 mostram que, realmente, a passiva sintática não é uma propriedade difundida entre os verbos da classe 2. Tampouco é produtiva a causativa encabeçada. Quanto a essa última, entretanto, deve-se observar que a mesma parece não ser produtiva nos verbos psicológicos, em geral. Como se viu, a mesma não ocorre com os verbos da classe 1. A análise das classes 3 e 4 mostrará que esse quadro se repete nas mesmas. Tal constatação faz da

causativa encabeçada uma propriedade irrelevante na análise dos verbos psicológicos.

Uma outra variável destaca-se como parâmetro de investigação do processo de mudança pressuposto neste grupo de verbos. O traço de controle do argumento sujeito guiou a observação dos verbos da classe 2, a partir da seguinte constatação de Cançado (comunicação pessoal)⁵: o traço semântico [+controle] é atribuível ao argumento sujeito das classes 3 e 4, (esteja essa posição ocupada, ou não, pelo experienciador); na classe 2, o traço de controle parece ser alterado conforme o experienciador ocupe, ou não, a posição de sujeito. Isto é, o traço semântico [-controle], atribuído ao argumento sujeito da classe 2, parece dever ser alterado para [+controle] quando o experienciador é alçado para a posição de sujeito (cf. 2.2). Tal constatação traz, evidentemente, de acordo com a própria autora, um problema para a análise pela qual se pauta Cançado, já que a projeção da hierarquia temática (cf. 2.1.2) pressupõe representações lexicais estáveis. Os modelos teóricos que guiam a presente pesquisa permitiram que se buscasse uma solução para esse comportamento de exceção dos verbos da classe 2: propôs-se a hipótese de que essa variação de traço semântico de controle seria o reflexo de um processo de variação relacionado ao processo de ergativização. Também norteadas pelos princípios do modelo da Difusão Lexical, essa hipótese seria útil para explicar comportamentos idiossincráticos detectados em outras classes (cf. 2.3.1.3). Entretanto, os resultados da análise quantitativa da classe 2 não sinalizam, até o momento, nenhum processo de variação em curso. As tabelas apresentadas até aqui prestam-se a fornecer uma primeira idéia do volume de verbos da classe 2 em cada século, bem como das estruturas sintáticas implementadas pelos mesmos. Adiante, esses verbos serão retomados e agrupados por propriedades (análise lexical), o que permitirá acompanhar o

⁵ Estudo Especial, UFMG, 1997.

percurso dos verbos individualmente considerados. A presente etapa (análise quantitativa) considera o conjunto de ocorrências (tokens). As ocorrências são, neste momento, o foco da análise. Na próxima etapa (análise lexical), os agrupamentos dos itens por propriedades sintáticas serão o foco da análise. Nesse enfoque, as ocorrências passarão a um segundo plano. As razões dessas diferentes estratégias metodológicas são conseqüência, evidentemente, dos pressupostos teóricos discutidos em 1.1.1. Reitere-se somente o fato de que processos não visíveis em análises que visam o sistema (sintático, no caso) podem tornar-se transparentes quando se observa o comportamento dos itens que integram (ou não) as estruturas analisadas. Pressupõe-se, portanto, na presente fase da análise, que a estabilidade aparente das estruturas de ExpS ao longo do tempo pode estar mascarando processos evolutivos de ergativização ou de causativização implementados por itens lexicais. De tal pressuposto decorre a hipótese de que os itens responsáveis pelos percentuais de estruturas de ExpS podem não ser os mesmos que determinam os percentuais de ExpO.

Frise-se, ademais, que o fato de a maior parte das realizações desta classe não se conformar a sua descrição lexical continua sugerindo que a mesma se compõe de verbos que exibem um processo de mudança. Isto é, a representação lexical da classe 2 (ExpO) parece referir-se, quando contrastada aos altos índices de ExpS, a estruturas muito antigas ou muito recentes desses verbos. Os resultados quantitativos observados até agora não apontam, entretanto, nenhum período histórico em que o maior volume de ocorrências seja de ExpO. Pelo contrário, trata-se de uma classe que sempre favorece ExpS. Portanto, a representação lexical atribuída a essa classe reflete a **possibilidade** de realização sintática dos verbos que a compõem, mas não o volume de **uso** dos mesmos. De fato, qualquer falante do português admite que os verbos da classe 2 podem se realizar em estruturas de ExpO. Os julgamentos intuitivos de aceitabilidade (ou não

aceitabilidade) de uma e outra estrutura são, como se viu (2.3.1.1), determinados por fatores relativos à enunciação, e não a noções de gramaticalidade. Assim, é possível pressupor que a representação lexical atribuída à classe 2 seja mera decorrência de uma estratégia metodológica oriunda de análises sintáticas prévias. Isto é, a literatura (gerativa, principalmente) divide (com base em dados exclusivamente intuitivos, ressalte-se) os verbos psicológicos em dois grupos : os de ExpS e os de ExpO. Acontece que há um grupo que só admite ExpS e outro que admite ExpS e ExpO. O primeiro é o grupo da classe de *temer*. O segundo é o grupo que Cançado, questionando a literatura prévia, subdivide em três subgrupos (classes 2, 3 e 4), após ter observado que os mesmos não realizam exatamente as mesmas propriedades sintáticas. Submetendo esses três subgrupos a uma análise semântica, Cançado identifica um traço semântico (o traço de controle) que distingue uma classe (a classe 2) das outras duas (3 e 4). Diferentes estruturações sintáticas são, portanto, explicáveis como resultado de projeção de diferentes representações lexicais. Tomando por base de análise o quadro recém descrito, e submetendo-o à observação do uso, a presente reflexão permite uma análise qualitativa cujas conclusões básicas são antagônicas. Isto é, a análise confirma, por um lado, que as possibilidades sintáticas atribuídas à classe 2 são efetivas. Acrescenta, por outro lado, um dado novo já prenunciado na análise sincrônica: apesar de realizar todas as propriedades previstas, a classe 2 privilegia aquelas que localizam o experienciador na posição de sujeito. Tal constatação levaria a propor uma representação lexical diferente para a classe, qual seja [Exp objetivo], idêntica à da classe 1 (*temer*), portanto. Tal solução não é desejável, em princípio, já que é, no mínimo, complexa. Agrupar-se-iam sob uma mesma representação lexical grupos de verbos com realizações sintáticas de ExpS distintas (uns sujeitos experienciadores ligando-se ao argumento interno diretamente, outros via preposição: *Pedro (exp) teme João*; *Pedro (exp) preocupa (-se)*

*com João*⁶. Além disso, uns exibindo causativização (*Pedro preocupa João (exp)*), outros, não (**Pedro teme João (exp)*). Um último problema, além dos precedentes, depreende-se da pseudo-proposta que ora se analisa: que traços semânticos comungam os experienciadores de cada tipo de verbo (*temer* e *preocupar*)? Sem mais delongas há de se convir que, apesar do uso específico, a classe 2 comunga mais traços (sintáticos e semânticos) com as classes 3 e 4 do que com a classe 1. Apenas sua preferência pelas realizações de ExpS a aproxima da classe 1. Trata-se de um dado a ser levado em conta na análise lexical, à qual se passará, após a análise quantitativa de ocorrências das classes 3 e 4.

5.2.3 Classe de *acalmar*

Já se sabendo de antemão (pela análise sincrônica) que o quadro de uso dos verbos da classe 3 não coloca os mesmos problemas de análise da classe 2, cumpre que se observe, agora, se o comportamento histórico dos verbos arrolados nessa classe confirma o perfil contemporâneo dos mesmos.

É útil lembrar que os verbos da classe 3 revelaram, na análise dos dados contemporâneos de LE e de LO, um uso que se conforma à representação lexical que se lhes atribui. Confirmam a realização de quase todas as propriedades que lhes são atribuídas. Apenas uma das propriedades consideradas por Cançado tem sua análise contrariada pelo uso. Trata-se da passiva adjetiva: considerada inaceitável para a classe 3, realiza-se todavia com um dos verbos da mesma, confirmando reflexões expostas em 2.3.1.4. Cumpre que se observe, agora, o comportamento dos verbos desta classe nos outros períodos da língua.

⁶ Uma solução possível, nesse caso, seria a de considerar a preposição como elemento integrante do verbo.

A ordem de apresentação dos resultados da classe de *acalmar* é a mesma adotada para a apresentação dos resultados da classe de *preocupar*. Listam-se, primeiramente, as formas nas quais os verbos se realizaram em cada século: a Tabela 5.9 apresenta a representatividade das diferentes formas. A essa tabela segue-se a Tabela 5.10, que apresenta a distribuição das propriedades sintáticas da classe de *acalmar*.

Tabela 5.9 - Forma por século na Classe 3 (*Acalmar*)

Século	20o	20	19	18	17	16	15	14
Forma	%	%	%	%	%	%	%	%
Simplex	68,75	36,11	56,25	75,00	58,82	100,00	59,09	36,36
Pronominal	6,25	41,67	18,75	6,25	11,76	--	13,64	--
Estar + pp.	3,13	2,78	12,50	--	--	--	--	--
Ficar + pp.	9,38	5,56	--	--	--	--	--	--
Ser + pp.	--	--	--	--	--	--	13,64	--
Ter + sub.	6,25	13,89	--	--	--	--	--	--
Dar + sub.	--	--	--	--	--	--	--	18,18
Fazer/meter + sub.	--	--	6,25	6,25	11,76	--	9,091	18,18
Lançar + sub.	--	--	--	--	--	--	--	9,091
Ser passiva	6,25	--	6,25	12,50	17,65	--	4,55	18,18
Total=	32	36	16	16	17	10	22	11

A distribuição das formas dos verbos da classe de *acalmar* marca uma primeira diferença entre os verbos desta classe e aqueles da classe 2 (*preocupar*). Se na classe 2 os verbos privilegiam as formas analíticas (e, dentre essas, as de ExpS), aqui o quadro é praticamente o oposto: na maior parte do tempo, os verbos da classe 3 realizam-se com maior frequência na forma simples. Fazem exceção os séculos 14 e 20, quando a forma simples exibe um percentual de realizações inferior a 50%. Nos demais períodos, a forma simples apresenta sistematicamente realizações cujo total é sempre superior a 50%. Observa-se que, no século 14, a forma simples exibe o menor percentual de todos os tempos. Disputa o espaço com realizações analíticas, cujas formas sinalizam

realizações causativas. Já no século 20, o decréscimo de formas simples contrapõe-se ao crescimento de realizações pronominais. A Tabela 5.10 mostrará se essas realizações correspondem a estruturas de ExpS ou de ExpO.

Tabela 5.10 - Propriedades sintáticas por século na Classe 3 (*Acalmar*)

Propriedade	20o	20	19	18	17	16	15	14
	%	%	%	%	%	%	%	%
ExpS sintética	--	--	--	--	--	10,00	--	--
ExpS pronominal	--	5,56	6,25	--	11,76	--	9,09	--
ExpS analítica	9,38	16,67	12,50	--	--	--	13,64	--
Mini-oracão com <i>Ficar</i>	9,38	5,56	--	--	--	--	--	--
Ser Passiva	6,25	--	6,25	12,50	17,65	--	4,55	18,18
ExpO sintética	68,75	36,11	56,25	75,00	58,82	90,00	59,09	36,36
ExpO pronominal	6,25	36,11	12,50	6,25	--	--	4,55	--
ExpO analítica	--	--	6,25	6,25	11,76	--	9,09	45,45
Total =	32	36	16	16	17	10	22	11

A distribuição das propriedades (Tabela 5.10) confirma a diferença desta classe com a classe 2. Observa-se que a forma sintética está a serviço das estruturas de ExpO. No que diz respeito às realizações analíticas, as lacunas entre os períodos históricos não permitem traçar um perfil que confirme ou não a preferência pelas estruturas ExpO, nesta classe. Cumpre destacar, de toda maneira, que as realizações analíticas de ExpS parecem mais estáveis a partir do século 19. À luz da hipótese que pressupõe um processo de ergativização em curso nos verbos psicológicos, a manutenção de realizações analíticas de ExpS a partir do século 19 (as ocorrências restantes datam do século 15) sugere que o processo de alçamento de ExpS se implementa nessa classe a partir desse período. Tal observação é, no mínimo, intrigante, já que, como se viu anteriormente, o século 19 destaca-se por exibir uma aceleração dos processos de causativização. Essa constatação obriga a que se conciliem explicações relativas a um e outro processo. Como conciliar a existência simultânea de dois processos que se excluem mutuamente? Sob o prisma do modelo da Difusão Lexical, é possível admitir os dois processos num mesmo espaço de tempo, desde que se pressuponha que cada um desses processos seja atualizado/implementado por diferentes grupos de itens lexicais.

Chen e Wang (1969), Yue-Hashimoto (1993) mostraram que o modelo da Difusão Lexical é útil na conciliação de mudanças competitivas (cf. 1.1.1). Verificada essa hipótese, ficaria ainda por explicar a concomitância dos dois processos, do ponto de vista do encaixamento (estrutural e histórico) da mudança. Essas considerações serão retomadas quando da análise lexical.

O quadro das realizações pronominais da classe 3 tampouco permite apreciações categóricas. À distribuição não equilibrada desse tipo de estrutura, acrescenta-se o problema de ser essa propriedade (ExpO ou ExpS pro) resultado de uma análise do pesquisador, o que pode dar margem a questionamentos (cf. 3.2.1)

Outra propriedade importante a ser levada em conta é a realização passiva que apresenta percentuais expressivos nesta classe. Confirma a descrição de Cançado, que lhe atribui a propriedade de passivização. Por outro lado, estruturas de passiva adjetiva, não esperadas para essa classe, ocorrem, como na análise dos dados de LO do século 20, ainda que com percentuais menores que as demais propriedades e de forma mais esparsa. Trata-se de um comportamento semelhante ao da classe 2, que realiza a propriedade passiva adjetiva conforme o esperado, mas apresenta uma ocorrência de passiva sintática (não esperada na classe). Como se viu anteriormente (2.2.1.1), a análise intuitiva dos dados sinalizava que nem todos os verbos arrolados numa mesma classe apresentariam as mesmas restrições (ou favorecimentos relativos) a determinadas propriedades. A análise lexical permitirá que se avalie melhor a realização das propriedades não esperadas em cada classe.

Ainda a esse respeito, deve-se reiterar o fato de que o quadro geral das propriedades da classe 3 se conforma muito mais à descrição lexical dessa classe (conforme Cançado, 1995) do que o quadro de propriedades da classe 2. A descrição

lexical da classe 3 prevê o experienciador na posição de objeto: de fato, do século 14 ao 20o o percentual da soma das realizações de ExpO nunca é inferior a 70%. Diferentemente, na classe 2, como se viu, o percentual da soma de realizações de ExpO nunca ultrapassa 50%, (sua média de ocorrência na maior parte dos períodos históricos considerados fica ao redor dos 20%). Já a classe 3 exibe um comportamento que reflete, na maior parte do tempo, a representação lexical que lhe é atribuída.

É possível que, igualmente ao que ocorre na classe 2, certos verbos exibam um número de ocorrências superior à média de cada período. Tal fator não alterou, como se viu, os resultados básicos das tabelas da classe 2. É conveniente, todavia, observar o quadro de ocorrências da classe 3, por período. Inicie-se a observação pelo século 14.

Século 14

Média: 1,8

Verbos excluídos: honrar

Século 15

Média: 2,44

Verbos excluídos: enganar, honrar

Século 16

Média: 2,5

Verbos excluídos: Nenhum verbo foi excluído

Século 17

Média: 1,41

Verbos excluídos: Nenhum verbo foi excluído

Século 18

Média: 1,45

Verbos excluídos: Nenhum verbo foi excluído

Século 19

Média: 1,45

Verbos excluídos: Nenhum verbo foi excluído

Século 20

Média: 2,8

Verbos excluídos: acalmar

Século 20o

Média: 1,45

Verbos excluídos: Nenhum verbo foi excluído

Tabela 5.11- Propriedade sintáticas por século (com e sem exclusão de itens) na Classe 3 (*Acalmar*)

Propriedade	20o	20	19	18	17	16	15	14
	%	%	%	%	%	%	%	%
ExpS sintética	–	–	–	–	–	10,00	–	–
ExpS pronominal	–	11,76	6,25	–	11,76	–	–	–
ExpS analítica	9,38	5,88	12,50	–	–	–	14,29	–
Mini-oração com <i>Ficar</i>	9,38	–	–	–	–	–	–	–
Ser Passiva	6,25	–	6,25	12,50	17,65	–	–	33,33
ExpO sintética	68,75	70,59	56,25	75,00	58,82	90,00	71,43	33,33
ExpO pronominal	6,25	11,76	12,50	6,25	–	–	14,29	–
ExpO analítica	–	–	6,25	6,25	11,76	–	–	33,33
Total =	32	17	16	16	17	10	7	6

A exclusão dos verbos não altera o perfil da classe. Antes, regulariza os percentuais da propriedade que mais se destaca nesta classe: as estruturas sintéticas de ExpO, que se confirmam como as favoritas desta classe.

Passo agora à classe 4 (*Animar*)

5.2.4 Classe de *animar*

Inicie-se a análise da classe 4 pela tabela de distribuição das formas nas quais

se realizam seus verbos (Tabela 5.12).

Tabela 5.12 - Forma por século na Classe 4 (*Animar*)

Século	20o	20	19	18	17	16	15	14
Forma	%	%	%	%	%	%	%	%
Simplex	43,10	40,83	56,32	84,09	57,14	36,36	53,95	23,53
Pron.	12,93	21,67	21,84	9,09	7,14	—	11,84	11,76
Estar + pp	4,31	10,00	—	—	7,14	—	1,32	23,53
Ficar + pp	6,03	2,50	—	—	7,14	9,09	1,32	—
Ser + pp	0,86	0,83	1,15	—	—	—	1,32	5,88
Ter + sub.	18,97	20,00	12,64	4,55	10,71	18,18	11,84	5,88
Deixar + adj.	0,86	—	—	2,27	3,57	—	—	—
Dar + sub.	0,86	0,83	1,15	—	3,57	9,09	5,26	—
Estar com + sub.	0,86	0,83	—	—	—	—	—	—
Fazer/meter + sub.	2,59	0,83	—	—	—	—	1,32	23,53
Ficar com + sub.	3,45	—	—	—	—	—	—	—
Morrer de + sub.	4,31	—	—	—	—	—	—	—
Passar + sub.	0,86	0,83	—	—	—	—	—	—
Sentir + sub.	—	—	—	—	—	—	3,95	—
Ser + adj.	—	—	1,15	—	—	—	—	—
Filhar + sub.	—	—	—	—	—	—	1,32	—
Pôr + sub.	—	—	—	—	—	9,09	—	—
Ficar + adj.	—	—	—	—	3,57	—	—	—
Causar + sub.	—	—	2,30	—	—	—	—	—
Estar + adj.	—	—	3,45	—	—	—	—	—
Pron. passiva	—	—	—	—	—	9,09	—	—
Ser passiva	—	0,83	—	—	—	9,09	6,58	5,88
Total =	116	120	87	44	28	11	76	17

A distribuição das formas da classe de *animar* sinaliza um certo equilíbrio

entre as estruturas de ExpS e de ExpO. Observem-se as propriedades sintáticas (Tabela 5.13).

Tabela 5.13 - Propriedades sintáticas por século na Classe 4 (*Animar*)

Forma	20o	20	19	18	17	16	15	14
	%	%	%	%	%	%	%	%
ExpS sintética	5,17	0,83	3,45	--	3,57	--	--	--
ExpS pronominal	3,45	7,50	9,20	4,55	3,57	--	--	5,88
ExpS analítica	33,62	31,67	18,39	4,55	17,86	18,18	19,74	35,29
Mini-oração com <i>Ficar</i>	6,03	2,50	--	--	10,71	9,09	1,32	--
Ser Passiva	--	0,83	--	--	--	18,18	6,58	5,88
ExpO sintética	37,93	40,00	52,87	84,09	53,57	36,36	53,95	23,53
ExpO pronominal	9,48	14,17	12,64	4,55	3,57	--	11,84	5,88
ExpO analítica	4,31	2,50	3,45	2,27	7,14	18,18	6,58	23,53
Total =	116	120	87	44	28	11	76	17

Os dados da Tabela 5.13 permitem que se relacione o comportamento dos verbos da classe 4 ao dos verbos da classe 3, nos seguintes aspectos:

- a) excetuado o século 14, os maiores percentuais de cada período histórico são exibidos pelas estruturas sintéticas de ExpO. Em segundo lugar, com percentuais bem inferiores, aparecem as estruturas analíticas de ExpS. A comparação destas com as da classe 3 é dificultada pela instabilidade desse tipo de estrutura na classe 3, nos períodos históricos anteriores ao século 19, conforme comentário já apresentado na análise dessa classe. Observa-se, por outro lado, que a classe 4 admite comparação com a classe 2, da qual se aproxima através da realização desse tipo de estrutura (analíticas de ExpS): as duas classes a realizam de forma sistemática. A diferença reside nos percentuais das mesmas: na classe 2, recorde-se, os percentuais de analíticas de ExpS descrevem uma escala que vai de 9% a 68%. Na classe 4, os percentuais localizam-se entre 4% e 45%. O pico de ocorrências analíticas de ExpS situa-se no século 14, em ambas as classes. Poderia

ser indício de processo de ergativização que se desenvolve em período anterior ao século 14 e tem aí o seu ápice, já que nos períodos posteriores as realizações analíticas de ambas as classes não voltam a atingir percentuais tão elevados. Por outro lado, não se pode propor a hipótese de ergativização em extinção a partir do século 14, já que os percentuais de analíticas de ExpS registram percentuais com picos alternados nos diferentes períodos históricos observados, em ambas as classes (2 e 4). Essa alternância sugere, ao contrário, que o perfil dessas estruturas analíticas é determinado pela ocorrência/ não ocorrência de determinados verbos que favorecem/ não favorecem esse tipo de estrutura. Um outro fator vem ao encontro dessa última hipótese. As estruturas analíticas exibem também percentuais expressivos ao longo do tempo nas ocorrências dos verbos da classe 1. Nessa classe, entretanto, tais estruturas não são relacionáveis a processo de ergativização/ causativização. A classe 1 exibe também percentuais oscilantes dessas estruturas sem que se possa relacionar os picos que descrevem a qualquer processo de alçamento ou rebaixamento do experienciador que, nessa classe, é estável na posição de sujeito, como se viu. A mesma explicação aventada para a classe 1 (favorecimento dessas estruturas analíticas por determinados verbos) pode muito bem ser proposta para o mesmo fenômeno nas classes 2 e 4. A análise lexical permitirá que se volte a essas reflexões.

Discutiram-se, até o momento, os favorecimentos observáveis na classe 4, a partir dos dados apresentados na Tabela 5.13. Cumpre que se observe, agora, a média de ocorrência de cada século, de forma a excluir desta fase da análise os verbos cuja média de ocorrência se destacar em cada século, conforme foi feito para as demais classes.

Século 14

Média: 2

Verbos excluídos: mazelar (6)

Século 15

Média: 5,8

Verbos excluídos: confortar (19), consolar (24)

Século 16

Média: 1,2

Verbos excluídos: Nenhum verbo foi excluído

Século 17

Média: 2

Verbos excluídos: ofender (6), satisfazer (5)

Século 18

Média: 2,6

Verbos excluídos: animar (6), ofender (6)

Século 19

Média: 3,0

Verbos excluídos: amedrontar (9), consolar (10), satisfazer (9)

Século 20

Média: 3,2

Verbos excluídos: amedrontar (20), distrair (10), divertir (7), incomodar (8)

Século 20o

Média: 3,2

Verbos excluídos: amedrontar (29)

Tabela 5.14 - Propriedades sintáticas por século (com e sem exclusão de itens) na Classe 4 (*Animar*)

Forma	20o	20	19	18	17	16	15	14
	%	%	%	%	%	%	%	%
ExpS sintética	6,90	1,33	5,08	--	5,88	--	--	--
ExpS pronominal	4,60	8,00	13,56	6,25	5,88	--	--	9,09
ExpS analítica	14,94	22,67	8,47	6,25	23,53	18,18	24,24	18,18
Mini-oração com <i>Ficar</i>	8,05	4,00	--	--	11,76	9,09	--	--
Ser Passiva	--	--	--	--	--	--	--	--
ExpO sintética	50,57	53,33	59,32	78,13	47,06	36,36	51,52	36,36
ExpO pronominal	12,64	8,00	11,86	6,25	5,88	--	21,21	--
ExpO analítica	2,30	1,33	1,69	3,13	--	18,18	3,03	36,36
Total =	87	75	59	32	17	11	33	11

A Tabela 5.14 mostra que, assim como nas demais classes, a retirada dos verbos cujo número de ocorrências representa o dobro da média do século não altera o perfil quantitativo dos verbos da classe de *animar*. Comparados os dados quantitativos à representação lexical desta classe, conclui-se que, apesar do fato de a classe 4 ser avaliada pelos dados de Cançado como uma classe cujas propriedades sintáticas equiparam-na às outras duas classes (2 e 3), a observação do uso de seus verbos aponta para uma semelhança maior com a classe 3. Isto é, trata-se de uma classe que favorece, em primeiro lugar (e de forma razoavelmente estável) as estruturas sintéticas de ExpO e que exhibe, portanto, um perfil equivalente ao da classe 3, exceção feita ao valor dos percentuais: os mesmos são sempre mais altos na classe 3. A aproximação desta classe (*animar*) com a classe 2 não é tão direta. As duas classes relacionam-se quanto às realizações analíticas de ExpS, mas os patamares dos percentuais dessas estruturas são geralmente mais altos na classe 2. Outra propriedade que aproxima as classes 2 e 4 é a passiva adjetiva. Mais expressiva na classe 2 do que na classe 4, essa propriedade distingue essas duas classes da classe 3 que, apesar de exibi-la, como se ressaltou anteriormente, o faz de forma pouco freqüente, restringindo tais ocorrências aos dados

contemporâneos.

5.3 Conclusão da análise quantitativa

A análise quantitativa não permitiu que se detectassem indícios de processo de ergativização em qualquer das classes analisadas. Sugere, antes, que o perfil contemporâneo de cada classe é razoavelmente estável desde o século 14. Alterações sistemáticas (em todas as classes) dos percentuais de ExpO nos séculos 18 e 19 são relacionáveis ao processo de causativização identificado por Bittencourt (1995). Ainda assim, como foi observado, o crescimento de estruturas de ExpO não alterou os percentuais de favorecimento básico de cada classe. Isto é, na classe 2, que favorece estruturas de ExpS, o pressuposto processo de causativização só faz diminuir os percentuais das estruturas de ExpS, sem que se promova, todavia, uma inversão de favorecimento: mesmo nos referidos séculos, a soma de ocorrências de ExpS é superior às de ExpO. Nas classes 3 e 4, onde as estruturas mais favorecidas são as de ExpO, o processo de causativização dos séculos 18 e 19 só faz aumentar os percentuais das referidas estruturas. Estabelecido como tal o perfil dos verbos de cada classe, seria legítimo pressupor-se que traços semânticos dos itens lexicais são inerentes ao item, perpassam os séculos como tais e determinam realizações sintáticas mais ou menos estáveis ao longo do tempo. Entretanto, à luz do conhecimento da história das línguas, tal perfil é, no mínimo, inverossímil. Poder-se-ia, ainda, pensar que tal estabilidade é específica dos verbos psicológicos. Mas contrariam tal pressuposição diversos fatos e análises já apresentados no capítulo 2. Destaquem-se, dentre esses fatos, as idiossincrasias detectadas em cada classe, o desconchavo entre a representação lexical da classe 2 e o uso observado de seus verbos. Assim, a análise quantitativa causa uma sensação de estranheza comparável àquela produzida pelo esboço de uma pintura

(estática, portanto) cuja relação entre figuras e fundo sugerisse a impressão de movimento, sem que o observador soubesse de onde provém tal efeito. No que concerne ao quadro da presente análise, o movimento não se resume a sensação; trata-se de um fato previamente conhecido: é sabido que alguns dos verbos em análise mudaram de diátese, como, por exemplo, o verbo *aborrecer*, já citado anteriormente. O sentido e as estruturas integradas por esse verbo até o século 18 o enquadram entre os verbos que se listam na classe 1 (*temer*). Comparadas as estruturas de tal período às construções contemporâneas desse verbo, identifica-se um processo de causativização. O que se esperava é que o comportamento desse verbo estivesse ilustrando um processo característico de um grupo de verbos, (os da classe 2, no caso, já que esse verbo pertence à mesma) cujos dados de ocorrência permitissem detectar um processo de variação e a direção do mesmo. Curiosamente, o que se observou foi uma predominância de estruturas de ExpS (inesperadas numa classe cujos exemplos, como o de *aborrecer*, ilustram causativização), acrescidas da característica de estabilidade, o que impede a postulação de qualquer processo. Além disso, a menção a processos obriga a uma ressalva: em dois capítulos anteriores a este (caps. 2 e 4) citou-se o processo de ergativização/causativização. No capítulo 2, os verbos usados como ilustração se viram atribuídos de tal propriedade sem que essa atribuição fosse resultante de qualquer observação sistemática do uso desses verbos. Postura legítima, em parte, guiada pela intuição de falante da língua. Assim, quando se atribuiu aos verbos das classes 2, 3, e 4 a propriedade de ergativização, não se observou se os mesmos apresentavam concomitantemente estruturas causativas, cuja ocorrência legitimaria a propriedade de ergativização atribuída aos mesmos. O conhecimento intuitivo da língua permite a pressuposição de estruturas causativas para esses verbos e legitima as análises das propriedades pertinentes. Ainda assim, vale lembrar, no capítulo 4, foi destacado em

cada classe o grupo real dos causativos/ergativos. Isto é, apesar de serem todos teoricamente causativo/ ergativos, considerou-se ser possível que uma das classes (ou alguns verbos dentro de cada classe) exibisse de forma mais explícita esse traço sintático através da realização dos dois tipos de estruturas. No plano histórico, como se viu, o procedimento não se pôde manter: como atribuir a propriedade de ergativização a um verbo cujas ocorrências são sempre ExpS? Fazê-lo seria permitir que propriedades contemporâneas dos verbos determinassem as subcategorizações dos mesmos em épocas pretéritas, mascarando as reais propriedades que exibissem, então. Além disso, ainda que se tivesse seguido esse procedimento, a observação das estruturas realizadas obrigaria a uma revisão da metodologia empregada. Isto é, a observação das estruturas de ExpS realizadas nos séculos 14 e 15, principalmente, mostra que as mesmas não se igualam àquelas exibidas na atualidade, independentemente da classe na qual os verbos se incluam contemporaneamente. Ilustrando, por mais uma vez, com um verbo como *aborrecer*, observa-se que a estruturação de suas realizações de ExpS, no período que se estende do século 14 ao século 18, é distinta da estruturação de suas realizações de ExpS do século 20. No período arcaico, o verbo *aborrecer* integra estruturas de ExpS ligando-se diretamente ao argumento interno (i.e. sem preposição). Contemporaneamente, suas realizações de ExpS são pronominais (ou analíticas) e ligadas ao argumento interno via preposição. Acresça-se a essa descrição a observação de que à mudança da diátese correspondeu uma mudança de sentido. Portanto, os dados quantitativos misturam realizações de ExpS, cuja análise revelará tanto verbos causativo/ergativos quanto verbos inergativos/inacusativos. A única forma de distinguir os dois tipos é observar as estruturas realizadas pelos verbos em cada período considerado, e estabelecer, a partir daí, o seu perfil histórico. Ora, apenas a observação dos itens e a consideração individual de cada um deles pode permitir essa classificação.

Proceda-se, portanto, à segunda etapa da análise dicrônica: a análise lexical.

5.4 Análise lexical

5.4.1 Agrupamento dos itens por padrão sintático

Recorde-se, em primeiro lugar, que as tabelas que exibem os dados quantitativos das classes 2, 3 e 4 dão a ilusão de que ergativização/causativização são propriedades ocorrentes em todos os períodos observados, já que, como se viu, todas elas realizam tanto estruturas de ExpS como de ExpO, seja qual for o percentual de realizações das mesmas. Observe-se que tal conclusão seria desautorizada numa situação extrema em que se constatasse que as realizações de ExpS correspondem a um grupo de verbos e as de ExpO a outro grupo de verbos. Devo antecipar que essa situação não se realiza nos dados da presente análise, mas é exibida por subgrupos de verbos dentro de cada classe em determinados períodos de tempo. Assim, puderam-se considerar ergativo/causativos aqueles verbos que registraram co-ocorrência dos dois tipos de estrutura num mesmo período.

Listem-se, a seguir, os verbos que ocorreram no século 15, agrupados de acordo com as estruturas que exibiram nesse período:

- a) sob a denominação ExpS - quando realizaram o experienciador na posição de sujeito, exclusivamente;
- b) sob a denominação ExpO - quando realizaram o experienciador na posição de objeto sintático, exclusivamente;
- c) sob a denominação Mistos - quando realizaram o experienciador tanto na posição de sujeito quanto na de objeto.

Deve-se esclarecer, ainda, que na seqüência das listas de verbos será observado

o percentual de ocorrências do tipo de estrutura focalizada. Representando o número de verbos (itens), e não seu número de ocorrências (tokens), tais percentuais permitirão que se tenha uma idéia mais precisa da diátese representada para cada verbo. Observe-se que a metodologia que distingue e compara dados quantitativos que representam itens e dados quantitativos que representam tokens revela-se produtiva na identificação e caracterização de determinados processos de variação e mudança. Cumpre ressaltar, ainda, que a classificação de um verbo em um tipo de construção, em um século, e em outro tipo, em outro, poderá ser passível de interpretação ambivalente, já que ocorrência/ não ocorrência podem sempre ser interpretadas como resultado de lacunas da coleta. Mas a sistematicidade de repetição de uma mesma diátese ao longo de determinados períodos e a observação do número de ocorrências das realizações que correspondem à diátese em foco serão, então, analisadas como indícios prováveis da diátese do verbo no(s) período(s) analisados. Ressalte-se, ainda, que os verbos da classe 1 não estão listados nessas tabelas, já que as realizações dos mesmos restringem-se ao padrão ExpS.

5.4.1.1 Verbos de padrão ExpO por século e por classe

Considere-se, em primeiro lugar, a lista dos verbos de padrão ExpO:

Lista 5.1 - Verbos por padrão ExpO

ExpO Século 14		ExpO Século 15		ExpO Século 16	
Classe	Verbo	Classe	Verbo	Classe	Verbo
4	ameaçar atormentar confortar empecer injuriar satisfazer	4	aliviar ameaçar humilhar injuriar satisfazer	4	ameaçar aquietar importunar magoar oprimir quietar
3	amaldiçoar enganar honrar subjugar trair	3	abrandar afagar amoestar perseguir refrear tentar	3	amoestar maltratar pacificar
2	danar desamparar	2	assossegar constranger desamparar	2	apaixonar

Lista 5.1 - Verbos por padrão (ExpO) (cont.)

ExpO Século 17		ExpO Século 18		ExpO Século 19	
Classe	Verbo	Classe	Verbo	Classe	Verbo
4	agradar alentar humilhar ofender perturbar sujeitar	4	ameaçar animar atrair divertir embaraçar humilhar incitar lisonjear mortificar ofender perturbar satisfazer sujeitar	4	agradar alegrar animar atormentar consolar desencantar embriagar ferir humilhar iludir infamar martirizar ofender perturbar seduzir sujeitar surpreender tolher
3	amansar desonrar engodar honrar mimar molestar proteger tiranizar	3	desenganar dignificar dissuadir enganar honrar molestar pacificar regalar trair	3	adular desenganar esmagar espezinhar honrar preservar tentar torturar velar
2	engrandecer	2	desamparar enfastiar escandalizar espantar exasperar preocupar	2	abalar afligir aterrar constranger contristar desamparar descontentar desgostar emocionar enervar entorpecer entristecer

Lista 5.1 - Verbos por padrão (ExpO) (cont.)

ExpO Século 20		ExpO Século 20o	
Classe	Verbo	Classe	Verbo
4	abandonar abençoar agradar alegrar amesquinhar amofinar atemorizar atormentar contrariar desiludir dominar envolver ferir iludir importunar influenciar ofender oprimir seduzir sufocar	4	agradar ameaçar atiçar avacalhar contrariar esnobar estimular estragar iludir incomodar influenciar machucar motivar ofender perturbar prejudicar seduzir sujeitar tolher valorizar
3	amansar apequenar atingir conquistar conter enganar honrar libertar provocar rebaixar	3	atingir bajular cativar cercear cobrar enganar enrolar esmagar gozar 1 libertar maltratar obsequiar pisar preservar provocar reprimir
2	amolar cacetear comover decepcionar enervar engrandecer enlevar vexar	2	aporrinhar atrapalhar desgostar enojar prender tocar

Os agrupamentos mostrados nas listas precedentes estão quantificados nas próximas tabelas.

Tabela 5.15 - Padrão ExpO: distribuição das classes por século

Século	14	15	16	17	18	19	20	20o
Classe	%	%	%	%	%	%	%	%
4	46,15	35,71	60,00	40,00	46,43	46,15	52,63	47,62
3	38,46	42,86	30,00	53,33	32,14	23,08	26,32	38,09
2	15,39	21,43	10,00	6,67	21,43	30,77	21,05	14,29
Total=	100	100	100	100	100	100	100	100

Tabela 5.16 - Padrão ExpO: distribuição em cada classe por século

Século	14	15	16	17	18	19	20	20o
Classe	%	%	%	%	%	%	%	%
4	60,00	38,46	75,00	42,86	76,47	62,07	52,63	55,56
3	100,00	66,67	75,00	88,89	100,00	81,82	76,92	80,00
2	13,33	14,29	11,11	7,14	28,57	40,00	24,24	12,00

Tabela 5.17 - Padrão ExpO: distribuição no total das classes (2-4 e 1-4) por século

ExpO								
Século	14	15	16	17	18	19	20	20o
2-4	43,33%	32,56%	47,62%	40,54%	59,57%	55,71%	43,90%	39,62%
1-4	26,53%	22,22%	31,25%	26,79%	41,18%	43,33%	33,64%	32,31%

O agrupamento dos verbos de cada classe, de acordo com o padrão ExpO que exibem em cada século, mostra que a relação que se estabelece entre as classes com base nos agrupamentos de itens é paralela àquela que se baseia em ocorrências (tokens). Isto é, a análise quantitativa de ocorrências delineou o perfil das classes da seguinte maneira: preferencialmente ExpO (classe 3), preferencialmente ExpS (classe 2), mista (ExpO/ExpS) (classe 4). Ora, observado o percentual que cada classe representa nas realizações de ExpO, em cada século, observa-se que o favorecimento de cada uma delas é compatível com o perfil que evidenciaram na análise quantitativa de tokens. Observam-se, evidentemente algumas inversões em relação à primeira etapa da análise. Em determinados séculos, o percentual de realizações de ExpO da classe 4 supera o da

classe 3. Tal fenômeno se explica pelo maior volume de verbos que se listam na classe 4. Vale lembrar que o percentual de ocorrências da classe 4 é sempre maior do que o da classe 3, tanto do ponto de vista de tokens quanto do de itens. Uma outra perspectiva que permite mostrar que as inversões de favorecimento de ExpO entre as classes 3 e 4 são apenas aparentes, é a observação de seus percentuais internos. Por exemplo, no século 16, a classe 4 aparece como responsável por 55,56% dos verbos de ExpO, contra 33,33% da classe 3. Tal resultado é mera consequência do volume da dados da primeira: uma observação interna à classe mostra que 66% de seus verbos realizam ExpO, ao passo que na classe 3, esse percentual é de 75%, indicando que são os verbos da classe 3 os que mais favorecem ExpO. Evidentemente, do ponto de vista do volume total de dados, a classe 4 contribui mais do que a classe 3, numa perspectiva quantitativa absoluta. Numa perspectiva quantitativa relativa sua contribuição é menor. A comparação entre comportamento intra-classe e comportamento inter-classe relacionado a volume total de dados não se faz sem razão. Ver-se-á, adiante, que a comparação de tais dados associada a outros fatores pode permitir uma visão mais específica do perfil dos verbos psicológicos, em geral. Assim, conclui-se que tanto numa perspectiva (tokens) quanto na outra (itens), os verbos que apresentam os maiores percentuais de ExpO são sempre os da classe 3.

Tal conclusão já permite prever os percentuais que correspondem às próximas listas: pressupõe-se que as próximas tabelas (de ExpS e de Mistos) vão apresentar, nos diferentes períodos históricos considerados, percentuais equivalentes aos do século 20. De fato, é esse o quadro geral de comportamento dos itens, como mostram a lista 5.2 e as tabelas de padrão ExpS e de padrão misto, a seguir:

5.4.1.2 Verbos por padrão ExpS

Lista 5.2 - Verbos por padrão ExpS

ExpS Século 14		ExpS Século 15		ExpS Século 16	
Classe	Verbo	Classe	Verbo	Classe	Verbo
4	agravar desanimar	4	amedrontar confundir	4	amedrontar destruir
3		3	privilegiar	3	
2	aborrecer apavorar apiedar assombrar deleitar enlouquecer entristecer espantar irar maravilhar	2	aborrecer assanhar assoberbar atribular compadecer contentar descontentar desesperar enfadar envergonhar desconsolar irar	2	afeiçoar contentar enfadar espantar desconsolar pasmarmar

Lista 5.2 - Verbos por padrão (ExpS) (cont.)

ExpS Século 17		ExpS Século 18		ExpS Século 19	
Classe	Verbo	Classe	Verbo	Classe	Verbo
4	amedrontar assombrar consolar magoar oprimir	4	alegrar magoar	4	assustar aterrorizar encorajar lisonjear
3		3		3	convencer
2	aborrecer admirar l afeiçoar apiedar compadecer delcitar horrorizar irar pasmarmar resignar	2	aborrecer admirar l apiedar deleitar namorar enfadar entristecer horrorizar indignar pasmarmar	2	atrapalhar compadecer contentar desconsolar endoidar enfurecer enlouquecer espantar extasiar impacientar interessar pasmarmar preocupar resignar

Lista 5.2 - Verbos por padrão (ExpS) (cont.)

ExpS Século 20	ExpS Século 20o
Classe Verbo	Classe Verbo
4 atarantar aterrorizar encorajar fascinar rejubilar	4 alegrar desanimar desiludir encorajar entusiasmar marcar relaxar sufocar
3 regalar	3 acarinhar amansar privilegiar tranquilizar
2 aborrecer apaixonar atrapalhar contentar desapontar desconsolar desesperar endoidar enjoar enlouquecer entristecer exaltar impacientar impressionar inquietar interessar irritar orgulhar revoltar	2 aborrecer acomodar afligir agitar alucinar apaixonar apavorar bitolar chatear danar decepcionar deprimir desapontar desesperar desgastar emocionar empolgar irritar enfezar enlouquecer espantar encucar endoidar encrvar enfadar enfastiar enjoar envergonhar exaltar horrorizar impacientar maravilhar orgulhar realizar

Tabela 5.18 - Padrão ExpS: distribuição das classes por século

Século	14	15	16	17	18	19	20	20o
Classe	%	%	%	%	%	%	%	%
4	16,67	13,33	25,00	33,33	16,67	21,06	20,00	17,39
3	--	6,67	--	--	--	5,26	4,00	8,70
2	83,33	80,00	75,00	66,67	83,33	73,68	76,00	73,91
Total=	100	100	100	100	100	100	100	100

Tabela 5.19 - Padrão ExpS: distribuição em cada classe por século

Século	14	15	16	17	18	19	20	20o
Classe	%	%	%	%	%	%	%	%
4	20,00	15,38	25,00	35,71	11,76	13,79	13,16	22,22
3	--	11,11	--	--	--	9,09	7,69	20,00
2	66,67	57,14	66,67	71,43	47,62	46,67	57,58	68,00

Tabela 5.20 - Padrão ExpS: distribuição sobre o total das classes (2-4 e 1-4) por século

ExpS								
Século	14	15	16	17	18	19	20	20o
2-4	40,00%	34,88%	38,10%	40,54%	25,53%	27,14%	30,49%	43,40%
1-4	63,27%	55,56%	59,38%	60,71%	48,53%	43,33%	46,73%	53,85%

Como se pode observar, a distribuição dos experienciadores de cada classe pela estrutura ExpS mostra um comportamento mais coeso das classes, tanto na perspectiva quantitativa absoluta, quanto na perspectiva relativa. A classe 2 é sempre aquela que contribui com o maior volume de verbos para as estruturas ExpS, e é também aquela cujo maior percentual (interno) é sempre o de verbos que só realizam ExpS.

5.4.1.3 Verbos de padrão Misto

Lista 5.3 - Verbos por padrão Misto

Mistos Século 14		Mistos Século 15		Mistos Século 16	
Classe	Verbo	Classe	Verbo	Classe	Verbo
4	amedrontar mazelar	4	alegrar atormentar confortar consolar contrariar empecer	4	
3		3	enganar honrar	3	amansar
2	contentar enojar envergonhar	2	afligir deleitar enojar entristecer espantar maravilhar	2	envergonhar escandalizar

Lista 5.3 - Verbos por padrão Misto (cont.)

Mistos Século 17		Mistos Século 18		Mistos Século 19	
Classe	Verbo	Classe	Verbo	Classe	Verbo
4	alegrar aliviar satisfazer	4	agradar consolar	4	amedrontar atemorizar contrariar desanimar distrair incomodar satisfazer
3	enganar	3		3	enganar
2	contentar desconsolar espantar	2	afligir contentar desvanecer inquietar irritar	2	aborrecer admirar 1 irritar inquietar

Lista 5.3 - Verbos por padrão Misto (cont.)

Mistos Século 20		Mistos Século 20o	
Classe	Verbo	Classe	Verbo
4	ameaçar amedrontar animar assustar consolar desanimar distrair divertir humilhar incomodar magoar perturbar surpreender	4	amedrontar animar assustar desvalorizar distrair divertir humilhar satisfazer
3	acalmar tranquilizar	3	
2	apavorar desgostar desorientar envergonhar espantar preocupar	2	chocar desorientar encantar enraivecer frustrar grilar impressionar interessar preocupar revoltar

Como era de se esperar, as duas classes que mais contribuem para o volume dos verbos de perfil Misto são as classes 2 e 4. Na maior parte do tempo seus percentuais de verbos de padrão Misto se equivalem. Quando tal não ocorre, é a classe 2 que contribui com maior volume de verbos, excetuados os séculos 19 e 20, quando os percentuais de verbos de padrão Misto da classe 4 superam grandemente os da classe 2. São períodos nos quais tanto a classe 4 quanto a classe 2 contribuem com maior volume de verbos de perfil ExpO, provável reflexo do processo de causativização que se amplia nesse período. Cumpre ressaltar que, numa análise interna às duas classes, o aumento de

estruturas ExpO não promove uma inversão de percentuais. Isto é, a classe 4 apenas amplia o percentual das estruturas de ExpO, acirrando um padrão que lhe é típico ao longo do tempo. A classe 2 amplia grandemente o volume de verbos ExpO, sem que o mesmo supere, todavia, o volume de ExpS, padrão que a caracteriza desde o período arcaico. As Tabelas 5.21, 5.22 e 5.23 permitem visualizar melhor essa relação entre análise interna e externa de cada classe.

Tabela 5.21 - Padrão Misto: distribuição das classes por século

Século	14	15	16	17	18	19	20	20o
Classe	%	%	%	%	%	%	%	%
4	40,00	42,86	--	42,86	28,57	58,34	61,90	44,44
3	--	14,28	33,33	14,28	--	8,33	9,52	--
2	60,00	42,86	66,67	42,86	71,43	33,33	28,58	55,56
Total=	100	100	100	100	100	100	100	100

Tabela 5.22 - Padrão Misto: distribuição em cada classe por século

Século	14	15	16	17	18	19	20	20o
Classe	%	%	%	%	%	%	%	%
4	20,00	46,15	--	21,43	11,76	24,24	34,21	22,22
3	--	22,22	25,00	11,11	--	9,09	15,38	--
2	20,00	28,57	22,22	21,43	23,81	13,13	18,18	20,00

Tabela 5.23 - Padrão Misto: distribuição sobre o total das classes (2-4 e 1-4) por século

Misto								
Século	14	15	16	17	18	19	20	20o
2-4	16,67%	32,56%	14,29%	18,92%	14,89%	17,14%	25,61%	16,98%
1-4	10,20%	22,22%	9,38%	12,50%	10,29%	13,13%	19,63%	13,85%

5.4.2 Conclusão da análise quantitativa de itens lexicais

A análise dos itens lexicais agrupados pelas propriedades sintáticas que exibem delineou um quadro compatível com aquele que se configurou pela análise quantitativa das ocorrências. Isto é, assim como a análise quantitativa das ocorrências revelou um

perfil estável do padrão de cada classe, evidenciado pela análise sincrônica, também o agrupamento dos itens lexicais de cada classe mostrou que o perfil delineado pela análise sincrônica é razoavelmente estável ao longo do tempo. A introdução de uma nova variável (padrão Misto) não se mostrou muito produtiva. Trata-se de uma variável cuja consideração só é possível, naturalmente, na presente etapa da análise (análise lexical) na qual as diversas ocorrências são repartidas entre as estruturas pela mediação dos verbos. É a partir de tal repartição que surge o padrão Misto. Esperava-se que essa variável pudesse lançar luz sobre a direção de qualquer processo em curso. A hipótese teórica subjacente a essa expectativa é a de que qualquer mudança gradativamente implementada pelo léxico promova perfil ambíguo no comportamento dos itens lexicais envolvidos. Tanto a hipótese de causativização quanto a de ergativização faziam pressupor que determinados verbos de uma das classes exibiriam um só tipo de estrutura, ExpO ou ExpS, durante um certo período da língua, passando, em seguida, a exibir o perfil oposto, que disputaria o espaço de ocorrência com o perfil primitivo. Esse seria o momento em que os verbos da referida classe exibiriam o perfil Misto, cuja identificação permitiria assinalar o período em que um dos processos visados teve seu início. Como se viu, entretanto, verbos das duas classes mais visadas (classes 2 e 4, em decorrência do perfil das mesmas, esboçado pela análise sincrônica) exibem os três padrões desde o período arcaico, e mantêm percentuais estáveis ao longo dos oito períodos analisados.

A rigor, esperava-se que o comportamento idiossincrático de alguns verbos em cada classe fosse reflexo de um processo de variação cuja configuração daria ensejo ao levantamento de novos traços que viriam se agregar ou substituir aqueles que integram suas atuais representações lexicais. O que se viu, entretanto, é que, aparentemente, não há processo algum em curso.

Concluída a análise lexical que se baseia nos agrupamentos de itens pelas propriedades sintáticas que os mesmos exibem e, observada a baixa produtividade da variável considerada nessa etapa da análise, resta passar à próxima e última fase, qual seja, aquela que considera o perfil individual dos verbos.

Conclusão

Este capítulo apresentou a análise diacrônica dos verbos psicológicos. Um dos objetivos deste capítulo foi o de comparar as propriedades sintáticas que os verbos psicológicos exibem contemporaneamente àquelas que realizam desde o período arcaico. A análise diacrônica foi dividida em duas etapas, resultantes de dois distintos recortes dos dados. Na primeira etapa, observaram-se as propriedades sintáticas de cada classe, mediante o agrupamento (por século e por classe) das ocorrências das propriedades sintáticas dos verbos. Essa etapa mostrou que as propriedades sintáticas contemporâneas de cada classe parecem razoavelmente estáveis ao longo do tempo. Esse comportamento de cada classe confirma a adequação das representações lexicais atuais ao comportamento sintático das classes 1 (*temer*), 3 (*acalmar*) e 4 (*animar*). Quanto à classe 2 (*preocupar*), seu comportamento histórico confirma um uso preferencial por estruturas ExpS (identificado na perspectiva sincrônica), o que continua questionando a representação lexical dessa classe, conforme proposta em Cançado (1995). Além disso, a análise diacrônica aponta um crescimento dessa classe (*preocupar*) no eixo do tempo, no que é seguida pela classe 4 (*animar*). A classe 3, apontada como quantitativamente menor nos dados contemporâneos, mantém esse perfil, nos períodos pretéritos da língua. Em direção oposta às classes 3 e 4, a classe 1 (*temer*) mostra um decréscimo de suas ocorrências a partir do século 18, período no qual as classes 2 e 4 começam a crescer.

Na segunda etapa da análise diacrônica procedeu-se a um tipo de agrupamento distinto: no agrupamento das propriedades sintáticas de cada classe, introduziu-se a variável item lexical. Assim, os verbos foram agrupados pelas propriedades sintáticas (padrão ExpS, ExpO e Misto) que evidenciaram. Essa etapa confirmou a estabilidade do perfil de cada classe, conforme a etapa precedente havia mostrado. Observado o fato que, também nessa etapa, a classe 2 continua exibindo preferência pelas estruturas ExpS, mantém-se a hipótese de que esse comportamento pode ser indício de um processo de variação: os verbos dessa classe estariam deixando um perfil ExpS absoluto em direção a um perfil ExpO, ou vice-versa. Essa hipótese orienta a observação do perfil individual dos verbos, no próximo capítulo.

CAPÍTULO 6

ANÁLISE DO PERFIL INDIVIDUAL DOS VERBOS

Introdução

A presente etapa da análise é empreendida, malgrado a ausência de índices de um processo específico em curso. Esperava-se, com base em evidências fornecidas por trabalhos anteriores, que os pré-agrupamentos já exibidos pelos verbos psicológicos (as classes) representassem, por si só, o conjunto de traços (sintático-semânticos condensados nas representações lexicais das classes) que determinam o comportamento sintático dos verbos. Pressupôs-se, desde o início, conforme foi dito anteriormente (cap.2), que a postulação das diferentes classes em Cançado (1995) configurava um fenômeno de variação sintática estável, em progresso ou em extinção, implementado por difusão lexical. Como se viu em 1.1.1, mudanças sintáticas exibem configurações desse tipo. Os traços responsáveis pela realização/não realização de determinadas propriedades sintáticas seriam os traços semânticos explicitados nas representações lexicais de cada classe. Tal pressuposto implicava que a observação do uso dos verbos psicológicos permitiria refinar os traços já definidos, de modo a se dar conta de uma adequação mais consistente à relação proposta entre hierarquia temática e estruturação sintática e à análise do traço de controle dos verbos da classe 2 (cf. 2.2). Assim, a presente etapa da análise teria por função única a detecção dos verbos responsáveis pela atualização ou implementação do processo identificado. Mas a observação dos verbos mediante os agrupamentos propostos em Cançado e adotados neste trabalho não foi produtiva, o que leva a pensar que:

- a) o pré-estabelecimento das classes (que implica um determinado tipo de corte dos *corpora*) pode estar ofuscando a identificação de um processo qualquer;
- b) a aceitação/não aceitação de certas propriedades sintáticas por determinados itens ou classes é meramente idiossincrática e, portanto, não previsível pelos

componentes sintático ou semântico.

Levando-se em conta tanto a como b, constata-se um fato: a sustentação de tais afirmações pressupõe a observação individual de cada item, tarefa à qual não se procedeu até o presente momento. Se tal observação individual não apontar traços relevantes, mediante os quais se possa propor algum novo tipo de agrupamento, então se estará em condições de refletir sobre a e/ou b acima.

6.1 Análise do perfil dos verbos

Cumprida ainda esclarecer que essa etapa da análise não resulta apenas da convicção de que todo processo lingüístico tem início em comportamentos lexicais individuais, mas também do conhecimento de que a análise do percurso de um único item pode desencadear a hipótese de um processo diferente daquele que se pressupôs no início da análise. Veja-se o caso da presente análise: o conhecimento de que o verbo *aborrecer* se causativizou por volta do século 19 sugere que diversos verbos para os quais se pressupõe um processo contemporâneo de ergativização podem estar exibindo na atualidade estruturas primitivas inergativas, (como é o caso de *aborrecer*) ou inacusativas. Detectado tal fato, é possível que os pressupostos teóricos sejam também mudados, já que, como se viu, no capítulo 2, as análises intuitivas que não pretendem explicitamente atribuir precedência histórica a qualquer um dos processos, acabam por fazê-lo, de forma implícita, nas pressuposições internas ao modelo teórico usado. Portanto, a história de alguns itens - fator irrelevante numa análise que objetiva a configuração do arcabouço mental do falante- pode se mostrar relevante pelas pistas que seu percurso vai deixando na língua. Essas pistas são os traços a que o falante tem acesso.

Reflita-se ainda sobre o fato de que uma versão forte da hipótese difusionista está expressa nas palavras que dão título a um artigo de Malkiel (1967): *Each word has a history of its own*. Numa versão mais fraca, busca-se agrupar os itens mediante traços que concernem aos componentes do sistema lingüístico. É patente, por outro lado, a curiosidade relativa aos traços que fazem dos itens os primeiros a promover a mudança. Como se viu (cap.1), traços semântico-pragmáticos permeiam toda a literatura. Destaque-se mais um deles: Shen (1990) sugere que tal concepção de mudança lingüística está obrigatoriamente relacionada a um outro fator, o indivíduo. Sustenta que o perfil das mudanças é evidência de atuação desses dois fatores (item lexical e indivíduo) da seguinte maneira: as características de implementação do processo quando o mesmo atinge o seu ápice (e se tornou, portanto, visível), são resultado de uma progressão geométrica do cruzamento desses dois fatores que se pressupõem. No princípio, uma palavra, ou um grupo reduzido de palavras sofre variação na fala de um indivíduo ou de um pequeno grupo de indivíduos, estendendo-se gradativamente para outros indivíduos. À medida que cresce o grupo de falantes que incorpora a forma em variação cresce também a possibilidade de que outras palavras passem a exibir o mesmo fenômeno. Quanto maior o grupo de palavras em variação maior é a possibilidade de que o processo atinja novos falantes. E assim por diante, numa progressão, como se vê, geométrica. Tal proposta, bastante verossímil no que concerne à configuração de fenômenos lingüísticos nos quais se pressuponha atuação de difusão lexical, evidencia, de qualquer maneira, a necessidade de se detectarem os traços inerentes aos itens que exibem mudança. Assim, relacionando o que se disse no parágrafo precedente e, considerando-se a hipótese de Shen, pode-se pensar que, identificado um processo a partir do perfil histórico de um verbo, o mesmo se torne visível em outros, no mesmo período histórico (ou em outros subseqüentes ou anteriores ao mesmo), exibindo o

processo de espelhamento e espraiamento pressuposto pelo autor, o que pode, a rigor, permitir uma reavaliação de algumas propriedades até agora analisadas.¹

Esclareça-se, antes da análise dos verbos, que a organização dos quadros constantes das próximas seções se fez mediante o critério de primeira ocorrência. Isto é, tendo ocorrido pela primeira vez, no século 14, um dado verbo já terá registradas suas ocorrências, quando houver, nos períodos subseqüentes. Tal critério de organização busca atender a dois objetivos que se perseguem, neste momento:

- a) permitir a visualização do perfil histórico de cada verbo;
- b) relacionar o período histórico de primeira ocorrência do verbo (nos *corpora*) ao seu período de origem (atestado por dicionários). O relacionamento entre período de primeira ocorrência e período de origem visa a uma possível etapa ulterior da análise em que se considerará a questão do encaixamento estrutural e não estrutural de novos processos sintáticos porventura exibidos pelos verbos. Ressalte-se, além disso, que a organização dos quadros que se seguem propiciam uma configuração bastante diversa daquela mostrada pelas listas do capítulo precedente. Nessas últimas, o volume de dados (verbos) agrupados em cada século parece maior, já que o mesmo verbo foi repetido em cada século no qual ocorreu. Inicie-se pelo padrão dos verbos que ocorrem no período arcaico.

6.2 Perfil histórico dos verbos da Classe 2 (*Preocupar*)

Duas razões determinam que se inicie a presente etapa da análise pelos verbos da classe 2:

- a) trata-se da classe que mais evidencia problemas relativos ao ajuste entre

¹ cf. Oliveira (1997).

hierarquia temática e estruturação sintática (cf. 2.2);

- b) é nessa classe que se abrigam verbos para os quais tanto a análise intuitiva (cap. 2), como a observação de uso (cap. 4) apontaram possível origem como inacusativos. Sugeriu-se, então, que, se tal hipótese se confirmasse, o processo que exibem deveria ser interpretado como de causativização, e não ergativização, pelo menos na perspectiva histórica;
- c) por ser a classe 2 o foco da análise, é possível se pensar que a identificação de qualquer fenômeno na mesma seja útil na explicação de comportamentos idiossincráticos nas outras duas classes (3 e 4).

6.2.1 Perfil histórico dos verbos da Classe 2 (*Preocupar*) - período arcaico

Considere-se, em primeiro lugar, o perfil dos verbos que ocorrem no período arcaico. Esclareça-se que os quadros apresentados abaixo exibem na primeira coluna os verbos agrupados pelo padrão (ExpS, ExpO ou Misto), que realizaram no século em que foi registrada sua primeira ocorrência. Vejam-se os quadros relativos aos séculos 14 e 15 (Quadros 6.1 e 6.2, respectivamente)².

² Os quadros apresentados neste capítulo são repetidos no Anexo A2.

Quadro 6.1 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 14 - Classe 2

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência							
		14	15	16	17	18	19	20	20o
Mistos									
contentar	séc. 14	Misto (ana/sin)	ExpS (pro e ana)	ExpS (pro)	Misto (pro/sin)	Misto (pro/sin)	ExpS (pro e ficar)	ExpS (pro)	—
enojar	séc. 15	Misto (pro, sin e ana/sin e ana)	Misto (sin e ana/sin e ana)	—	—	—	—	—	ExpO (sin)
envergonhar	séc. 15	Misto (ana/ana)	ExpS (ana)	Misto (ana/ana)	—	—	—	Misto (pro/sin)	ExpS (pro e ana)
ExpS									
aborrecer	séc. 13	ExpS (sin)	ExpS (sin e ana)	—	ExpS (sin)	ExpS (sin)	Misto (sin e ana/sin)	ExpS (pro, ana e ficar)	ExpS (pro)
apavorar	séc. 17	ExpS (ana)	—	—	—	—	—	Misto (ficar/sin)	ExpS (sin e ana)
apedar	séc. 16	ExpS (ana)	—	—	ExpS (pro)	ExpS (ana)	—	—	—
assanhar	?	ExpS (ana)	ExpS (pro e ana)	—	—	—	—	—	—
deleitar	séc. 14	ExpS (ana)	Misto (pro e ana/sin)	—	ExpS (pro)	ExpS (pro)	—	—	—
enlouquecer	séc. 18	ExpS (ana)	—	—	—	—	ExpS (sin e ana)	ExpS (sin, ana e ficar)	ExpS (ficar e sin)
entristecer	séc. 13	ExpS (ana e ficar)	Misto (ana e ficar/ana)	—	—	ExpS (ana)	ExpO (sin)	ExpS (ficar)	—
espantar	séc. 13	ExpS (ana)	Misto (pro, ana e ficar/sin)	ExpS (pro, ana e ficar)	Misto (pro/sin)	ExpO (sin e ana)	ExpS (pro)	Misto (pro, ana e ficar/sin)	ExpS (sin)
irar	?	ExpS (ana)	ExpS (ana)	—	ExpS (ana)	—	—	—	—
maravilhar	séc. 18	ExpS (pro)	Misto (sin, pro/sin)	—	—	—	—	—	ExpS (ficar)
ExpO									
danar	séc. 13	ExpO (sin)	—	—	—	—	—	—	ExpS (ficar)
desamparar	séc. 13	ExpO (sin)	ExpO (sin)	—	—	ExpO (sin)	ExpO (sin)	—	—

Quadro 6.2 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 15 - Classe 2

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência						
		15	16	17	18	19	20	20o
Mistos								
afligir	séc. 15	Misto (ana/sin)	—	—	Misto (pro/sin)	ExpO (sin)	—	—
ExpS								
assoberbar	séc. 14	ExpS (ana)	—	—	—	—	—	—
atribular	séc. 14	ExpS (ana)	—	—	—	—	—	—
compadecer	séc. 16	ExpS (ana)	—	ExpS (pro)	—	ExpS (pro)	—	—
desconsolar	séc. 14	ExpS (ficar)	ExpS (ficar)	Misto (ana/sin)	—	ExpS (ficar)	ExpS (ana)	—
descontentar	?	ExpS (ana)	—	—	—	ExpO (sin)	—	—
desesperar	séc. 15	ExpS (sin)	—	—	—	—	ExpS (sin e pro)	ExpS (ficar e ana)
enfadar	séc. 13	ExpS (ana)	—	—	ExpS (pro e ana)	—	—	ExpS (ana)
enfastiar	séc. 17	ExpS (pas)	—	—	ExpO (sin)	—	—	ExpS (ficar)
ExpO								
assossegar	séc. 14	ExpO (ana)	—	—	—	—	—	—
constranger	séc. 13	ExpO (sin)	—	—	—	ExpO (sin)	—	—

A observação do comportamento dos verbos da classe 2, nos séculos 14 e 15 mostra que os verbos que a integram na contemporaneidade já exibem perfil sintático misto, no período arcaico. São evidências desse tipo que levaram às conclusões da etapa precedente: se, já no período arcaico, todas as classes exibem os três padrões da atualidade, deve-se concluir que o comportamento dos verbos de cada uma delas é razoavelmente estável. Entretanto, a observação do tipo de estrutura realizada mostra que as coisas não são bem assim.

6.2.1.1 Análise do padrão misto na Classe 2 (*Preocupar*) (período arcaico)

Iniciando a análise pelos verbos de padrão misto, observa-se que todos comungam o fato de só exibirem ExpS na forma analítica, no séc. 14. A observação dos períodos subseqüentes distingue-os, todavia. *Enojar* já realiza ExpS sintética no séc. 15, o que não acontece em período algum com *envergonhar* e *contentar*. *Enojar* destaca-se nesse período (séc. 15) como ergativo por excelência, realizando estruturas como as de (1) a (4) que se ilustram abaixo:

(1) séc. 14 - El-rei (...) ficou mui triste pero por nom anojár seu filho...

p.118 (BA)

(2) séc. 14 - Non houvesse mingua nem nojo pola nom haver... p.127

(SA)

(3) séc. 14 - (...) os que o leessem (...) se anojariam... p.141 (LI)

(4) séc. 15 - (...) non enojam atanto as aversidades do mundo. p.26

(BO)

É interessante, ainda, observar, a respeito do verbo *enojar*, sua continuidade ao longo do tempo. O verbo só volta a ocorrer no século 20o, em estrutura sintética de ExpO. A ausência de realizações desse verbo entre o período arcaico e o século 20 dificulta a configuração de seu perfil, mas a intuição de falante permite constatar que a ambigüidade observável no século 15 se resolve em algum momento, entre os séculos 19 e 20, especializando a forma sintética para a expressão da causatividade. Na atualidade, a estrutura ExpS parece só poder realizar-se através das formas pronominal e analítica. Relaciona-se a esse último o verbo *enojar* que, por sinal, ocorre nos dados em análise (séc. 20: ExpS sin). Tendo atribuída a mesma origem (do latim - *inodiare*, *in odio esse*, de acordo com Magne (1944)), o comportamento desses dois verbos sugere

uma especialização de forma e, em decorrência, de sentido; *enojar* para as estruturas causativas, *enjoar* para as ergativas sintéticas. Uma avaliação intuitiva assinala que ambos podem realizar tanto ExpS quanto ExpO nas formas analíticas. Mas, nas formas sintéticas, um parece se especializar em ExpS, outro em ExpO.

Ainda com relação aos verbos de padrão Misto, deve-se observar que os mesmos privilegiam as formas analíticas. Considerado o fato (óbvio) de que os verbos dão mostras de existir enquanto tais a partir de suas realizações sintéticas, observa-se que certos verbos não existem no período arcaico. *Contentar* e *enojar* realizam-se na forma sintética desde o século 15. *Envergonhar* só exhibe a forma sintética no século 20, em estrutura causativa, apesar de ter sua origem assinalada no séc.15. Na atualidade, uma avaliação intuitiva sugere que a forma sintética do verbo *envergonhar* se especializou na expressão da causatividade, sendo reservadas as formas analíticas para a narração do evento, do ponto de vista do experienciador, como mostram os exemplos (5) a (8):

(5) séc. 20 - (...) era uma porcaria de envergonhar um cristão. p.20

(AD)

(6) séc. 20 - (...) sentia vergonha de não confiar nele. p.97 (CL)

(7) séc. 20 - (...) a tive vergonha então do que já escrevera de elogios.

p.50 (LB)

(8) séc. 20o - (...) tinha até muita gente que tava com vergonha de nós.

(I.36)

Constata-se, assim, que a consideração das formas dos verbos, variável integrada à análise por hipótese intuitiva (decorrente de observação não sistemática dos dados do século 20 (cf. cap. 2 e 3)), revela-se importante na observação do período de

origem de alguns verbos. Essa observação (aliada a informações de dicionários sobre o período de origem dos verbos) permite observar uma diátese primitiva desses verbos, através da observação das construções perifrásticas que lhes correspondem. Passo agora à observação dos ExpS do século 14.

6.2.1.2 Análise do padrão ExpS na Classe 2 (*Preocupar*) (período arcaico)

O primeiro verbo de padrão ExpS do Quadro 6.1 (*aborrecer*) se destaca por exibir no séc. 14 uma estrutura ExpS com a forma sintética. É o único a apresentar esse tipo de realização, dentre os verbos constantes desse quadro. Como se viu, o verbo *enojar* registra comportamento semelhante (estrutura ExpS sintética) no século 15, apenas. Mas esse último já exibe, nesse período, perfil misto, diferentemente de *aborrecer*, que só realiza estruturas ExpS. Uma observação dos dados permite detectar, como já se sabe, que a estrutura ExpS que o verbo *aborrecer* realiza no séc. 14 é bem distinta daquela que o mesmo realiza no séc. 20. Citam-se, abaixo, algumas realizações desse verbo, do séc. 14 ao 18, período em que o verbo tem sentido de *odiar* e limita suas realizações a ExpS:

(9) séc. 14 - Eu, todos estes pecados e maldades (...) agora avorreço...

p.125 (SP)

(10) séc. 15 - E o terceiro a caridade por a qual se ama Deus (...) e se

aborrece toda cousa contrária da virtude. p.48 (DD)

(11) séc. 17 - Neste lugar há dois mancebos, um a quem amo, o outro

a quem aborreço. p.130 (PR)

(12) séc. 18 - (...) ao mesmo tempo condenamos e aprovamos;

amamos e aborrecemos. p.77 (MT)

Suas ocorrências no séc. 19 são fonte de ambiguidade.

(13) séc. 19 - Mas eu não quero aborrecê-la. p.273 (MA)

(14) séc. 19 - Sei quanto devia aborrecê-lo a queda do Sinimbu. p.37

(JN)

(15) séc. 19 - (...) vós me aborreceis e com razão. p.734 (GD)

Em (13) e (14) o contexto lhe atribui leitura causativa. Já em (15), o seu sentido é o mesmo que se registra até o século 18. (Cumprido sublinhar que uma observação sistemática mostra que essa última estruturação era mais rara no século 19).

O fato é que o verbo *aborrecer* ilustra um processo de causativização entre os séculos 18 e 19, a partir do qual muda seu sentido de “*sentir ódio*” para “*causar ódio, horror*”. A partir de então o seu uso no significado de “*ter horror*” aparece em estruturas ExpS nas quais passa a se ligar ao argumento interno via preposição, conforme em (16):

(16) séc. 19 - (...) por não ter nada com que se aborrecer. p.167 (JN)

Dessa maneira, deixa de ser fonte de ambigüidade, conforme sucedeu no século 19. Mantém o perfil ergativo-causativo, que passa a caracterizá-lo a partir do século 19. Não se pode falar, portanto, de ergativização no caso de *aborrecer*. Constata-se que as estruturas ExpS que o verbo *aborrecer* integra, desde o período arcaico, veiculam aproximadamente o mesmo sentido (*ter horror a*). A mudança que se evidencia nessas estruturas ExpS está na preposição de que se faz acompanhar ainda no século 19, num processo que caracteriza a distinção de forma e sentido. Causativizando-se, o verbo especializa a forma sintética para as estruturas ExpO e a forma preposicionada (analítica ou pronominal) para as estruturas ExpS. É difícil atribuir qualquer estatuto à forma pronominal que o verbo passa a apresentar, então. Viu-se que, contemporaneamente, tal pronome tem estatuto pseudo-reflexivo, interpretado como

sinal de ergativização. Como, entretanto, alguns verbos da classe de *temer*, de onde provém o verbo *aborrecer*, também exibem, no período arcaico, a forma pronominal, como em (17) e (18), não se pode afirmar, por ora, o que motiva o uso do pronome, no caso do verbo *aborrecer*.

(17) séc. 14 - Temendo-se de cavalgar, com a fraqueza (...) p.220 (LI)

(18) séc. 14 - (...) os homeens boos (...) temendo-se de ir sobrelles (...) p.16 (DJ)

Como se viu, também o verbo *enojar* apresenta, no século 14, um comportamento equivalente ao que o verbo *aborrecer* apresenta no século 19. A comparação entre os verbos *enojar* e *aborrecer* sugere que o primeiro se submeteu, em época anterior ao século 14, ao mesmo processo a que se submete o verbo *aborrecer* entre os séculos 18 e 19. O verbo *enojar* é ambíguo nos séculos 14 e 15 (cf. (1) a (4)), e chega ao século 20 com acepção causativa, exclusivamente. Qualquer realização de ExpS atual do verbo *enojar* apresenta-se com argumento preposicionado. Os dois evidenciam uma diátese primitiva que os inscreve na classe de *temer*, exibindo, posteriormente, causativização (*enojar* antes do séc.14, e *aborrecer* entre o 18 e o 19). A ressalva a se fazer é a de que os dados permitem observar tal processo, no verbo *aborrecer*, apenas. A partir do comportamento desse último e das evidências de ambigüidade do verbo *enojar*, no período arcaico, inferiu-se que os dois verbos submeteram-se ao mesmo processo.

Tanto *aborrecer* quanto *enojar* são verbos acusativos, no período arcaico. Mas o processo de causativização não parece limitado a verbos acusativos. O Quadro 6.1 mostra verbos inacusativos com indícios de causativização recente. Trata-se dos verbos *apavorar*, *enlouquecer*, *entristecer*.

O verbo *entristecer* é o que permite uma análise mais consistente, já que ocorre em maior número de períodos do que os dois primeiros. Realiza-se, nos séculos 14, 15 e 16, em estruturas de ExpS, exclusivamente. A primeira realização causativa aparece no século 19, quando o verbo registra a forma sintética, pela primeira vez. Tal quadro de evolução sugere que a aceção do verbo é, hoje, causativa, com uso preferencial, entretanto, em ExpS.

Já o verbo *enlouquecer* ocorre nos séculos 14, 19, 20 e 20o sempre como ExpS. Também registra, no século 19, a forma sintética. O verbo parece se configurar como tal no séc. 19 apenas (cf. Anexo A2: origem datada séc.18), assim como o verbo *apavorar*, cujas realizações do séc. 14 restringem-se à forma analítica com ExpS, a primeira ocorrência sintética aparecendo no séc. 20. São diversos os verbos que evidenciam um quadro desse tipo. Realizam ExpS analítica em período(s) anterior(es) ao século 19, e só a partir daí registram a forma sintética de ExpS ou de ExpO, (mais freqüentemente, a última). Observando o período de surgimento desses verbos na língua, a hipótese de que os mesmos não existiam, como tais, antes do século 19 faz sentido. Aos verbos *enlouquecer* e *apavorar* é atribuída origem nos séculos 18 e 17, respectivamente (Cunha, 1986). Já para o verbo *entristecer* essa hipótese é menos viável, já que Cunha o registra no século 13. Seu uso observado, entretanto, só o ilustra, como tal, no séc. 19.

Considerando novamente os verbos *apavorar*, *enlouquecer* e *entristecer*, pode-se dizer que o conteúdo semântico relativo aos mesmos (existência virtual, no caso de *apavorar* e *enlouquecer*) é o de focalizar o Exp na posição de sujeito, o que permite que se lhes atribua uma diátese pré-verbal inergativa ou inacusativa. Não se pode imputar tal diátese ao fato de os mesmos não serem propriamente verbos nesse período: afinal, nada impede que os mesmos realizassem estruturas de ExpO na forma analítica (como o fez,

por exemplo, o verbo *envergonhar*, com realizações analíticas tanto de ExpS quanto de ExpO, desde o século 15).

A realização de formas analíticas para ExpS se configura, em certos momentos, como escolha dos falantes. Observe-se o verbo *espantar*: ocorrendo no mesmo período do verbo *enojar* especializa a forma analítica para ExpS e a forma sintética para ExpO. Não se dispõe de dados que permitam atribuir-lhe uma origem como ExpS ou ExpO, no português, onde o verbo é registrado a partir do século 13. O fato de registrar estrutura sintética de ExpO desde o século 15 pode atribuir-lhe uma diátese primitiva causativa. Mas observando-se a origem (do latim vulgar - *expaventare* (*expavere*, *ex-pavesco* – *pavi escere*: *apavorar-se*, *assustar-se*) pode-se pressupor origem como inacusativo, com posterior causativização em período anterior ao séc. 15, conforme se deu com *enojar*.

Outro verbo ao qual se pode atribuir origem como inacusativo, com evolução para acusativo, através de processo de causativização, é o verbo *desesperar*. Suas ocorrências, restritas ao padrão ExpS, nos séculos 15, 20 e 20o, associadas a sua origem (de *esperar*, do latim - *sperare*), permitem atribuir-lhe padrão original ExpS. Suas realizações de ExpO, não atestadas nestes *corpora*, mas intuitivamente assinaláveis, no português contemporâneo, pelo menos, devem ser analisadas, do ponto de vista histórico, como causativização.

A atribuição de origem como inacusativos para verbos como *desesperar*, *enlouquecer* pode elucidar o problema apontado para os mesmos, nos cap. 2. Questionou-se (análise intuitiva) a aceitabilidade da forma ergativa pronominal de alguns deles, como *enlouquecer-se*, por exemplo. A presente análise permite dizer que nesses verbos de origem inacusativa, como *desesperar*, *enlouquecer*, as realizações ExpS sintéticas não são inovação: pelo contrário, representam estruturas estáveis desde

o período arcaico. Sob esse prisma, justifica-se a estranheza diante das ocorrências pronominais de alguns deles. Se, de fato, o pronome pseudo-reflexivo é índice de ergativização, ele não deve aparecer em verbos que não se submetem a tal processo. Note-se, por outro lado, que, dentre esses verbos de origem mono-argumental, alguns parecem aceitar a realização pronominal, como o verbo *desesperar* em (19):

(19) séc. 20 - (...) e agora se desespera? p.176 (JA)

Esse fenômeno se presta também a ilustrar a hipótese difusionista: apesar de não se justificar historicamente, a forma pronominal vai sendo gradativamente adotada por verbos de origem inacusativa, num processo de espelhamento do comportamento dos verbos de origem acusativa. Isto é, um verbo como *enojar* se tornou fonte de ambigüidade quando, ao se causativizar, ainda manteve a forma sintética para realizações ExpS. Tendo especializado a forma sintética para a causatividade, passou a marcar suas realizações ExpS, através do pronome. Tal recurso não era necessário para verbos como *desesperar*, cuja causativização não criou estruturas ambíguas. Suas realizações pronominais podem ser interpretadas, então, como recurso de simetria do sistema sintático: isto é, verbos bi-argumentais, que permitem estruturas ExpS e ExpO, marcam (com pronome) suas realizações ExpS. Os verbos mono-argumentais (em estruturas ExpS passam a copiar-lhes o comportamento. Alguns, como *desesperar*, aderiram; outros, como *enlouquecer*, resistem. Um último grupo oscila entre uma e outra forma: *entristecer*, *espantar*, *apavorar*.

A identificação de um processo de causativização, tanto em verbos acusativos como inacusativos, com origem ExpS, permite apontar o mesmo fenômeno em outros verbos, cujo número de ocorrências era insuficiente para propor qualquer reflexão mais objetiva. À luz do processo exibido pelos primeiros que se analisaram, é possível propor

a hipótese de causativização para os seguintes verbos: *assanhar*, *apiedar*, *irar*, *assossegar*, *maravilhar*.

Quanto ao primeiro – *assanhar* – as informações sobre sua origem (do latim - *insaniare*, ‘*estar maluco*’, ‘*esbravejar*’) vêm se acrescer às realizações ExpS do século 14 e 15. Um enfraquecimento de seu sentido original observa-se, em seu uso atual, como nos casos de *aborrecer* e *enojar*. Como nesses últimos, o verbo *assanhar* passa a exibir estruturas causativas. A possibilidade de realização ExpS sintética é também indício dessa propriedade ExpS original, de acordo com o que se propôs para verbos como *desesperar*, *enlouquecer*, etc. Se assim for, pode-se dizer que o verbo *assanhar* causativizou-se, espelhando o comportamento de outros verbos mono-argumentais.

No caso do verbo *apiedar*, o fato de o mesmo ter sua origem registrada no século 16 propicia também a análise de que suas realizações causativas são posteriores às de ExpS, já que ao registro de origem (do latim - *pio* < *pius-ii*, onde a forma verbal não existe ainda) se acrescentam as evidências de realização exclusivamente ExpS nos séculos 14, 17 e 18. Trata-se de um verbo cujo processo de verbalização parece associada ao de causativização, como se supôs para o verbo *entristecer*. Suas realizações pronominais podem ser entendidas também como cópia do comportamento de verbos como *aborrecer*.

Também ao verbo *irar* pode-se atribuir origem como ExpS (Cunha não o registra): o verbo realiza exclusivamente formas analíticas nos séculos 14, 15 e 17. As evidências de que contemporaneamente integra construções causativas permite relacioná-lo a outros cujo comportamento inicial é ExpS, sendo o processo de verbalização acompanhado de causativização, como no caso de *enlouquecer*, *entristecer*, por exemplo.

O verbo *assossegar* apresenta origem ExpS (do latim - **sessicare* de *sessus* 'ação de sentar'). Seu sentido psicológico atual revela-se extensão de um sentido físico primitivo, que mantém, por sinal, até hoje. Suas estruturas ExpS sintéticas atuais (sentido físico ou psicológico) são, portanto, as mesmas do período arcaico. Possíveis realizações pronominais desse verbo só podem, então, ser analisadas como espelhamento no processo de marcação de estruturas ExpS dos verbos originalmente bi-argumentais.

Também a origem como inacusativo do verbo *maravilhar* (de *mirare* 'admirar-se') sugere que suas realizações ExpO, no século 15, representam processo de causativização anterior ao século 14, já que, nesse período, o verbo exibe forma ExpS pronominal. Vê-se que, nesse período, as realizações pronominais são estruturalmente ambíguas (i.e. pronome enfático de uso dos verbos da classe de *temer* ou marcação das estruturas ExpS dos verbos que se causativizam). Assim, o fato de o verbo apresentar ExpO sintética, no século 15³, permite interpretar de duas maneiras a realização do pronome em verbos como *maravilhar*: manutenção de um *se* expletivo, característica da classe de *temer*, ou adoção do pronome como marca de estruturação ExpS, prevenindo ambigüidade. As sentenças (20) e (21) ilustram esse tipo de ocorrência:

(20) séc. 15 - (...) non se deve maravilhar nenhu ~u de êstes taaes
usarem das lêteras vendendo-as e com avariza. p.83 (BO)

³ A sentença na qual o verbo *maravilhar* recebeu classificação como ExpO é: *e o que é muito de maravilhar, muitas vezes este beento solitatio é cheo de temor...* p.49(BO). A interpretação dada ao verbo foi a seguinte: *o que é muito de maravilhar alguém*. Na verdade, tal estrutura também admite leitura inergativa. Se assim for, deve-se entender que o processo de causativização do verbo *maravilhar* se deu em período posterior ao século 15. Nesse caso, o pronome *se* nas sentenças (20) e (21) deve ser analisado como expletivo, pronome característico de alguns verbos da classe de *temer*, nesse período.

(21) séc. 14 - (...) o infante Josafate viu um homem mui velho e
maravilhou-se muito. p.119 (BA)

A sentença (20) ilustra o uso inergativo do verbo *maravilhar*, cuja estruturação estática o classifica na classe de *temer*. Em (21), o uso do pronome *se* pode ser interpretado como manutenção do *se* expletivo da classe de *temer*, ou como marcação da estruturação ExpS de verbos que se vão causativizando. O mesmo se pode dizer em relação ao verbo *anojar*, que também exhibe causativização no período arcaico, como se viu.

Tal análise obriga a se perguntar de onde surge esse pronome *se*. Bechara (1966:313) é categórico ao afirmar, com base em Martinz de Aguiar que:

a função inicial e própria do pronome se é, como em latim, a de reflexivo, isto é, faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou. Ex.: O homem cortou-se. Indica, pois, ao mesmo tempo, atividade e passividade.

Como se verá adiante, os verbos das classes 3 e 4 (que são, na grande maioria de origem causativa) apresentam, no período arcaico, realizações pronominais cujo sentido reflexivo é transparente, na própria estruturação da frase. Esses verbos apresentam, portanto, o pronome em seu uso primitivo, de acordo com o entendimento de Bechara. Nesse ponto, é possível pensar que os verbos de outras classes que vão se causativizando e, portanto, desenvolvendo estruturas que os igualam aos das classes 3 e 4, serviram-se desse pronome para marcar suas estruturas ExpS, já que, por ser reflexivo, caracteriza o envolvimento do próprio sujeito na ação descrita pelo verbo. É de uma marca desse tipo que verbos recém causativizados precisavam para marcar suas realizações ExpS. É possível que até o uso do pronome no interior da classe de *temer*, onde o mesmo é apenas enfático, seja copiado do verbo que, originalmente reflexivo, já se realizava, como tal, na classe 4. Uma extensão de uso desse tipo justifica plenamente

a ambigüidade atual desse pronome.

A observação dos verbos com primeira ocorrência no período arcaico mostra que a classe 2 incorpora também verbos de origem causativa. É dos mesmos que se tratará em 6.2.1.4. Antes, porém, acrescentem-se mais duas evidências para a hipótese de causativização dos verbos psicológicos.

6.2.1.3 O processo de causativização em outros tipos de verbos

Dedica-se um espaço específico ao processo de causativização, apesar de se estar no meio de uma análise que contempla os padrões sintáticos internos a cada classe. Tal estratégia se faz, entretanto, necessária, visto que a postulação de tal processo guiará a análise das outras classes.

A observação de verbos que se alinham contemporaneamente fora da classe 2 mostra que verbos que integram duas classes ao mesmo tempo, ou classes de verbos preposicionados, também parecem ilustrar o processo de causativização. Inicie-se pelo verbo *admirar*. Talvez pelo fato de ser mais recente na língua, o mesmo exhibe ambigüidade. Em uma sentença isolada como *João admira Pedro*, não se sabe se *João* sente admiração ou causa admiração. Tal ambigüidade pode ser explicada como resultante do processo de causativização a que se submeteu o verbo em algum momento. Trata-se de um verbo cujo processo de causativização está no estágio ambíguo, como ocorreu com o verbo *aborrecer* nos séculos 18-19.⁴ Esse verbo será reconsiderado na próxima seção.

Também o verbo *gostar* (que não integra a análise quantitativa) ilustra o

⁴ Também o verbo *temer* ilustra esse comportamento (cf. nota 9, cap. 2). O uso causativo desse verbo está apenas espelhando o comportamento de outros verbos. Se *admirar* pode ser usado causativamente, por que não o verbo *temer*?

processo em pauta. O verbo *gostar* tem atribuída a diátese ergativo-causativa, em Fernandes (1947), que aponta para o mesmo o sentido de *sentir prazer*: *Eu gosto, bem se vê, de ir ao encontro das objeções*. (Garrett, *Viagens*, I, 24), bem como o sentido de *causar prazer*: *Em falta dessa leitura que não lhe gosta, alguma ajuda lhe traria neste sentido o dicionário de Moraes*. (Rui, *Réplica*, n. 386). Tais exemplos sugerem que o verbo *gostar* pertencia originalmente à classe dos verbos que só realizam ExpS (como *amar* e *temer*, contemporaneamente) e que se submeteu em período anterior ao século 19 ao processo de causativização, desenvolvendo, a partir daí, um novo tipo de estrutura ExpS (ligando-se ao argumento interno via preposição). Dados dos *corpora* que orientaram esta tese ilustram essa pressuposta estrutura original. A mesma se realiza, como tal, no século 15, como se vê em (22) e (23):

(22) séc. 15 - (...) depois que gostou a contempraçom. p.77 (BO)

(23) séc. 15 - (...) e gosta cada u~ua das viandas que tem ante si. p.55
(BO)

Observa-se, por outro lado, que o verbo *gostar* não fixou a diátese causativa que desenvolveu em algum momento do passado, o que não impediu que os indícios desse processo permanecessem atrelados à representação sintática do verbo, através da preposição através da qual se liga ao argumento interno. Tal não é o caso do outro verbo ao qual se relaciona: *desgostar*, que exhibe contemporaneamente o padrão misto. Observado o período de surgimento desse último (Cunha o registra no século 17), é possível pressupor que o mesmo já entrou para a língua realizando o padrão misto, espelhando-se no verbo *gostar*, que já realizava a estrutura ExpS preposicionada desde o século 16, conforme se ilustra em (24):

(24) séc. 16 - Nõ gostarã dele nada nem oquiseram mais. p.143 (PV)

6.2.1.4 Verbos de padrão ExpO na Classe 2 (*Preocupar*)

Como se viu nos Quadros 6.1 e 6.2, dentre os verbos da classe 2, alguns exibem estruturas causativas. São os seguintes:

danar: <*damnare* ‘condenar’

desamparar: de *amparar* (do latim - *anteparare*; ‘proteger’/‘sustentar’)

afligir <*affligere*: ‘bater com uma coisa em outra’, *afligir* (tr.); *se affligere*: ‘entristecer-se’

assoberbar <*superbia*. Tratar com soberba, humilhar

atribular: <*tribulatio-onis*

compadecer: <*compatiscere* (cl: *compati*): ‘ter compaixão de’

desconsolar: de *consolar* <*consolari*: ‘aliviar o sofrimento de’

enfadar: origem controversa: entediar’, irritar, desgostar-se.

enfastiar: de *fastio*<*fastidium*: ‘aversão’, ‘tédio’. Cunha data *enfastiado* em 1813.

Nos *corpora* presentes essa forma já aparece no século 15, em realização que foi classificada como passiva (25):

(25) séc. 15 - (...) e enteja-as todas, e é enfastiado delas (as ‘viandas’).

p.55 (BO)

Entre os verbos listados, alguns poderiam ter sua origem atribuída como ExpS, já que não se realizam como verbos no latim, e apresentam sua realização em ExpS no período arcaico. Trata-se dos verbos *assoberbar*, *atribular*, *compadecer*, *enfadar*, *enfastiar* (dependendo da leitura que se faça de (25), que admite interpretação como passiva). Poder-se-ia pressupor que o processo de verbalização desses verbos coincide com o de causativização, como se explicou para os verbos *enlouquecer*, *entristecer*,

etc.) As ocorrências dos mesmos, são, entretanto, muito reduzidas e não permitem inferências desse tipo.

De qualquer maneira, o fato de se observar que os verbos (cujo comportamento sintático os classifica na classe 2 atual) têm origens distintas obriga a pensar que os mesmos têm um traço comum que os distingue daqueles das classes 3 e 4. Por ora, o traço comum que exibem é a preferência por realizações ExpS, o que pode ser confirmado pelos Quadros 6.1 e 6.2 como também pelas tabelas que mostram o número de ocorrências ExpS e ExpO de cada verbo (cf. Anexo A2). A maioria dos verbos citados até agora privilegia, em volume de ocorrências, as estruturas ExpS. Faz exceção o verbo *desamparar*, com estruturas exclusivamente ExpO nos séculos 14, 15, 18 e 19. Coincidentemente, uma reanálise desse verbo permite constatar que, por um lado, esse verbo exibe possibilidade de realização tanto de passiva sintética quanto de passiva adjetiva, o que, de acordo com os critérios de Cançado, o classifica junto aos da classe 4. Por outro, a impossibilidade de ergativização (**João desamparou-se*) impede sua classificação na classe 4 e obriga a refletir que também sua classificação na classe 2 deve ser revista pelas mesmas razões. Como se viu (2.3.1.1) que alguns verbos da classe 3 parecem não admitir ergativização, é possível que, como se verá adiante, esse verbo forme, com outros da classe 3, um novo subgrupo de verbos.

Antes de prosseguir a reflexão que a análise dos verbos da classe 2 enseja, cumpre que se observe ainda o perfil dos verbos dos séculos 16 e 17.

6.2.2 Perfil histórico dos verbos da Classe 2 (*Preocupar*) - (séculos 16 e 17)

Considerem-se, em primeiro lugar, os quadros dos verbos com primeira ocorrência nos séculos 16 e 17:

Quadro 6.3 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 16 - Classe 2

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência					
		16	17	18	19	20	20o
Mistos							
escandalizar	séc. 14	Misto (ficar/sin)	—	ExpO (sin)	—	—	—
ExpS							
afeiçoar	séc. 15	ExpS (ana)	ExpS (pro e ana)	—	—	—	—
pasmar	?	ExpS (ficar)	ExpS (sin)	ExpS (ana)	ExpS (sin)	—	—
ExpO							
apaixonar	séc. 16	ExpO (ana)	—	—	—	ExpS (ana)	ExpS (pro e ana)

Quadro 6.4 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 17 - Classe 2

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência				
		17	18	19	20	20o
Mistos						
—	—	—	—	—	—	—
ExpS						
admirar I	séc. 15	ExpS (pro)	ExpS (sin)	Misto (sin e pro/sin)	—	—
horrorizar	séc. 19	ExpS (ana)	ExpS (ana)	—	—	ExpS (ana)
resignar	?	ExpS (pro)	—	ExpS (pro)	—	—
ExpO						
engrandecer	séc. 16	ExpO (sin)	—	—	ExpO (sin)	—

Também entre os verbos com primeira ocorrência no século 16, estão verbos aos quais se pode atribuir origem como não causativos ou como inacusativos.

Cite-se, em primeiro lugar, o verbo *pasmar* cujo perfil é compatível com os verbos *enlouquecer*, *entristecer*, *apavorar* e *desesperar*. O verbo *pasmar* realiza exclusivamente estruturas de ExpS analíticas ou sintéticas do século 16 ao 19. Com origem registrada no século 16, apresenta nos *corpora* desse século construção analítica de ExpS, que permite atribuir-lhe diátese pré-verbal ExpS, que se repete, com exclusividade na forma sintética ilustrada pelos dados dos séculos subsequentes. Apesar de não serem ilustradas pelos dados em análises, suas realizações causativas

contemporâneas (intuitivamente admitidas) podem, portanto, ilustrar causativização. Sua origem do latim tardio - *pasmus* <*spasmus* permite pressupor diátese pré-verbal ExpS, o que corrobora a presente proposta de análise para o mesmo.

Outro verbo ao qual é possível atribuir origem como ExpS é o verbo *afeiçoar*. Cunha o registra no século 15 e propõe para o mesmo uma diátese como ergativo/causativo: '*tomar afeição por*', '*provocar afeição em*'. Tais sentidos revelam que o verbo passa por um período de realizações ambíguas, conforme acontece com *enojar*, no século 15 e com *aborrecer*, no século 19. O perfil que se propôs para esses dois últimos verbos é, como se viu, atestado pelos dados. Tal não é o caso de *afeiçoar*, cujas realizações limitam-se aos séculos 16 e 17, em estruturas ExpS analíticas e pronominais. Além disso, a observação de seu comportamento atual, que parece privilegiar as realizações ExpS pronominais, sugere que o mesmo evoluiu de uma diátese causativa para uma diátese não causativa.

Também ao verbo *apaixonar* é possível atribuir origem num ou noutro perfil. Apesar de ter sua origem registrada no século 16, a ocorrência do mesmo em Pero Vaz de Caminha é ExpO analítica, onde o mesmo não expressa um sentido psicológico, mas o de sofrimento físico, como se ilustra em (26):

(26) séc. 16 - (...) e de tal maneira o trazem aly encaxado [o osso que os índios portam no lábio inferior] que lhes non da paixã nem lhes torva a fala (...) p.141 (PV)

Igualmente ao verbo *apaixonar*, o verbo *escandalizar* não exhibe configuração muito transparente. Registrado no português no século 14, corresponde à forma latina *scandalizare*, para a qual não se dispõe, no momento, de exemplos que ilustrem sua diátese.

No século 17, destaca-se o verbo *admirar*. Esse verbo encontra-se classificado em duas classes, (1 e 2) tanto em Cançado quanto nos *corpora* da presente pesquisa, conforme se viu na seção precedente. Sua origem latina (*admirari*) atribui-lhe origem ExpS, onde realiza o sentido de ‘*estranhar*’. No século 20, é fonte de ambigüidade, significando tanto ‘*ter admiração*’ quanto ‘*causar admiração*’. Classificado na presente pesquisa como *admirar* e *admirar 1* nas classes 1 e 2, respectivamente, foi tratado como caso de homonímia, no início da presente pesquisa, estatuto que exhibe, de fato, no português atual. Mas, no quadro da presente análise, essa ambigüidade pode ser explicada como sendo resultante de um processo de causativização, que redundou, por um período, em ambigüidade, como se viu com os verbos *enojar* e *aborrecer*. Os dados de que se dispõe, no momento, não permitem delinear a rota desse processo para o verbo *admirar* já que suas primeiras ocorrências, tanto num sentido como no outro, são do século 17. Pode-se, ainda assim, prever que, observadas as tendências dos outros verbos, a diátese causativo /ergativa prevaleça sobre a inergativa, desfazendo a atual ambigüidade de construções como *João admira Paulo*.

Não se prosseguirá, por ora, na análise dos verbos dos demais períodos.⁵

É conveniente que se resumam os pontos básicos da análise da classe 2. A análise mostrou que um grupo de verbos que, contemporaneamente, se inscreve na classe 2 corresponde no período arcaico a:

- i) verbos cujas propriedades sintáticas são compatíveis com as dos verbos da atual classe 1: *aborrecer*, *enojar* (em período anterior ao século 14. Por persistir no séc. 20 o tipo de estrutura causativa que realizava no período arcaico, deve-se

⁵ Os quadros de verbos da classe 2, com primeira ocorrência do século 18 em diante se encontram no Anexo A2.

entender que essa última representou inovação no período arcaico, gerou ambiguidade e destronou o uso primitivo de ExpS).

- ii) verbos *inacusativos*: *desesperar*.
- iii) verbos cujo conteúdo semântico atual foi veiculado à época por construções perifrásticas que situavam o Exp na posição de sujeito: *enlouquecer* (origem posterior (séc.18) atestada por dicionários), *entristecer* (apesar de origem datada no séc. 13, os *corpora* da presente pesquisa só o registram no séc.19); *envergonhar* (idem ao verbo *entristecer*, mas origem no séc. 15); *irar* (o latim desconhece o verbo mas registra a forma adjetival *iratu*. Acrescente-se a essa evidência o fato de Cunha não registrar o verbo); *apavorar* (origem no séc. 17); *assanhar*, pela origem inergativa do latim - *in-sanio* (*estar maluco, furioso*), observado o fato que Magne já o registra no séc. 15, com perfil transitivo, o que faz supor que quando o verbo se cria, já se especializa na acepção causativa.

Conclui-se que a atual classe 2 constitui-se de verbos cujas origens diversificadas comungam um mesmo traço sintático, qual seja, o de só integrar (na origem) construções que focalizam o Experienciador na posição de sujeito. Isto é, esses verbos só representam o evento na perspectiva do experienciador, focalizando-o na posição de sujeito sintático da oração, independentemente do fato de serem identificados como verbos ou construções perifrásticas. Portanto, toda realização sintática desses verbos que focalize o experienciador na posição de objeto será interpretada para esse tipo de verbo como processo de causativização. Tal processo pode ser atribuído a qualquer verbo cujas realizações anteriores ao século 14 sinalizem origem como exclusivamente ExpS. Como se viu, alguns como *enojar* já evidenciam processo de causativização no século 14. O parâmetro de que se dispõe para afirmar que as estruturas de ExpO desse verbo representam causativização é o alinhamento das

construções de ExpS desse verbo com as dos verbos da classe de *temer*. Trata-se, portanto, do mesmo processo identificado para o verbo *aborrecer*. A diferença é que esse último se causativiza por volta do século 19, ao passo que *enojar* evidencia esse processo antes do século 14. A partir desse pressuposto, realizações como *João desesperou/ pasmou/ entristeceu/ endoidou/ enlouqueceu/ enojou/ aborreceu Pedro* podem ser analisadas, no século 20, como processo de causativização (de verbos originalmente inergativos ou inacusativos), e não de ergativização do ponto de vista histórico.

A constatação de que, apesar de se constituir de um bom número de verbos originalmente inacusativos ou inergativos, a classe 2 se compõe também de verbos de origem causativa, já desencadeou as seguintes perguntas:

- i- as classes 3 e 4, cujos verbos exibem estruturas causativas (como a classe 2), não se constituem também de verbos de distintas origens?
- ii- ainda que se possa responder negativamente a i, que traços específicos são atribuíveis aos verbos de origem causativa, de modo que os mesmos exibam distintas propriedades sintáticas e se classifiquem em diferentes classes?

Busque-se, antes de mais nada, responder à primeira questão. Para tanto, proceder-se-á, em primeiro lugar à análise lexical dos verbos da classe 3.

6.3 Perfil histórico dos verbos da Classe 3 (*Acalmar*)

No que concerne à classe 3, pode-se afirmar que praticamente todos os verbos que essa classe integra são passíveis de terem atribuída origem de diátese causativa. (cf. Anexo A3). A regularidade de quase todos os verbos que se incluem nessa classe permite que se trate dos mesmos, sem distinguir os diferentes períodos

históricos. Fazem exceção alguns deles: *acalmar*, *amansar* e *tranqüilizar*. Recorde-se que em 2.3.1.4 se disse que, apesar de esses verbos serem classificados na classe 3 (cuja distinção das classes 2 e 4 se faz pelo fato de seus verbos só aceitarem a passiva sintática em detrimento da passiva adjetiva), a realização de passiva adjetiva (i.e. com o operador *ficar*) era possível, desde que se estruturasse a frase com a forma adjetival, em substituição à forma de particípio passado. Foi observado, inclusive, que nos próprios dados de Cançado, a aceitabilidade das frases com o operador *ficar* foi testada com estruturação que incorporava a forma adjetival, e não a de particípio passado, para alguns verbos da classe 4. Nada impedia, portanto, que a mesma estratégia fosse utilizada com os verbos da classe 3. De fato, a análise dos *corpora* mostra que esses verbos se realizam na passiva adjetiva com a forma adjetival, conforme se ilustra em (27), (28) e (29):

(27) séc. 20 - Mais uma razão para nos mantermos calmas. p.183 (JA)

(28) séc. 20o - (...) ele ficou muito assim manso. (I.37)

(29) séc. 20o - (...) tem que ficá mais tranquilo [o pai e a mãe]. (I.40)

A constatação de que esses verbos admitiam a passiva adjetiva conduziu a uma outra observação: a de que são eles, também, os únicos a apresentar ergativização. A observação dos quadros da classe 3, mostra que os únicos casos de ExpS registrados correspondem a:

- a) realizações de passiva: *enganar* (séc. 14, 15, 19), *pacificar* (séc. 14), *maltratar* (séc.17), *pisar* (séc. 17), *cortear* e *subornar* (séc. 18), *agredir* e *massacrar* (séc. 20o);
- b) realizações analíticas: *enganar* (séc. 14, com *ser*: estrutura ambígua (cf. (30)) que, talvez, devesse ser analisada como passiva); *honrar* (igualmente ao verbo

enganar, o verbo *honrar* realiza no século 15 a forma analítica com o operador *ser*, realizando estrutura razoavelmente ambígua (31), que pode ser analisada como passiva); *privilegiar* (séc. 15, estruturação com *ser*, em (31), também admite análise como passiva. Cumpre observar que esse verbo pode ter seu estatuto psicológico questionado); *convencer* (século 19, realiza ExpS analítica com o operador *estar* como em (32) e (33), também pode ter seu estatuto psicológico questionado); *amansar* (séc. 20o, com o operador *ficar*); *acalmar* (séc. 20 com o operador *ter*), *tranqüilizar* (séc. 20 e 20o com o operador *ficar* e também *estar* em 20o).

(30) séc 14 - (...) non creas êsto, nem sejas enganado. p.32 (BO)

(31) séc. 15 - (...) naquele estado porque são privilegiados e mais honrados. p.46 (DD)

(32) séc. 19 - (...) ainda que eu esteja convencido que você bem pouco pode... p.279 (JN)

(33) séc. 19 - Hoje estou convencido de que a forma anônima é a mais livre. p.276 (JN)

c) realizações sintéticas: *amansar* (séc. 16), conforme se ilustra e comenta em (34),

(34) séc 16 - (...) como quer que se eles em alguua parte amansasem logo dhua mão peraaout se esquijuauam. p.161 (PV)

Deve-se observar que o verbo *amansar*, nessa passagem de Pero Vaz de Caminha, não tem estatuto psicológico; o verbo *amansar* é usado em relação aos índios, como o é, contemporaneamente, em relação a animais ainda não domados.

d) realizações pronominais: *enganar* (séc. 19), *regalar* (séc. 20).

Como se viu no cap. 3, as realizações pronominais classificadas como ExpO ou ExpS devem ser avaliadas com cuidado, já que as mesmas resultam de uma análise feita pelo pesquisador. Por exemplo, as estruturas em que *enganar* e *regalar* ocorrem admitem perfeitamente a análise do pronome como reflexivo (e não, como pseudo-reflexivo), dependendo da diátese do verbo que o falante (indivíduo) priorize em sua gramática.

Considerem-se, agora, os verbos da classe 4.

6.4 Perfil histórico dos verbos da Classe 4 (*Animar*)

Os verbos da classe 4 são mais numerosos e mais irregulares do que os da classe 3. Será conveniente distingui-los por período histórico.

6.4.1 Verbos com perfil ExpS na Classe 4 (*Animar*) (período arcaico)

O quadro dos verbos com primeira ocorrência no séc. 14 (cf. Anexo A4) mostra um perfil parecido com os da classe 2. Uma primeira semelhança é a existência dos verbos de padrão misto e ExpS, no século 14, padrões ausentes, como se viu, na classe 3. Outra característica que aproxima as duas classes é a representação de estado psicológico através de construções perifrásticas que se vão verbalizar, em séculos subseqüentes. Cite-se o verbo *amedrontar* que já se realiza, nesse século, e tem sua origem registrada no século 15. Ainda assim, observa-se que o verbo só aparece como tal no século 19, em estrutura causativa. Ilustra, com outros da classe 2, a concomitância de dois processos - verbalização e causativização. Seu uso contemporâneo continua privilegiando as formas analíticas de ExpS; a forma sintética parece especializada, por ora, na expressão da causatividade, como, por exemplo, *envergonhar*. Ressalte-se que

Cançado classifica esse último verbo entre os da classe 4, por entender que as realizações passivas do mesmo dependem dos traços do argumento externo. Na presente pesquisa, a classificação do mesmo resultou de uma avaliação distinta, isto é, a de que o mesmo não é passivizável, análise que não se discutirá aqui, dado seu caráter puramente intuitivo.

Outro verbo que permite comparação com a classe 2 é *desanimar*, cuja classificação na presente pesquisa é também distinta da de Cançado, que o classifica na classe 2. Sua classificação na classe 4, nos *corpora* atuais, respondeu antes a uma busca de simetria lexical (*animar* é da classe 4, então, *desanimar* deve sê-lo, também) e à avaliação intuitiva de que o mesmo admite passivização. Ver-se-á, adiante (na análise das correlações entre as sentenças), que é possível justificar melhor a intuição de Cançado em relação ao verbo *desanimar* do que a que guiou sua presente classificação na classe 4. Verbos de uso restrito na atualidade, como *agravar* e *mazelar*, têm sua dificuldade de análise aumentada por suas ocorrências reduzidas (limitadas a um século, na verdade).

6.4.2 Verbos de padrão ExpO na Classe 4 (*Animar*) (período arcaico)

Os verbos de padrão ExpO acusam origem causativa. Na maioria dos casos, já existem como verbos desde o latim, como se pode ver abaixo:

ameaçar: de *minacia* > *meaçar*, forma datada no século 13, para a qual Magne (1944) só registra ocorrências causativas. Tal descrição é compatível com o perfil que o verbo descreve ao longo dos períodos históricos observados. Registra apenas duas ocorrências (de um total de 13) classificadas como ExpS, (35) e (36), sendo que uma delas – (36), parece poder admitir classificação como passiva.

(35) séc. 20 - (...) desde que ficamos ameaçados de perder a fazenda,
não faz outra coisa senão beber. p.111 (JA)

(36) séc. 20 - Não é só a fazenda que estamos ameaçados de perder.
p.106 (JA)

Deve ser observado que o verbo *ameaçar* não registra nenhuma ocorrência pronominal, o que vai ao encontro da análise intuitiva de Cançado, segundo a qual o verbo não admite ergativização (fato que permitiu questionar sua classificação com os da classe 4), nem reflexivização.

atormentar: de *tormentum* -i > *tormentar*, forma datada no século 13, para a qual não se têm informações de outras realizações que não ExpO. Pode-se pressupor origem como causativo. No séc. 20, esse verbo apresenta uma realização pronominal (37), que foi classificada como causativa. Tal análise vai de encontro à intuição de Cançado, para quem esse verbo só admite realizações como o pronome pseudo-reflexivo e não com o reflexivo. Na verdade, entende-se que o que ocorre com esse verbo é exatamente o contrário: admite reflexivização, mas não ergativização.

(37) séc. 20 - Não há razão, portanto, para nos atormentarmos. p.160
(JA)

confortar – do latim - *confortare*: ‘dar forças a’, ‘fortalecer’ ‘ext. consolar’. O verbo tem origem como causativo. Como suas ocorrências limitam-se ao período arcaico, e à exceção de uma, do século 14, todas as demais são do Boosco Deleitoso, não se pode delinear o perfil histórico do mesmo. Deve-se, contudo, observar que também nesse verbo a atribuição da propriedade de ergativização não se faz sem gerar polêmica. Cançado lhe atribui essa propriedade, e não a de reflexivização. Numa avaliação puramente intuitiva, eu diria o contrário. Uma ocorrência de que se dispõe no

século 15 apresenta uma estruturação claramente reflexiva:

(38) séc. 15 - (...) e [o solitário] há temor e esperança e conforta si mesmo. p.94 (BO)

Não se percebe em que essa estrutura (38) se distingue das atuais. O verbo parece admitir atualmente reflexivização, e não ergativização.

satisfazer – do latim - *satisfacere*, ‘contentar alguém’. Cunha lhe atribui contemporaneamente o sentido de ‘*desempenhar*’, ‘*cumprir*’, além daquele representado por ‘*agradar*’, ‘*saciar*’. É um verbo de origem causativa. Também nesse verbo, a análise do pronome não é pacífica: é difícil atribuir ao pronome o estatuto de reflexivo ou de pseudo-reflexivo.

Observem-se, agora, os verbos do século 15.

Dos 6 verbos com primeira ocorrência no século quinze, 5 (cinco) já se realizam como tais, no latim:

consolar < *consolari* ‘aliviar ou suavizar o sofrimento de’;

contrariar < *contrariare* ‘fazer oposição a’;

confundir < *confundere* ‘misturar desordenadamente’;

aliviar < *alliviare* ‘tornar mais leve’;

humilhar < *humilitare* (latim tardio) ‘rebaixar, vexar, oprimir’ (Fernandes, 1947).

Esse verbo é classificado junto aos da classe 3, por Cançado. Mas considerado o fato de que esse verbo admite construção com *ficar* (*ficar humilhado*), classificou-se o mesmo na classe 4.

Todos esses verbos mostram origem como causativos.

O único verbo que não se registra no latim é o verbo *alegrar*, datado no século

13. Suas ocorrências, a partir do século 15, nos *corpora* não dão indícios de qualquer uso primitivo de ExpS. Também Fernandes (1947) o apresenta como causativo.

Deve-se observar que *consolar* e *alegrar* realizaram construções pronominais, que foram analisadas como ExpO; o primeiro, nos séculos 15, 18 e 19, o segundo, nos séculos 15, 19 e 20. Uma reconsideração dessas sentenças mostra que a análise proposta pode ser questionada, à luz do comportamento desses verbos, no século 20. Isto é, é possível que as mesmas admitam a análise como ExpS. Observem-se as mesmas:

(39) séc. 15 - (...) a minha alma se quis consolar com... p.24 (BO)

(40) séc. 18 - Com a honra que adquire, se consola o que perde a vida.
p.35 (MT)

(41) séc. 19 - Consolaste-te de não ter entrado aí para a Câmara? p.11
(JN)

(42) séc. 15 - (...) e assim espera e se alegra e deleita em amar e seguir
de boa vontade. p.50 (DD)

(43) séc. 15 - (...) e se alegrem os homees com a sua virgindade. p.6
(BO)

(44) séc. 19 - Alegrai-vos...tereis um duque por carrasco. p.735 (GD)

(45) séc. 20 - Portanto alegremo-nos. p.216 (FS)

Por outro lado, pode-se pensar que, na classe 4, o pronome é usado reflexivamente, no período arcaico, e que esse pronome é copiado para marcar as realizações ExpS dos verbos da classe 2 que vão se causativizando. Observada a opacidade atual desse pronome, é possível pensar que o mesmo tenha sido fonte de

ambigüidade maior ainda em período anterior da língua.

6.4.3 Verbos de padrão ExpO na Classe 4 (*Animar*) (século 16 em diante)

Os quadros dos séculos 16 e 17 (cf. Anexo A4) exibem verbos de perfil ExpO categórico, que se confirma através das realizações daqueles que ocorrem em mais de um período histórico. Excetuam-se os verbos *aquietar* e *quietar* (do latim - *quietare*, período para o qual não se dispõe, no momento de descrição de diátese). No que concerne ao português, Fernandes (1947) lhe atribui diátese ambígua: '*tornar quieto*', e '*ficar quieto*'. Tal descrição permite relacioná-lo a verbos da classe 2 que exibem esse tipo de comportamento. Porém, o fato de esse verbo parecer admitir passiva continua inscrevendo-o, por ora, na classe 4.

Os verbos que registram sua primeira ocorrência no século 18 (que, por sinal, se caracterizam por só exibir o padrão ExpO e, destaque-se, na forma sintética) parecem ter origem causativa. Faz exceção o verbo *divertir* cuja origem (do latim - *divertere* '*ir-se embora*', '*afastar-se*', de *vertere*) sugere que o mesmo tenha exibido originalmente e, portanto, em sentido não psicológico, estruturas exclusivamente ExpS. É possível pensar que o mesmo se tenha, posteriormente, submetido ao processo de causativização em momento anterior ao século 18. Esse suposto processo o relaciona a verbos da classe 2, como, por exemplo, *desesperar*. Associada a essa análise registra-se ocorrência ExpS sintética desse verbo no século 20o, conforme se ilustra em (46):

(46) séc. 20o - (...) tem gente que vai prá divertir, agora tem outros
que vai prá brigá. (I.38)

Como se viu, as estruturas ExpS sintéticas caracterizam a classe 2. Interpretada como de ergativização, tal ocorrência do verbo *divertir* pode, à luz da presente hipótese, ser explicada como manutenção da forma ExpS da diátese primitiva do verbo. Esse tipo

de ocorrência do verbo *divertir* é uma das únicas que se registram na classe 4. Ao lado de *divertir*, também registram ExpS sintética os seguintes verbos: *distrair* (20o), *relaxar* (20o), *desanimar* (20o, 20 e 19), *consolar* (17), conforme se ilustra, a seguir:

(47) séc. 20o - (...) nós vamos ao cinema para *distrair*. (I.29)

(48) séc. 20o - (...) porque esse negócio de deitar prá dormir... e também às vezes num *relaxa*, né? (I.39)

(49) séc. 19 - Não *desanimo* com a sua carta; evidentemente tudo depende de mim mesmo. p.52 (JN)

(50) séc. 17 - (...) mas *consolasse* com não achar em si. p.1 (CA)

Para o verbo *distrair*, não parece possível propor a mesma hipótese postulada no caso de *divertir*. Originado da forma latina *distrahere* 'puxar em diferentes sentidos', de *trahere* 'puxar', 'arrastar', exhibe, portanto, diátese acusativa, ainda que seu sentido, nesse período não seja psicológico. Deve-se, então, pensar que suas realizações ExpS sintéticas, no português contemporâneo representam, de fato, processo de ergativização.

Quanto ao verbo *relaxar*, seu sentido no latim (*relaxare* 'afrouxar', 'diminuir a força ou a tensão') atribui-lhe diátese primitiva acusativa, tal como para *distrair*. Poder-se-ia atribuir-lhe a propriedade de ergativização, como para esse último, não fosse a estranheza que causa a constatação de que a forma pronominal do verbo *relaxar* não parecer aceitável. Viu-se que comportamentos como esse caracterizam verbos como *desesperar*, nos quais a realização ExpS é historicamente primitiva. Trata-se de um verbo, portanto, que requer uma investigação mais profunda.

Também no caso do verbo *consolar*, sua realização ExpS sintética no século 17 causa estranheza, pois é o único verbo com diátese primitiva causativa a exhibir ExpS

sintética, antes do século 20. Usado desde a origem como verbo psicológico, sua realização ExpS (cf. (50)), nas cartas de Catarina, pode estar expressando um espelhamento precoce (resultante da gramática do indivíduo), do comportamento de outros verbos psicológicos, processo do qual se voltará a falar, adiante.

Do verbo *desanimar*, já se falou anteriormente.

Ainda que não se tenham percorrido todos os quadros da classe de *animar*, o perfil até agora descrito por um grupo dos verbos que a integram foi suficiente para mostrar que essa classe, igualmente à classe 3, privilegia as estruturas ExpO e abriga verbos cuja maioria tem origem como ExpO. Mas, diferentemente dessa última, exhibe estruturas pronominais ambíguas, cuja dificuldade de análise certamente se deve à face ambígua que alguns de seus verbos descrevem, quando realizam tanto estruturas ExpO (geralmente sintéticas) quanto ExpS (geralmente, analíticas). Quanto às realizações analíticas de ExpS, a classe 4 se aproxima da classe 2, inclusive através das realizações com *ficar*. Mas, diferentemente dessa, os verbos da classe 4 restringem suas ocorrências nesse tipo de estrutura estativa. Ao longo dos séculos analisados, 10 verbos da classe 4 (13,15%) realizam a estrutura com *ficar*. São eles (na ordem em que aparecem a partir do século 14: *confortar, destruir, consolar, satisfazer, ameaçar, atarantar, magoar, alegrar, assustar, desanimar*. Na classe 2, o volume dos verbos que realizam a estrutura estativa com *ficar* aumenta para 34, ou seja, 36,17%. São os seguintes (em ordem de aparecimento): *entristecer, desconsolar, envergonhar, escandalizar, espantar, pasmar, contentar, enfurecer, inquietar, aborrecer, apavorar, desapontar, endoidar, enlouquecer, preocupar, acomodar, afligir, agitar, chatear, chocar, danar, decepcionar, deprimir, desesperar, emocionar, encantar, encucar, enervar, enfastiar, exaltar, grilar, impressionar, maravilhar, revoltar*. Como se viu em 6.3, entre os verbos

da classe de *acalmar*, três verbos (5,35% do total da classe) realizam essa estrutura estativa.

6.5 Análise da relação entre as propriedades

A análise de parte dos verbos de cada classe permitiu dividi-los em dois grupos: os que têm origem como causativos (classes 3 e 4) e os que têm origem como não causativos (classe 2). Esse agrupamento por origem equivale ao mesmo agrupamento que se delineou na análise quantitativa (de ocorrências e de tokens), conforme se explicita, a seguir: os do segundo grupo (classe 2) caracterizam-se por realizar em maior volume que as outras classes as estruturas ExpS. Dentre essas, uma das propriedades sintáticas realizadas os destaca das outras duas classes: a estrutura estativa com o operador *ficar*. Nos verbos do primeiro grupo (classes 3 e 4), a realização dessas propriedades forma um gradiente, como se viu, na análise quantitativa: os verbos da classe 4 dividem suas realizações entre estruturas ExpS e ExpO; quanto às estativas com *ficar*, o percentual de itens que a realizam é compatível com o total de ocorrências, o que situa a classe 4 em segundo lugar no que respeita a essas propriedades. Decorre dos fatores observados a classificação dos verbos da classe 3 em terceiro lugar. A observação desse agrupamento sugere um processo de variação ou mudança por difusão lexical, como se verá a seguir.

A análise apresentada nas seções precedentes deixou explícito o processo de mudança de uma grande parte dos verbos que se classificam contemporaneamente na classe 2: os verbos se causativizaram, mas mantiveram, de uma forma ou de outra (através de realizações sintéticas, analíticas ou pronominais), suas estruturas ExpS. A análise demonstrou que esse processo se implementa gradualmente por difusão lexical. Essa primeira conclusão da análise não explica, entretanto, as realizações ergativas das

outras duas classes (3 e 4). Isto é, tal explicação elucidada, evidentemente, uma parte mínima do processo maior, que se pressupõe mais complexo, e não considera, ainda, verbos recentes da língua que se abrigam na classe 2. Portanto, o fato de identificar que um subgrupo dos verbos que constam da classe 2 corresponde a estruturas primitivas exclusivamente ExpS suscita as seguintes questões:

- i) já que nem todas as realizações de ExpS atuais (dos verbos da classe 2) correspondem às ExpS do período arcaico (isto é, permanecem inalteradas as ExpS dos verbos de origem inacusativa, mas alteraram-se o sentido e a estruturação dos verbos de origem acusativa), o que representam as ExpS dos verbos da classe 2, que se realizam após o período de causativização? Trata-se de ergativização?
- ii) como se explicam estruturas ergativas nas classes 3 e 4, já que seus verbos são, na grande maioria, de origem causativa?
- iii) como se explica o comportamento do falante, que distingue as estruturações possíveis para cada grupo de verbos, sem dispor das informações históricas que justificam o comportamento das mesmas (do que decorre iv)?
- iv) o perfil histórico comum a um grupo de verbos (inacessível do ponto de vista do falante) relaciona-se a um subconjunto de traços (acessíveis do ponto de vista do falante)?
- v) evidenciados os traços pressupostos em iv, os mesmos são configuráveis em algum dos componentes lingüísticos, ou representam o ponto de interseção de dois ou mais deles?

As considerações feitas até aqui permitem dizer que o estatuto ergativo/causativo dos verbos das classes 2 e 4 origina-se no processo de causativização

de alguns verbos originalmente pertencentes à classe 1, que configuram a atual classe 2.

Contra essa hipótese, pode-se apresentar o argumento seguinte: na classe 4, por exemplo, ocorrem alguns verbos e construções perifrásticas (já no período arcaico) aos quais se pode atribuir origem como padrão exclusivamente ExpS. Portanto, o quadro descrito pela classe 4 já questiona a legitimidade da conclusão recém apresentada. Isto é, se a explicação para diferentes configurações sintáticas repousa na origem comum dos verbos, cabe perguntar por que certos verbos da classe 4, cuja origem pode ser de padrão ExpS, aceitam propriedades distintas dos da classe 2 (como a passiva sintática, e o traço positivo de controle de seu argumento sujeito, em qualquer estruturação sintática). Uma resposta possível é dizer que, se esses verbos exibirem ao longo do tempo um comportamento sintático compatível com o subgrupo mencionado da classe 2, eles poderão ser integrados a esse grupo, assim como verbos primitivamente arrolados na classe 2 poderão, de acordo, com sua descrição sintático-semântica, ser agrupados em nova classe. A verificação das ocorrências mostra que tal análise é possível. O verbo *desanimar*, por exemplo, já registra estrutura estativa, no século 14 (cf. (51) a seguir). Consta-se, assim, que seu comportamento sintático é compatível como os verbos da classe de *preocupar*. Uma avaliação intuitiva sugere também que suas realizações passivas (principal propriedade que distingue as duas classes) são, no mínimo, estranhas. Observe-se, aliás, que esse comportamento do verbo vai ao encontro da intuição de Cançado, que o classifica entre os verbos da classe 2.

(51) séc.14 - (...) [os cristãos] que estavam já muito desanimados. p.54

(LI)

O que se quer sublinhar aqui é o seguinte: por ser intuitiva, a classificação dos verbos numa ou noutra classe não questiona a legitimidade da análise; identificado um

uso comum entre distintos verbos, os mesmos devem ser agrupados em uma mesma classe.

A observação do conjunto dos dados permite que se amplie a hipótese sobre a classe 2 através do acréscimo de duas outras: uma, que leva em conta o sistema sintático dos períodos históricos relevantes; outra, que considera um perfil prototípico dos verbos psicológicos. A avaliação dessas duas hipóteses permitirá que se busquem as respostas às questões propostas acima.

6.6 Uma hipótese alternativa

6.6.1 Outros traços pertinentes aos verbos psicológicos

O olhar sobre os dados se modifica grandemente quando se distinguem estruturas ExpS inergativas ou inacusativas de estruturas ExpS ergativas. Como essa primeira etapa da análise mostrou que, tendo em conta o perfil histórico dos verbos da classe 2, não se pode dizer que suas estruturas ExpS são resultantes de um processo de ergativização, é possível imaginar que, sob novo enfoque, esses verbos evidenciem novos traços. As conclusões da primeira etapa da análise permitem a postulação da seguinte hipótese teórica:

- a) observando-se que, contemporaneamente, verbos das classes 2 e 4 exibem estruturas de ExpS ao lado de estruturas de ExpO e tendo em conta que (b);
- b) as estruturas de ExpS têm sido analisadas como resultantes de um processo de ergativização, tanto para a classe 2 como para a classe 4, pode-se refletir que (c);
- c) o fato de se saber que, na classe 2, uma parte das estruturas ExpS não é resultado de um processo de ergativização (são estruturas primitivas) permitiu observar que o conjunto das estruturas ExpO das duas classes, estruturalmente iguais,

abriga verbos de percursos históricos distintos: as estruturas de ExpO de um grupo de verbos da classe 2 são resultado de um processo de causativização ao qual se submeteram esses verbos. Como não se tem informação atestada de verbos originalmente inergativos ou inacusativos entre os da classe 4, deve-se concluir que os mesmos são originalmente causativos. Portanto, do ponto de vista das estruturas de ExpO, os verbos da classe 2, ao se causativizar, passaram a se confundir com os da classe 4 (originalmente causativos). Assim duas séries de verbos originalmente distintos se mesclaram, do ponto de vista de suas estruturas ExpO.

A formulação da hipótese, conforme exposta até o momento, suscita, naturalmente, a seguinte questão: a hipótese justifica tanto as estruturas ExpS de um subgrupo quanto as de ExpO, para a classe 2. Explica também as estruturas de ExpO da classe 4. E quanto às outras estruturas ExpS da classe 2 e às da classe 4, como se explicam as mesmas? Configurado como está, o quadro descritivo das duas classes proporciona uma única explicação plausível: as estruturas ExpS sintéticas dos verbos da classe 4 são resultado de um processo de ergativização. Quanto às estruturas pronominais, as mesmas são variavelmente interpretáveis como ExpS ou ExpO, dependendo do estatuto do verbo, como se verá adiante. Na classe 2 as estruturas ExpS são:

- a) manutenção da estrutura original de verbos inacusativos que se causativizaram, como, por exemplo, *desesperar, enlouquecer*;
- b) manutenção da estrutura original de verbos originalmente acusativos que, ao se causativizarem geraram ambigüidade como, por exemplo, *aborrecer, admirar*. De tal estado decorre que esses verbos passam a marcar posteriormente suas

realizações ExpS para resolver a ambigüidade criada, de fato;

c) ergativização para verbos originalmente causativos, cujo processo (de ergativização) está mais adiantado do que em outros (ver adiante processo de PSI/DESPSI). Verbos como *preocupar*, *interessar* ilustram esse processo.

Tal explicação desencadeia o seguinte questionamento: por que esses verbos marcam suas estruturas ExpS com o pronome *se*? Na análise da classe 4, já se respondeu a essa questão. O uso do pronome *se* (que permite classificação categórica como reflexivo, no uso dos verbos da classe 4, no período arcaico) carrega, além da função semântica de reflexivização e de envolvimento do sujeito, na ação descrita pelo verbo, a função estrutural de aproximar o experienciador da posição de sujeito. Com base nesse traço estrutural (posição) e no semântico (envolvimento do sujeito), os verbos recém causativizados vão copiando as estruturas ExpS dos verbos originalmente causativos (isto é, os da classe 4), recurso através do qual marcam suas estruturas originais (e, ainda, preferenciais), tornadas ambíguas. A partir desse momento, o pronome *se* torna opaco, podendo ser, ou não, marca de reflexivização. Tornados estruturalmente iguais (verbos originalmente causativos e verbos causativizados) os verbos realizam, sob a ótica do falante, estruturas pronominais que assinalam o envolvimento do sujeito na ação descrita pelo verbo: a função reflexiva pode existir ou não. Tal quadro vai tornando opaco o pronome nos próprios verbos da classe 4, o que permite aos mesmos que passem também a realizar estruturas pronominais sem o traço semântico reflexivo. Deve-se observar que tal opacidade se mantém como tal no uso de alguns verbos da atualidade, como se viu para os verbos da classe 4. Através de tal processo, esses verbos vão se tornando causativo/ergativos. Tornados estruturalmente iguais, os verbos das classes 2 e 4 preservam, todavia, traços de suas origens que são

opostas. Verbos originalmente causativos se reflexivizam e são passivizáveis. Ora, os verbos da classe 4 continuam exibindo essas propriedades originais. Também os verbos originalmente acusativos admitem reflexivização e passivização (propriedade que será reavaliada adiante). O que faz, então, que os verbos causativizados não realizem a passiva e, na maioria da vezes, não tenham seu pronome interpretado como reflexivo? A trajetória histórica dos mesmos explica esse comportamento? Mas que traços exibem para o falante, de modo que o mesmo, desconhecendo sua história, privilegie-os em um uso, em detrimento de outros?

Antes de se responder a essa última questão, é conveniente esclarecer a relação entre os processos de ergativização e de causativização. Analisada à luz da identificação de um processo de causativização no sistema verbal como um todo (Bittencourt, 1995), a hipótese de um processo de ergativização, conforme presumido em Whitaker-Franchi e Cançado fica a pedir uma explicação que justifique seu encaixamento estrutural, já que se configura como processo que caminha em direção oposta ao primeiro. A presente análise delinea o processo de ergativização em um grupo de verbos (classe 4 e parte dos verbos da classe 2) como resultado de um processo de opacidade de estruturas primitivas desses verbos, processo resultante de outro que o antecede: o de causativização. O encaixamento pode, dessa forma, ser explicado como resultado de alterações em outro ponto do sistema. Labov (1994:237-44), ao tratar dos fatores internos responsáveis pelas mudanças, destaca esse tipo de reação em cadeia, na análise de mudanças do sistema fonológico. À luz da presente hipótese, observa-se que o sistema sintático também pode exibir reações em cadeia.

Retorne-se, agora, à questão relativa aos traços que os grupos de verbos de distintas origens exibem para o falante. Essa reflexão se trilha num campo misto, cuja

configuração se delinea no componente semântico, mas é tributária do componente sintático, num processo específico que tem por pressuposto o seguinte axioma:

Axioma 1- qualquer subcategorização da realidade (lingüística inclusive) pressupõe o estabelecimento de uma escala pela qual se distribuem os elementos, de acordo com o número de traços (pertinentes e distintivos da referida categoria) que exibem.

Mediante o axioma 1, pode-se observar que:

- i) os verbos psicológicos privilegiam a posição de sujeito sintático para seu experienciador, conforme se vê na Tabela (5.20).

A Tabela 5.20 mostra que do século 14 ao 17 o universo total das classes de 1 a 4 (desconsideradas as de n.º 5 e 6, que também só realizam ExpS) apresenta percentuais sempre superiores a 50% de estruturas ExpS (análise quantitativa de itens e não de tokens, cujos percentuais se equivalem, de toda maneira). Tendo em conta que, em cada período, esses percentuais de ExpS dividem o espaço com verbos de padrão ExpO, mas também de padrão misto cujas realizações, em termos de tokens, acabam privilegiando estruturas de ExpS, pode-se dizer que a maioria das realizações totais dos verbos psicológicos é de ExpS, do que decorre ii.

- ii) A estrutura prototípica dos verbos psicológicos é ExpS, do que decorre iii;
- iii) Todo verbo passível de ser classificado como psicológico terá mais chances de sê-lo quanto maior for o seu uso em estruturas ExpS.

Citem-se, a título de exemplificação de iii, as quatro classes com as quais se tem lidado: quando se quer fazer referência a verbos psicológicos (em textos não especializados sobre os mesmos), é comum que os verbos escolhidos sejam os da classe

1 (*temer*). Ora, verbos como *amar*, *desejar*, só realizam seu experienciador na posição de sujeito sintático da oração. Isto é, o seu sentido de “*estar em estado psicológico*” está indissoluvelmente ligado a uma estruturação ExpS. Essa constatação pode responder, em parte, à questão formulada em 2.3.1.3, quando se refletiu que alguns verbos pareciam mais psicológicos do que outros. Assim, um (o sentido) é o reverso do outro (a estruturação). Observe-se que a perspectiva metalingüística corrobora essa afirmação: o sintagma que define semânticamente essa classe de verbos é estativo, construção que só admite o experienciador na posição de sujeito sintático. Isto é, a definição semântica desses verbos – estar em estado psicológico – pode ser parafraseada como i:

i) X está em estado psicológico de amor / preocupação / calma / ânimo

mas não pode ser parafraseada diretamente como ii)

ii) Y faz X estar em estado psicológico de amor / preocupação / calma / ânimo

já que a verdade de ii pressupõe a verdade de i. Isto é, a própria definição de verbo psicológico se faz por uma estruturação lingüística inergativa.

Uma outra possibilidade de ilustrar o que se tentou demonstrar é através da observação da correlação de sentenças.⁶

A correlação em pauta não pode, entretanto, prescindir da noção de condições de verdade que lhe subjaz. Consideradas as sentenças (52) e (53):

⁶ As relações de pressuposição e/ou acarretamento, conforme Kempson (1980) podem prestar-se também à presente análise. Não se contemplam essas noções na análise subsequente, porque as mesmas pressupõem a consideração de um referencial teórico para cuja consideração já não se dispõe de espaço nesta tese. A análise de correlação entre as sentenças pode substituir provisoriamente as relações de pressuposição que poderão ser consideradas em trabalho ulterior.

(52) João anima Maria.

(53) João preocupa Maria.

pode-se dizer que a identificação de verdade em (52) e (53) pressupõe a consideração distinta de dois focos, o primeiro, representado pelo sujeito sintático da oração, o segundo, pelo seu objeto. Assim, temos que (52) correlaciona-se a dois enunciados, quais sejam, (54) ou (55):

(54) Maria (se) anima.

(55) Maria não se anima.

cuja veracidade (ou não veracidade) não afeta a veracidade de (52). A possibilidade da realização lingüística (56) ilustra essa correlação.

(56) João anima Maria, mas não adianta; ela continua desanimada.

o que, extraindo de (56) duas sentenças (57) e (58):

(57) João anima Maria.

(58) Maria não se anima.

possibilita a representação da relação abaixo:

(57)	(58)
V	(V v F)

Isto é, o fato de Maria se *animar* (ou não) não afeta o valor de verdade de (57) que só pode ter seu valor de verdade alterado por sua correspondente negativa, expressa em (59):

(59) João não anima Maria.

Observe-se que a correlação é diferente com o verbo *preocupar*. Considerada a sentença (60), é possível dizer que (60) é verdadeira se, e somente se, (61) for verdadeira;

(60) João preocupa Maria.

(61) Maria se preocupa com João.

A não aceitabilidade de uma sentença como (62) ilustra a restrição sobre (60):

(62) *João preocupa Maria, mas não adianta, ela não se preocupa.

Os distintos julgamentos de aceitabilidade que se propõem para (62) - onde o verbo é da classe 2, e para (56) - onde o verbo em foco é da classe 4, sinalizam que as correlações entre sentenças integradas pelos verbos das classes 2 e 4 são distintas, no que concerne à avaliação de seu valor de verdade, quando os mesmos se realizam em estruturas de ExpO. Pode-se dizer que os verbos da classe 4 não têm seu valor de verdade afetado pela veracidade da segunda proposição que se lhes adjunge porque o seu sentido primitivo é o de ser agente de um processo que pode (ou não) desencadear um estado psicológico. A atribuição desse sentido primitivo tem respaldo na informação histórica de que se dispõe (os verbos da classe 4 são originalmente causativos), bem como na aceitação de realizações lingüísticas como (56). No caso da classe 2, a não aceitabilidade de (62), no português contemporâneo, ilustra a demonstração acima, na qual (61) tem precedência sintático-semântica sobre (60), o que vai ao encontro da origem dos verbos da classe 2 como ExpS: a estrutura ExpS tem primazia lógica e histórica sobre a estrutura ExpO.

6.6.2 O estatuto psicológico dos verbos

A argumentação apresentada na seção precedente permite estabelecer uma escala de prototipicidade, pela qual se distribuem as diversas classes até aqui consideradas. O critério de organização dessa escala se baseia na conjugação dos dois fatores: origem e uso. As observações relativas à origem dos verbos orientam-se, como se viu, por informações de dicionários contrastadas ao perfil dos verbos nos *corpora* que orientam esta pesquisa. O fator *uso* relaciona-se às propriedades sintáticas exibidas por cada verbo (cf. Anexos A1, A2, A3, A4). A conjugação dos dois fatores permite afirmar que o verbo psicológico prototípico é aquele que tem origem em estruturas ExpS e uso exclusivo nessas estruturas.

1- A classe prototípica é a de *temer*: os verbos que se classificam contemporaneamente nessa classe evidenciam um perfil absolutamente categórico no que concerne aos dois traços prefixados. Verbos como *amar*, *desejar*, *venerar* ilustram a mesma.

2- Pelos mesmos critérios se classificam, em segundo lugar:

a) os verbos da classe 2, que comungam (uma parte deles) com a classe 1 (*temer*) o primeiro traço (origem), mas não o segundo, de forma absoluta. Isto é, apesar de favorecer estruturas de ExpS, os verbos da classe 2 realizam também estruturas ExpO. Uma parte dessas estruturas causativas é resultante de um processo de causativização (i, ii). Outras são estruturas ExpO originais (iii). Dentre os verbos que apresentam estruturas ExpO originais, arrolam-se também alguns verbos das classes 3 e 4. Portanto, arrolam-se nesse segundo nível da escala:

- i) verbos originalmente inacusativos como *desesperar, enlouquecer, grilar*. Nesse tipo de verbo, as realizações ExpS não representam ergativização; são apenas manutenção da estrutura original;
- ii) verbos originalmente acusativos não causativos como *enojar, aborrecer*. Nesses verbos, as estruturas ExpS pronominais não representam ergativização. São estruturas ExpS originais que, para prevenir ambigüidade, passam a ser marcadas pelo pronome se, que desenvolve, então, o estatuto pseudo-reflexivo (cf. 6.6.1).
- iii) verbos originalmente causativos. Arrolam-se dentre esses todos os verbos de origem causativa que se classificam na classe 2, bem como alguns das classes 3 e 4. Os verbos *apavorar, interessar, preocupar* ilustram os da classe 2. São verbos cuja realização ergativa (sintética) está associada a um volume expressivo de realizações estativas com os operadores *ser, estar ou ficar* (cf. Anexo A2). Os verbos *amansar, acalmar e tranquilizar* são os três verbos com classificação original na classe 3, cujo uso (cf. 6.3) permite classificação no segundo nível da escala de prototipicidade: desenvolvem estruturas estativas (cf. Anexo A3), o que corrobora a avaliação intuitiva de que suas estruturas ergativas pronominais e/ou sintéticas são aceitáveis. Dentre os da classe 4, destacam-se alguns cujas realizações de estruturas estativas relacionam-se à avaliação intuitiva de que suas realizações ergativas sintéticas ou pronominais são aceitáveis. São verbos como *alegrar, assustar*. Outros como *distrair e divertir* ilustram, através de realizações ergativas (cf. (46) e (47) em 6.4.3 e Anexo A4), com os demais da classe 2 o grupo de verbos originalmente

causativos cujo processo de ergativização parece mais adiantado.

- 3- No terceiro nível da escala classificam-se os verbos com perfil ExpO original cujo uso apresenta esporadicamente estruturas ExpS analíticas. Todos os verbos desse terceiro nível são provenientes da classe 4. São verbos cujas realizações estativas podem ser analisadas como índice de um processo de ergativização incipiente. Verbos como *consolar*, *desvalorizar* e *satisfazer* ilustram o perfil daqueles que podem ser classificados neste nível da escala (cf. Anexo A4).
- 4- No último nível da escala, classificam-se os verbos cujas propriedades sintáticas restringem-se a estruturas ExpO. Este nível compõe-se basicamente de verbos da classe 3 (excetuados *amansar*, *acalmar* e *tranqüilizar* que, como se viu, integram o segundo nível da escala).

A hierarquização das classes permite a postulação de um processo de psicologização/despilogização, doravante PSI/DESPSI, respectivamente, que passo a explicitar e cuja consideração permite uma classificação do estatuto psicológico dos verbos.

Os verbos do nível 1 são, como se viu, prototípicos: têm sempre o sentido de “estar em estado psicológico de” e veiculam esse sentido através de estruturas ExpS, de forma categórica. São, portanto, historicamente, os verbos psicológicos, por excelência. Tendo-se depreendido da análise individual dos verbos da classe 2 que alguns deles pertenceram originalmente à classe 1 e formaram (juntamente com outros de origem inacusativa) uma nova classe (classe 2) ao se causativizar, constata-se que, do ponto de vista da escala recém proposta, tais verbos sofreram concomitantemente ao processo sintático (causativização), um processo semântico de DESPSI parcial, já que passaram do primeiro para o segundo nível na escala de prototipicidade. As mesmas razões pelas

quais a realização de estrutura causativa os torna menos psicológicos atuam no fato de que a manutenção de estruturas de ExpS, numericamente superiores, preserva seu estatuto psicológico. Como os verbos da classe 2 privilegiam, até o momento, estruturas de ExpS, os mesmos se mantêm no segundo lugar da escala de prototipicidade. De tal explicação decorre a possibilidade da seguinte previsão: se, porventura, verbos que atualmente se arrolam no segundo nível da escala passarem a privilegiar as estruturas de ExpO, de forma absoluta, os mesmos chegarão a um estágio de despsicologização.⁷ Por outro lado, observa-se que os verbos originalmente causativos distribuem-se pelos três últimos níveis da escala, de acordo com sua maior ou menor propensão à realização da propriedade de ergativização. Relacionada à frequência de estruturas estativas, essa propriedade determina, como se viu, a posição de cada verbo na escala, do que decorre seu grau de prototipicidade em relação ao estatuto psicológico. Os diferentes níveis ocupados pelos verbos da classe 4 representam os diferentes estágios do processo de PSI desses verbos. Portanto, o fator que distingue os verbos da classe 4 dos verbos da classe 2 é o mesmo que distingue os verbos da classe 4 entre si, isto é, o estágio de evolução do processo de PSI. Assim, dentre os causativos, os que se arrolam entre os da classe 2 são aqueles cujo processo de PSI está mais adiantado (ou completo), tanto que os mesmos ocupam o segundo nível da escala. Alguns verbos com classificação na classe 4 ocupam também o segundo nível da escala. Os demais são aqueles cujo estágio no processo de PSI está em progresso, o que os classifica no terceiro nível. Observe-se, ainda, que, apesar de postulado a partir das propriedades sintáticas dos verbos, o

⁷ Tal previsão deixa entrever uma atuação determinante do componente sintático, questão à qual se voltará, adiante. Ver-se-á, também adiante, que um grupo de verbos da classe 3 ilustra esse estágio, o que não implica que, nesses últimos, o processo de DESPSI represente um estágio final. Poderá o mesmo ser identificado como estágio inicial, o que caracterizará esses verbos como não psicológicos, que estão (ou não) em processo de psicologização.

processo de PSI tem correspondência semântica. Isto é, diversos verbos como, por exemplo, *enervar*, *agitar*, *espantar* só admitem a correlação ergativo-causativo quando considerados em seu sentido psicológico. Apesar disso, não se pode sugerir que o desenvolvimento do sentido psicológico seja a razão pela qual os verbos originalmente causativos desenvolvem estruturas ExpS, pois numerosos verbos das classes 3 e 4 veiculam um sentido psicológico ainda que suas possibilidades de realização lingüística se limitem a estruturas ExpO, desde sua origem. O que se observa em relação a verbos como *espantar*, por exemplo, é que se suas realizações ExpO veiculam tanto um sentido físico quanto um sentido psicológico, o mesmo não se pode dizer de suas estruturas ExpS, que realizam exclusivamente o sentido psicológico. Nesse sentido, esses verbos realizam duplamente o processo de PSI, quando desenvolvem estruturas ExpS. Isto é, ao realizar-se em estruturas ExpS, esses verbos adquirem traços (sintáticos) dos verbos psicológicos do nível 1 e, além disso, passam a veicular um sentido psicológico, exclusivamente.

6.6.3 O processo de PSI/DESPSI e o traço de *controle*

A postulação do processo de PSI/DESPSI permite que se considere um traço adicional: o traço de *controle*. Sua postulação em Cançado (1995) é determinante, como se viu (2.2), na distinção que a autora identifica entre as classes 2, 3 e 4. Destacado, enquanto tal, esse traço ganhou maior relevância diante da observação do fato de que sua atribuição aos verbos da classe 2 não é estável (cf. 2.3.1), o que, recorde-se, questiona, segundo a própria autora, a representação lexical proposta para essa classe. Dentre as reflexões suscitadas pela observação do comportamento dos verbos, sugeriu-se anteriormente que a instabilidade do traço de controle nos verbos da classe 2 poderia estar relacionada a algum processo de variação e mudança. Reavalie-se o alcance da

postulação desse traço no quadro que se delinea presentemente.

Recorde-se, em primeiro lugar, a postulação do traço de controle por Cançado (1995). É atribuído o traço [+controle] ao argumento sujeito das representações lexicais das classes 1, 3 e 4. Ao argumento sujeito da representação lexical da classe 2 é atribuído o traço [-controle]. O traço negativo de controle explica, de acordo com Cançado, a não aceitação da propriedade de passiva sintática pelos verbos da classe 2. Mas, como se viu, Cançado observa que, quando se estruturam com ExpS, os verbos da classe 2 parecem atribuir o traço [+controle] ao seu argumento sujeito. Uma análise intuitiva realizada no início da análise dos verbos psicológicos permitiu que se acatasse a observação de Cançado e se levasse para a análise a busca de solução para o problema assinalado. Isto é, é evidente que se os verbos da classe 2 exigem duas representações lexicais de acordo com as estruturas ExpS e ExpO que realizam, a proposta de projeção de uma hierarquia temática cai por terra, pelo menos para os verbos dessa classe. A hipótese de que essa variação do traço de controle estivesse refletindo um processo de mudança dessa classe poderia conciliar tal variação e projeção da hierarquia temática.

A presente análise dos verbos acrescentou novos traços à caracterização dos verbos em estudo. Viu-se que a noção de verbo psicológico prototípico destaca dois fatores: a) ter um sentido psicológico parafraseável pela estrutura *estar em estado psicológico*; b) realizar-se sempre em estrutura ExpS. A configuração do verbo psicológico prototípico ressalta um aspecto importante do traço de controle: o traço [+controle] faz parte do conjunto dos traços responsáveis pela caracterização do verbo psicológico prototípico. De acordo com as representações lexicais, conforme expostas em Cançado 1995, apenas a representação lexical da classe 2 atribui o traço [-controle] ao argumento sujeito dos verbos dessa classe. A partir da observação de que os verbos

da classe 2 exibem o traço [+controle] no seu argumento sujeito, quando o mesmo é ocupado pelo experienciador, destaca-se uma simetria entre as classes: todas exibem o traço [+controle] quando o experienciador está na posição de sujeito. Sendo a estrutura ExpS um dos traços do verbo psicológico prototípico, pode-se dizer que o mesmo condensa mais um traço, o traço [+controle].

Prolongue-se, um pouco mais, a reflexão sobre o traço de controle. Observa-se que esse traço não é um traço facilmente identificável ou definível. Em Cançado, com base em trabalhos anteriores, esse traço é associado ao agente que controla (ou não) o processo pelo qual é responsável. Trata-se de um traço (o de [controle]) relacionado ao plano do evento (cf. Cançado, 1995:110), cuja incorporação nas representações lexicais causa uma certa estranheza pois a análise passa a considerar papéis “anfíbios”, isto é, papéis a cujos traços relacionados ao evento, mas filtrados pela realização lingüística, como o de CAUSA, nos termos de Cançado, são acrescentados traços como esse de [controle], exclusivamente explicado no plano do evento (apesar de relacionado ao plano lingüístico). É, portanto, desejável que esse traço de controle seja detectável no (e através do) plano lingüístico. A análise de correlação entre sentenças pode ser útil na caracterização de um traço como esse. Viu-se que tal análise permite identificar um processo no qual o valor de verdade de uma proposição controla o valor de verdade da outra. Tal perspectiva identifica, portanto, um traço ao qual se pode também denominar traço de controle. Sua configuração será certamente distinta daquela que lhe atribui Cançado, já que, no escopo da presente análise, o plano de identificação e de aferição é o lingüístico. Passo a explicitá-lo no próximo parágrafo.

Observado o fato de que as condições de verdade das proposições representáveis por estruturas ExpS não são dependentes das condições de verdade de

outras proposições com as quais co-ocorrem, deve-se concluir que todo verbo com estatuto psicológico atribuí ao sujeito das sentenças em que ocorre o traço positivo de controle. Tal implica que, seja qual for o nível do verbo na escala de estatuto psicológico, ao integrar estruturas ExpS, tal verbo admitirá o traço [+controle] para seu argumento sujeito. Resta saber, nesse ponto, por que os verbos das classes 3 e 4 mantêm esse traço nas estruturas ExpO, ao passo que a classe 2 o perde. De certa forma, a explicação já foi dada: tal traço parece ser inerente ao estatuto primitivo (histórico) do verbo e relaciona-se ao quadro de correlação envolvido. Observou-se, acima, que quando se divide a noção expressa pelos verbos psicológicos (em estruturas ExpO) em duas proposições, tem-se que, para alguns, as condições de verdade de uma proposição determinam as condições de verdade da outra. Os verbos que exibem esse tipo de relação são os da classe 2. Na classe 3 e na maior parte dos tipos de estruturação da classe 4 as proposições são independentes uma da outra, do ponto de vista de suas condições de verdade. Pode-se, então, dizer que no tipo de relação que se estabelece entre as proposições contendo verbos da classe 2 uma noção de controle se estabelece, no sentido de que as condições de verdade de uma proposição controlam as condições de verdade da outra. A verdade expressa por *preocupar* em *João preocupa Maria* se submete à verdade de *Maria (se) preocupa*. Assim, do ponto de vista de sua hierarquização na escala de estatuto psicológico, os verbos da classe de *preocupar*, ao se causativizarem, descem um nível da escala, abandonando um padrão de proposição simples (absoluta, indivisível) para integrar um padrão binário no qual um elemento da correlação (a proposição absoluta trazida do primeiro nível) controla as condições de verdade da outra. Sendo a estrutura *Paulo (se) preocupa* a estrutura prototípica, não binária, é ela que controla as condições de verdade de *João preocupa Paulo*. Diferentemente, nos verbos das classes 3 e 4, o fato de a estrutura causativa ser

historicamente primitiva, mas principalmente mais usual, determina que essa estrutura corresponda a uma proposição absoluta que não se correlaciona a outra que controle suas condições de verdade. Assim, tais verbos atribuem o traço [+controle] ao seu argumento sujeito. Quando, num segundo momento histórico, esses verbos exibem processo de ergativização, suas estruturas originais ExpO passam a corresponder a duas proposições, tal qual na classe 2. Mas, diferentemente dessa última, nos verbos da classe 4 a relação entre as duas proposições não pressupõe uma correlação, e quando a pressupõe, a mesma não é implicada no plano temporal, podendo, pelo contrário, dar-se em sentido (temporal) inverso ao da classe 2. Assim, quando os verbos da classe 4 integram estruturas ExpS, os mesmos exibem também o traço [+ controle] em seu argumento sujeito porque passam de uma estrutura ExpO, que corresponde a uma proposição absoluta, para outra (estrutura ExpS), que também corresponde a uma proposição absoluta. Repitam-se os exemplos (56) e (62) que ilustram o tipo de relação aqui explicitada:

(56) a - João anima Maria

b - mas não adianta, ela continua desanimada.

*(62) a - João preocupa Maria

b - mas não adianta, ela não se preocupa.

A não aceitabilidade de (62) decorre do fato de que o sentido de *b* conflita com o sentido de *a*, o que mostra que *a* correlaciona-se obrigatoriamente a (62c):

(62) c- Maria se preocupa.

A aceitabilidade de (56) decorre do fato de que o sentido de *b* não conflita com o sentido de *a*, o que mostra que *a* correlaciona-se tanto com *b* como como com *c*

Assim tem-se que em (62) se estabelece uma correlação ordenada no sentido no sentido $c \rightarrow a$, do ponto de vista de precedência semântica.

Em (56) não há correlação obrigatória, o que não impede que a mesma se instaure, de acordo com diferentes perspectivas dos elementos do discurso. Ainda assim, quando a correlação existe, seu sentido (direção) é o oposto de (62). Em (56), o sentido da correlação é $a \rightarrow c$.

Essas correlações que dizem respeito às condições de verdade deixam entrever outro tipo de relação nos verbos das classes 3 e 4. Isto é, quando o discurso determina que a relação correlacional obrigatória (de acordo com o evento narrado) a relação $a \rightarrow c$ exibe o traço de causalidade. Nesse momento, os verbos exibem sua propriedade causativa original. O mesmo não se coloca, evidentemente, para os verbos da classe 2.

Reconsiderando a escala dos verbos, observa-se que a consideração das correlações atribuiu diferentes níveis às classes, na escala, e que esse níveis coincidem com aqueles que foram previamente estabelecidos a partir da frequência das estruturas ExpS e ExpO em cada classe. Isto é, quanto mais as estruturas são controladas por proposições ExpS, mais psicológico é o verbo que as integra. Observa-se que, mesmo quando a estrutura ExpS não se realiza na estrutura superficial, ela se realiza na estrutura profunda (classe 1). Na classe 2, a mesma se estabelece como correlação obrigatória de sentenças que se estruturam em ExpO. Já na classe 4, quando não se realiza como tal, sua pressuposição é variável, o que determina que, quando a estrutura é interpretada como não correlacionada a uma ExpS, o verbo passe a se comportar como os da classe 3. A classe 3 é justamente a dos verbos classificados no último lugar da escala, em função do número expressivo, quase categórico, de estruturas ExpO. São raros os verbos dessa classe cuja interpretação permita a correlação com uma

proposição ExpS. Considerem-se, a título de exemplificação, alguns verbos de cada classe.

cl.2 – A frase *João afligiu/ aborreceu/ espantou/ grilou Maria* correlaciona-se (obrigatoriamente) a outra tal como *Maria se afligiu/ aborreceu/ espantou/ grilou*.

cl.4 – A frase *João animou / aterrorizou/ consolou /ofendeu Maria* pode correlacionar-se a outra tal qual *Maria se animou/ aterrorizou / consolou / ofendeu*, mas não obrigatoriamente.

cl.3 – Listam-se, nessa classe, verbos cuja estruturação é compatível com a da classe 4, isto é, podem correlacionar-se a uma proposição ExpS: *João acalmou/ tranqüilizou/ serenou Maria* pode pressupor *Maria acalmou-se/ tranqüilizou-se/ serenou-se*. Há outros, entretanto, que não se correlacionam (como também não podem se correlacionar) a qualquer outra proposição ExpS. A frase *João provocou/ conquistou/ tapeou/ supliciou Maria* não se correlaciona a **Maria provocou-se/ conquistou-se/ tapeou-se* (se ergativo)/ *supliciou-se*, tanto é que as mesmas não são lingüísticamente representáveis. Com se viu em 6.6.2, os primeiros verbos citados dessa classe parecem poder ser listados com os da classe 2 e alguns da classe 4, isto é, no segundo nível da escala. Os últimos são os que integram o último nível da escala. Observados os traços que lhes são atribuíveis, observa-se que nenhum daqueles apontados como caracterização dos verbos psicológicos pode ser apontado para os mesmos. Não exibem, portanto, nenhum traço de verbo psicológico. Seu próprio estatuto de experienciais não é concreto. Observadas as frases dadas, deve-se perguntar, tanto do ponto de vista do seu sujeito, como do ponto de vista do objeto: quem experencia alguma coisa? Qualquer

que seja a resposta, a mesma não comportará um item cognato do verbo.⁸ Essa constatação remete ao questionamento apresentado em 2.3.1.3, acerca do estatuto do experienciador. A atribuição de traços permite excluir os mesmos do grupo dos psicológicos. Resta definir se os mesmos são, de alguma forma, experienciais, o que requer, naturalmente, um outro universo de pesquisa.

Pode-se dizer que esse conjunto de traços parece suficiente para determinar porque as propriedades sintáticas são distintas para cada subgrupo de verbos. Observa-se que os verbos que determinam uma relação de correlação obrigatória com estrutura ExpS não admitem a voz passiva. São os da classe 2, conforme se explicita, a seguir: a condição necessária para que um verbo se realize na voz passiva é, em primeiro lugar, sintática; isto é, o verbo deve integrar uma oração com dois argumentos (um, interno, ligado ao verbo sem preposição; outro externo) correspondentes ao sujeito e objeto direto sintáticos da análise tradicional. Trata-se, no caso dos verbos das classes 2, 3, e 4, das realizações ExpO. Ora, como se viu, na classe 2 toda realização ExpO traz embutida uma outra, que é ExpS (a proposição obrigatoriamente correlacionada). Pode-se propor, então, que toda sentença cujo valor de verdade seja dependente daquele da sentença correlacionada não é passivizável. Observe-se que, no caso de uma suposta realização passiva como **Maria é preocupada por João*, João não é agente, já que o valor de verdade da sentença na qual ele é sujeito sintático se submete à verdade da *preocupação de Maria*. Tal configuração lingüística é recuperável no plano do evento: João pode “fazer e acontecer”, se Maria não quiser se *preocupar*, ela não vai se *preocupar*.

⁸ É possível que a resposta contenha um item cognato do verbo se for admitido que, em tais sentenças, o experienciador é sujeito. Assim, deve ser avaliada a hipótese de que dada um sentença como *João conquista Maria*, a mesma possa ser parafraçada por outra tal como *João está em estado psicológico de conquista*. A possibilidade de uma leitura como essa pode explicar a dificuldade que expressei (cap.2), em relação à identificação dos experienciadores de algumas sentenças.

Portanto, quando alguém diz que *João preocupa Maria*, é porque esse alguém observou que *Maria está preocupada* e que o alvo de sua preocupação é *João*. Pragmaticamente, *João só* pode ser focado depois de *Maria*. Já como o verbo *animar*, o processo é diferente: pode-se focar *João animando Maria*, ainda que sua ação não tenha o reflexo desejado em *Maria*, isto é, ainda que *Maria permaneça desanimada*. No foco aqui exposto, a verdade de *João anima Maria* não se correlaciona (obrigatoriamente) à verdade de nenhuma outra proposição.

Deve-se observar que a explicação no plano do evento, a que se procedeu há pouco, só é possível a partir das distintas realizações lingüísticas das proposições, isto é, suas diferentes combinações das quais decorrem as interpretações. Portanto, ainda que essa explicação no plano do evento possa sugerir, conforme se faz em algumas passagens de Whitaker-Franchi e de Cançado, que as estruturas lingüísticas revelam-se uma projeção da representação semântica do plano do evento, o que se quer demonstrar é exatamente o contrário.

Os verbos da classe 4 são particularmente úteis para explicitar a determinação das estruturas sintáticas sobre as interpretações semânticas. No caso de um enunciado como *João anima Maria*, que tenha uma conseqüência explicitável numa proposição como *Maria se anima*, observa-se que a proposição que estabelece correlação é a última. Ou seja, tanto num foco quanto num outro, a sentença que tem *João* por sujeito não se correlaciona a nenhuma outra, na perspectiva causal. É um verbo causativo, como o era na origem, e é passivizável, como também o era, na origem. Mas há uma situação na qual o verbo *animar* integra estrutura cujo valor de verdade se submete ao processo de controle por outra. A sentença *João anima Maria com sua chegada*, correlaciona-se obrigatoriamente a *Maria se anima (=Maria fica animada)*. Ora, essa

sentença não admite passiva (**Maria é animada pela chegada de João*) de acordo com Cançado, posição que endosso. Observe-se que, nessa sentença, o valor de verdade de *animar* correlaciona-se obrigatoriamente a uma proposição cuja estruturação linguística só pode ter leitura ergativa e não reflexiva, como quer originalmente o verbo *animar*. Assim, observa-se que, quando o verbo *animar* integra uma sentença cujo valor de verdade correlaciona-se obrigatoriamente a outra linguisticamente representável por estrutura de leitura exclusivamente ergativa, o mesmo não é passivizável. Descreve nesse contexto um comportamento paralelo aos da classe 2. Esse exemplo mostra que o verbo *animar* está em processo de psicologização, caminhando do nível 3 para o nível 2 da escala de prototipicidade⁹. A representação linguística através de estruturas ergativas pode confundir a argumentação, já que se trata de uma propriedade opaca. Lembrando a definição de verbo psicológico, pode-se repetir, em outros termos, a argumentação proposta, no princípio 1, a seguir:

Princípio 1

não será passivizável aquela sentença cujo argumento interno seja estruturável (na qualidade de argumento externo) em outra sentença (cujo valor de verdade se correlacione à primeira) que admita uma construção perifrástica do tipo *estar / passar a estar* em estado psicológico de + substantivo correspondente ao verbo focalizado na sentença original.

O princípio 1 permite mostrar que à medida que o verbo *animar* vai realizando estruturas que lhe atribuem mais traços de verbo psicológico (veja-se escala), menos admite a propriedade de passivização. Essa afirmação delinea um processo de

⁹ Essa avaliação é, evidentemente, variável de acordo com a gramática da comunidade ou do indivíduo focados.

distribuição complementar das duas propriedades (ergativização e passivização), aspecto ao qual se voltará adiante. Observe-se, antes, como os verbos da classe 3 se comportam diante do princípio 1.

Quanto à classe 3, já se viu que a maioria de seus verbos comporta-se como os de *animar*, restringindo-se todavia ao primeiro modelo relatado para essa classe. Uma sentença como *João conquista Maria* foca João, e não se correlaciona a uma proposição cuja estruturação lingüística seja compatível com aquela apontada no princípio 1, já que, como se pode ver, ainda que estruturada lingüisticamente, a mesma resulta numa sentença não aceitável: * *Maria passa a estar em estado psicológico de conquista*. Observa-se, portanto, que, de fato, as estruturas integradas por verbos da classe 3, do tipo de *conquistar*, não têm seu valor de verdade correlacionado a proposição lingüisticamente estruturável, conforme prevê o princípio 1, e são, portanto, passivizáveis.

Por fim, considere-se a classe 1. As sentenças que exibem esses verbos estruturam-se exclusivamente em ExpS, que é a estrutura típica do padrão psicológico. Não admitem a correlação proposta no princípio 1: seus verbos realizam a propriedade de passivização. Observa-se que as duas classes, cujos verbos integram sentenças correspondentes a proposições absolutas (classes 1 e 3) são categóricas, portanto, quanto à realização dessa propriedade. Apesar de admitida, como tal, por gramáticos e lingüistas, a voz passiva dos verbos da classe 1 me causa estranheza, quanto ao rótulo que porta: é digna de nota a particularidade dos verbos dessa classe: seus participios passados se comportam como adjetivos: admitem a adjunção de advérbios de intensidade, como, por exemplo: *o cachorro é muito temido por João*, contrariamente a realizações de classificação como passiva, que não aceitam a aposição de advérbios de

intensidade. Compare-se com um verbo não psicológico como, **João foi muito morto por Pedro*, e com um verbo da classe 3 por exemplo, de estatuto psicológico duvidoso: **Maria foi muito conquistada por João*. Ou seja, verbos que são avaliados como admitindo passiva não aceitam a aposição de um advérbio de intensidade. Testando-se, finalmente, esse tipo de realização com os verbos da classe 4, cuja realização na forma ativa foi apontada como admitindo passiva, observa-se que os mesmos tampouco admitem a adjunção de um advérbio de intensidade: a frase *João animou Maria com sua chegada* (única, dentre as possibilidades de realização de *animar*, excetuada a de decorrência que expressa a relação de causalidade) **exibe uma realização passiva cujo** participio passado deve ser analisado como tal, já que não admite a aposição de um advérbio de intensidade: **Maria foi muito animada pela chegada de João*) Exibindo distintas características nos dois grupos que a implementam, a propriedade de passivização requer uma análise mais detalhada, o que transcende o escopo desta tese.¹⁰

¹⁰ Uma observação de outros verbos (não experienciais, dos quais os verbos psicológicos são uma sub-classe, sublinhe-se) sugere que tal análise se pode estender aos mesmos. Comparem-se os verbos *quebrar* e *podar*, tomados com exemplos em Whitaker-Franchi: o processo de ergativização, admitido por *quebrar* e não por *podar* é explicado pelos diferentes papéis temáticos que lhes são atribuíveis. Observada a possibilidade de passivização de cada um deles, constata-se que, mediante os critérios de análise de processo de passivização, aqui adotados, tem-se que, em *quebrar*, dependendo do contexto, se está diante de uma falsa passivização, tanto que o verbo *quebrar* admite, na pressuposta voz passiva, a adjunção de advérbios de intensidade, como se vê pela comparação de *os galhos foram muito quebrados* (pelo vendaval) com **os galhos foram muito podados*. As mesmas razões usadas para defender a hipótese de que, para o verbo *quebrar*, a passiva pode ser, em certos contextos, uma falsa passiva, sustentam a postulação de que a estrutura prototípica de *quebrar* é ExpS, e, portanto, causativizável. Não se dispõe, no âmbito da presente pesquisa, de dados que comprovem seu uso preferencial em ExpS; um dos traços detectados nos verbos psicológicos (classes 1 e 2 e realizações dos da classe 4), que como esse verbo exibem falsas passivas (classe 1 e 4) ou não as exibem (classe 2 e 4), mas os mesmos (verbos psicológicos e o verbo *quebrar*) têm um ponto em comum: têm sua origem em verbos inergativos ou inacusativos. (cf. *quebrar*: do latim - *crepare*; *crepitar*). Como se observou, nos verbos psicológicos, o parâmetro origem (traço não visível para o falante) foi substituído, nas classes pertinentes por outro, o de uso de realização ExpS prototípica. Resta saber se em verbos do tipo de *quebrar*, também esse parâmetro é produtivo, já que o traço origem, por si só, não é suficiente para explicar as regras que o falante domina. Tal observação se relaciona à Câmara (1981) que diz não haver correspondência obrigatória entre forma e conteúdo na identificação da passiva, já que formas como *João apanhou* têm sentido passivo em detrimento da forma (não passiva). Pode-se, então, pensar que o inverso é verdade: formas passivas têm sentido adjetival, apesar da realização formal com participios passados.

A observação da correlação entre sentenças e a realização entre esse fator e a aceitabilidade da estrutura passiva pode ser ampliada através de análises precedentes como a de Hupet e Costerman (1976, *apud* Pontes, 1986:180), que observam o papel da pressuposição na escolha da passiva: não admitem que a passiva seja derivada da ativa e demonstram que o falante usa uma estrutura passiva segundo certos fatores pragmáticos. Detêm-se principalmente sobre a importância da pressuposição na escolha da passiva. Com base em análises que avaliam que a oração ativa é menos pressuposta do que a passiva, destacam o fato de que *a frase passiva implica uma pressuposição sobre o objeto enquanto a frase ativa pode implicar uma pressuposição sobre o sujeito ou não*. Relacionando o que se acabou de dizer à análise da correlação entre sentenças, pode-se dizer que é possível que o grau de aceitabilidade das passivas (nos verbos psicológicos) seja determinada pela pressuposição que lhe é inerente. Isto é, por implicar uma pressuposição sobre o objeto, a passiva será tão menos aceitável, quanto mais pressuposto for o próprio objeto.

Quanto à propriedade de ergativização, os argumentos usados até agora parecem suficientes para explicá-la: toda sentença cujo valor de verdade for controlado por uma proposição cuja estruturação tiver valor estativo (isto é, se fizer através dos operadores *ter/ sentir*+ substantivo; *ficar* + adjetivo ou pp) será ergativizável, realizando-se com, ou sem, o pronome pseudo-reflexivo *se*). O fato de se ter observado que as passivas só se realizam quando o valor de verdade de uma sentença não for controlável por esse tipo de sentença (de valor estativo) demonstra que ergativização e passivização estão em distribuição complementar, nos verbos psicológicos.

Viu-se, portanto, que, num primeiro momento, a justificativa para os diferentes padrões de correlação se assentou no perfil histórico dos verbos. Tal perfil não é,

entretanto, acessível ao falante. Coube, assim, perguntar-se de que dados o falante dispõe, quando realiza a propriedade de passivização nos verbos das classes 1, 3, e 4, mas não na classe 2, ou admite ergativização/ causativização para as classes 2, 3 e 4, mas não, para a classe 1. Ignorando-se provisoriamente a questão da gramática do indivíduo, pode-se dizer que:

- a) os dados de que o falante dispõe são exatamente os que dizem respeito às relações de correlação, cujo sentido (direção) é decorrente da origem dos verbos (traço não visível para o falante);
- b) viu-se, entretanto, que essa origem permanece visível na língua (por um tempo variável, de acordo com os itens envolvidos), através do tipo de construção mais freqüente em que o verbo aparece na língua à qual o falante é exposto;
- c) decorre daí que, na ótica do falante, o traço origem é substituído pelo de freqüência de estruturas (ExpS ou ExpO, na análise que nos ocupa) percebido pelo falante. Da constatação de tal processo se extrai uma segunda: quando um verbo deixa uma diátese x para uma diátese y, o mesmo passa por um período de diátese x-y (portanto, ambígua), por um período mais ou menos longo de tempo. À medida que se vai comportando como os verbos originais da diátese y, vai realizando novas estruturas sintáticas cuja freqüência determina a reinterpretação de seus papéis temáticos originais até que, alcançado (se for o caso) o comportamento absoluto da diátese y, exhibe papéis temáticos absolutamente novos, que lhe garantem uma representação semântica tão estável quanto a original.

Considerada a escala de prototipicidade dos verbos psicológicos, parece razoável pensar-se que a representação lexical dos mesmos deve basear-se na representação

prototípica, isto é, aquela que representa o experienciador na posição de sujeito. Isso implica que o experienciador é um traço absoluto (não-difuso), porque a sentença que o contém corresponde sempre a uma proposição absoluta. A análise de correlação mostrou que o elemento que apresenta variação entre as classes é a causa, quando existe. Viu-se também que quem se submete a controle variável (por proposição correlacionada) é a causa.

Os verbos que não se enquadram nesses dois grupos são exatamente aqueles que ocupam o último lugar da escala: os não psicológicos, assim chamados, recorde-se, pelo fato de os mesmos, não serem parafraseáveis por 'estar em estado psicológico de'. Listam-se, entre os mesmos, aqueles que foram ressaltados no capítulo 2, por seu comportamento idiossincrático (a maioria da classe 3). O comportamento dos mesmos deixa de ser pertinente na análise da qual se ocupa presentemente. Ainda assim, repita-se, nada impede que os mesmos se psicologizem, se passarem a realizar estruturas ExpS, em grande volume, a começar pela propriedade que parece determinar as demais, a propriedade inerente à estruturas estativas.

Conclusão

A análise dos verbos psicológicos proposta neste capítulo buscou conciliar informações históricas a evidências de uso dos verbos. A produtividade da consideração simultânea da perspectiva sincrônica e da perspectiva diacrônica foi propiciada pela metodologia inerente ao modelo da difusão lexical: somente com a análise individual dos itens puderam ser atribuídos, na perspectiva diacrônica, distintos papéis temáticos a idênticas estruturações sintáticas. Isto é, o processo de causativização gera estruturas ambíguas que permanecem na língua, por maior ou menor tempo, enquanto uma leitura preferencial é mantida.

Dessa análise decorre que, de certa forma, as classes que guiaram a presente análise se mantêm no que concerne ao número de subclasses nas quais os verbos psicológicos se dividem. Vale dizer que a análise intuitiva de Cançado (1995) apreende a flutuação sintática dos verbos que, como se viu na presente análise, decorre do cruzamento de fatores históricos que deixam suas marcas mais ou menos profundas nos itens que as implementam. Por outro lado, a presente análise afasta-se da configuração das quatro classes que a guiaram, nos seguintes pontos:

- a) os verbos distribuem-se em quatro níveis na escala de estatuto psicológico, mas apenas os três primeiros caracterizam os verbos psicológicos, do ponto de vista do processo de PSI/DEPSI. Isto é, o quarto grupo proposto compõe-se de verbos que não apresentam qualquer um dos traços dos verbos psicológicos; conforme aqueles que foram detectados pela análise;
- b) os três primeiros níveis correspondem, grosso modo, às classes 1, 2 e 4 originais, sem que, todavia, lhes correspondam os verbos que foram primitivamente abrigados nessas classes. Isto é, a classificação dos verbos no segundo ou no terceiro nível da escala (o que pressupõe admissão/não admissão de determinadas propriedades sintáticas) é tributária do maior ou menor volume de estruturas estativas implementadas por cada verbo;
- c) os traços que determinam a classificação de cada verbo em alguma das classes resultam da computação de suas propriedades sintáticas, cuja relação entre propriedade determinante (estativa) e propriedade determinada (as demais, como causativa encabeçada, passiva sintática, ergativa, nos termos de Cançado (1995)) equaciona sua classificação no nível 2 ou 3 da escala;
- d) de c decorre que a representação semântica de cada verbo relaciona-se ao nível que o mesmo ocupa na escala de prototipicidade, do que decorre e;

e) a flexibilidade das representações semânticas decorrentes das representações sintáticas (também flexíveis) relaciona-se ao fato de que o desencadeamento e implementação dos processos de mudança se dão por difusão lexical, o que pressupõe que fatores como indivíduo e tempo (cf. Shen, 1990) sejam os grandes articuladores das configurações de cada verbo.

O comportamento de verbos mais recentes, datados no século 20, corrobora a hipótese de que o segundo nível da escala dos verbos psicológicos é o padrão mais recente e também mais produtivo entre os verbos psicológicos e os que se psicologizam. Parece que os novos verbos que vão entrando para a língua elegem o segundo nível como padrão. Os corpora mostram que dos 9 (nove) verbos datados no século XX, 6 (seis) se classificam na classe 2 (*preocupar*), cuja grande maioria de verbos ocupa o segundo nível da escala. Os verbos são: *chatear*, *bitolar*, *grilar*, *decepcionar*, *emocionar*, *endoidar*. Os três outros verbos são *apequenar* (listado na classe 3), *avacalhar* e *esnobar* (classe 4). Considerando que, ao se causativizar, os verbos desencadearam um outro processo, o de ergativização, criando dessa forma um padrão sintático mais amplo, é normal que os novos verbos que entram para a língua o incorporem. Uma outra evidência dessa hipótese é propiciada pelo perfil que a classe 2 exibe no gráfico 5.1: trata-se de uma classe em crescimento no português contemporâneo. Também a classe 4 exibe esse perfil. Essa evidência se coaduna à análise proposta, segundo a qual um grande grupo de verbos da classe 4 desenvolve, ergativizando-se, um perfil sintático-semântico compatível com o da classe 2.

Assim, neste capítulo, os comportamentos diferenciados das distintas classes propostas por Cançado (1995) foram explicados como resultantes do processo sintático de causativização, que, por sua vez, pode ter desencadeado o processo sintático de

ergativização. A análise dos *corpora* permitiu detectar o processo de causativização em um grupo de verbos originalmente inacusativos (*desesperar, pasmear*) ou acusativos não causativos (*aborrecer, admirar*). Apresentaram-se evidências de que esse processo pode ser responsável por realizações ambíguas que se verificam na língua desde o período arcaico, quando verbos como *anojar* e *maravilhar* realizam estruturas cujo experienciador pode ser identificado tanto no sujeito quanto no objeto sintático da oração. Verificou-se que o processo de causativização estende-se ao período contemporâneo, com causativização do verbo *aborrecer*, no século XIX, (ou *gostar*, cujo processo de causativização parece ter regredido), atingindo em seu percurso (no século XVII, ou em período anterior ao mesmo) verbos como *admirar*, cuja ambigüidade no português contemporâneo é traduzida como caso de homonímia.

A partir da identificação do processo de causativização pressupôs-se que a ambigüidade estrutural e semântica decorrente do mesmo (quando verbos originalmente causativos se mesclaram estruturalmente a verbos causativizados) desencadeou um processo de desambiguação, através da atribuição de uma marca nos verbos causativizados. Postulou-se que o pronome *se* foi escolhido (por características que lhe são originalmente inerentes) como marca das estruturas ExpS do verbos causativizados. Sugeriu-se que, empregado nessas novas estruturas (que lhe conferiram o estatuto pseudo-reflexivo), o pronome tornou-se, por sua vez, fonte de ambigüidade, sendo interpretado como reflexivo ou pseudo-reflexivo, tanto para verbos originalmente causativos como para verbos causativizados. O desenvolvimento ulterior de estruturas estativas por verbos originalmente causativos, isto é, a maioria dos que se arrolam na classe 4, pode ser relacionado ao estatuto ambíguo do pronome.

O processo de causativização configura-se como processo extremamente lento,

entre os verbos psicológicos. De certa forma, a proposta da escala de prototipicidade explica essa lentidão: verbos originalmente psicológicos são exclusivamente ExpS. Por isso, é normal que os mesmos resistam ao processo de causativização. No que concerne ao processo de ergativização, a situação é oposta. Tanto os verbos que expressam fenômenos físicos (e cuja acepção semântica pode ser estendida ao plano psicológico, como, por exemplo *enervar*) quanto aqueles que expressam fenômenos psicológicos na perspectiva do agente (plano do evento) sem correspondente lingüístico na perspectiva do alvo (como o verbo *conquistar*, no uso contemporâneo) podem encontrar nas estruturas estativas dos verbos psicológicos originais e nas estruturas pronominais dos verbos psicológicos causativizados sua possibilidade de realização com leitura psicológica exclusiva (como o faz, por exemplo, o verbo *assustar*, na fala mineira contemporânea).

A hipótese de que um processo (o de ergativização) pode ser mais produtivo que o outro (o de causativização) explica, de certa forma, o volume de verbos que se ergativizam (todos os da classe 4 e um grande número dos da classe 2) e o número reduzido dos que se causativizam. Corrobora essa análise o fato de a classe 3 (verbos que até o momento não apresentam ergativização) ser a menos numerosa e as classes 2 e 4 (verbos que exibem processo de ergativização) serem as mais numerosas.

Cumpra que se reconsiderem, neste momento, as questões propostas a partir das reflexões apresentadas no capítulo 2. As mesmas foram reconsideradas após a análise sincrônica (cap. 4), mas, como se viu, certas questões requerem uma observação do perfil histórico dos verbos.

- (a) O conjunto dos verbos psicológicos considerados causativos em seu uso contemporâneo constitui-se integralmente de verbos historicamente

causativos?

A análise diacrônica mostrou que uma parte dos verbos psicológicos causativos corresponde a verbos originalmente inacusativos ou acusativos não causativos. A análise sugere que, ao se causativizarem, os mesmos criaram um novo padrão sintático que caracteriza o segundo grupo (cf. 6.6.1), no qual se incluem juntamente a outros provenientes de um padrão exclusivamente causativo, na origem. Nessa classe se incluem, portanto, os verbos psicológicos que apresentam correlação entre ergativas e causativas.

- (b) Levando em conta a variação que se evidencia entre eles (alguns não aceitam estrutura ergativa alguma, outros só aceitam a pronominal e outros mais, só a ergativa sintética), a mesma pode estar relacionada a distintas propriedades primitivas (verbos primitivamente causativos ou inacusativos, ou inergativos)?

Dentre as diferentes propriedades realizadas pelos verbos psicológicos, privilegiaram-se a de passivização e a correlação ergativo-causativo. Concluiu-se que a aceitabilidade das mesmas é diretamente relacionada a propriedades originais dos verbos envolvidos.

- (c) Se b tiver uma resposta afirmativa, o comportamento de cada grupo de verbos poderá ser sistematizado por regras que levem em conta essa variável (propriedade primitiva)?

A observação do comportamento sintático dos verbos envolvidos mostra que a correlação entre ergativas e causativas é desencadeada pelo processo de causativização que, por sua vez, desencadeia o processo de ergativização em um grupo de verbos originalmente causativos.

- (d) Se também c tiver uma resposta afirmativa, como conciliar essa regra às regras que o falante domina (já que a informação histórica é irrelevante para o falante)?**

Cada verbo que implementa o processo de ergativização ou de causativização desenvolve uma diátese preferencial. Esse estatuto é diretamente relacionado à frequência da mesma. Essa diátese preferencial determina a realização/ não realização de determinadas propriedades sintáticas, como a de passivização, cuja produtividade é relativa, já que se submete à gramática do indivíduo, na qual um item verbal que privilegiar realizações ExpS será menos passivizável que outro que privilegiar ExpO. Essa constatação pressupõe obrigatoriamente a consideração de uma teoria de linguagem que configure o sistema sintático das línguas naturais como resultado de um conjunto de propriedades exibidas por distintos itens lexicais. Tal teoria pressupõe ainda que, dentre essas propriedades, distingue-se um conjunto diminuto das mesmas - que podemos chamar reais (configuráveis sincronicamente, apenas), cujo estatuto é tributário do volume de categorias de itens que as veiculam. As demais propriedades devem ser interpretadas como propriedades virtuais do sistema, atualizadas por determinados itens em função da frequência das propriedades reais que veiculam. Assim, tais propriedades reais configuram-se como núcleos de constelações (de traços sintáticos, no caso em pauta) que têm por vértices as propriedades virtuais.

- (e) Por não ser possível a conciliação questionada em d: os itens lexicais carregam traços (portanto visíveis para o falantes) relacionados a suas propriedades primitivas?**

Como se viu em d, a frequência de propriedades reais de cada item lexical determina a possibilidade de outras propriedades (virtuais). No caso dos verbos

psicológicos, observou-se que, no que concerne aos verbos do segundo grupo, a frequência de suas realizações com operadores como *ter* ou *ficar*, determina uma diátese preferencial que se define por realizações superficiais ExpS que, por sua vez, estão diretamente relacionadas à realização da propriedade de passivização que, no caso, é claramente, propriedade virtual.

- (f) De que critérios dispomos para analisar o clítico *se* como marca de decausativização se este pronome acompanha também verbos que não realizam a correlação ergativo-causativo (como, por exemplo, certos verbos da classe de *temer*, em outros períodos da língua)?

A resposta a esta questão pressupõe uma pesquisa específica, o que não foi feito na presente tese. A análise do comportamento dos verbos psicológicos permitiu levantar a hipótese de que em um grupo dos mesmos (os originalmente ExpO) a função primitiva do pronome é exclusivamente reflexiva. Pressupôs-se que, por seu traço semântico de envolvimento do sujeito na ação descrita pelo verbo, tal traço foi usado como recurso de desambiguação por verbos tornados ambíguos pelo processo de causativização. O processo parece ser semelhante em outras classes (semânticas) de verbos.

- (g) Todas as propriedades sintáticas passíveis de realização pelos verbos psicológicos são quantitativamente equilibradas no uso dos mesmos? Isto é, que propriedades exibem, na realidade, os verbos psicológicos?

A distinção entre propriedades reais e virtuais, conforme proposta em d mostrou que a consideração dos itens lexicais e seus possíveis agrupamentos determinam que certas propriedades sintáticas (em geral, as que privilegiam ExpS) são relevantes para os mesmos, em detrimento de outras.

- (h) Existe a possibilidade de se postular alguma(s) das propriedades sintáticas desses verbos como potencialmente desencadeadora(s) da realização das outras propriedades sintáticas?

Essa questão já foi respondida quando se tratou das propriedades reais e virtuais em *d*. No caso dos verbos psicológicos, como se viu, uma propriedade estativa (com os operadores *ter*, *ser* e/ou *ficar*) configura-se sincronicamente como propriedade à qual se submete a realização de propriedades virtuais como a passiva.

- (i) A realização de determinadas propriedades sintáticas está relacionada ao estatuto psicológico do verbo?

A análise qualitativa postulou que o verbo psicológico prototípico identifica-se em estruturas ExpS, o que não quer dizer que o inverso seja verdadeiro. Além disso, observou-se que é possível pensar-se que verbos que, na origem só expressavam fenômenos físicos, realizando-se em estruturas ExpO, submeteram-se a um processo de psicologização quando desenvolveram estruturas ExpS. Ruwet (1972) mostra, através de dados intuitivos, que no francês um grande grupo de verbos só exibe a correlação ergativo-causativo quando os verbos são tomados em seu sentido psicológico.

CONCLUSÃO

As conclusões desta tese têm por base os resultados de diferentes análises quantitativas baseadas em dados ilustrativos do uso dos verbos psicológicos no português. A hipótese de variação dos verbos psicológicos determinou que parte da metodologia de pesquisa se pautasse pelos princípios variacionistas de análise, o que ensejou uma análise sincrônica na qual se distinguiram os dados de língua oral dos de língua escrita. À pesquisa sincrônica seguiu-se a análise diacrônica, esta última guiada pela hipótese de mudança sintática entre os verbos psicológicos. Compararam-se, nesta etapa, dados relativos às diversas fases do português (do período arcaico ao século XX). Tanto numa abordagem quanto na outra, os dados quantitativos se basearam em ocorrências. Um segundo tempo da análise focalizou os itens lexicais agrupados por comportamento sintático comum. Essa etapa foi guiada pelos pressupostos básicos do modelo da Difusão Lexical. Tal modelo determinou também a última etapa da análise, que se guiou pela observação dos dados relativos a origem e percurso histórico de cada verbo.

Tais análises objetivaram três tipos de conclusões: o primeiro diz respeito à configuração dos verbos psicológicos, seu estatuto, uso e evolução no português. O segundo concerne à relação entre os componentes da gramática. O último avalia as diferentes hipóteses de mudança lingüística.

A configuração dos verbos psicológicos

Os verbos psicológicos do português dividem-se em três grupos (que correspondem aos três primeiros níveis da escala proposta em 6.6.2), a saber:

- a. verbos psicológicos de padrão ExpS exclusivo. Esses verbos se ligam diretamente ao argumento interno como, por exemplo, os do tipo de *temer*. Esse primeiro subgrupo caracteriza-se sintaticamente como de verbos acusativos que

são semanticamente não causativos. Esse grupo corresponde à classe de *temer*, reconhecida, como tal, por análises intuitivas de diferentes línguas, como se viu no capítulo 2. Esta tese conclui que a observação do uso desse tipo de verbo no português permite atribuir-lhes um conjunto de propriedades comuns que os inscreve numa mesma classe. A noção semântica de experienciador é determinante na análise desse primeiro grupo. Isto é, os verbos que integram essa classe (de *temer*) realizam, de forma sistemática, o experienciador na posição de sujeito sintático da oração. A análise diacrônica mostrou que, apesar de essa classe de verbos ser identificável no português, desde o período arcaico, sendo, nesse sentido, uma classe estável no que concerne a sua representação sintático-semântica, vários de seus verbos dão indícios de que a mesma está em lento processo de extinção. Isto é, a observação do percurso de diversos verbos dessa classe mostra que os mesmos vêm se causativizando, integrando, ou, mais propriamente, dando origem a um novo padrão sintático de verbos psicológicos. Esse novo padrão sintático é o que caracteriza os verbos psicológicos do segundo grupo identificado;

- b. verbos psicológicos de padrão ExpS e ExpO. Na estrutura ExpS, esses verbos ligam-se ao argumento interno via-preposição. Esses verbos caracterizam-se sintaticamente como acusativos e inacusativos. No plano semântico, exibem tanto uma diátese causativa como não causativa. Esse grupo constitui-se daqueles que ocupam os níveis 2 e 3 da escala proposta em 6.6.2. São os verbos do tipo de *preocupar* e de *animar*. Integram esse grupo quaisquer verbos que admitam realizações ExpS, sejam os mesmos originalmente causativos ou não causativos. A configuração que esta tese propõe para essa segunda classe relaciona-se, por um lado, a um conjunto de análises intuitivas (excetuada a

análise de Cançado) que, identificando apenas dois grupos de verbos psicológicos, arrolam no segundo (a classe de *frighten* ou *preoccupare*) todos os verbos psicológicos que, diferentemente dos verbos do primeiro grupo, exibam também estruturas ExpO. Nessas análises, a segunda classe compõe-se, teoricamente, de verbos que, diferentemente da primeira, admitem a correlação ergativo-causativo. Na presente análise (seguindo em parte a intuição de Cançado (1995), para quem os verbos da segunda classe não são coesos quando se observa a realização de um conjunto preestabelecido de propriedades sintáticas pelos mesmos), propõe-se que essa classe se compõe, em parte, como se viu, de verbos do grupo 1 que se causativizaram, bem como de verbos historicamente causativos que, parcialmente igualados aos verbos causativizados, vão se identificando com os mesmos e, gradativamente, copiando-lhes as estruturas ExpS, passando a exibir, então, a correlação entre estruturas ergativas e causativas. De tal processo decorre que os verbos que integram essa classe apresentam aceitação relativa da propriedade de passivização. Trata-se de um comportamento inerente a cada verbo. Isto é, o grau de aceitabilidade de passivização parece correlacionado à frequência de realizações ExpS de cada verbo: quanto mais ExpS é um verbo na competência lexical do falante, menos passivizável será (cf. cap.6, falsa passivização). Os dados quantitativos permitem identificar um crescimento histórico dessa classe (tanto quando se consideram itens como quando se consideram ocorrências). Assim, a presente análise distancia-se das anteriores quando (seguindo a intuição de Cançado (1995)) identifica nesse grupo um subconjunto de verbos que exibem um terceiro padrão sintático. Trata-se de verbos que não copiaram, até o momento, as estruturas ExpS dos causativizados, exibindo exclusivamente

estruturas causativas. Os mesmos compõem o terceiro grupo.

c. **Verbos de padrão ExpO exclusivo.** Trata-se do grupo de verbos do tipo de *conquistar* cujo uso restringe-se a estruturas ExpO. Essa classe é a que melhor ilustra uma propriedade sintática distintiva que se destaca em Cançado (1995): realização de passiva sintática, propriedade que os verbos dessa classe realizam de forma categórica. A ausência de correlação ergativo-causativo nesses verbos reforça a hipótese de distribuição complementar de duas propriedades relevantes na análise- ergativização e passivização.

A análise mostra, portanto, que os verbos psicológicos do português atual exibem diferentes configurações sintáticas às quais correspondem diferentes representações lexicais. Os grupos *a* e *c* se evidenciam como classes estáveis, no que concerne a suas propriedades sintáticas e semânticas, e não aos verbos que as integram, já que os mesmos podem, a qualquer momento migrar para o grupo *b*. O grupo *b*, por sua vez, é estável no que diz respeito aos verbos que a integram: é nele que estão acomodados os verbos em mudança, venham do grupo *a* ou do grupo *c*.¹

A relação entre os componentes da gramática

A presente análise prestou-se à reflexão de que a representação semântica também submete-se à observação individual dos itens lexicais, o que reforça os pressupostos do modelo da Difusão Lexical. Tal constatação enseja a seguinte reflexão sobre o componente semântico: trata-se de um componente híbrido, no sentido de que o mesmo pressupõe uma metalinguagem relacionada ao plano do evento, cujo

¹ A exibição de perfil misto, resultante das distintas propriedades originais de seus verbos, faz dessa classe uma classe opaca quanto ao grau de aceitabilidade das diferentes propriedades sintáticas que seus verbos exibem, principalmente a de passivização.

mapeamento é filtrado pelas realizações lingüísticas que lhe correspondem. A constatação de que, independentemente de suas propriedades semânticas originais, verbos de distintos padrões sintáticos evoluem para um novo padrão sintático comum, configura as representações semânticas como interpretações de um sistema sintático autônomo.

As hipóteses de mudança lingüística

A presente análise mostrou que a consideração individual dos itens lexicais permite evidenciar processos de variação e mudança não identificáveis por resultados quantitativos que não levam em consideração a variável item lexical. Assim, esta tese se presta a reforçar o pressuposto fundamental do modelo da Difusão Lexical: a identificação de processos de mudança lingüística sistêmica em estágio inicial é tributária da identificação de mudança nos itens lexicais. Frequentemente avaliado (pelos que se opõem à DL) como restrito a processos que se relacionam a empréstimo ou reestruturação de formas, o processo de DL identificado nos processos de ergativização e causativização dos verbos psicológicos mostrou ser adequado à explicação de processos de mudança legítimos. A consideração do mesmo permitiu traçar uma rota dos dois processos que são ilustrados por diferentes itens em cada período. No que concerne ao processo de causativização observou-se que alguns verbos o completaram como, por exemplo, *enojar*, no período arcaico ou *aborrecer*, no século XIX. Em outros verbos como *admirar*, o processo está em curso. Em outros como *desejar*, o processo não foi ativado. No que diz respeito ao processo de ergativização, a implementação gradativa do mesmo pelo léxico ilustra-se através dos diferentes níveis que os verbos ocupam na escala proposta em 6.6.2: entre os verbos do segundo nível estão aqueles que completaram o processo de ergativização. Os do terceiro nível são

aqueles cujo processo de ergativização é variável.

Além disso, o modelo da DL emerge, a partir da pesquisa relatada nesta tese, como única alternativa capaz de identificar distintamente os dois processos, caracterizando como *feeding* o processo de causativização em relação ao de ergativização. A análise proposta sugere que esses dois processos, aparentemente competitivos na origem, são distintos estágios do processo básico que é o de causativização. A configuração desse quadro só foi possível a partir da observação dos itens lexicais, o que caracterizou uma empreitada que carrega, segundo Beaugrande (1997:183) a confrontação com *fluctuating, novel, and complex arrays of means and ends, and with a richness that far outstrips our customary terms and methods of analysis and description*, o que pode elucidar um pouco mais os caminhos das mudanças lingüísticas. No caso em pauta, como se viu, a observação dos itens lexicais permitiu relacionar processos aparentemente estanques.

Finalmente, pode-se dizer que a análise apresentada permite que se mantenha a hipótese que postula o léxico como componente central da gramática. Intuitivamente guiada e parcialmente sustentada pela análise de um subconjunto de itens lexicais, essa hipótese permanece no horizonte de uma próxima etapa de aprofundamento desta pesquisa, bem como de outras, para cuja reflexão espera-se haver contribuído, através do relato que se encerra, por ora, e das questões que o mesmo há de desencadear.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSEN, H. Abductive and deductive change. *Language*, v.49, n.4, p.765-793, 1973 apud MAZAUDON e LOWE, 1993.
- ARRAIS, T. C. As construções causativas em português. *Alfa*, São Paulo, n.29, p.41-58, 1985 apud BITTENCOURT, 1995.
- AULER, M. A difusão lexical num fenômeno de aspiração do português. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, v.1, p.43-52, 1992.
- BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. Rio de Janeiro: Ática, 1987.
- BEAUGRANDE, R. Cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society. In: *New foundations for a science of text and discourse*. Norwood: Ablex, 1997.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1966.
- BELLETTI, A., RIZZI, L. Psych verbs and theta-theory. *Natural language and linguistic theory*, n.6, p.291-352. 1988 apud CANÇADO 1995.
- BITTENCOURT, V. *Da expressão da causatividade no português do Brasil: uma viagem no túnel do tempo*. São Paulo: PUC, 1995. (Tese, Doutorado em Linguística).
- BORTONI, S. Gomes C. e MALVAR, E. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, v.1, p.9-30, 1992.
- BURZIO, L. *Intransitive verbs and Italian auxiliaries*. Cambridge: MIT, 1981. (Tese, PhD) apud WHITAKER-FRANCHI, 1989.
- _____. *Italian syntax*. Dordrecht: D. Reidel, 1986 apud CANÇADO, 1995.
- BUTTERWORTH, B. L. Lexical representation. In: BUTTERWORTH, B. L. (Ed.). *Language Production, Vol. 2: Development, Writing and Other Language Process*. London: Academic Press, 1983 apud KATAMBA, 1994.
- CÂMARA JUNIOR., J. M. *Dicionário de Linguística e Gramática*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CANÇADO, M. *Verbos psicológicos: a relevância dos papéis temáticos vistos sob a ótica de uma Semântica Representacional*. Campinas: IEL, UNICAMP, 1995. (Tese, Doutorado em Linguística).
- _____. Análise descritiva dos verbos psicológicos do português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, v.5, p. 89-114, 1996.

- CASTILHO, A. T. Teorias lingüísticas e ensino da gramática. *Diário de classe 3, Língua Portuguesa, São Paulo, Fundação para o Desenvolvimento da Educação*, p.17-28, 1994.
- CHEN, M. e WANG, W. S-Y. Sound change: actuation and implementation. *Language*, v. 51, n.2, p.9-24, 1975.
- CHENG, C. e WANG, W. S-Y. Tone change in chaozhou chinese: a study in lexical diffusion. In: WANG, W. S-Y (Ed.). *The lexicon in phonological change*. The Hague: Mouton, 1977.
- CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- DAUZAT, A. *Phonétique et grammaire historiques de la langue française*. Paris: Larousse, 1950.
- DAVIDSON, D. *Actions and Events*. New York: Oxford University Press, 1980 *apud* CANÇADO, 1995.
- DOWTY, D. R. Thematic proto roles and argument selection. *Language*, n.67, p.547-619, 1991.
- EGEROD, S. How not to split tones: the Chaozhou case. *Fangyan*, n.3, p.169-173, 1982 *apud* MAZAUDON e LOWE, 1993.
- _____. Tonal splits in Min. *Journal of Chinese linguistics*, n.4, p.108-11, 1976 *apud* LABOV, 1994.
- FARRELL, P. Lexical binding. *Linguistics*, n.33, p.883-938, 1995.
- FAUCONNIER, G. *Espaces mentaux*. Paris: Minuit, 1984 *apud* SAEED, 1997.
- _____. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997 *apud* SAEED, 1997.
- FAUCONNIER, G. e SWEETSER Eve. *Spaces, worlds & Grammar*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996 *apud* SAEED, 1997.
- FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. Porto Alegre: Globo, 1947.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FIDELHOLTZ, J. Word frequency and vowel reduction in English. *CLS*, n.11, p.200-213, 1975.
- FIGUEIRA, R. A. *Causatividade: um estudo longitudinal de suas primeiras manifestações no processo de aquisição do português por uma criança*. Campinas:

- IEL, UNICAMP, 1985. (Tese, Doutorado em Lingüística) *apud* BITTENCOURT, 1995.
- FILLMORE, C. The case for case. In: BACH, E. e HARMS, R. (Ed.). *Universals in linguistic theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968 *apud* CANÇADO, 1995.
- _____. Some problems for case grammar. *Monograph series on Language and Linguistics* 24, 1971 *apud* CANÇADO, 1995.
- FRANCHI, C. *Hipóteses para uma teoria funcional da linguagem*. Campinas: IEL, Unicamp, 1975. (Tese, Doutorado em Lingüística) *apud* CANÇADO, 1995.
- _____. Hipóteses para uma E-língua. Conferência proferida no IEL – UNICAMP, 1991 *apud* OLIVEIRA, 1995.
- _____. *Teoria da Adjunção – Predicação e relações temáticas*, 1997. (Mimeo).
- _____. *Teoria Generalizada dos papéis temáticos*, 1997. (Mimeo).
- FRANCHI, C. & CANÇADO. *Reexame da noção de hierarquia temática*, 1977. (Mimeo).
- _____. *Descrição autônoma das funções temáticas*, 1987. (Mimeo) *apud* WHITAKER-FRANCHI, 1989.
- FROMKIN, V. *The nonanomalous nature of anomalous utterances*. *Language*, n.47, p.27-52, 1971 *apud* KATAMBA, 1994.
- _____. *Speech errors as linguistic evidence*. The Hague: Mouton, 1973 *apud* KATAMBA, 1994.
- _____. *Errors in linguistic performance: Slips of the tongue, ear, pen and hand*. New York: Academic Press, 1980 *apud* KATAMBA, 1994.
- GAUCHAT, L. L'unité phonétique dans le patois d'une commune In: *Aus Romanischen Sprachen und Literaturen Festschrift Heinrich Morf*, p.175-232, 1905.
- GOIDANICH, P. Saggio critico sullo studio de L. Gauchat. *Archivio Glottologico Italiano*, n.20, p60-71, 1926 *apud* LABOV, 1994.
- GRUBER, J. S. *Studies in lexical relations*. MIT. (Tese de Doutorado). Reeditado como parte de *Lexical structures in syntax and semantics*. Amsterdam: North Holland, 1976 *apud* CANÇADO, 1995.
- HANKAMER, J. Morphological parsing and the lexicon. In: MARSLEN-WILSON, 1989 *apud* KATAMBA, 1994.
- HARRIS, J. Towards a lexical analysis of sound change in progress. *Journal of*

Linguistics, n.25, p.35-56, 1989.

HUPET, M. & COSTERMAN, J. Un passif: pour quoi faire? (Quinze ans de travaux psycholinguistiques). *La linguistique*, Paris, Presses Universitaires de France. v.12, n.2, p.3-26, 1976 apud PONTES, 1986.

JACKENDOFF, R. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1972 apud LOBATO, 1986.

_____. Régularités morphologiques et sémantiques dans le lexique, Ronat (1977): 65-108, 1975 apud VILLALVA, 1986.

_____. Toward an explanatory Semantic Representation. *Linguistic Inquiry*, 7.1., 1976 apud CANÇADO, 1995.

_____. *Semantics and Cognition*. Cambridge (MA): MIT press, 1983.

_____. The status of thematic relations in linguistic theory. *Linguistic Inquiry*, 18.3, 1987 apud CANÇADO, 1995.

_____. *Semantic Structures*. Cambridge (MA): MIT press, 1990.

_____. *Patterns in the mind: language and human nature*. London: Harvester Wheatsheaf, 1993.

JANSON, T. Reversed lexical diffusion and lexical split: loss of -d in Stockholm. In: WANG, W.S-Y (Ed.). *The lexicon in phonological change*. The Hague: Mouton, 1977. p.252-265.

KATAMBA, F. *English words*. London: Routledge, 1994.

KEMPSOM, R. *Teoria semântica*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. (Tradução de *Semantic theory*).

KIPARSKY, P. Phonological change. In: NEWMAYER, F. W. (Ed.). *Linguistics: the Cambridge survey*, v.1. *Linguistic theory: foundations*. Cambridge: Cambridge University Press, p.363-415, 1988.

KRISHNAMURTI, BH. Areal and lexical diffusion of sound change: evidence from Dravidian. *Language*, v.54, n.1, p.1-20, 1978.

KRISHNAMURTI, BH., MOSES, L., DANFORTH, D. G. Unchanged cognates as a criterion in a linguistic subgrouping. *Language*, v.59, n.3, p.541-68, 1983.

LABOV, W. *Sociolinguistique* Trad. A. Kihm. Paris: Les éditions de Minuit, 1976. (Tradução de *Sociolinguistic Patterns*).

_____. Resolving the neogrammarian controversy. *Language*, v.57, n.2, p.267-308, 1981.

- _____. *Principles of Linguistic change: internal factors*. Cambridge, Blackwell, 1994.
- LEAL, M. A. F. *Complementos preposicionados no sintagma verbal do português: uma abordagem sincrônica e diacrônica*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 1992. (Dissertação, Mestrado em Linguística).
- LESLAU, W. Frequency as determinant of linguistic change in the Ethiopian languages. *Word*, n.25, p.180-89, 1969.
- LOBATO, L. M. P. *Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação*. Rio de Janeiro: Vigília, 1986.
- LORD, R., ZUNG, C. T. How does the lexicon work? *Word*, v.43, n.3, p.34-73, 1992.
- LYONS, J. Introdução à lingüística teórica. Trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva, Hélio Pimentel. São Paulo: Ed. da USP, 1979. (Tradução de *Introduction to theoretical linguistics*).
- MADUREIRA, E, D. *Sobre as condições de vocalização da lateral palatal no português*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 1987. (Dissertação, Mestrado em Linguística).
- _____. Difusão Lexical e variação fonológica: o fator semântico. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, v.5, p.5-22, 1997.
- _____. Reanálise de alguns aspectos da vocalização da lateral palatal no português. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, v.8, p.125-45, 1999.
- MAGNE, A. *A demanda do Santo Graal*. Glossário. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.
- MALKIEL, Y. Each word has a history of its own. *Word*, v.1, n.2, p.137-149, 1967.
- MARTINET, A. Notes sur les changements phonétiques. *La linguistique*, v.23, n.2, p.43-46, 1987.
- MATTOS E SILVA, R.V. *Estruturas trecentistas – Elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.
- _____. Caminhos de mudanças sintático-semânticas no português arcaico. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, v.1, p.85-99, 1992.
- MAZAUDON, M., LOWE, J. B. Regularity and exceptions in sound change. In: CONFERENCE OF THE LINGUISTICS SOCIETY OF BELGIUM, 1993.
- MILROY, L. *Language and social networks*. 2. ed. Oxford: B. Blackwell, 1980.

- MOLLICA, M. C. *Queísmo e Dequeísmo no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1989. (Tese, Doutorado).
- _____. Difusão lexical em sintaxe. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, v.1, p.79-84, 1992.
- MORAIS, A. S. *Dicionário da língua portuguesa*. s.d. apud FERNANDES, 1947.
- NASCIMENTO M., KATO, M. O estatuto dos nominais pós-verbais dos verbos inacusativos. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, n.3, p.31-74, 1995.
- NASCIMENTO, M. & DILLINGER. The lexicon and the form of a minimalist grammar: evidence from Brazilian Portuguese, 1993. (Mimeo) apud OLIVEIRA, 1995.
- NICOLAÏ, R. Diffusion lexicale...modélisations, preuves, épreuves. CTS, Praga, 1996.
- NICOLAU, E. Resultados de análises quantitativas da representação do sujeito no PB: indícios de uma nova gramática? *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, n.5, p.23-64, 1997.
- OGURA, M. *Historical english phonology: a lexical perspective*. Tokyo: Kenkyusha, 1987 apud LABOV, 1994.
- OLIVEIRA, M.A. de. *Variation and change in Brazilian Portuguese: the case of the liquids*. Filadélfia: Universidade da Pensilvânia, 1983. (Tese, Doutorado).
- _____. The neogrammarian controversy revisited. *International Journal of the Sociology of Language*, Berlin, v.89, p.93-105, 1991.
- _____. Aspectos da difusão lexical. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, v.1, p.31-41, 1992.
- _____. O léxico como controlador de mudanças sonoras. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, v.3, p.75-92, 1995.
- _____. Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, v.6, p.31-58, 1997.
- PHILLIPS, B. Word frequency and the actuation of sound change. *Language*, v.60, n.2, p.320-42, 1984.
- PONTES, E. S. L. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática, 1986.
- RAMOS, J. *Marcação de caso e mudança sintática no português do Brasil: uma abordagem gerativa e variacionista*. Campinas: Unicamp, 1992. (Tese, Doutorado em Linguística).

- ROBINS, R. H. *Pequena história da lingüística*. Trad. Luiz Martins Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1979. (Tradução de *A short history of linguistics*).
- ROBERT, P. *Le Petit Robert*. Paris: S.N.L., 1979.
- ROCHA, L. C. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- ROTHSTEIN, S. The syntactic form of predication. MIT, 1983. (Tese, Doutorado) *apud* WHITAKER-FRANCHI, 1989.
- RUWET, N. A propos d'une classe de verbes psychologiques In: *Théorie syntaxique et syntaxe du français*. Paris: éditions du Seuil, 1972.
- SAEED, J. I. *Semantics*. Oxford: Blackwell, 1997.
- SAGAN, C. *Cosmos*. New York: Ballantine, 1985 *apud* KATAMBA, 1994.
- SHEN, Z. Lexical diffusion: a populational perspective and a mathematical model. *Journal of chinese linguistics*, n.18, p.159-201, 1990.
- TAFT, M. Recognition of affixed words and the word frequency effect. *Memory and Cognition*, n.7, p.263-72, 1979 *apud* KATAMBA, 1994.
- _____. Prefix stripping revisited. *Journal of verbal. Learning and Behaviour*, n.20, p.289-97, 1981 *apud* KATAMBA, 1994.
- TARALLO, F. *Tempos Lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.
- _____. Diagnosticando uma gramática brasileira. In: KATO, M. e ROBERTS, I. (Ed). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, São Paulo: Ed. da UNICAMP, 1993. p.69-105 *apud* NICOLAU, 1997.
- TOTTIE, G. Lexical diffusion in syntactic change: frequency as a determinant of linguistic conservatism in the development of negation in English. *Historical English Syntax*, p.439-67. (Mouton de Gruyter), 1991 *apud* YUE-HASHIMOTO, 1993.
- VIEGAS, M. C. *Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolingüística*. Belo Horizonte: FALÉ-UFMG, 1987. (Dissertação, Mestrado).
- VILLALVA, A. M. S. M. *Análise morfológica do português*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1986. (Dissertação, Mestrado em Lingüística Portuguesa Descritiva).
- WANG, W. S-Y. Competing changes as a cause of residue. *Language*, v.45, n.1, p.9-24, 1969.

- WANG, W. S-Y., LIEN, C. Bidirectional diffusion in sound change. In: JONES, C. (Ed.). *Historical Linguistics*. London: Longman, 1993.
- WECHSLER, S. & ARKA, W. Syntactic ergativity in Balinese: an argument structure based theory. *Natural Languages and Linguistic Theory*, v.16, p.387-441, 1998.
- WEINREICH, U., LABOV, W. & HERZOG, M. Empirical Foundations for a theory of language change. In: LEITHMAN, W. & MALKIEL, M. (Ed.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.
- WHITAKER-FRANCHI, R. C. *As construções ergativas: um estudo semântico e sintático*. Campinas: IEL, 1989. (Dissertação, Mestrado).
- YUE-HASHIMOTO, M. The lexicon in syntactic change: Lexical diffusion in Chinese syntax. *Journal of Chinese Linguistics*, v.21, n.2, p.213-248.
- ZHANG, M. A typological study of yes-no questions in Chinese dialects: in diachronic perspective (original Chinese). Peking University, 1990 (Tese, PhD) *apud* YUE HASHIMOTO, 1993.

ANEXOS

Anexo A1 - Classe 1 *Temer*

Tabela A1.1 - Verbos da Classe de *Temer* do séc. 14

Século	Verbo	Inergativa			Ficar +	Passiva	Total
		Sin	Pron	Ana			
14	adorar	4	---	---	---	---	4
	amar	15	---	1	---	2	18
	cobiçar	1	---	---	---	---	1
	contemplar	2	---	---	---	---	2
	desejar	3	---	---	---	1	4
	desprezar	2	---	---	---	---	2
	enjeitar	1	---	---	---	---	1
	estimar	---	---	---	---	1	1
	estranhar	---	---	2	---	1	3
	invejar	---	---	1	---	---	1
	louvar	10	---	4	---	3	17
	namorar	---	1	1	---	---	2
	perdoar	1	---	1	---	1	3
	querer	19	---	---	---	---	19
	recear	1	3	1	---	---	5
	reverenciar	---	---	1	---	---	1
	suportar	1	---	---	---	---	1
	temer	2	4	---	---	---	6
vingar	4	1	2	---	---	7	
	TOTAL	66	9	14	0	9	98
	TOTAL GERAL	601	24	92	1	30	748

Tabela A1.2 - Verbos da Classe de *Temer* do séc. 15

Século	Verbo	Inergativa			Ficar +	Passiva	Total
		Sint	Pron	Ana			
15	adorar	1	---	---	---	---	1
	amar	25	---	1	---	1	27
	cobiçar	3	---	---	---	---	3
	desamar	1	---	---	---	---	1
	desejar	29	---	3	---	2	34
	desprezar	8	1	1	---	---	10
	enjeitar	2	---	---	---	---	2
	estimar	1	---	---	---	---	1
	invejar	---	---	3	---	---	3
	lograr	3	---	---	---	---	3
	louvar	9	---	2	---	1	12
	odiar	---	---	5	---	---	5
	perdoar	1	---	---	---	---	1
	prezar	2	---	---	---	---	2
	querer	10	---	---	---	---	10
	recear	4	---	---	---	---	4
	reverenciar	---	---	1	---	---	1
	sofrer 1	3	---	---	---	---	3
	suportar	6	---	---	---	1	7
	temer	14	1	12	---	---	27
	TOTAL	122	2	28	0	5	157

Tabela A1.3 - Verbos da Classe de *Temer* do séc. 16

Século	Verbo	Inergativa			Ficar +	Passiva	Total
		Sin	Pron	Ana			
16	amar	---	---	1	---	---	1
	desejar	6	---	3	---	---	9
	idolatrar	---	---	1	---	---	1
	invejar	---	---	1	---	---	1
	louvar	1	---	1	---	---	2
	odiar	---	---	1	---	---	1
	perdoar	3	---	---	---	---	3
	querer	23	---	---	---	---	23
	recear	1	---	---	---	---	1
	temer	2	---	---	1	---	3
	vingar	1	---	---	---	---	1
TOTAL	37	0	8	1	0	46	

Tabela A1.4 - Verbos da Classe de *Temer* do séc. 17

Século	Verbo	Inergativa			Ficar +	Passiva	Total
		Sin	Pron	Ana			
17	admirar	1	---	---	---	---	1
	amar	9	---	1	---	---	10
	cobiçar	1	---	---	---	---	1
	considerar	---	---	1	---	---	1
	desejar	16	---	1	---	---	17
	estimar	6	---	3	---	2	11
	estranhar	1	---	---	---	---	1
	invejar	---	---	1	---	---	1
	lamentar	1	---	---	---	---	1
	lastimar	1	---	---	---	---	1
	louvar	14	---	1	---	---	15
	perdoar	2	---	---	---	---	2
	prezar	---	---	---	---	2	2
	querer	14	---	---	---	1	15
	recear	---	---	1	---	---	1
	respeitar	---	---	5	---	---	5
	sofrer 1	2	---	---	---	---	2
	temer	4	---	---	---	---	4
	tolerar	---	---	---	---	1	1
TOTAL	72	0	14	0	6	92	

Tabela A1.5 - Verbos da Classe de *Temer* do séc. 18

Século	Verbo	Inergativa			Ficar +	Passiva	Total
		Sin	Pron	Ana			
18	abominar	1	---	---	---	---	1
	admirar	2	---	---	---	2	4
	amar	6	---	2	---	1	9
	desejar	5	---	---	---	---	5
	desprezar	8	---	1	---	2	11
	detestar	1	---	---	---	---	1
	estimar	3	---	1	---	---	4
	gozar	4	---	---	---	---	4
	idolatrar	1	---	1	---	---	2
	invejar	---	---	2	---	---	2
	louvar	7	---	---	---	1	8
	odiar	---	---	1	---	---	1
	perdoar	2	---	---	---	---	2
	prezar	2	---	---	---	---	2
	querer	4	---	---	---	---	4
	recear	1	---	---	---	---	1
	repudiar	1	---	---	---	---	1
	respeitar	2	---	---	---	1	3
	temer	4	---	1	---	---	5
	venerar	2	---	---	---	1	3
vingiar	1	2	1	---	---	4	
TOTAL		57	2	10	0	8	77

Tabela A1.6 - Verbos da Classe de *Temer* do séc. 19

Século	Verbo	Inergativa			Ficar +	Passiva	Total
		Sin	Pron	Ana			
19	adorar	1	---	---	---	---	1
	amar	20	---	---	---	---	20
	ambicionar	1	---	---	---	---	1
	apreciar	1	---	---	---	---	1
	augurar	1	---	---	---	---	1
	desejar	21	---	---	---	---	21
	desfrutar	1	---	---	---	---	1
	estimar	14	---	---	---	---	14
	execrar	1	---	---	---	---	1
	festejar	---	---	1	---	---	1
	gozar	5	---	---	---	---	5
	invejar	1	---	---	---	---	1
	lastimar	1	---	---	---	---	1
	perdoar	9	---	---	---	---	9
	prezar	2	---	---	---	---	2
	querer	14	---	---	---	---	14
	recear	6	5	2	---	---	13
	respeitar	4	---	---	---	---	4
	temer	7	---	---	---	---	7
	tolerar	2	---	---	---	---	2
TOTAL		112	5	3	0	0	120

Tabela A1.7 - Verbos da Classe de *Temer* do séc. 20

Século	Verbo	Inergativa			Ficar +	Passiva	Total
		Sin	Pron	Ana			
20	aceitar	1	---	---	---	---	1
	admirar	1	---	---	---	---	1
	aguentar	3	---	---	---	---	3
	amar	5	---	---	---	---	5
	antegozar	1	---	---	---	---	1
	babar	1	---	---	---	---	1
	censurar	4	---	---	---	---	4
	desejar	4	---	---	---	---	4
	desprezar	2	---	---	---	---	2
	estranhar	1	---	---	---	---	1
	gozar	3	---	---	---	---	3
	invejar	1	---	---	---	---	1
	lastimar	1	1	---	---	---	2
	louvar	3	---	---	---	---	3
	namorar	2	---	---	---	---	2
	odiar	1	---	---	---	---	1
	perdoar	8	---	---	---	---	8
	querer	4	---	---	---	---	4
	recear	---	---	1	---	---	1
	respeitar	5	1	4	---	---	10
	reverenciar	---	---	1	---	---	1
	suportar	7	---	---	---	---	7
	temer	5	---	---	---	---	5
tolerar	1	---	---	---	---	1	
venerar	---	1	---	---	---	1	
TOTAL		64	3	6	0	0	73

Tabela A1.8 - Verbos da Classe de *Temer* do séc. 20o

Século	Verbo	Inergativa			Ficar +	Passiva	Total
		Sin	Pron	Ana			
20o	aceitar	2	---	---	---	1	3
	admirar	1	---	---	---	---	1
	adorar	28	---	---	---	---	28
	aguentar	1	---	---	---	---	1
	amar	6	---	---	---	---	6
	apreciar	5	---	---	---	---	5
	babar	2	---	---	---	---	2
	curtir	1	---	---	---	---	1
	desejar	2	---	---	---	---	2
	detestar	6	---	---	---	---	6
	estranhar	1	---	---	---	---	1
	gozar	2	---	---	---	---	2
	invejar	---	---	1	---	---	1
	lamentar	1	---	---	---	---	1
	lastimar	1	---	---	---	---	1
	mendigar	1	---	---	---	---	1
	namorar	1	---	---	---	---	1
	odiar	1	---	1	---	---	2
	querer	5	---	---	---	---	5
	recear	---	---	1	---	---	1
	rejeitar	1	---	---	---	---	1
	respeitar	3	2	5	---	1	11
	venerar	---	---	1	---	---	1
vingar	---	1	---	---	---	1	
TOTAL		71	3	9	0	2	85

Anexo A2 - Classe 2 Preocupar

Tabela A2.1 - Verbos da Classe de Preocupar no séc. 14

Séc.	Verbo	ExpS			ExpO			Ficar +	Pas	Total
		Sin	Pron	Ana	Sin	Pron	Ana			
14	aborrecer	2	-	-	-	-	-	-	-	2
	apavorar	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	apiedar	-	-	2	-	-	-	-	-	2
	assanhar	-	-	3	-	-	-	-	-	3
	contentar	-	-	1	1	-	-	-	-	2
	danar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	deleitar	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	desamparar	-	-	-	10	-	-	-	-	10
	enlouquecer	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	enojar	-	2	1	1	-	3	-	-	7
	entristecer	-	-	3	-	-	-	1	-	4
	envergonhar	-	-	1	-	-	1	-	-	2
	espantar	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	irar	-	-	1	-	-	-	-	-	1
maravilhar	-	1	-	-	-	-	-	-	1	
	Total =	2	3	16	13	0	4	1	0	39

Tabela A2.2 - Verbos da Classe de Preocupar no séc. 15

Séc.	Verbo	ExpS			ExpO			Ficar +	Pas	Total
		Sin	Pron	Ana	Sin	Pron	Ana			
15	aborrecer	2	-	4	-	-	-	-	-	6
	afligir	-	-	1	1	-	-	-	-	2
	assanhar	-	3	3	-	-	-	-	-	6
	assoberbar	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	assossegar	-	-	-	-	-	1	-	-	1
	atribular	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	compadecer	-	-	2	-	-	-	-	-	2
	constranger	-	-	-	3	-	-	-	-	3
	contentar	-	2	5	-	-	-	-	-	7
	deleitar	-	4	2	4	-	-	-	-	10
	desamparar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	desconsolar	-	-	-	-	-	-	1	-	1
	descontentar	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	desesperar	3	-	-	-	-	-	-	-	3
	enfadar	-	-	1	-	-	-	-	1	1
	enfastiar	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	enojar	1	-	4	1	-	2	-	-	8
	entristecer	-	-	7	-	-	1	4	-	12
	envergonhar	-	-	2	-	-	-	-	-	2
espantar	-	1	3	1	-	-	4	-	9	
irar	-	-	1	-	-	-	-	-	1	
maravilhar	1	1	-	1	-	-	-	-	3	
	Total =	7	11	38	12	0	4	9	1	82

Tabela A2.3 - Verbos da Classe de *Preocupar* no séc. 16

Séc.	Verbo	ExpS			ExpO			Ficar +	Pas.	Total
		Sint.	Pron.	Ana.	Sint.	Pron.	Ana.			
16	afeiçoar	--	--	1	--	--	--	--	--	1
	apaixonar	--	--	--	--	--	1	--	--	1
	contentar	--	1	--	--	--	--	--	--	1
	desconsolar	--	--	--	--	--	--	1	--	1
	enfadar	--	1	--	--	--	--	--	--	1
	envergonhar	--	--	1	--	--	1	--	--	2
	escandalizar	--	--	--	2	--	--	1	--	3
	espantar	--	3	1	--	--	--	1	--	5
	pasmар	--	--	--	--	--	--	1	--	1
	Total =	0	5	3	2	0	2	4	0	16

Tabela A2.4 - Verbos da Classe de *Preocupar* no séc. 17

Séc.	Verbo	ExpS			ExpO			Ficar +	Pas.	Total
		Sin	Pron	Ana	Sin	Pron	Ana			
17	aborrecer	1	--	--	--	--	--	--	--	1
	admirar 1	--	3	--	--	--	--	--	--	3
	afeiçoar	--	2	2	--	--	--	--	--	4
	apiedar	--	1	--	--	--	--	--	--	1
	compadecer	--	1	--	--	--	--	--	--	1
	contentar	--	3	--	1	--	--	--	--	4
	deleitar	--	1	--	--	--	--	--	--	1
	desconsolar	--	--	1	1	--	--	--	--	2
	engrandecer	--	--	--	2	--	--	--	--	2
	espantar	--	1	--	1	--	--	--	--	2
	horrorizar	--	--	1	--	--	--	--	--	1
	irar	--	--	1	--	--	--	--	--	1
	pasmар	1	--	--	--	--	--	--	--	1
	resignar	--	2	--	--	--	--	--	--	2
	Total =	2	14	5	5	0	0	0	0	26

Tabela A2.5 - Verbos da Classe de *Preocupar* no séc. 18

Séc.	Verbo	ExpS			ExpO			Ficar +	Pas.	Total
		Sin	Pron	Ana	Sin	Pron	Ana			
18	aborrecer	3	--	--	--	--	--	--	--	3
	admirar 1	1	--	--	--	--	--	--	--	1
	afligir	--	2	--	2	--	--	--	--	4
	apiedar	--	--	1	--	--	--	--	--	1
	contentar	--	1	--	1	--	--	--	--	2
	deleitar	--	1	--	--	--	--	--	--	1
	desamparar	--	--	--	2	--	--	--	--	2
	desvanecer	1	--	--	1	--	--	--	--	2
	enamorar	--	1	--	--	--	--	--	--	1
	enfadar	--	3	1	--	--	--	--	--	4
	enfastiar	--	--	--	1	--	--	--	--	1
	entristecer	--	--	1	--	--	--	--	--	1
	escandalizar	--	--	--	1	--	--	--	--	1
	espantar	--	--	--	2	--	1	--	--	3
	exasperar	--	--	--	1	--	--	--	--	1
	horrorizar	--	--	1	--	--	--	--	--	1
	indignar	--	1	--	--	--	--	--	--	1
	inquietar	--	1	--	2	--	--	--	--	3
	irritar	--	1	--	1	--	--	--	--	2
	pasmар	--	--	1	--	--	--	--	--	1
preocupar	--	--	--	1	--	--	--	--	1	
Total =	5	11	5	15	0	1	0	0	37	

Tabela A2.6 - Verbos da Classe de *Preocupar* no séc. 19

Séc.	Verbo	ExpS			ExpO			Ficar +	Pas	Total
		Sin	Pron	Ana	Sin	Pron	Ana			
19	abalar	-	-	-	1	1	-	-	-	1
	aborrecer	1	-	1	3	-	-	-	-	5
	admirar 1	1	2	-	2	-	-	-	-	5
	afligir	-	-	-	2	-	-	-	-	2
	aterrar	-	-	-	2	-	-	-	-	2
	atrapalhar	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	compadecer	-	5	-	-	-	-	-	-	5
	constranger	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	contentar	-	1	-	-	-	-	2	-	3
	contristar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	desamparar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	desconsolar	-	-	-	-	-	-	1	-	1
	descontentar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	desgostar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	emocionar	-	-	-	-	-	1	-	-	1
	endoidar	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	enervar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	enfurecer	-	-	-	-	-	-	1	-	1
	enlouquecer	1	-	1	-	-	-	-	-	2
	entorpecer	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	entristecer	-	-	-	2	-	-	-	-	2
	espantar	-	3	-	-	-	-	-	-	3
	extasiar	-	1	-	-	-	-	-	-	1
impacientar	-	1	-	-	-	-	-	-	1	
inquietar	-	-	-	1	-	-	1	-	2	
interessar	-	4	-	-	-	-	-	-	4	
irritar	-	1	-	1	-	-	-	-	2	
pasmar	2	-	-	-	-	-	-	-	2	
preocupar	-	-	1	-	-	-	-	-	1	
resignar	-	2	-	-	-	-	-	-	2	
Total =	5	20	5	21	0	1	5	0	57	

Tabela A2.7 - Verbos da Classe de *Preocupar* no séc. 20

Séc.	Verbo	ExpS			ExpO			Ficar +	Pas	Total
		Sin	Pron	Ana	Sin	Pron	Ana			
20	aborrecer	--	3	3	--	--	--	1	--	7
	amolar	--	--	--	2	--	--	--	--	2
	apaixonar	--	--	2	--	--	--	--	--	2
	apavorar	--	--	--	1	--	--	1	--	2
	atrapalhar	--	--	1	--	--	--	--	--	1
	cacetear	--	--	--	1	--	--	--	--	1
	comover	--	--	--	1	--	--	--	--	1
	contentar	--	1	--	--	--	--	--	--	1
	decepcionar	--	--	--	2	--	--	--	--	2
	desapontar	--	--	--	--	--	--	1	--	1
	desconsolar	--	--	2	--	--	--	--	--	2
	desesperar	1	1	--	--	--	--	--	--	2
	desgostar	1	--	--	--	--	1	--	--	2
	desorientar	1	--	2	2	--	--	--	--	5
	endoidar	1	--	--	--	--	--	2	--	3
	enervar	--	--	--	--	--	1	--	--	1
	engrandecer	--	--	--	1	--	--	--	--	1
	enjoar	1	--	2	--	--	--	--	--	3
	enlevar	--	--	--	1	--	--	--	--	1
	enlouquecer	2	--	1	--	--	--	2	--	5
	entristecer	--	--	--	--	--	--	2	--	2
	envergonhar	--	--	4	1	--	--	--	--	5
	espantar	--	3	4	1	--	--	2	--	10
	exaltar	--	8	--	--	--	--	--	--	8
	impacientar	--	--	4	--	--	--	--	--	4
	impressionar	--	--	1	--	--	--	--	--	1
	inquietar	--	2	--	--	--	--	--	--	2
	interessar	--	--	1	--	--	--	--	--	1
	irritar	--	1	1	--	--	--	--	--	2
	orgulhar	--	--	2	--	--	--	--	--	2
preocupar	--	6	4	4	--	--	1	--	15	
revoltar	--	1	--	--	--	--	--	--	1	
vexar	--	--	--	--	--	1	--	--	1	
	Total =	7	26	34	17	0	3	12	0	99

Tabela A2.8 - Verbos da Classe de Preocupar no séc. 20o

Séc.	Verbo	ExpS			ExpO			Ficar +	Pas	Total
		Sin	Pron	Ana	Sin	Pron	Ana			
20o	aborrecer	-	1	-	-	-	-	-	-	1
	acomodar	-	-	-	-	-	-	1	-	1
	afligir	-	-	-	-	-	-	2	-	2
	agitar	-	-	-	-	-	-	1	-	1
	alucinar	-	-	4	-	-	-	-	1	4
	angustiar	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	apaixonar	-	3	4	-	-	-	-	-	7
	apavorar	1	-	4	-	-	-	-	-	5
	aporrinhar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	atrapalhar	-	-	-	4	-	-	-	-	4
	bitolar	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	chatear	-	-	2	-	-	-	1	-	3
	chocar	-	-	1	7	-	-	5	-	13
	danar	-	-	-	-	-	-	3	-	3
	decepcionar	-	2	-	-	-	-	1	-	3
	deprimir	-	-	2	-	-	-	3	-	5
	desapontar	-	-	-	-	-	-	1	-	1
	desesperar	-	-	1	-	-	-	1	-	2
	desgastar	1	3	-	-	-	-	-	-	4
	desgostar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	desorientar	-	-	1	1	-	-	-	-	2
	emocionar	-	-	-	-	-	-	1	-	1
	empolgar	-	2	-	-	-	-	-	-	2
	encantar	-	-	1	1	-	-	1	-	3
	encucar	-	-	-	-	-	-	1	-	1
	endoidar	-	-	3	-	-	-	4	-	7
	enervar	-	-	-	-	-	-	2	-	2
	enfadar	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	enfastiar	-	-	-	-	-	-	1	-	1
	enfezar	1	-	-	-	-	-	-	-	1
	enjoar	2	-	1	-	-	-	-	-	3
	enlouquecer	2	-	-	-	-	-	1	-	3
	enojar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	enraivecer	-	-	1	-	-	1	-	-	2
	envergonhar	-	1	4	-	-	-	-	-	5
	espantar	1	-	-	-	-	-	-	-	1
	exaltar	-	-	-	-	-	-	1	-	1
	frustrar	-	1	2	-	-	1	-	-	4
	grilar	-	-	1	2	-	-	1	-	4
	horrorizar	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	impacientar	-	-	2	-	-	-	-	-	2
	impressionar	-	-	1	4	-	-	1	-	6
interessar	1	5	6	2	-	-	-	-	14	
irritar	-	1	-	-	-	-	-	-	1	
maravilhar	-	-	-	-	-	-	1	-	1	
orgulhar	-	1	-	-	-	-	-	-	1	
prender	-	-	-	2	-	-	-	-	2	
preocupar	3	6	16	1	-	-	2	-	28	
realizar	-	5	2	-	-	-	-	-	7	
revoltar	-	1	-	1	-	-	1	-	3	
tocar	-	-	-	1	-	-	-	-	1	
Total =	12	32	62	29	0	2	37	1	175	

Quadro A2.1 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 14 - Classe 2

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência							
		14	15	16	17	18	19	20	20o
Mistos									
contentar	séc. 14	Misto (ana/sin)	ExpS (pro e ana)	ExpS (pro)	Misto (pro/sin)	Misto (pro/sin)	ExpS (pro e ficar)	ExpS (pro)	—
enojar	séc. 15	Misto (pro e ana/sin e ana)	Misto (sin e ana/sin e ana)	—	—	—	—	—	ExpO (sin)
envergonhar	séc. 15	Misto (ana/ana)	ExpS (ana)	Misto (ana/ana)	—	—	—	Misto (pro/sin)	ExpS (pro e ana)
ExpS									
aborrecer	séc. 13	ExpS (sin)	ExpS (sin e ana)	—	ExpS (sin)	ExpS (sin)	Misto (sin e ana/sin)	ExpS (pro, ana e ficar)	ExpS (pro)
apavorar	séc. 17	ExpS (ana)	—	—	—	—	—	Misto (ficar/sin)	ExpS (sin e ana)
apiedar	séc. 16	ExpS (ana)	—	—	ExpS (pro)	ExpS (ana)	—	—	—
assanhar	?	ExpS (ana)	ExpS (pro e ana)	—	—	—	—	—	—
deleitar	séc. 14	ExpS (ana)	Misto (pro e ana/sin)	—	ExpS (pro)	ExpS (pro)	—	—	—
enlouquecer	séc. 18	ExpS (ana)	—	—	—	—	ExpS (sin e ana)	ExpS (sin, ana e ficar)	ExpS (ficar e sin)
entristecer	séc. 13	ExpS (ana e ficar)	Misto (ana e ficar/ana)	—	—	ExpS (ana)	ExpO (sin)	ExpS (ficar)	—
espantar	séc. 13	ExpS (ana)	Misto (pro, ana e ficar/sin)	ExpS (pro, ana e ficar)	Misto (pro/sin)	ExpO (sin e ana)	ExpS (pro)	Misto (pro, ana e ficar/sin)	ExpS (sin)
irar	?	ExpS (ana)	ExpS (ana)	—	ExpS (ana)	—	—	—	—
maravilhar	séc. 18	ExpS (pro)	Misto (sin, pro/sin)	—	—	—	—	—	ExpS (ficar)
ExpO									
danar	séc. 13	ExpO (sin)	—	—	—	—	—	—	ExpS (ficar)
desamparar	séc. 13	ExpO (sin)	ExpO (sin)	—	—	ExpO (sin)	ExpO (sin)	—	—

Quadro A2.2 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 15 - Classe 2

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência						
		15	16	17	18	19	20	20o
Mistos								
afligir	séc. 15	Misto (ana/sin)	—	—	Misto (pro/sin)	ExpO (sin)	—	—
ExpS								
assoberbar	séc. 14	ExpS (ana)	—	—	—	—	—	—
atribular	séc. 14	ExpS (ana)	—	—	—	—	—	—
compadecer	séc. 16	ExpS (ana)	—	ExpS (pro)	—	ExpS (pro)	—	—
desconsolar	séc. 14	ExpS (ficar)	ExpS (ficar)	Misto (ana/sin)	—	ExpS (ficar)	ExpS (ana)	—
descontentar	?	ExpS (ana)	—	—	—	ExpO (sin)	—	—
desesperar	séc. 15	ExpS (sin)	—	—	—	—	ExpS (sin e pro)	ExpS (ficar e ana)
enfadar	séc. 13	ExpS (ana)	—	—	ExpS (pro e ana)	—	—	ExpS (ana)
enfastiar	séc. 17	ExpS (pas)	—	—	ExpO (sin)	—	—	ExpS (ficar)
ExpO								
assossegar	séc. 14	ExpO (ana)	—	—	—	—	—	—
constranger	séc. 13	ExpO (sin)	—	—	—	ExpO (sin)	—	—

Quadro A2.3 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 16 - Classe 2

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência					
		16	17	18	19	20	20o
Mistos							
escandalizar	séc. 14	Misto (ficar/sin)	—	ExpO (sin)	—	—	—
ExpS							
afeiçoar	séc. 15	ExpS (ana)	ExpS (pro e ana)	—	—	—	—
pasmar	?	ExpS (ficar)	ExpS (sin)	ExpS (ana)	ExpS (sin)	—	—
ExpO							
apaixonar	séc. 16	ExpO (sin)	—	—	—	ExpS (ana)	ExpS (pro e ana)

Quadro A2.4 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 17 - Classe 2

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência				
		17	18	19	20	20o
Mistos						
—	—	—	—	—	—	—
ExpS						
admirar I	séc. 15	ExpS (pro)	ExpS (sin)	Misto (sin e pro/sin)	—	—
horrorizar	séc. 19	ExpS (ana)	ExpS (ana)	—	—	ExpS (ana)
resignar	?	ExpS (pro)	—	ExpS (pro)	—	—
ExpO						
engrandecer	séc. 16	ExpO (sin)	—	—	ExpO (sin)	—

Quadro A2.5 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 18 - Classe 2

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência			
		18	19	20	20o
Mistos					
desvanecer	séc. 13	Misto (sin/sin)	---	---	---
inquietar	séc. 16	Misto (pro/sin)	ExpS (sin e ficar)	ExpS (pro)	---
irritar	séc. 15	Misto (pro/sin)	Misto (pro/sin)	ExpS (pro e ana)	ExpS (pro)
ExpS					
enamorar	séc. 13	ExpS (pro)	---	---	---
indignar	sec. 15	ExpS (pro)	---	---	---
ExpO					
exasperar	séc. 17	ExpO (sin)	---	---	---
preocupar	séc. 17	ExpO (sin)	ExpS (ana)	Misto (pro, ana e ficar/sin)	Misto (sin, pro, ana e ficar/sin)

Quadro A2.6 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 19 - Classe 2

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência		
		19	20	20o
Mistos				
---	---	---	---	---
ExpS				
atrapalhar	séc. 19	ExpS (ana)	ExpS (ana)	ExpO (sin)
endoidar	séc. 20	ExpS (ana)	ExpS (sin e ficar)	ExpS (ana)
enfurecer	séc. 17	ExpS (ficar)	---	---
extasiar	séc. 19	ExpS (pro)	---	---
impacientar	séc. 17	ExpS (pro)	ExpS (ana)	ExpS (ana)
interessar	séc. 16	ExpS (pro)	ExpS (ana)	Misto (sin, pro e ana/sin)
ExpO				
abalar	séc. 13	ExpO (sin)	---	---
aterrar	séc. 13	ExpO (sin)	---	---
contristar	séc. 15	ExpO (sin)	---	---
desgostar	séc. 17	ExpO (sin)	Misto (sin/ana)	ExpO (sin)
emocionar	séc. 20	ExpO (ana)	---	ExpS (ficar)
enervar	séc. 14	ExpO (sin)	ExpO (ana)	ExpS (ficar)
entorpecer	séc. 19	ExpO (sin)	---	---

Quadro A2.7 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 20 - Classe 2

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência	
		20	20o
Mistos			
desorientar	séc. 18	Misto (sin e ana/sin)	Misto (sin e ana/sin)
ExpS			
enjoar			
exaltar	séc. 16	ExpS (sin e ana)	ExpS (sin e ana)
impressionar	séc. 14	ExpS (pro)	ExpS (ficar)
orgulhar	séc. 17	ExpS (ana)	Misto (ana e ficar/sin)
revoltar	séc. 19	ExpS (ana)	ExpS (pro)
ExpO	séc. 17	ExpS (pro)	Misto (pro e ficar/sin)
amolar			
cacetear	séc. 16	ExpO (sin)	---
comover	séc. 19-20	ExpO (sin)	---
decepcionar	séc. 13	ExpO (sin)	ExpS (pro e ficar)
enlevar	séc. 20	ExpO (sin)	---
vexar	séc. 14	ExpO (sin)	---
	séc. 16	ExpO (ana)	---

Quadro A2.8 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 20o - Classe 2

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência
		20o
Mistos		
chocar	?	Misto (ana e ficar/sin)
encantar	séc. 13	Misto (ana e ficar/sin)
enraivecerc	séc. 19	Misto (ana/ana)
frustrar	séc. 16	Misto (pro e ana/ana)
grilar	séc. 20	Misto (ana e ficar/sin)
ExpS		
agitar		
alucinar	séc. 16	ExpS (ficar)
angustiar	séc. 19	ExpS (ana)
bitolar	séc. 13	ExpS (pas)
chatear	séc. 20	ExpS (ana)
deprimir	séc. 20	ExpS (ana e ficar)
desapontar	séc. 16	ExpS (ficar)
desgastar	séc. 19	ExpS (ficar)
empolgar	séc. 19	ExpS (sin e pro)
encucar	séc. 16	ExpS (pro)
enfazar	?	ExpS (ficar)
realizar	séc. 19	ExpS (sin)
ExpO	séc. 19	ExpS (pro e ana)
aporrinhar		
prender	séc. 19	ExpO (sin)
tocar	séc. 13	ExpO (sin)
	séc. 15	ExpO (sin)

Anexo A3 - Classe 3 *Acalmar*

Tabela A3.1 - Verbos da Classe de *Acalmar* no séc. 14

Séc.	Verbo	ExpS			ExpO			Ficar +	Pas	Total
		Sin	Pron	Ana	Sin	Pron	Ana			
14	amaldiçoar	-	-	-	-	-	1	-	-	1
	enganar	-	-	-	1	-	-	-	1	2
	honrar	-	-	-	2	-	3	-	-	5
	pacificar	-	-	-	-	-	-	-	1	1
	subjugar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	trair	-	-	-	-	-	1	-	-	1
	Total =	0	0	0	4	0	5	0	2	11

Tabela A3.2 - Verbos da Classe de *Acalmar* no séc. 15

Séc.	Verbo	ExpS			ExpO			Ficar +	Pas	Total
		Sin	Pron	Ana	Sin	Pron	Ana			
15	abrandar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	afagar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	amoestar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	enganar	-	2	1	2	-	2	-	1	8
	honrar	-	-	1	6	-	-	-	-	7
	perseguir	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	privilegiar	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	refrear	-	-	-	-	1	-	-	-	1
	tentar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	Total =	0	2	3	13	1	2	0	1	22

Tabela A3.3 - Verbos da Classe de *Acalmar* no séc. 16

Séc.	Verbo	ExpS			ExpO			Ficar +	Pas	Total
		Sin	Pron	Ana	Sin	Pron	Ana			
16	amansar	1	-	-	3	-	-	-	-	4
	amoestar	-	-	-	4	-	-	-	-	4
	maltratar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	pacificar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	Total =	1	0	0	9	0	0	0	0	10

Tabela A3.4 - Verbos da Classe de *Acalmar* no séc. 17

Séc.	Verbo	ExpS			ExpO			Ficar +	Pas	Total
		Sin	Pron	Ana	Sin	Pron	Ana			
17	amansar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	desonrar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	enganar	-	2	-	2	-	-	-	-	4
	engodar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	honrar	-	-	-	1	-	1	-	-	2
	maltratar	-	-	-	-	-	-	-	1	1
	mimar	-	-	-	-	-	1	-	-	1
	molestar	-	-	-	2	-	-	-	-	2
	perseguir	-	-	-	-	-	-	-	1	1
	pisar	-	-	-	-	-	-	-	1	1
	proteger	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	tiranizar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	Total =	0	2	0	10	0	2	0	3	17

Tabela A3.5 - Verbos da Classe de *Acalmar* no séc. 18

Séc.	Verbo	ExpS			ExpO			Ficar +	Pas	Total
		Sin	Pron	Ana	Sin	Pron	Ana			
18	desenganar	-	-	-	1	1	-	-	-	2
	cortejar	-	-	-	-	-	-	-	1	1
	dignificar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	dissuadir	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	enganar	-	-	-	3	-	-	-	-	3
	honrar	-	-	-	3	-	-	-	-	3
	molestar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	pacificar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	regalar	-	-	-	1	-	-	-	1	1
	subornar	-	-	-	-	-	1	-	-	1
	trair	-	-	-	-	-	-	-	-	1
		Total =	0	0	0	12	1	1	0	2

Tabela A3.6 - Verbos da Classe de *Acalmar* no séc. 19

Séc.	Verbo	ExpS			ExpO			Ficar +	Pas	Total
		Sin	Pron	Ana	Sin	Pron	Ana			
19	adular	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	convencer	-	-	2	-	-	-	-	-	2
	desenganar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	enganar	-	1	-	1	-	-	-	1	3
	esmagar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	espezinhar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	honrar	-	-	-	2	-	1	-	-	3
	preservar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	tentar	-	-	-	-	1	-	-	-	1
	torturar	-	-	-	-	1	-	-	-	1
	velar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
		Total =	0	1	2	9	2	1	0	1

Tabela A3.7 - Verbos da Classe de *Acalmar* no séc. 20

Séc.	Verbo	ExpS			ExpO			Ficar +	Pas	Total
		Sin	Pron	Ana	Sin	Pron	Ana			
20	acalmar	--	--	5	1	11	--	1	--	18
	amansar	--	--	--	1	--	--	--	--	1
	apequenar	--	--	--	1	--	--	--	--	2
	atingir	--	--	--	2	--	--	--	--	1
	conquistar	--	--	--	1	--	--	--	--	1
	conter	--	--	--	--	1	--	--	--	1
	enganar	--	--	--	1	--	--	--	--	1
	honrar	--	--	--	1	--	--	--	--	1
	libertar	--	--	--	1	--	--	--	--	2
	provocar	--	--	--	2	--	--	--	--	1
	rebaixar	--	--	--	--	1	--	--	--	2
	regalar	--	2	--	--	--	--	1	--	4
	tranquilizar	--	--	1	2	--	--	--	--	3
	Total =		0	2	6	13	13	0	2	0

Tabela A3.8 - Verbos da Classe de *Acalmar* no séc. 20o

Séc.	Verbo	ExpS			ExpO			Ficar +	Pas	Total
		Sin	Pron	Ana	Sint	Pron	Ana			
20o	acarinhar	--	--	1	--	--	--	--	--	1
	agredir	--	--	--	--	--	--	--	1	1
	amansar	--	--	--	--	--	--	1	--	1
	atingir	--	--	--	3	--	--	--	--	3
	bajular	--	--	--	2	--	--	--	--	2
	cativar	--	--	--	2	--	--	--	--	2
	cercear	--	--	--	2	--	--	--	--	2
	cobrar	--	--	--	2	--	--	--	--	2
	enganar	--	--	--	1	--	--	--	--	1
	enrolar	--	--	--	2	--	--	--	--	2
	esmagar	--	--	--	1	--	--	--	--	1
	gozar 1	--	--	--	2	--	--	--	--	2
	libertar	--	--	--	--	1	--	--	--	1
	maltratar	--	--	--	1	--	--	--	--	1
	massacrar	--	--	--	--	--	--	--	1	1
	obsequiar	--	--	--	1	--	--	--	--	1
	pisar	--	--	--	1	--	--	--	--	1
	preservar	--	--	--	--	1	--	--	--	1
	privilegiar	--	--	1	--	--	--	--	--	1
	provocar	--	--	--	1	--	--	--	--	1
reprimir	--	--	--	1	--	--	--	--	1	
tranquilizar	--	--	1	--	--	--	2	--	3	
Total =		0	0	3	22	2	0	3	2	32

Quadro A3.1 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no séc. 14 - Classe 3

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência							
		14	15	16	17	18	19	20	20o
Mistos									
enganar	séc. 13	Misto (pas/sin)	Misto (pro, ana e pas/sin e ana)	—	Misto (pro/sin)	ExpO (sin)	Misto (pro, pas/sin)	ExpO (sin)	ExpO (sin)
ExpS									
pacificar	séc. 13	ExpS (pas)	—	ExpO (sin)	—	ExpO (sin)	—	—	—
ExpO									
amaldiçoar	séc. 16	ExpO (ana)	—	—	—	—	—	—	—
honrar	séc. 13	ExpO (sin e ana)	Misto (ana/sin)	—	ExpO (sin e ana)	ExpO (sin)	ExpO (sin e ana)	ExpO (sin)	—
subjugar	séc. 19	ExpO (sin)	—	—	—	—	—	—	—
trair	séc. 13	ExpO (ana)	—	—	—	ExpO (ana)	—	—	—

Quadro A3.2 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 15 - Classe 3

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência						
		15	16	17	18	19	20	20o
Mistos								
—	—	—	—	—	—	—	—	—
ExpS								
privilegiar	séc. 15	ExpS (ana)	—	—	—	—	—	ExpS (ana)
ExpO								
abrandar	séc. 14	ExpO (sin)	—	—	—	—	—	—
afagar	séc. 14	ExpO (sin)	—	—	—	—	—	—
admoestar	séc. 14	ExpO (sin)	ExpO (sin)	—	—	—	—	—
perseguir	séc. 14	ExpO (sin)	—	ExpS (pas)	—	—	—	—
refrear	séc. 14	ExpO (pro)	—	—	—	—	—	—
tentar	séc. 13	ExpO (sin)	—	—	—	ExpO (pro)	—	—

Quadro A3.3 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 16 - Classe 3

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência					
		16	17	18	19	20	20o
Mistos							
amansar	séc. 13	Misto (sin/sin)	ExpO (sin)	---	---	ExpO (sin)	ExpS (ficar)
ExpS							
---	---	---	---	---	---	---	---
ExpO							
maltratar	séc. 19	ExpO (sin)	ExpS (pas)	---	---	---	ExpO (sin)

Quadro A3.4 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 17 - Classe 3

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência				
		17	18	19	20	20o
Mistos						
---	---	---	---	---	---	---
ExpS						
pisar	séc. 13	ExpS (pas)	---	---	---	ExpO (sin)
ExpO						
desonrar	séc. 19	ExpO (sin)	---	---	---	---
engodar	séc. 16	ExpO (sin)	---	---	---	---
mimar	séc. 19	ExpO (sin)	---	---	---	---
molestar	séc. 16	ExpO (sin)	ExpO (sin)	---	---	---
proteger	séc. 19	ExpO (sin)	---	---	---	---
tiranizar	séc. 16	ExpO (sin)	---	---	---	---

Quadro A3.5 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 18 - Classe 3

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência			
		18	19	20	20o
Mistos					
---	---	---	---	---	---
ExpS					
cortejar	séc. 17	ExpS (pas)	---	---	---
subornar	sec. 16	ExpS (pas)	---	---	---
ExpO					
desenganar	séc. 13	ExpO (sin e pro)	ExpO (sin)	---	---
dignificar	séc. 19	ExpO (sin)	---	---	---
dissuadir	séc. 17	ExpO (sin)	---	---	---

Quadro A3.6 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 19 - Classe 3

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência		
		19	20	20o
Mistos				
ExpS				
convencer				
ExpO	séc. 14	ExpS (ana)		
adular				
esnagar	séc. 16	ExpO (sin)		
espezinhar	séc. 16	ExpO (sin)		ExpO (sin)
preservar	séc. 16	ExpO (sin)		
torturar	séc. 16	ExpO (sin)		ExpO (pro)
velar	séc. 19	ExpO (pro)		
	?	ExpO (sin)		

Quadro A3.7 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 20 - Classe 3

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência	
		20	20o
Mistos			
acalmar			
tranquilizar	séc. 15	Misto (ana/sin e pro)	
ExpS	séc. 18	Misto (ana/sin)	ExpS (ana e ficar)
regalar			
ExpO	?	ExpS (pro)	
apequenar			
atingir	séc. 20	ExpO (sin)	
conquistar	séc. 14	ExpO (sin)	ExpO (sin)
conter	séc. 14	ExpO (sin)	
libertar	séc. 18	ExpO (pro)	ExpS (pro e ficar)
provocar	séc. 16	ExpO (sin)	ExpO (pro)
rebaixar	séc. 15	ExpO (sin)	ExpO (sin)
	séc. 16	ExpO (pro)	

Quadro A3.8 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 20o - Classe 3

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência
		20o
Mistos		
ExpS		
acarinhar		
agredir	?	ExpS (ana)
massacrar	séc. 19	ExpS (pas)
ExpO	séc. 19	ExpS (pas)
bajular		
cativar	séc. 18	ExpO (sin)
cercear	séc. 13	ExpO (sin)
cobrar	séc. 13	ExpO (sin)
enrolar	séc. 13	ExpO (sin)
gozar I	séc. 16	ExpO (sin)
obsequiar	séc. 14	ExpO (sin)
reprimir	séc. 19	ExpO (sin)
	séc. 14	ExpO (sin)

Anexo A4 - Classe 4 *Animar*Tabela A4.1 - Verbos da Classe de *Animar* no séc. 14

Séc.	Verbo	ExpS			ExpO			Ficar +	Pas	Total
		Sin	Pron	Ana	Sin	Pron	Ana			
14	agravar	-	1	-	-	-	-	-	-	1
	ameaçar	-	-	-	-	-	1	-	-	1
	amedrontar	-	-	1	-	-	1	-	-	2
	atormentar	-	-	-	-	-	1	-	-	1
	confortar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	desanimar	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	empecer	-	-	-	2	-	-	-	-	2
	injuriar	-	-	-	-	-	1	-	-	1
	mazelar	-	-	4	-	1	-	-	1	6
	satisfazer	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Total =		0	1	6	4	1	4	0	1	17

Tabela A4.2 - Verbos da Classe de *Animar* no séc. 15

Séc.	Verbo	Exps			ExpO			Ficar +	Pas	Total
		Sin	Pron	Ana	Sin	Pron	Ana			
15	alegrar	-	-	3	2	5	-	-	-	10
	aliviar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	ameaçar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	amedrontar	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	atormentar	-	-	1	5	-	-	-	-	6
	confortar	-	-	1	13	1	1	1	2	19
	confundir	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	consolar	-	-	6	11	1	3	-	3	24
	contrariar	-	-	1	1	1	-	-	-	3
	empecer	-	-	1	4	-	-	-	-	5
	humilhar	-	-	-	1	1	-	-	-	2
	injuriar	-	-	-	1	-	1	-	-	2
	satisfazer	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	Total =		0	0	15	41	9	5	1	5

Tabela A4.3 - Verbos da Classe de *Animar* no séc. 16

Séc.	Verbo	ExpS			ExpO			Ficar +	Pas	Total
		Sin	Pron	Ana	Sin	Pron	Ana			
16	ameaçar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	amedrontar	-	-	2	-	-	-	-	-	2
	aquietar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	destruir	-	-	-	-	-	-	1	-	1
	importunar	-	-	-	1	-	-	-	1	2
	injuriar	-	-	-	-	-	-	-	1	1
	magoar	-	-	-	-	-	1	-	-	1
	oprimir	-	-	-	-	-	1	-	-	1
	quietar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	Total =		0	0	2	4	0	2	1	2

Tabela A4.4 - Verbos da Classe de *Animar* no séc. 17

Séc.	Verbo	ExpS			ExpO			Ficar +	Pas	Total
		Sin	Pron	Ana	Sin	Pron	Ana			
17	agradar	-	-	-	2	-	-	-	-	2
	alegrar	-	-	1	1	-	-	-	-	1
	alentar	-	-	-	1	-	-	-	-	3
	aliviar	-	-	1	2	-	-	-	-	1
	amedrontar	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	assombrar	-	1	-	-	-	-	-	-	2
	consolar	1	-	-	-	-	-	1	-	1
	humilhar	-	-	-	1	-	-	1	-	1
	magoar	-	-	-	-	-	-	-	-	6
	ofender	-	-	-	6	-	-	-	-	1
	oprimir	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	perturbar	-	-	-	1	-	-	-	-	5
	satisfazer	-	-	1	1	-	2	1	-	1
	sujeitar	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Total =		1	1	5	15	1	2	3	0	28

Tabela A4.5 - Verbos da Classe de *Animar* no séc. 18

Séc.	Verbo	ExpS			ExpO			Ficar +	Pas	Total
		Sin	Pron	Ana	Sin	Pron	Ana			
18	agradar	-	1	-	3	-	-	-	-	4
	alegrar	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	ameaçar	-	-	-	1	-	-	-	-	6
	animar	-	-	-	6	-	-	-	-	4
	atrair	-	-	-	4	-	-	-	-	5
	consolar	-	-	1	3	1	-	-	-	2
	divertir	-	-	-	2	-	-	-	-	1
	embaraçar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	humilhar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	incitar	-	-	-	1	-	-	-	-	3
	lisonjear	-	-	-	3	-	-	-	-	1
	magoar	-	1	-	-	-	-	-	-	2
	mortificar	-	-	-	2	-	-	-	-	6
	ofender	-	-	-	6	-	-	-	-	2
	perturbar	-	-	-	2	-	-	-	-	3
	satisfazer	-	-	-	1	1	1	-	-	1
	sujeitar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Total =		0	2	2	37	2	1	0	0	44

Tabela A4.6 - Verbos da Classe de *Animar* no séc. 19

Séc.	Verbo	Ergativa			Causativa			Ficar +	Pas	Total
		Sin	Pron	Ana	Sin	Pron	Ana			
19	agradar	-	-	-	3	-	-	-	-	3
	alegrar	-	-	-	2	2	-	-	-	4
	amedrontar	-	-	7	1	-	1	-	-	9
	animar	-	-	-	2	-	-	-	-	2
	assustar	-	2	-	-	-	-	-	-	2
	atemorizar	-	2	-	3	-	-	-	-	5
	aterrorizar	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	atormentar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	consolar	-	-	-	6	4	-	-	-	10
	contrariar	-	-	1	1	-	-	-	-	2
	desanimar	3	-	-	1	-	-	-	-	4
	desencantar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	distrair	-	3	-	-	-	1	-	-	4
	embriagar	-	-	-	-	1	-	-	-	1
	encorajar	-	-	2	-	-	-	-	-	2
	ferir	-	-	-	4	-	-	-	-	4
	humilhar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	iludir	-	-	-	1	1	-	-	-	2
	incomodar	-	1	-	2	-	-	-	-	3
	infamar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	lisonjear	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	martirizar	-	-	-	-	1	-	-	-	1
	ofender	-	-	-	6	-	-	-	-	6
	perturbar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	satisfazer	-	-	4	4	-	1	-	-	9
	seduzir	-	-	-	2	-	-	-	-	2
	sujeitar	-	-	-	-	2	-	-	-	2
	surpreender	-	-	-	2	-	-	-	-	2
	tolher	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	Total =		3	8	16	46	11	3	0	0

Tabela A4.7 - Verbos da Classe de *Animar* no séc. 20

Séc.	Verbo	ExpS			ExpO			Ficar +	Pas	Total
		Sin	Pron	Ana	Sin	Pron	Ana			
20	abandonar	-	-	-	1	-	-	-	1	2
	abençoar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	agradar	-	-	-	3	-	-	-	-	3
	alegrar	-	-	-	-	2	-	-	-	2
	ameaçar	-	-	1	4	-	-	1	-	6
	amedrontar	-	-	18	-	-	2	-	-	20
	amesquinhar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	amofinar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	animar	-	-	3	1	1	-	-	-	5
	assustar	-	2	1	2	-	1	-	-	6
	atarantar	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	atemorizar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	aterrorizar	-	-	1	-	1	-	-	-	1
	atormentar	-	-	-	-	-	-	-	-	2
	consolar	-	-	1	1	-	-	-	-	3
	contrariar	-	-	-	3	-	-	-	-	4
	desanimar	1	-	2	1	-	-	-	-	1
	desiludir	-	-	-	1	-	-	-	-	10
	distrair	-	-	2	3	5	-	-	-	7
	divertir	-	-	1	-	6	-	-	-	1
	dominar	-	-	-	1	-	-	-	-	4
	encorajar	-	-	4	-	-	-	-	-	1
	envolver	-	-	-	-	1	-	-	-	2
	fascinar	-	-	2	-	-	-	-	-	2
	ferir	-	-	-	2	-	-	-	-	4
	humilhar	-	-	1	3	-	-	-	-	1
	itudir	-	-	-	-	1	-	-	-	2
	importunar	-	-	-	2	-	-	-	-	8
	incomodar	-	3	-	5	-	-	-	-	1
	influenciar	-	-	-	1	-	-	-	-	5
	magoar	-	-	-	4	-	-	1	-	1
	ofender	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	oprimir	-	-	-	1	-	-	-	-	2
	perturbar	-	1	-	1	-	-	-	-	1
	rejubilar	-	1	-	-	-	-	-	-	1
	seduzir	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	sufocar	-	-	-	1	-	-	-	-	4
	surpreender	-	2	1	1	-	-	-	-	17
	Total =	1	9	38	48	17	3	3	1	120

Tabela A4.8 - Verbos da Classe de *Animar* no séc. 20o

Séc.	Verbo	ExpS			ExpO			Ficar +	Pas	Total
		Sin	Pron	Ana	Sin	Pron	Ana			
20o	agradar	-	-	-	6	-	-	-	-	6
	alegrar	-	-	-	-	-	-	5	-	5
	ameaçar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	amedrontar	-	-	26	-	-	3	-	-	29
	animar	-	-	1	2	-	1	-	-	4
	assustar	-	1	2	1	-	-	1	-	5
	atiçar	-	-	-	2	-	-	-	-	2
	avacalhar	-	-	-	2	-	-	-	-	2
	contrariar	-	-	-	-	-	1	-	-	1
	desanimar	2	-	-	-	-	-	1	-	3
	desiludir	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	desvalorizar	-	-	1	1	-	-	-	-	2
	distrair	2	2	-	2	-	-	-	-	6
	divertir	1	-	-	-	5	-	-	-	6
	encorajar	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	entusiasmar	-	-	3	-	-	-	-	-	3
	esnober	-	-	-	3	-	-	-	-	3
	estimular	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	estragar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	humilhar	-	1	-	2	-	-	-	-	3
	iludir	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	incomodar	-	-	-	3	-	-	-	-	3
	influenciar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	machucar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	marcar	-	-	1	-	-	-	-	-	1
	motivar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	ofender	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	perturbar	-	-	-	3	-	-	-	-	3
	prejudicar	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	relaxar	1	-	-	-	-	-	-	-	1
	satisfazer	-	-	2	3	-	-	-	-	5
	seduzir	-	-	-	1	-	-	-	-	1
sufocar	-	-	1	-	-	-	-	-	1	
sujeitar	-	-	-	-	6	-	-	-	6	
tolher	-	-	-	1	-	-	-	-	1	
valorizar	-	-	-	3	-	-	-	-	3	
Total =	6	4	39	44	11	5	7	0	116	

Quadro A4.1 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no séc. 14 - Classe 4

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência							
		14	15	16	17	18	19	20	20o
Mistos									
amedrontar	séc. 15	Misto (ana/ana)	ExpS (ana)	ExpS (ana)	ExpS (ana)	—	Misto (ana/sin, ana)	Misto (ana/ana)	Misto (ana/ana)
mazelar	séc. 14	Misto (ana/pro)	—	—	—	—	—	—	—
ExpS									
agravar	séc. 13	ExpS (pro)	—	—	—	—	—	—	—
desanimar	séc. 17	ExpS (ana)	—	—	—	—	Misto (sin/sin)	Misto (sin, ana/sin)	ExpS (sin/ficar)
ExpO									
ameaçar	séc. 13	ExpO (ana)	ExpO (sin)	ExpO (sin)	—	—	—	Misto (ana e ficar/sin)	ExpO (sin)
atormentar	séc. 15	ExpO (ana)	Misto (ana/sin)	—	—	—	ExpO (pro)	—	—
confortar	séc. 13	ExpO (sin)	Misto (ana, pas e ficar/sin, pro e ana)	—	—	—	—	—	—
empecer	séc. 13	ExpO (sin)	Misto (ana/sin)	—	—	—	—	—	—
injuriar	séc. 15	ExpO (ana)	ExpO (sin e ana)	ExpS (pas)	—	—	—	—	—
satisfazer	séc. 14	ExpO (sin)	ExpO (sin)	—	Misto (ana/sin e ana)	ExpO (sin, pro e ana)	Misto (ana/sin e ana)	—	Misto (ana/sin)

Quadro A4.2 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 15 - Classe 4

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência						
		15	16	17	18	19	20	20o
Mistos								
alegrar	séc. 13	Misto (ana/sin, pro)	—	Misto (ana/sin)	ExpS (ana)	ExpO (sin e pro)	ExpO (pro)	ExpS (ficar)
consolar	séc. 14	Misto (ana e pas/sin, pro e ana)	—	ExpS (sin e ficar)	Misto (ana/sin e pro)	ExpO (sin e pro)	Misto (ana/sin)	—
contrariar	séc. 13	Misto (ana/sin e pro)	—	—	—	Misto (ana/sin)	ExpO (sin)	ExpO (ana)
ExpS								
confundir	séc. 13	ExpS (ana)	—	—	—	—	—	—
ExpO								
aliviar	séc. 14	ExpO (sin)	—	Misto (ana/sin)	—	—	—	—
humilhar	séc. 13	ExpO (sin e pro)	—	ExpO (sin)	ExpO (sin)	ExpO (sin)	Misto (ana/sin)	Misto (pro/sin)

Quadro A4.3 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 16 - Classe 4

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência					
		16	17	18	19	20	20o
Mistos							
importunar	?	Misto (pas/sin)	—	—	—	ExpO (sin)	—
ExpS							
destruir	séc. 13	ExpS (ficar)	—	—	—	—	—
ExpO							
aquietar	séc. 16	ExpO (sin)	—	—	—	—	—
magoar	séc. 15	ExpO (ana)	ExpS (ficar)	ExpS (ana)	—	Misto (ficar/sin)	—
oprimir	séc. 16	ExpO (ana)	ExpS (ana)	—	—	ExpO (sin)	—
quietar	séc. 16	ExpO (sin)	—	—	—	—	—

Quadro A4.4 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 17 - Classe 4

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência				
		17	18	19	20	20o
Mistos						
---	---	---	---	---	---	---
ExpS						
assombrar	séc. 16	ExpS (pro)	---	---	---	---
ExpO						
agradar	séc. 15	ExpO (sin)	Misto (pro/sin)	ExpO (sin)	ExpO (sin)	ExpO (sin)
alentar	séc. 16	ExpO (sin)	---	---	---	---
ofender	séc. 16	ExpO (sin)	ExpO (sin)	ExpO (sin)	ExpO (sin)	ExpO (sin)
perturbar	séc. 14	ExpO (sin)	ExpO (sin)	ExpO (sin)	Misto (ana/sin)	ExpO (sin)
sujeitar	séc. 19	ExpO (pro)	ExpO (sin)	ExpO (pro)	---	ExpO (pro)

Quadro A4.5 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 18 - Classe 4

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência			
		18	19	20	20o
Mistos					
---	---	---	---	---	---
ExpS					
---	---	---	---	---	---
ExpO					
animar	séc. 16	ExpO (sin)	ExpO (sin)	Misto (ana/sin e pro)	Misto (ana/sin e ana)
atrair	séc. 15	ExpO (sin)	---	---	---
divertir	séc. 16	ExpO (sin)	---	Misto (ana/pro)	Misto (sin/pro)
embaraçar	séc. 16	ExpO (sin)	---	---	---
incitar	séc. 16	ExpO (sin)	---	---	---
lisonjear	séc. 16	ExpO (sin)	ExpS (ana)	---	---
mortificar	séc. 14	ExpO (sin)	---	---	---

Quadro A4.6 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 19 - Classe 4

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência		
		19	20	20o
Mistos				
atemorizar	séc. 16	Misto (ana/sin)	ExpO (sin)	---
distrair	séc. 16	Misto (pro/ana)	Misto (ana/sin e pro)	Misto (sin e pro/sin)
incomodar	séc. 18	Misto (pro/sin)	Misto (ana/sin)	ExpO (sin)
ExpS				
assustar	séc. 17	ExpS (pro)	Misto (pro e ana/sin e ana)	Misto (pro, ana e ficar/sin)
aterrorizar	séc. 19	ExpS (ana)	ExpO (sin)	---
encorajar	séc. 19	ExpS (ana)	ExpS (ana)	ExpS (ana)
ExpO				
desencantar	séc. 18	ExpO (sin)	---	---
embriagar	séc. 17	ExpO (pro)	---	---
ferir	séc. 13	ExpO (sin)	ExpO (sin)	---
iludir	séc. 17	ExpO (sin)	ExpO (pro)	ExpO (sin)
infamar	séc. 17	ExpO (sin)	---	---
martirizar	séc. 14	ExpO (pro)	---	---
seduzir	séc. 16	ExpO (sin)	ExpO (sin)	ExpO (sin)
surpreender	séc. 16	ExpO (sin)	Misto (pro e ana/sin)	---
tolher	séc. 13	ExpO (sin)	---	ExpO (sin)

Quadro A4.7 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 20 - Classe 4

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência	
		20	20o
Mistos			
abandonar	séc. 16	Misto (pas/sin)	---
ExpS			
atarantar	séc. 18	ExpS (ficar)	---
fascinar	séc. 18	ExpS (ana)	---
rejubilar	séc. 18	ExpS (pro)	---
ExpO			
amesquinhar	séc. 17	ExpO (sin)	---
amofinar	séc. 16	ExpO (sin)	---
desiludir	séc. 19	ExpO (sin)	ExpS (ana)
dominar	séc. 16	ExpO (sin)	---
envolver	séc. 14	ExpO (pro)	---
influenciar	séc. 19	ExpO (sin)	ExpO (sin)
sufocar	séc. 17	ExpO (sin)	ExpS (ana)

Quadro A4.8 - Perfil dos verbos com primeira ocorrência no Séc. 20o - Classe 4

Verbos	Origem	Padrão do verbo por período de ocorrência
		20o
Mistos		
desvalorizar	séc. 19	Misto (ana/sin)
ExpS		
entusiasmar	séc. 19	ExpS (ana)
marcar	?	ExpS (ana)
relaxar	séc. 15	ExpS (sin)
ExpO		
atiçar	?	ExpO (sin)
avacalhar	séc. 20	ExpO (sin)
esnobar	séc. 20	ExpO (sin)
estimular	séc. 16	ExpO (sin)
estragar	séc. 13	ExpO (sin)
machucar	séc. 14	ExpO (sin)
motivar	séc. 17	ExpO (sin)
prejudicar	séc. 15	ExpO (sin)
valorizar	séc. 19	ExpO (sin)

Anexo A5 - Notas adicionais

NOTA 8 - A pesquisa concerne à variação da interrogativa negativa *V not V*, que tem por variantes:

VP neg VP (forma plena): *eat rice not eat rice*

VP neg V: *eat rice not eat*

V neg VP: *eat not eat rice*

Na primeira metade do século, a estrutura padrão era VP neg V. Por volta da década de 50, uma outra estrutura V neg VP entra na língua (por influência de dialetos sulistas) acompanhando verbos cópula, que são os mais frequentes da língua. Essa estrutura foi se espalhando, dos verbos de ligação para os existenciais, os possessivos e os optativos, todos, igualmente, itens de alta frequência.

Yue-Hashimoto menciona, para efeito de discussão, um estudo realizado sobre a interrogativa negativa, (Zhang, 1990) que registra nos dados extraídos de três dramas e novelas contemporâneas 169 estruturas V not V. Dessas, apenas 9 eram VP neg V (a forma antiga), o que atesta a rápida propagação da nova forma V neg VP na qual apareceram realizadas as 160 estruturas. Mas o ponto que Yue-Hashimoto sublinha na pesquisa de Zhang é que dessas 9 VP neg V, 8 eram com verbos shi e you (cópula), ou seja, exatamente os mesmos que desencadearam a estrutura nova, no dialeto de Pequim, na década de 50.

Yue-Hashimoto conclui que a pesquisa de Zhang sustenta, por um lado, e contradiz, por outro, pesquisas anteriores (como a de Tottie, 1991), segundo as quais a alta frequência dos itens lexicais constitui-se em freio para as inovações. E ressalta que os resultados da pesquisa de Zhang são paradoxais na aparência, apenas. Sugere que o paradoxo se desfaz se fizermos uma análise bidimensional, que supõe que se aborde toda mudança como competitiva, ou seja, que a mudança deve ser analisada tanto na perspectiva da nova forma quanto na da antiga forma. E propõe o seguinte: ao entrar na língua, a forma nova vai dominar uma porção do léxico, provavelmente aquela dos itens mais frequentes. Paralelamente, a forma antiga vai tentar segurar parte de seu território. À medida que vai perdendo terreno, ela pode recuar tanto diante dos itens mais frequentes - e mais familiares, quanto diante dos menos frequentes - e menos familiares. E conclui que essa última estratégia é a que parece realizar-se no dialeto de Pequim.

O uso de uma perspectiva bidimensional (também evidenciada por Wang (1993), na mudança sonora) parece-me bastante interessante, mas é passível de expansões e/ou restrições. Observo que a

autora imputa ao léxico uma atitude que é do falante. É ele que imprime a força de um e outro movimento dos padrões linguísticos através de seleção que faz dos itens. O falante não pode privilegiar os mesmos itens para fins opostos, exceto se os momentos e intenções da enunciação forem diferentes. As considerações da autora nos remetem pois a uma reflexão sobre a possível submissão do fator frequência a outros ainda não devidamente explorados. Constatções mutuamente excludentes sugerem que outro fator esta atuando.

NOTA 18 - Ao tomar o modelo da fonologia lexical para a análise do processo de tensionamento do *short a*, Harris (1989), (com base em Kiparsky, 1988), que propõe que se relacionem mudanças por DL e processos NG (Labov, 1981) a regras fonológicas lexicais e regras pós-lexicais, respectivamente) considera que: a) historicamente esse processo é automática e foneticamente condicionado, operando quando a vogal se encontra em sílaba travada; b) o tensionamento do *short a* é sincronicamente uma regra lexical: é lexicalmente seletivo (na Filadélfia os três adjetivos *bad, mad e glad* são pronunciados com *a frouxo*); seu *output* tem percepção categórica; é sensível a informação morfológica, operando diante de consoantes heterossilábicas seguidas de fronteira de morfema. A proposta de Harris consiste em mostrar que se a regra de tensionamento for postulada como se aplicando no primeiro nível, depois da silabificação ela vai se aplicar a um item como *man(ning)*, mas não, a *ma(nner)*, já que essa última não tem contexto de aplicação: sua vogal, contrariamente ao outro item ocorre em sílaba aberta. A afinação é postulada para o segundo nível, quando *man(ning)* vai se transformar em *manning*, e *manner* vai permanecer sem alteração, já que nenhum sufixo *lhe* é acrescentado. Aplica-se, a seguir, a silabificação: *manning* se transforma em *ma-ning*. Nesse nível da derivação o *short a* de *manning* passa a estar em sílaba aberta, não admitindo a aplicação da regra de tensionamento. Só que a regra já se aplicou e, como vimos acima, o *output* de um nível não se submete às regras de outro nível. Portanto, apesar do fato de o *short a* de *manning* chegar à forma superficial em uma sílaba aberta, ele preserva a forma adquirida no primeiro nível, forma essa adquirida em função de ser palavra derivada. Harris observa, ainda, que na Filadélfia, por exemplo, apesar de a palavra *classify* (derivada) ser pronunciada, em geral, com *a* tenso (já que ela é derivada como *manning*, item analisado acima), observam-se realizações esporádicas desse item com a vogal frouxa. A fonologia lexical explica que, nesse caso, os falantes tratam essas palavras como não-derivadas; o ponto de partida é a palavra completa. Apesar de não ser pertinente para o ponto do qual

estou tratando, anoto essa observação de Harris, porque ela aborda a variação linguística, na explicação que ele propõe para a forma de armazenamento das palavras. Abordei acima a questão de haver variação temporal no tipo de armazenagem feita pelo falante: o processo evidenciaria variação, o falante armazenando palavras derivadas ora sob uma única entrada lexical, ora sob duas ou três, dependendo do número de afixos envolvidos, de acordo com a representação semântica que ele tem do item. A variação entre falantes, conforme apontada por Harris seria uma extensão dessa variação no indivíduo.

Harris observa que, dado seu status lexical, espera-se que o tensionamento de *a* evidencie a atuação do princípio da SP. Isso implica que o contraste esteja presente em itens lexicais não-derivados. No caso de alguns dialetos (Nova Iorque e Filadélfia) sabemos que o contraste existe, ainda que de forma marginal. Mesmo que a maior parte das ocorrências de superfície da vogal tensa possam ser explicadas como derivadas da aplicação da regra de *a-tensing*, sobra um resíduo cujo traço tenso deve ser assinalado em sua representação lexical. Trata-se dos três adjetivos *bad*, *mad* e *glad*. Nesses dialetos, portanto, *a-tensing* não introduz um novo traço. Em outros dialetos, porém, não temos razão para postular um contraste tenso-frouxo subjacente, porque as regras não apresentam exceção lexical alguma. A solução, segundo Harris, seria a de postular que regras de lexicalização recente poderiam violar provisoriamente a restrição de SP. Sugere que mudanças sonoras podem ser fonologizadas como regras pós-lexicais, que podem, subseqüentemente, adquirir propriedades de regras lexicais que, por sua vez, se difundem até que a regra se perde e seus efeitos são incorporados em representações subjacentes. Nesse caso, os traços introduzidos pela regras já seriam distintivos. Tal explicação estaria evidenciando dois padrões: um primeiro, em que o tensionamento de *a* é historicamente motivado (em Belfast e outras regiões dos Estados Unidos), sendo, portanto, resultante de uma regra fonológica sem seleção lexical e sem interação com a morfologia interna da palavra, (regra pós-lexical). Um segundo padrão se observa nos casos em que há restrição do contexto fonético, sensibilidade à informação morfológica e, em alguns casos, seleção lexical, (mostrando que a regra passou de pós-lexical a lexical).

RÉSUMÉ

Cette thèse cherche à évaluer le modèle de la diffusion lexicale en tant que théorie alternative à l'explication du changement linguistique, par l'intermédiaire de l'analyse des verbes psychologiques en portugais. Deux raisons ont déterminé le choix de cet objet d'études: la première se rapporte à la résistance que les particularités syntaxiques d'un groupe de ces verbes présente à toute tentative de systématisation. La deuxième raison qui détermine l'intérêt que l'on porte à ce type de verbes découle de l'hypothèse que l'on propose concernant leurs idiosyncrasies: on suggère que celles-ci sont le résultat d'un processus de changement linguistique qui se propage par diffusion lexicale. Cette hypothèse a donné lieu à une recherche qui s'oriente par les principes de la théorie de la variation linguistique et du modèle de la diffusion lexicale, ce qui a déterminé deux buts de cette thèse, soit, l'approfondissement de la réflexion qui concerne l'autonomie des composantes de la grammaire et la possibilité de conciliation entre les analyses basées sur des données intuitives et celles qui s'orientent par des données empiriques. Pour ce faire, on a recherché des données réelles qui illustrent l'usage des verbes psychologiques, depuis la période archaïque de la langue portugaise. L'analyse quantitative (synchronique et diachronique) a distingué de façon systématique propriétés syntaxiques et items lexicaux. Par un tel procédé, on aboutit à une analyse qualitative dont l'item lexical émerge en tant que facteur productif et déterminant à la compréhension des processus de changement linguistique et à la réflexion concernant les facteurs essentiels à la configuration d'une théorie du langage.

ABSTRACT

This thesis investigated the comprehensiveness of the lexical diffusion model as an alternative theory for explaining linguistic change, through the analysis of psychological verbs. There are two reasons for selecting psychological verbs as the linguistic object of the study: the first is related to the resistance that some of their syntactic particularities present to any attempt at systematization. As a result of this, the second reason which led to interest in these verbs was the fact that it is assumed that the presumed idiosyncrasies could be evidence of a process of linguistic change/variation caused by lexical diffusion. This assumption led to the hypothesis that a group of verbs exhibits a process of syntactic and/or semantic change in process. This hypothesis instigated research which, guided by the analytical principles of Variation Theory, considered diffusionist assumptions concomitantly. From this theoretical apparatus there developed two immediate objectives of this thesis, that is, the search for a deepening of the reflection sought after in contemporary conflicts regarding the autonomy of grammatical components and, related to this, the attempt at equating analyses driven by intuitive data and those based on empirical data. For this, data were sought which illustrated the behavior of psychological verbs from early Portuguese. Both from the synchronic and the diachronic perspective, the quantitative analysis distinguished systematically between properties and items. This method led the research to consideration of lexical items, which culminated in a qualitative analysis of which lexical item factor emerges as a productive and, moreover, determinant variable in the understanding of the processes of linguistic change, as well as in a reflection on the factors relevant to the configuration of a model of linguistic analysis.